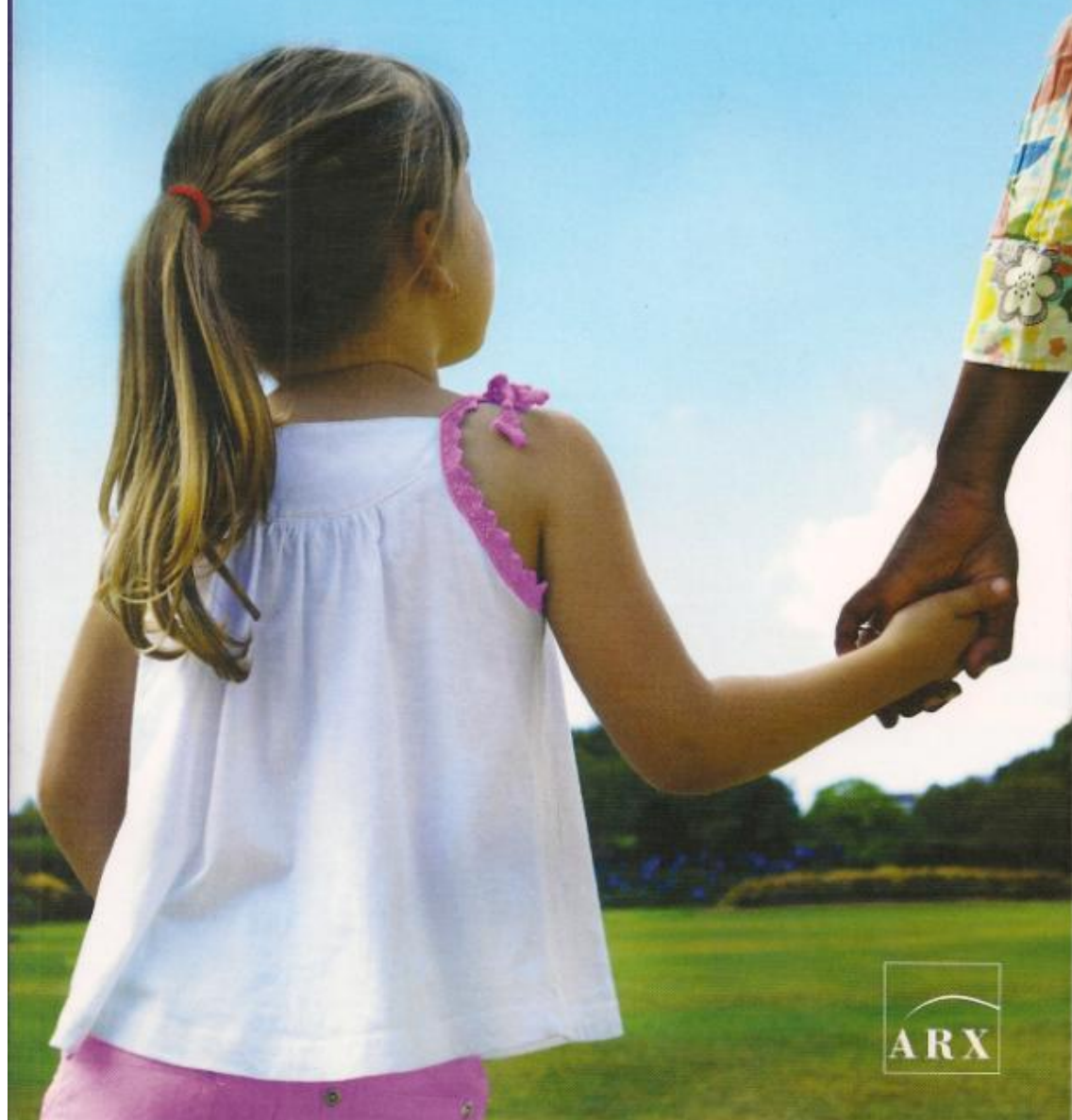


DOROTHY KOOMSON

A Filha da Minha Melhor Amiga





ABAS

Um romance comovente sobre o amor e a amizade, a generosidade e o perdão. Vítima de uma leucemia incurável, Adele Brannon chama ao hospital sua grande amiga Kamryn para lhe suplicar que adote sua filha Tegan, de cinco anos. Apenas as duas sabem que o pai da menina é Nate, o ex-noivo de Kamryn – motivo pelo qual haviam rompido relações alguns anos antes. Kamryn reluta, mas se vê obrigada a aceitar quando descobre que Tegan está sofrendo maus-tratos nas mãos de seus únicos parentes.

Ao assumir a garota, a segura e aparentemente inabalável executiva enfrenta dificuldades maiores do que poderia imaginar. Kamryn verá sua vida virar de ponta-cabeça, enfrentará toda sorte de preconceitos e travará uma enorme batalha até descobrir, pela convivência com uma criança, o verdadeiro sentido do perdão e do amor. Comovente e delicado, *A Filha da Minha Melhor Amiga* é um mergulho na alma feminina, uma emocionante radiografia das relações afetivas entre homens e mulheres, entre pais e filhos – e entre amigas.

A inglesa Dorothy Koomson colaborou para vários jornais e revistas femininas antes de publicar seu primeiro romance, em 2001.

Tornou-se uma das autoras mais lidas de seu país: *A Filha da Minha Melhor Amiga*, seu segundo livro, alcançou a marca dos 500 mil exemplares vendidos poucas semanas após o lançamento.

Dorothy Koomson vive atualmente em Londres.

*Para
Sam, Kathleen e David, as três
pessoas mais corajosas, amorosas e interessantes
que já conheci.*

*Quero apenas dizer: "Estou sorrindo porque
você são meus filhos; estou rindo porque não há
nada que vocês possam fazer a respeito".*

AGRADECIMENTOS

Obrigada,

Emily Partridge, Richard Atkinson e Alix Johnson, por terem dedicado tempo para ler as primeiras versões deste livro e serem um trio incrível de torcedores.

Maryam, Dawood, Maraam, Muneerah, Yusuf, Ahmad e Ameerah; Lyiah, Sky, Aasia e Joshua; Luc; Jonathan e Rachel; Ellie, Sam e Geórgia, por terem me deixado entrar em seu mundo e serem, à sua maneira, a inspiração para esta história.

Agnes e Samuel Koomson, meus maravilhosos pais, por todo apoio e amor ao longo dos anos.

Habibah, David e Jade, por tornarem meus filhos pessoas tão boas.

Sharon Wright e David Jacobson, Stella Eleftheriades, Emma Hibbs, Rhian Clugston, Christian Lewis, Janet Cunniff, Andy Baker, Adam Gold, Bibi Lynch, Graeme Delap, Jean Jollands, Marian e Gordon Ndumbe, Martin e Sachiko O'Neill, Sarah Berger, Jo Thorne e Matthew Keenan, Emma Frost, Margi Conklin, Shona Abhyankar, Rose Obianwu, Stuart Smith e Ginny e Paul Baillie, por estarem presentes. Sempre. Eu não teria conseguido sem vocês.

Sarah Bali, Denise Ryan e Natasha Harrison, minhas amigas romancistas, pelas trocas de idéias, análises de enredo e telefonemas no meio da noite.

Rebecca Buttrose, Rebecca Carman e Lucy Tumanow-West, pela inestimável ajuda de vocês.

Antony Harwood e James Macdonald Lockhart por terem sido os primeiros a acreditar no livro e por serem os melhores agentes do mundo — e digo isso tendo morado em diferentes locais do globo.

Joanne Dickinson, por sua edição franca, por ter acreditado em meu livro e pelos sensacionais bate-papos. Você é o máximo!

Jennifer Richards e Louise Davies, pela bonita capa e edição tão precisa.

A você, por ler este livro. Espero que goste dele.

PRÓLOGO

Para ser sincera, estou cansada há tanto tempo que não me lembro, não com exatidão, de quando me dei conta de que havia algo seriamente errado comigo. Fui deixando isso de lado, no entanto. Disse a mim mesma que precisava descansar mais e que o problema passaria. Mas não passou.

Não importava quanto dormisse, estava sempre cansada. Exausta. Foi somente quando Tegan me pediu para ir à médica que percebi. Minha menina de quatro anos colocou em palavras o que eu não podia — não queria — enfrentar, o simples fato de que eu não era mais a mesma. Tegan havia se cansado de me ver fatigada demais para brincar com ela. De me ver com sangramentos no nariz. De me ver ofegante depois de até mesmo um esforço mínimo.

— Mamãe, se você for à médica, ela pode deixar você melhor — disse ela uma vez, do nada. Apenas disse aquilo, e eu o fiz.

Durante a consulta com a médica, falei-lhe o que estava errado, e ela pediu um exame de sangue. Depois, disse-me para fazer outros. Mais exames com nomes e palavras dos quais eu só tinha ouvido falar em programas médicos; depois pronunciou palavras que nunca tinham um final feliz na tevê. Mas elas não podiam ter algo a ver comigo. Claro que não. Eles estavam apenas eliminando possibilidades.

Então, recebi o telefonema: eu teria de ir ver minha médica imediatamente. Naquele momento... E quando ela me contou... Quando disse que lamentava e, em seguida, começou a falar sobre tratamentos e prognósticos, eu não acreditei, quer dizer, eu acreditei, apenas não entendi. Não entendi por quê. Como. E comigo?

Levei alguns dias para assimilar o que ouvira. Talvez até uma semana. Cada segundo contava, haviam me dito, mas eu ainda não conseguia compreender. Eu não parecia assim tão doente. Um pouco mais pálida, mais vagarosa, mas não gravemente doente. Fiquei pensando que eles estavam enganados. Ouve-se a respeito o tempo todo, os diagnósticos errados, pessoas desafiando as teorias dos médicos, pessoas descobrindo que tinham inflamação nas glândulas em vez de...

Cerca de uma semana depois, a caminho do trabalho, cheguei à estação de trem muito cedo, como de costume. Sabe, eu havia desenvolvido uma porção de fatores de compensação — coisas que tornaram as atividades normais mais fáceis — em minha vida para me ajustar à doença que invadia meu corpo: chegava à estação cedo, de modo a nunca ter de correr para pegar o trem; levava comida para o trabalho para não ter de caminhar até a lanchonete no horário de almoço; reduzi o horário da creche para não me sentir tentada a ir tomar um drinque depois do trabalho.

De qualquer modo, naquele dia em particular, eu me sentei na estação de trem e uma mulher se aproximou, parando ao meu lado. Ela tirou o celular da bolsa e fez uma ligação. Quando a pessoa do outro lado da linha atendeu, disse:

— Alô, aqui é a mãe de Felicity Halliday. Estou ligando porque ela não está se sentindo muito bem e não irá à escola hoje.

Eu desabei. Desmanchei-me em lágrimas. Compreendi ali, naquele exato momento, que eu nunca teria a chance de dar um telefonema semelhante. Jamais faria uma coisa corriqueira de mãe, como ligar para a escola da minha filha. Havia um milhão de coisas que eu jamais poderia fazer novamente, e aquela era uma delas.

Todos foram distantes, formais, e me ignoraram enquanto eu chorava, soluçava, gemia. Sim, gemia. Fiz um barulho horrível enquanto me sentia sendo despedaçada em um milhão, um trilhão de pedacinhos.

Então, um homem, um anjo, aproximou-se, sentou-se ao meu lado e passou o braço em torno de mim, abraçando-me enquanto eu chorava. O trem chegou e partiu. Assim como aconteceu com o seguinte e o outro. Mas aquele homem ficou comigo. Ficou comigo enquanto eu desmoronava. Encharquei e amarfanhei o ombro de seu bonito paletó, mas ele pareceu não se importar. Ele esperou e continuou me abraçando até eu parar. Enfim, perguntou-me gentilmente o que havia de errado.

Soluçante, tudo o que consegui dizer foi:

— Tenho de contar à minha filha pequena que vou morrer.

"Mãe?"

CAPÍTULO 1

O carteiro teve um sobressalto quando abriu repentinamente a porta que dava para o vestíbulo do meu prédio e o cumprimentei com ar jovial. Normalmente, quando nos víamos cara a cara era porque ele tocava o interfone do meu apartamento no primeiro andar, e eu descia vestindo o roupão e esfregando o rosto para tentar afastar os vestígios de sono. Naquele dia, porém, eu havia ficado à janela, esperando-o. Ainda usava meu costumeiro traje de recebimento de correspondência, o roupão, e tinha os cabelos em completo desalinho, mas, dessa vez, meus olhos não estavam quase fechando de sono, havia lavado o rosto e sorria.

— Um dia especial, hein? — comentou o carteiro sem um pinga de humor. Evidentemente, ele não havia gostado daquela inversão de papéis. Queria

que eu estivesse entorpecida e desorientada quando me entregasse a correspondência, para acabar com aquilo de uma vez por todas. Ora, estava sendo injusta. Era bem amável, o meu carteiro. A maioria dos carteiros é simpática, não é?

Na verdade, todas as pessoas do mundo estavam encantadoras naquele dia.

— É o meu aniversário. — Abri um sorriso largo, exibindo os dentes recém-escovados.

— Feliz aniversário — disse ele, sério feito um pastor durante o culto, e entregou-me a correspondência dos quatro apartamentos do bloco. Peguei o maço preso com um elástico de borracha, notando que quase todos os envelopes eram vermelhos, roxos ou azuis. Ou seja, envelopes de cartões.

— 21 outra vez, certo? — comentou o carteiro, ainda não se deixando contagiar pelo meu bom humor.

— Não, estou fazendo 32, com muito orgulho — respondi. — Cada aniversário é uma dádiva! E, de qualquer modo, hoje eu posso usar paetês dourados, saltos altos e pincelar pó dourado no meu decote.

O carteiro correu os olhos castanhos pela região do meu peito. Embora fosse o auge de um verão quente, longo, úmido, eu usava pijama e um grande roupão atalhado, e, portanto, o homem não viu nada sugestivo — teve sorte se conseguiu entrever a pele do meu pescoço. Aquilo pareceu fazê-lo se recobrar, o fato de o peito estar totalmente coberto, e desviou os olhos de imediato. Provavelmente, ocorreu-lhe que não deveria olhar para as mulheres em sua rota de entrega — especialmente quando a dama em questão nem sequer estava despida o suficiente para fazer aquilo valer a pena. Ele começou a recuar.

— Tenha um bom dia, querida — disse. — Quero dizer, amiga. Quero dizer, até logo. — E, então, marchou pelo caminho entre o jardim bem mais depressa do que um homem de sua robustez e idade teria conseguido.

Afastou-se tão depressa que não deve ter me ouvido responder:

— Para você também. — Fechando a porta, larguei as cartas que não eram para mim — que tiveram a audácia de chegar ali naquele momento — no chão do corredor. Caíram sem cerimônia em cima das outras cartas mais antigas, que aguardavam feito crianças órfãs, ansiando por serem salvas. Geralmente, sentia pena daquelas cartas, desejava que seus destinatários lhes dessem um bom lar, mas não eram problema meu naquele dia. Apenas lhes lancei um olhar enquanto subia de volta a escadaria, saltando dois degraus de cada vez, até o meu apartamento.

No quarto, já havia disposto meu café-da-manhã festivo de aniversário: *croissants* frescos com salmão defumado, três trufas de chocolate e uma taça de Mœet.

Tudo teria de ser perfeito. Tudo. Eu planejava para que fosse. Depois que eu devorasse meu desjejum especial, ficaria na cama até o meio-dia, abrindo cartões de aniversário e recebendo telefonemas de felicitações de amigos e familiares. Depois, tinha um horário marcado no salão de beleza onde alisava e cuidava dos cabelos. No meu dia, faria uma hidratação e um corte diferente. Passaria por uma transformação radical — abandonando meu costumeiro corte arredondado na altura do queixo por um estilo mais moderno em camadas desfiadas e uma franja jogada de lado. Em seguida, voltaria para casa para me arrumar. Eu ia mesmo usar um vestido de paetês dourados que realçava minha pele escura espetacularmente. Meteria os pés em saltos altos dourados e passaria pó dourado no decote. E, então, algumas garotas do trabalho apareceriam para drinques e petiscos antes de sairmos para ir ao centro da cidade e dançar a noite inteira.

Entrei com cuidado sob as cobertas, não querendo derrubar nada daquele café especial e, então, sorvi um gole de champanhe antes de abrir afoitamente os cartões feito uma criança. À minha volta, o amontoado de envelopes de cores vibrantes crescia, enquanto tirava os cartões de dentro e sorria diante das palavras que lia.

Não foi distração minha, portanto, não notá-lo. Era como todos os outros. Colocado no meio da pilha, de ar inocente e habitual. E, como todos os demais, não olhei realmente para ele, não tentei decifrar a letra no envelope, ignorei o desenho e os dizeres impressos na parte da frente do cartão. Simplesmente, abri-o, ansiando por receber a mensagem afetuosa escrita do lado de dentro. Meu coração parou. Reconheci a letra antes de ler as palavras. As palavras que li com o coração então acelerado.

Querida Kamryn, por favor, não ignore isto. Preciso ver você. Estou morrendo. Estou no hospital de St. Jude, no centro de Londres.

Sua amiga, Adele.

P.S.: estou com saudades.

Fechando bruscamente o cartão, assimilei pela primeira vez as palavras "Eu te amo" escritas na frente do cartão, em vez de uma das costumeiras saudações de aniversário.

Ele voou pelo quarto quando o atirei longe, como se tivesse queimado meus dedos. Caiu na cesta de roupa da lavanderia e ficou ali me encarando. Com sua frente branca com uma ilustração simples e três palavras traiçoeiras, ele me provocava. Desafiava-me a ignorá-lo, a fingir que as palavras escritas nele não estavam gravadas na minha mente.

Tomei um gole de champanhe, mas pareceu vinagre na minha boca. O *croissant*, cuidadosamente fatiado e recheado com salmão defumado, foi como pó de serragem quando o mastiguei. As trufas pareceram uma pasta pegajosa na minha língua.

E o cartão ainda me encarava. Incitando-me. *Ignore-me se puder*, zombava ele. *Vamos, continue tentando.*

Atirei as cobertas de lado, levantei da cama e fui até o cartão. Impassível, rasguei-o ao meio. Depois, rasguei os pedaços ao meio novamente. Marchando até a cozinha, pisei no pedal da lixeira para abri-la e, então, joguei o cartão rasgado em cima dos restos de comida e demais detritos malcheirosos.

— Pronto. É o que penso disso! E de você! — exclamei por entre os dentes para o cartão e para a pessoa que o enviara.

Voltei para a cama. Assim estava melhor. Muito melhor. Beberiquei o champagne e comi minhas guloseimas. E tudo ficou bem novamente. Perfeito, até. Exatamente como devia ser no meu aniversário.

Nada poderia arruiná-lo. Não importava quanto alguém tentasse. E estavam tentando a valer, não era? Não se pode tentar mais do que com uma mensagem daquelas, disfarçada de cartão de aniversário. Grande esperteza. Grande mesmo. Bem, não daria certo. Eu não cairia naquela conversa. Um disparate. Levaria meus planos adiante. Faria do meu aniversário de 32 anos um evento mais especial do que o de dezoito, 21 e trinta juntos.

Porque quando fizer 32 anos, usarei paetês dourados, salto dez e espalharei pó dourado pelo meu decote, exatamente como prometi a mim mesma séculos antes.

A porta estava entreaberta e não protestou quando a empurrei gentilmente. Não bati. Nunca batia em uma porta já aberta porque, para mim, a mensagem sempre era clara: "Entre, não é preciso bater".

De seu lugar entre os travesseiros brancos, ela sorriu quando apareci no seu raio de visão.

— Eu sabia que você viria — sussurrou.

CAPÍTULO 2

Dolce & Gabbana. Mesmo em tal momento, naquela que provavelmente era uma das horas mais sombrias de sua vida, Adele usava roupas de grife famosa — uma camiseta branca D&G entevia-se sob as cobertas. Ela, de fato, sempre tivera mais estilo do que bom senso.

Em outra ocasião, aquele pensamento, apesar de irreverente, teria saído de minha boca — dito secamente a ela porque Adele o teria apreciado. Não pude fazê-lo naquele dia. As coisas haviam mudado drasticamente entre nós. Em primeiro lugar, havia dois anos que eu não a via. Em segundo, na última vez em que a vira, ela estivera com os dedos enterrados nos cabelos, como se estivesse prestes a arrancar as mechas loiras das raízes, rimei borrando o rosto, o nariz escorrendo. Falando, atropelando as

palavras, dizendo coisas que eu não queria ouvir. Eu estivera recolhendo rapidamente alguns pertences e a bolsa, reprimindo as lágrimas e tentando não desabar. As coisas não voltavam ao normal depois de se terminar uma amizade dessa maneira. Em terceiro lugar, ela estava doente.

Ficamos em silêncio enquanto uma enfermeira examinava Adele, verificando a leitura nos aparelhos, os tubos e as sondas, ajeitando os travesseiros para que apoiassem a paciente, deixando-a com a cabeça mais alta. A enfermeira tinha um rosto redondo, amigável, com grandes e sorridentes olhos castanhos. Lembrou-me muito minha mãe, especialmente pela maneira como usava os cabelos trançados e presos para trás num rabo-de-cavalo. Sorriu afavelmente para mim, como se me conhecesse, recomendou a Adele que não falasse por tempo demais e deixou-nos a sós.

Ainda assim, continuamos em silêncio. "Oi" pareceu uma maneira inadequada de cumprimentar alguém com quem eu jurara nunca mais falar. Alguém com quem havia me empenhado ao máximo para nunca mais falar.

— Essa enfermeira me lembra a sua mãe — comentou Adele quando o silêncio começou a encobrir até o ruído dos aparelhos.

Assenti com um gesto de cabeça, mas não pude falar. Simplesmente não conseguia. Aquela não era a Adele — Del, como eu costumava chamá-la —, que eu fora ver, não era a Adele para quem eu tive de me preparar para conversar depois de tanto tempo.

Não sei o que eu esperava, não havia pensado muito a respeito ao embarcar no trem para percorrer mais de trezentos quilômetros de Leeds até Londres, mas não imaginava que a veria com aquela aparência. Podia fechar os olhos e ver a Del que havia esperado. A farta cabeleira loira e um tanto cacheada, sempre aparada na altura dos ombros, estaria presente. Como também aquele brilho saudável na pele alva, impecável. Qual teriam sido os detalhes mais claros naquela imagem? Os olhos, que eram de um vibrante tom azul-acinzentado, o sorriso, que invariavelmente iluminava tudo à sua volta? De qualquer maneira, por trás das minhas pálpebras, a verdadeira Del estaria ali. Tão perfeita e quase real que eu podia chegar até ela e abraçá-la.

Com meus olhos abertos, Del Brannon estava diferente. Transformada.

A Del recostada na cama tinha a pele descorada. O rosto estava ossudo, anguloso, por causa da perda de peso e, sob os olhos encovados, não mais encimados por sobrancelhas, havia olheiras muito acentuadas. Tinha um lenço azul amarrado na cabeça; na certa, para ocultar a ausência de cabelo. Meu corpo gelou. O cabelo dela, tão lindo, caíra todo, fulminado pela química destinada a fazê-la ficar bem.

Eu não sabia que a encontraria com aquele aspecto. Frágil. Como uma apagada folha de outono — tão seca e fraca que um toque a faria desmanchar.

— É bom ver você — disse ela, a voz rouca e baixa, um som provavelmente tão doloroso de criar quanto de ouvir. — Fico contente que tenha vindo.

— O que houve com a sua voz? — perguntei.

— É o tratamento. Deixa a minha boca seca, e a língua dá a impressão de ter dobrado de tamanho.

— Puxa, lembra de quando nos sentíamos assim porque havíamos nos divertido a valer nos embebedando na noite anterior? — Arrependi-me imediatamente do comentário. Não quis fazê-lo da maneira como sou. Estava tentando demonstrar minha simpatia, mas não soube me expressar do jeito certo.

Os lábios secos, rachados, de Del curvaram-se num sorriso.

— Só você mesmo — disse. — Ninguém mais ousou me dizer algo assim. Todos ficaram com medo de me fazer chorar, eu acho. Com medo de que eu pudesse desmoronar e morrer diante deles. Só você para quebrar o tabu.

— Não foi intencional — respondi, envergonhada. — Foi espontâneo, simplesmente saiu.

— Eu não gostaria que você se comportasse de outra maneira.

— O que há de errado com você? — perguntei. Aquilo também pareceu errado. Duro. Insensível. Admito que, em parte, eu ainda era aquela mulher recolhendo seus pertences e jurando a si mesma que nunca mais seria tão profundamente magoada, mas a maior parte de mim estava arrasada. Estava acostumada a resolver problemas com atitudes e ali estava eu, olhando para uma pessoa com dor, sabendo que não podia fazer absolutamente nada a respeito. Foi por essa razão que falei com tanta dureza. Eu estava me sentindo impotente e não sabia lidar muito bem com isso. — Quero dizer, você disse que estava... Qual é sua doença?

— Leucemia.

— Pensei que apenas crianças tivessem isso — falei antes de poder me conter.

— Foi o que eu disse! — exclamou ela. — Sabe, quando a médica me contou, eu disse exatamente essas palavras. A notícia foi como uma bomba, pode ter certeza disso.

— É bom saber que não sou a única a dizer coisas inadequadas — resmunguei em voz alta.

— Sim, mesmo quando estou à beira da morte. — Del falou aquilo com tanta complacência, tão calmamente. Tive vontade de avançar até a cama, segurar-lhe os ombros ossudos e sacudi-la. Violentamente. Tão violentamente que ela fosse lembrada do que estava acontecendo. Como podia estar tão resignada, tão conformada com a idéia?

Eu ainda lutava para entender como uma pessoa da minha idade, que se exercitava na academia, que tinha uma alimentação razoavelmente saudável, que nunca fumara, que bebia apenas socialmente, como eu, acordava numa manhã e descobria que havia um relógio com uma contagem regressiva pairando acima de sua cabeça; que estava cada vez mais perto de ir ao encontro de seu criador. Tal pensamento martelava em minha mente desde que li o cartão que ela me enviara.

— Está tudo bem, não se preocupe. Já aceitei o que está acontecendo comigo — garantiu Del, como se lesse meus pensamentos. — Levei algum tempo, mas cheguei até aqui. Sei que você também precisará de algum tempo para entender.

— Só de um pouquinho — respondi, sarcástica.

— Tive de chegar a este ponto rapidamente — prosseguiu ela, ignorando não o que eu disse, mas meu tom. — Precisava fazer planos. A situação não envolve apenas a mim. Assim, não importava quanto eu desejasse fazer de conta que nada está acontecendo, tive de me lembrar da pessoa mais importante a ser cuidada.

Tegan. Del se referia à sua filha, Tegan. Como ela estaria lidando com aquilo? Se eu tinha dificuldade em aceitar os fatos, como uma esperta menina de cinco anos enfrentaria tudo?

— Imagino que tenha entendido por que eu queria vê-la — declarou ela depois de mais um longo silêncio.

— Para me fazer sentir culpada por ter ignorado você durante dois anos? — indaguei.

— Além desse motivo — disse Del, um sorriso malicioso brincou nos lábios descorados.

— Bem, então, não sei.

— Depois que eu me for... — Ela fez uma pausa, respirando fundo. — Quero que você adote Tegan.

— O quê?

— Quero... Não, *preciso* que você adote Tegan após a minha morte. Senti que minha testa franzia, e o rosto se contorcia numa expressão que manifestava o que eu estava pensando: "Você enlouqueceu?".

Ela me encarou, como se esperasse uma resposta ao que acabara de anunciar.

— Está brincando, certo?

— Pareço estar brincando? — retrucou Del, exasperada. — Se eu estivesse brincando, haveria uma tirada qualquer e seria engraçado. Não, *Kamryn*, não estou brincando. Quero que você adote minha filha quando eu morrer.

— Está certo, *Adele*, se está falando sério, vou lhe dar uma resposta séria. Não. Absolutamente não.

— Você nem sequer pensou a respeito.

— Não há o que pensar. Você sempre soube que não quero ter filhos. Falei-lhe inúmeras vezes. Nunca vou ter filhos.

— Não estou lhe pedindo que tenha filhos, apenas que fique com a minha garotinha. — Del respirou fundo mais uma vez, um gesto que pareceu lhe tomar todas as forças e acentuar sua palidez. — Resolvi toda a parte difícil.

Tive enjôos matinais, perdi a silhueta, fiquei 24 horas em trabalho de parto... Você tem apenas de cuidar dela. Ser sua mãe. Amá-la.

"Apenas" cuidar dela. "Apenas" ser a mãe dela. Como se isso fosse fácil. E além do mais...

— Del, nós nem sequer nos *falamos* durante dois anos, e, agora, você me pede que eu adote uma criança? Consegue ver o que há de errado nessa situação? Por que estou tendo problemas com isso?

— Tegan não é "uma criança" — retrucou ela, instantaneamente enfurecida. De todas as coisas ultrajantes que eu disse desde minha chegada, essa foi a que a revoltou. Ficou com tamanha raiva que os olhos pareciam faiscar com o ar de desafio que agora exibiam. — Ela é sua afilhada. Você a amava. Recuso-me a acreditar que isso tenha mudado.

Eu não podia argumentar em contrário. Amara Tegan. Ainda a amava.

Olhei para a foto na mesinha ao lado da cama. Estava num porta-retrato simples, uma grande foto de Tegan e Del. Tegan abraçava a mãe pelo pescoço, mantendo o rosto dela o mais próximo possível do seu. Ambas sorriam amplamente para a câmera. Tegan era uma versão em miniatura da mãe em todos os aspectos, exceto o nariz. O formato do nariz, ela herdara do pai.

— Kam, ainda penso em você como minha melhor amiga — dizia Del. — E você é a única pessoa, a *única* pessoa do *mundo* a quem eu confiaria minha filha. Ela já foi como sua filha no passado. E lamento impor isso a você, mas não sei quanto tempo ainda me resta. Não posso hesitar nessa questão. Se você não ficar com ela... O que lhe acontecerá? Não há mais ninguém. Mais ninguém... — As partes brancas dos olhos de Del ficaram injetadas de vermelho, o peito começou a arfar. — Nem sequer consigo chorar — sussurrou, ofegante — porque não produzo lágrimas o bastante. — Em vez de chorar, começou a tossir, e o esforço fez seu corpo esquelético tremer.

Coloquei a mão em seu braço.

— Por favor, não fique assim — falei, desesperada para contê-la. — Pensarei a respeito. Mas não prometo nada, certo?

Del respirou fundo várias vezes até conseguir se acalmar.

— Pensará mesmo sobre isso? — perguntou quando se recobrou o bastante para falar.

— Sim. Pensarei.

— É tudo o que peço, que pense no assunto.

— E farei isso. Mas apenas pensarei.

— Obrigada — sussurrou ela. — Obrigada.

O silêncio pairou entre nós. Eu devia ir. Del fez o que desejava, pediu-me o impensável e, portanto, o que me restava fazer senão sair e pensar a respeito, como prometi?

— Kam — começou ela. A maneira como disse meu nome me fez olhá-la, e eu soube instantaneamente o que diria em seguida. Não queria que ela dissesse nada. Queria que deixasse o assunto de lado. — Quanto ao que aconteceu...

— Não — interrompi, um tom de aviso na minha voz.

— Você nunca me deixou explicar — suplicou Del.

— Não — avisei novamente.

— Kam, ouça. Eu não...

— *Eu disse não!* — gritei tão repentina e brutalmente que até me assustei. — Não quero pensar nisso, não quero ouvir nada e, com toda a certeza, não quero *conversar* sobre o assunto. Já passou. *Deixe de lado.*

Era uma ferida que não cicatrizara. Ela mexeu numa crosta superficial, uma que cobria a camada externa de uma ferida que era tão profunda que até o menor raspão a teria feito sangrar outra vez. Mas, ainda assim, eu não deveria ter dado vazão à minha raiva daquele jeito. Del *estava* doente. Não tinha forças para rebater.

— Deixe isso de lado — repeti num tom mais calmo. — Por favor.

Del fez o que lhe pedi e voltou seu olhar para a foto na mesinha de cabeceira. Sorriu de leve, mas vi a tristeza em seus olhos. Tegan era tudo para Adele. Tudo. Eu jamais poderia entender completamente aquilo, supus. Tegan era importante para mim, mas parecia ser a razão de viver de Adele. Tudo que fazia, pensava e dizia estava relacionado a Tegan. Nada, nem ninguém, vinha antes da filha para ela. A idéia de deixá-la devia ser mais difícil do que podia suportar. E como uma mãe explicava a uma criança que a estava deixando? Que estava morrendo?

— Onde ela está? — perguntei, numa tentativa de dispersar a tensão no quarto e a culpa na minha alma.

Del fechou os olhos brevemente, como se estivesse sentindo dor, antes de lançar sua bomba seguinte numa voz mansa:

— Com o meu pai e a mulher dele.

Meu coração disparou. As coisas estavam realmente tão ruins a ponto de ela ter deixado Tegan com eles?

— E como tem sido? — perguntei diplomaticamente, em vez de gritar "Ficou maluca?".

— Terrível. — Adele ficou com os olhos vermelhos outra vez. Choraria, se pudesse. — Eles não me deixam vê-la. Desde que estou internada aqui, trouxeram-na para me ver uma vez. Apenas uma vez em quatro semanas. É muito longe, alegam, e, assim, só a trarão quando for conveniente. Falo com Tegan ao telefone, mas não é a mesma coisa. Sinto tanto a falta dela. Percebo, quando nos falamos, que minha filha está ficando cada vez mais deprimida. Mais retraída. Não entende por que não pode estar comigo agora que mais preciso dela. Meu pai e a esposa não a querem em sua casa, e Tegan sabe disso. Kam, quero estar com a minha filha. Tenho bem pouco tempo e quero passá-lo com ela. — Del fitou-me, os olhos azuis suplicando, pedindo-me que resolvesse esse problema. — Quero apenas vê-la. Antes de... você sabe.

Não, não sei. Ainda estou tentando assimilar tudo, lembra? Ainda não cheguei a essa página, Del, respondi silenciosamente.

— Não há ninguém mais com quem ela possa ficar? — perguntei em voz alta. Sabia que ela não tinha mais familiares, mas devia ter alguns amigos, não? Qualquer pessoa exceto o pai e a madrastra.

— Não. Quando me dei conta de que estava gravemente doente, escrevi para você para perguntar se poderia cuidar de Tegan por algum tempo, mas você não me respondeu.

— Não abri a carta — falei com franqueza. Ainda a tinha, com certeza. Metida no fundo de uma gaveta, junto com todas as outras correspondências que recebera dela. A indignação foi grande demais para abri-las, mas a covardia me impediu de atirá-las no lixo. Permaneciam na gaveta, ficando mais velhas e empoeiradas, por abrir e quase completamente ignoradas.

— Deduzi que não. Tentei umas duas outras pessoas, mas não podiam assumir uma responsabilidade tão grande e, assim, teve de ser o meu pai. — Del sempre o chamava daquela maneira, "meu pai" e, pessoalmente, tratava-o por "senhor". Jamais o chamara de "papai", ou de qualquer outro termo carinhoso. Sempre houvera um elevado grau de formalidade entre ambos. Até mesmo agora, ao que parecia.

— Quando nos mudamos para lá, ele foi severo demais com Tegan, mas não tive forças para confrontá-lo e à esposa. Se houvesse uma coisa que eu pudesse fazer de maneira diferente, seria voltar atrás na...

— Os dois ainda moram no mesmo lugar, em Guildford? — interrompi. Eu não a deixaria enveredar por aquela conversa novamente.

Del sacudiu a cabeça de leve.

— Tegan tem essa mesma teimosia que você — comentou. — É exatamente assim. Não faz, nem fala sobre nada que não queira. Eu costumava achar que era parecida comigo nisso, mas não, é exatamente como você. Quanto ao que perguntou, sim, eles ainda moram em Guildford.

— Certo. — Respirei fundo. *Não posso acreditar que estou prestes a fazer isto.* — E se eu for até lá para vê-la?

O rosto de Del iluminou-se.

— Você fará isso?

— Não estou dizendo que vou adotá-la, nem nada. Apenas irei ver se ela está bem, combinado? Uma visita.

— Obrigada. — Del sorriu. — Mil vezes obrigada.

— Ela se lembrará de quem eu sou?

— Claro. Tegan ainda faz desenhos de você. Fala a seu respeito. E quanto àqueles cartões anônimos e presentes que você lhe envia no aniversário e no Natal, sempre lhe digo que são seus. E vive me perguntando quando você voltará das férias.

— Férias?

— Você partiu tão repentinamente que eu lhe disse que teve de sair de férias por um longo tempo. Porque, dessa maneira, ela pensaria que você voltaria. Nenhuma de nós poderia ter suportado se não houvesse ao menos a esperança de que você voltaria. — Del fechou os olhos subitamente e manteve-os assim.

A ansiedade deu um nó em meu estômago, enquanto os minutos passavam, e ela permanecia de olhos fechados. Os aparelhos continuavam funcionando no mesmo ritmo, e, portanto, eu sabia que ela não estava... Mas e se aquilo fosse o começo do fim? Se fosse o declínio que levaria à...

Del entreabriu os olhos devagar, a pele ainda mais lívida do que antes. Eu a estava cansando. Tinha de ir. Mas não queria. Queria ficar com ela. Estar a seu lado. Apenas para o caso... Queria ficar sentada ali o dia todo. A noite toda. Para sempre.

— É melhor eu ir — falei, obrigando-me a não ser tão tola. Não podia fazer nada ali. Eu seria mais útil buscando notícias da sua filha. — Se vou ver Tegan hoje, é melhor me pôr a caminho. — Levantei, colocando a alça da bolsa no ombro.

— Leve-lhe todo o meu amor — pediu Del num débil fio de voz. — Diga-lhe que eu a amo.

— É claro. Claro que sim.

Parei na soleira da porta, à espera de uma resposta de Del. Não ouvi nada. Virando-me, notei pelos movimentos gentis de seu peito que havia adormecido. Observei-a por alguns momentos, imaginando-me como uma espécie de anjo da guarda, olhando por ela, mantendo-a a salvo. Mais uma vez, disse a mim mesma para parar de ser tola e, então, saí do quarto. Deixando o hospital, entrei no bar mais próximo.

CAPÍTULO 3

Adele e eu tínhamos convivido durante quase metade de nossas vidas — catorze de nossos 32 anos — na verdade, doze, se excluíssemos os dois anteriores. Nós nos conhecemos no primeiro ano na Universidade de Leeds, quando fomos designadas para fazer um trabalho de inglês juntas.

Eu me retorci de raiva por dentro quando soube que trabalharia com Adele Hamilton-Mackenzie. Aos dezoito anos, era uma cidadã simples da classe trabalhadora e, de repente, estava sendo obrigada a formar uma dupla com uma pessoa que era visivelmente de uma família abastada, levando-se em conta o sobrenome composto e tudo mais. Além do que, ela só podia ser uma garota mimada e esnobe, vinda de algum seleta colégio particular, com o tipo de sotaque afetado que iria me fazer querer socá-la. Ela virou a cabeça loira e procurou Kamryn Matika em torno da classe. Sorrindo, acenou com a cabeça para mim, e eu fiz o mesmo antes que ela se virasse de volta para a frente. *Deus do céu, pensei ressentida, a garota deve achar que o mundo gira em torno dela. E vai tentar me dar ordens. Sou uma grande azarada, sem dúvida. Tinha de trabalhar justamente com uma tonta de sotaque irritante.*

No fim da aula, juntei meus livros e materiais, planejando sair dali o mais depressa possível, mas, quando me ergui depois de ter metido minhas coisas na mochila, pronta para sair em disparada da classe, eu me vi diante de uma garota esguia de dezoito anos, vestida como uma mulher de cinquenta, com uma camisa pólo azul e

calças de pregas. Fiquei perplexa com a rapidez com que ela apareceu à minha frente; foi quase como se tivesse se materializado do nada.

Ela sorriu, exibindo dentes brancos e perfeitos, e jogou a sedosa cabeleira loira para trás.

— Olá, sou Adele — declarou com sua voz melodiosa. *Aposto que ela é metida e fútil. Algo pior pode me acontecer?*, pensei. — Que tal irmos tomar um café para conversar sobre o trabalho? — Não foi uma pergunta; pareceu mais uma ordem vaga.

— Acho que deveríamos ir embora, pensar a respeito e nos reunirmos dentro de alguns dias — respondi com um sorriso falso, forçado, nos lábios.

Ninguém me dava ordens... vagamente ou de qualquer outro jeito. Além do mais, que garota de dezoito anos em seu juízo perfeito realmente trabalhava num projeto no exato dia em que fora incumbida dele? Não eu, com certeza. A reação de Adele foi das mais inesperadas. Sua pose desmoronou até ficar de ombros caídos, o olhar fixo desoladamente no chão. Não era tão autoconfiante quanto tentava aparentar, e eu não era tão grosseira e antipática quanto fingia ser. Eu podia começar passando essa impressão, podia agir de maneira fria e inacessível, mas sempre baixava a guarda quando minha consciência pesava — não era capaz de levar adiante o papel de detestável.

— Não sou muito fã de café para dizer a verdade — falei, tentando soar amistosa. — Que tal irmos tomar um drinque no bar da faculdade?

— Tem certeza? — disse ela cautelosamente.

— Claro — resmunguei, sentindo-me manipulada. — Absoluta.

— Que tipo de nome é Kamryn, afinal? — perguntou Adele sem a menor cerimônia.

— Um nome inventado — foi minha resposta seca. Eu notara a carteira da União dos Estudantes dela quando a garota estivera caçando dinheiro trocado na bolsa anteriormente e sabia agora que estava desperdiçando tempo precioso e drinques com Lucinda-Jayne Adele Hamilton-Mackenzie. Assim, questionar *meu* nome quando tinha aquele nome pomposo com dois hífen e tudo mais era muita audácia da parte dela.

— Não foi um erro de soletração? Seu nome é Kamryn. — Adele o soletrou. — Não Cameron—acrescentou, soletrando novamente. — Como o nome de menino?

— Na verdade, é sim. Achei que seria divertido fazer de conta que foi soletrado de maneira diferente. Adoro que as pessoas me perguntem a respeito. Você é tão esperta que me apanhou nessa. Deve ser uma descendente direta de Eistein.

Adele arqueou a sobrancelha esquerda ligeiramente, os lábios pintados curvando-se num sorriso irônico.

— Você não é muito amigável, não é mesmo?

— Acho que não — concordei. Ela precisara de quatro drinques para descobrir que eu era do tipo fechado. Muitas pessoas abriam corações e vidas num piscar de olhos, a meu modo de ver. Por que eu daria a alguém esse poder sobre mim? Por que conceder aos outros a habilidade de me magoar tanto? Era só deixar alguém se aproximar demais e corria-se o risco de sofrer uma rejeição emocional algum dia.

— Ao menos, você está ciente disso — apontou Adele e sorveu metade de seu Malibu com coca com toda a elegância de uma dama. — Mas, seja como for, gosto de você.

— Fico honrada.

— Não, eu fico. — Ela pousou a mão delicada acima do seio esquerdo. — De verdade.

Fitou-me com uma expressão tão amistosa e aberta que não pude deixar de morder a isca.

— E qual a razão disso? — perguntei.

— Você é adorável. — Ela até soou sincera. — Não tenho conhecido muitas pessoas boas em minha vida. Assim, quando consigo conhecer uma, eu me sinto honrada. Quando vi você pela primeira vez do outro lado daquela sala de aula, tive a sensação instantânea de que você era uma pessoa maravilhosa. Você finge ser hostil, mas sob essa fachada de animosidade, logo abaixo dela, aliás, é simplesmente um amor.

— Você é lésbica ou algo assim? — perguntei bruscamente.

— Não, não sou — riu Adele. — Mas, se fosse, não tenho dúvida de que me interessaria por você.

— Eu não a culparia — menti. Nem mesmo a baixa, gorda e feia *eu* se interessaria por mim mesma. E eu não podia culpar ninguém: usava roupas largas para esconder o excesso de peso; nunca aplicara maquiagem na minha pele seca, manchada; só domava a juba eriçada que se passava por meu cabelo prendendo-a em duas trancas que caíam até a altura dos ombros. Eu não tinha nenhuma ilusão de que era bonita, interessante ou que tinha alguma capacidade para atrair a atenção dos homens. Especialmente porque, além da falta absoluta de atributos no campo da aparência, também me faltava o *savoir-faire* que fazia os homens se sentirem atraídos por garotas feias: eu não era engraçada, amistosa e não estava disposta a usar sexo para atrair atenções. Em suma, até uma múmia egípcia devia ter mais diversão entre os lençóis do que eu.

— Você é tão cheia de merda — riu Adele. (A palavra "merda" soava estranha, *errada*, saindo dos lábios dela. Nos meus, com meu sotaque londrino, impropérios soavam como quaisquer palavras corriqueiras, a não ser que eu lhes desse ênfase. Nos lábios sofisticados de Adele aquilo parecia uma pequena rebelião. Ela falou como se devesse ter dito "caca" em vez de "merda". "Você é tão cheia de caca" teria soado mais autêntico, não como se ela estivesse se empenhando demais para chocar aqueles à sua volta.) — Você não acredita nem um pouco nisso — prosseguiu. — É por isso que é tão arrogante. Acha que as pessoas não gostam, nem se interessam por você, assim transmite a impressão de que não se importa com o que os outros pensam. Já vi o seu tipo antes. Eu diria que foi vítima de *bullying*, os meninos zombavam e implicavam com você na escola. E sofria isso porque era diferente das outras pessoas. E era improvável que mudasse para se enquadrar.

Eu me esquivei dela. *Como a garota sabia daquilo? Como? Tudo o que me acontecera estava estampado no meu rosto?* As provocações, bilhetes ofensivos, telefonemas, rabiscos nas paredes estavam todos ali, claros para que qualquer princesa metida à besta que passasse por mim os visse? O que eu faria se fosse isso mesmo? A faculdade, a mais de trezentos quilômetros do lugar onde as pessoas me conheciam, tinha sido minha escapatória. Meu refúgio. Minha chance de deixar todos aqueles anos odiosos para trás e me reinventar. Fora tudo uma perda de tempo? Eu tinha a palavra "deslocada" carimbada na testa?

Forcei um sorriso para que Adele não soubesse como suas palavras tinham chegado perto da verdade e me abalado. *O que deveria dizer? Como revidaria?*

Diante do meu sorriso, ela comentou:

— Uma das minhas amigas da escola era como você. Sofreu com *bullying* a ponto de perder toda a confiança em si mesma e afastou todos os amigos porque achava que não podia confiar neles. Na verdade, não era realmente uma amiga. Não tenho assim tantas amizades, para ser franca.

— Bem, não deve ter mesmo se vive dizendo coisas desse tipo — retruquei, ferina.

— Eu estava fazendo um simples comentário — protestou ela.

— Bem, talvez você não devesse fazer "simples comentários", principalmente porque não sabe nada a meu respeito. E o que a torna uma especialista, quando é evidente que tem uma vida perfeita com pais ricos e em condições de enviá-la para qualquer uma entre as melhores universidades particulares? — Eu estava sendo maldosa, cáustica, e não me importava. Eu queria que ela caísse fora e me deixasse em paz. — Hein? O que a torna tão grande especialista em vidas ruins?

Adele apanhou o drinque, balançando-o lentamente, ajudando os cubos de gelo derretidos a colidir. Observou-me por um longo momento e, então, fixou o olhar no copo.

— Minha mãe morreu não muito tempo depois que eu nasci, por causa de complicações do parto. Meu pai nunca quis filhos, como me disse quase todos os dias da minha vida, e me culpou pela morte da minha mãe. Meu pai não queria o menor contato comigo, e, assim, eu passei quase todo o tempo com uma babá. Até que meu pai se casou de novo. A mulher dele não gosta de mim e nunca fez segredo disso. — Adele olhou para mim e sorriu. — Não tenho muitos amigos porque sou uma chata. Eu tento demais, foi o que a minha última melhor amiga me disse. Eu tento demais em relação a tudo, o que me torna difícil de conviver. Mas não consigo evitar. Não sei como deixar de ser quem eu sou. Passei tanto tempo com pessoas que não gostam de mim que faço de tudo para tentar agradar os outros. Entendo, sim, um pouco de vidas ruins. A minha não é tão dura quanto a de muitos, mas, por certo, não é perfeita.

De repente, eu me senti um monstro insensível.

— Desculpe — murmurei. — Nem imaginei. — A pior parte foi que ela não estivera tentando fazer com que eu me sentisse culpada pela maneira como a julgara. Fora apenas sincera. Adele não era do tipo manipulador. Eu não era, de fato, hostil e arrogante, e ela não era dissimulada. Era direta e aberta em tudo o que fazia.

— Está tudo bem. — Ela endireitou as costas, jogou o cabelo para trás e deu-me um grande sorriso. — Você não tinha como saber.

— Ouça, Adele, se vamos andar juntas, você tem de cortar essa — avisei.

— Cortar o quê?

— Tem de parar de ser tão simpática o tempo todo. Não é natural. Os olhos azul-acinzentados de Adele iluminaram-se.

— Quer andar comigo, ser minha amiga? Dei de ombros com ar indiferente.

Ela sorriu largo em resposta. Aquela garota sofisticada chamada Adele, a que falava como se tivesse cinco ameixas metidas em cada lado da boca, sorriu largamente para mim. Aquele sorriso não apenas alegrava o rosto dela, mas colocava-lhe um brilho radiante nos olhos e um tom rosado nas faces. O esplendor daquele sorriso irradiou-se de Adele até mim, e eu me senti cativada por ela. Profundamente. Foi impossível não gostar dela. Ela iria se tornar uma parte importante do meu mundo. Ajudaria a moldar a pessoa que eu viria a me tornar. Não fiz idéia de como eu soube daquilo; simplesmente soube. Por alguma razão inexplicável, soube que ela faria parte de minha vida por um longo tempo.

Nós nos tornamos quase inseparáveis porque crescemos emocionalmente juntas. Uma vez que Adele se adaptou à vida na faculdade, sua personalidade amadureceu. Encontrou a si mesma e descobriu quem ela era. Parou de se vestir feito uma mulher de cinqüenta — calças sisudas nunca mais; freqüentemente tinha acessos em que extravasava sua raiva gritando, xingando e atirando coisas. E finalmente matou a tímida Adele com quem eu tomara aquele drinque quando colocou um *piercing* no umbigo.

Eu, nesse meio tempo, perdi peso, passei a sorrir mais e matei a Kamryn com quem Adele tomara aquele primeiro drinque quando me recusei a fazer sexo com um homem bonito só porque ele estava usando cueca de estampa colorida. Mas tudo isso

ainda estaria por vir. Naquele momento, Adele ficara extremamente contente por eu ter concordado, com aparente indiferença, com a possibilidade de andarmos juntas. E eu estava secretamente eufórica com o fato de alguém ter me achado adorável.

— De qualquer modo, achei que já éramos amigas — declarou Adele. — Cada estranho é um amigo que você ainda não conheceu e tudo mais.

— Oh, cale a boca e peça mais drinques.

Levantei da mesa do bar, completamente sóbria. Tive a intenção de beber até esquecer tudo, até fazer aquela realidade — a volta a Londres, ter visto como Del estava doente — desaparecer, mas, no bar, em vez de mandar vir uma vodca dupla com laranja, o drinque eleito quando o esquecimento era necessário, eu havia pedido uma vodca dupla com laranja, mas sem a vodca.

O *barman* mantivera-se imperturbável, achando que eu tentara apenas ser engraçada e havia se limitado a me lançar um olhar entediado antes de pegar um copo. *Não estou fazendo piada*, quis dizer. *Acontece que tenho uma amiga que nunca mais poderá tomar nada alcoólico. Não posso fazer isso também, em lealdade a ela*. Mas ele não teria entendido. E por que se importaria?

Ao final, o suco de laranja sem vodca acabou ficando por beber enquanto permaneci sentada ali, recordando o dia em que conhecera Del.

Vesti minha capa impermeável vermelha. Eu tinha de ir a Guildford, deveria estar a caminho de lá uma hora antes. Adiei o inevitável, porém. No segundo em que embarquei naquele trem com destino a Londres, comecei a me envolver cada vez mais naquela situação. Não pretendia fazer isso. Minha intenção era ir até ali, ver como Del estava e, então, tomar o trem de volta para Leeds no instante em que saísse do hospital. Se perdesse o último trem, encontraria uma hospedaria barata para passar a noite e pegaria o primeiro trem de volta pela manhã. Nada de ficar zanzando pela cidade, visitando amigos e familiares que eu não via desde que partira de Londres dois anos antes. Agora, estava ficando metida naquilo até o pescoço.

Pus a alça da grande bolsa no ombro. *Vamos, garota*, encorajei a mim mesma, *ou Guildford, ou dê o fora*.

Adele tornou-se membro da minha família. Se eu ia para casa no Natal, Páscoa e nas férias de verão, ela me acompanhava. O pai e a esposa não se incomodavam com o fato de Del nunca ir para casa. Na verdade, nem se davam ao trabalho de fingir que se importavam com o que lhe acontecia. Se telefonava, o que sempre me surpreendia que ela fizesse, voltava do telefone em frangalhos. Invariavelmente chorando e com ânsia de vômito, sempre se perguntando o que poderia fazer, como poderia mudar para que o pai a amasse, nem que fosse só um pouquinho. Eu costumava ajudá-la a se recompor, assegurando-lhe de que era uma pessoa maravilhosa e merecedora de todo o amor, porque eu a adorava e uma porção de outras pessoas também. E dizia-lhe que talvez, um dia, ele tivesse bom senso. Não acreditava naquilo, mas era o que Del queria ouvir e eu dizia, soando convincente como nunca.

O sr. Hamilton-Mackenzie jamais mudaria, eu sabia. Não foi algo difícil de deduzir depois que ouvi sobre a intensidade do ressentimento do homem em relação à filha. Logo que nos conhecemos, Adele costumava embebedar-se e confessar como sua vida fora horrível antes de ir para a faculdade em Leeds. Havia me contado sobre a disciplina rígida, brutal, do pai. Sobre as várias ocasiões em que fora internada no hospital com braços quebrados, pernas fraturadas, um trauma no maxilar, como

resultado de ter sido "punida". Uma vez, ele a atirara por uma janela no térreo da casa e um pedaço de vidro alojara-se nas costas dela, por pouco não lhe perfurando um rim — o vidro tivera de ser removido cirurgicamente. Numa outra vez, o pai batera nela violentamente com o cinto e a fivela acabara lhe arrancando um grande naco da coxa esquerda, motivo pelo qual ela raramente usava saias.

Espantosa, ultrajante e lamentavelmente, ninguém suspeitava do que acontecia. Ou, quando era o caso, as pessoas faziam-se de cegas, não se envolviam. Ninguém notava, ao que tudo indica, o que acontecia por trás das portas fechadas da residência dos Hamilton-Mackenzie. Aceitavam quando o sr. Hamilton-Mackenzie, um respeitável cidadão, exemplo de decência da classe média branca, freqüentemente desesperava-se com a rebeldia da filha, seu jeito de moleca inconseqüente que a fazia machucar-se, sua teimosia em andar em companhia de meninos brutos.

Assim como eu, o meio de fuga de Del foi a faculdade. Ela queria desesperadamente ser amada pelo pai, e a única maneira de eu poder ajudá-la era fingindo que ele era capaz de amar e dizer que um dia seu desejo se realizaria. Quando lhe falava aquilo, quer ela acreditasse em mim ou não, as palavras mantinham-lhe a esperança viva, e até eu sabia que todos nós precisamos de esperança para sobreviver.

Minha família não era perfeita, mas se incomodava — e bastante eloqüentemente — se eu não fosse para casa de poucos em poucos meses. Eles me telefonavam regularmente para um bate-papo e, pelo fato de ser minha amiga, aceitaram Adele prontamente. Adele encontrou um novo lugar chamado lar com os Matika. Não era seu verdadeiro lar, não era o amor do pai, mas a cada vez que minha mãe nos dava uma bronca por acordarmos a casa inteira quando voltávamos às três da madrugada; a cada vez que meu pai abria a carteira e lhe dava uns trocados para comprar algo para si mesma; a cada vez que minha irmã pedia conselhos sobre sua vida amorosa, era quase tão bom como o verdadeiro lar dela. Del tinha a sensação boa de fazer parte de algo importante.

Obviamente, apenas uma coisa poderia se colocar entre nós: um homem.

CAPÍTULO 4

Aquilo era quase irreal. Estar em Londres, uma cidade da qual eu escapara dois anos antes. Mas não era apenas o fato de estar em Londres, e sim naquela área específica da cidade: Waterloo.

Andei pela imensa plataforma da estação Waterloo do metrô, lembranças tomando-me de assalto a cada passo que dava. Ninguém pareceu notar como eu estava amedrontada. Como eu caminhava lentamente, esperando deparar com uma versão mais jovem de Adele, ou até de mim mesma. Passageiros caminhavam rapidamente ao redor; anúncios de trens continuavam sendo divulgados pelos alto-falantes; a vida passava num borrão, alheia. Alheia ao fato de que aquele era o lugar onde eu costumara me encontrar com Adele depois do trabalho para uns drinques, quando ainda estávamos descomprometidas, quando ela não estava doente e esquelética, a sombra de uma pessoa deitada naquela cama de hospital. Ela trabalhava logo além da esquina, e eu costumava pegar o metrô até ali, vindo da Oxford Street, onde trabalhava, para voltarmos para casa juntas após uns drinques.

Havia mais uma razão para Waterloo ser marcante. Foi o lugar onde eu o conheci. Na festa em uma casa que ficava uma rua acima dali. Ele, o homem que se colocou entre mim e Adele.

Não era um homem qualquer, porém. Era Nate Turner, meu noivo.

Nate entrou em minha vida numa noite fria de abril e disse que nunca mais queria sair. Respondi que tentasse aquela cantada com uma mulher capaz de acreditar nela.

— Vou conquistar você definitivamente — ele declarou num tom sério.

— Homens melhores do que você já falharam — respondi igualmente séria. Um ano e meio depois, tomamos a decisão de nos casar. E três anos depois

disso, marcamos uma data para o ano seguinte. Não tínhamos um relacionamento perfeito; era mais como um entendimento perfeito. Ele agüentava uma porção de coisas da minha parte, tinha de lidar com os meus problemas.

Meus "problemas" não eram imediatamente óbvios. Na época em que conheci Nate, minha aparência externa era de que nada me incomodava, que ano após ano tendo sido chamada de gorda e feia não tinha me causado coisa alguma além de me lançar ao êxito. Ninguém, exceto talvez Adele, sabia que por baixo da minha fachada segura, adulta, por trás da minha confiança, emprego excelente e habilidade de dormir com homens bonitos, batia o coração de uma menina aterrorizada.

O mundo exterior, e até certo ponto a própria Adele, era enganado pela minha aparência externa; a imagem impenetrável, lapidada, que eu mantinha diligentemente. As pessoas realmente acreditavam que eu era bem-sucedida, independente, confiante e capaz. Nate enxergou dentro de mim. Descobriu quase de imediato a coisa que me apavorava mais do que qualquer outra. Minha fobia extrema? Pessoas.

Começara antes do *bullying* na escola. Desconfio que foi o que deu início ao *bullying* — aqueles que me atormentavam viam que havia algo que não estava certo em mim, que eu não me enquadrava, que cada conversa era permeada pelo medo de que descobrissem que eu não era como as outras pessoas, e eles exploravam esse terror.

Eu parecia não ter aquela coisa que nos une, que nos torna humanos. Lutava para criar esses laços, para formar relacionamentos, até mesmo os platônicos. Cresci numa

família grande, era próxima aos meus irmãos, mas, por alguma razão, nunca soube exatamente como reagir em certas situações. Tinha tanta preocupação em não me atrapalhar, em não dizer a coisa errada, em não instigar raiva, que a comunicação se tornou um exercício de terror. E isso me fazia parecer fria, distante, julgadora e, anos mais tarde, antipática e arrogante. Não que eu não quisesse me relacionar com as outras pessoas, simplesmente não sabia como.

Então, conheci Adele e descobri que era capaz de me comunicar, de interagir. Comecei a acreditar que não era falha, que não era defeituosa. Eu podia formar relacionamentos.

Havia poucas semanas que namorava Nate quando ele me disse que sabia meu segredo. Tínhamos ido a uma das festas de seu trabalho e, desde o momento em que entrei no lugar, senti-me deslocada. Não estava vestida com a mesma classe das demais mulheres, não irradiava o estilo impecável delas e não trabalhava na mídia ligada às transmissões de rádio. Tentei conversar educadamente, mas soube que, a cada palavra, só confirmava quanto eu era diferente, quanto estava deslocada. Quando, três torturantes horas depois, Nate disse "Vamos?", eu já deixara o lugar e chamava um táxi antes de ele ter terminado a palavra.

Mais tarde, enroscou-se em mim como um gato se curva em torno das pernas do dono e disse:

— Pessoas apavoram você, não é mesmo? É por isso que é tão fria. Eu a observei esta noite. Estava tentando conversar, integrar-se com as pessoas, mas havia tanto medo em seus olhos.

Às vezes, acho que as pessoas conseguem ver que sou falha, que não há nada em mim. Por trás do emprego, das roupas e da maquiagem, não há nada para se conhecer. Às vezes, acho que sou uma concha vazia e não entendo por que as pessoas gostam de mim. E quando estou com estranhos lembro-me disso. Que não tenho substância. Não disse isso a ele, evidentemente. Mesmo que eu conseguisse colocar tudo em palavras, por que um namorado passageiro iria querer ouvi-las?

Diante do meu silêncio, ele acrescentou:

— Não precisa ter medo. Sempre cuidarei de você. Eu a acho incrível. Você é tudo para mim, anjo. — Aquilo me desconcertou tanto que me vesti e fui para casa.

Nate não pareceu se importar com o fato de eu não ser cem por cento forte, independente e capaz o tempo todo, que estava com uma pessoa que tinha o potencial de se tornar carente e dependente. Aceitava-me como eu era, amava-me quer eu fosse boa ou ruim. Lidava com tudo que eu lançava em sua direção e mais um pouco.

Não era algo unilateral, contudo. Eu tolerava uma porção de coisas da parte dele também. Nate revelou-se uma pessoa com os pés no chão, infinitamente segura, confiante, mas também tinha lá suas neuroses e manias. Tive de lidar com elas uma vez que decidi tentar um relacionamento sério a seu lado. Tínhamos um equilíbrio, Nate e eu. Uma perfeita simetria de amor, sinceridade e confiança. Com ele, como confessei a Adele cerca de seis meses depois, "compromisso" e "para sempre" não eram apenas conceitos, mas uma realidade.

Sábado à noite.

Era noite de sábado, dois anos antes. Del e eu tínhamos colocado Tegan para dormir com a intenção de fazer alguns planos de casamento, levando em conta que o meu "grande dia" seria dali a dois meses, mas deixamos isso de lado, distraídas por quatro garrafas de vinho e um pacote de mini-salsichas. Del estava recostada no sofá de couro marrom, tendo desapertado os botões da calça verde-escura e erguido e prendido a blusa debaixo do sutiã. Seu abdome estava espantosamente firme e torneado, em especial considerando que dera à luz três anos antes. Podia se ver umas poucas e leves

estrias na pele alva, mas, exceto por isso, tudo parecia ter voltado ao normal — ela até voltara a usar o *piercing* de ouro branco no umbigo.

Eu estava no outro sofá. Eu também abri os botões de cima do jeans e tirei o sutiã, mas meu estômago não tão firme e os seios grandes permaneciam ocultos sob uma camiseta branca que Del me emprestara. Tivera de pegá-la emprestada porque o banho que dera em Tegan me deixara com a parte de cima do corpo encharcada.

Em vez de falarmos sobre a distribuição dos convidados nas mesas do salão, conforme planejado, estávamos conversando sobre a vida amorosa de Del. Eu sabia que Nate ficaria uma fera quando eu voltasse para casa sem ter resolvido aquele detalhe (quando ele se oferecera para cuidar daquilo, eu havia me mostrado ofendida e respondido com indignação: "Não se importe comigo, eu estava enganada quando achei que este era meu casamento também."), mas a vida amorosa de Del era importante. Ela conhecera um homem recentemente e estava em pleno ritual dos encontros. Aquele ritual que se iniciava com uma pessoa querendo repassar cada detalhe e nuança da primeira conversa e se seguia com a euforia do segundo encontro. Então, era a vez dos dias cheios de expectativa que antecipavam o "encontro com sexo". Prolongava-se, depois, a empolgação que ia do quarto ao décimo encontros. A seguir, vinha rapidamente o declínio, no qual um dos parceiros não telefonava mais para o outro, acompanhado de uma trilha sonora de auto-recriminação e de questionamento da outra parte envolvida do que havia de errado com ela, afinal. Del estava no sexto encontro com aquele novo homem, e o interesse ainda não começara a diminuir.

— Ele faz uma coisa incrível com os quadris e é... Uau! — revelou ela. — Eu enlouqueço de paixão a cada vez.

Aquele homem, embora sabendo como deixá-la louca de paixão, não sabia que Del tinha uma filha. Se chegassem até o décimo quinto encontro, ela pretendia lhe contar, mas não era provável que fossem tão longe. Ela gostava dele, mas não era "o homem da sua vida". Nem mesmo um namorado sério que ficaria por perto por um longo tempo, e, portanto, ela não importunaria Tegan apresentando-a a um homem que, eventualmente, desapareceria de sua vida. Del era superprotetora em relação a Tegan. A vida da filha tinha de ter o mínimo possível de aborrecimentos e qualquer um que atrapalhasse estaria arranjando encrenca séria. Ela preferiria permanecer solteira a vida inteira a apresentar Tegan a alguém que não estaria a seu lado por muito tempo. E, racionalizava, tão logo contasse a algum homem sobre a filha, ele seria obrigado a conhecê-la.

— Nate faz uma coisa incrível com a boca — contei. — Começa lambendo a parte interna das minhas coxas bem lentamente e, então, faz uma coisa deliciosa com a boca... É... — Sorri amplamente e suspirei. — Maravilhoso. — Eu raramente comentava sobre detalhes íntimos de nossa vida sexual, nem mesmo com Del, mas, afinal, eu não bebia duas garrafas de vinho havia um longo tempo... Eu teria lhe contado praticamente qualquer coisa naquele momento. — É tão... Estou sentindo arrepios na espinha só em pensar nisso.

— Hum, eu sei — concordou Del. Então, gelou. Por completo. Tudo em sua atitude mudou no momento em que proferiu essas simples palavras.

Meu coração pareceu parar, a respiração em suspenso. Os segundos se arrastaram.

Del me encarou com olhos arregalados, olhos cheios de terror. Soltei o ar devagar, mas meus músculos não relaxaram. Respirei fundo. Não, *estou enganada*, disse a mim mesma. *Só pode ser isso. Mas eu a ouvi. Ouvi a entonação em seu "eu sei". Falou como se, de fato, soubesse. E sabe. Teve a mesma experiência. Fez isso. Com Nate. Ela fez isso com Nate. Ele lambeu a parte interna das coxas dela. Os lábios dele...*

Endireitei as costas no sofá, colocando os pés no chão para me apoiar e tornei a respirar fundo. Lentamente. E mais uma vez.

— Quando? — perguntei, enfim, forçando a palavra a sair dos meus lábios. Del não respondeu e, por um segundo, achei que negaria, que tentaria dar uma explicação qualquer para se safar. Em vez daquilo, fechou os olhos por um momento, engoliu em seco e, então, encarou-me.

— Há um longo tempo — sussurrou, os olhos fixos nos meus. — Longo, longo tempo.

Fiquei com a respiração em suspenso outra vez, o corpo imóvel. A dor no peito era lancinante demais para que eu me mexesse.

— Por quanto tempo?

— Uma vez. Apenas uma vez.

Lágrimas ameaçaram inundar meus olhos, o maxilar rijo. Eu não queria chorar, mas a pressão nos olhos, no queixo, o nó na garganta eram impossíveis de controlar.

Del endireitou-se no sofá, correu os dedos pelos cabelos e esfregou os olhos marejados com as palmas das mãos.

— Apenas uma vez — repetiu.

Uma vez. Apenas uma vez. As palavras não tinham significado algum. Uma vez tornava a situação melhor do que se tivessem sido duas? Ou cinquenta vezes? Acontecera entre os dois. Era menos errado por ter sido apenas uma vez? Pisquei algumas vezes, mas a visão ainda estava anuviada pelas lágrimas.

Por quê?, perguntei-lhe silenciosamente.

Del inclinou-se para a frente no sofá, a calça aberta, os cotovelos apoiados nos joelhos, as mãos na cabeça, enquanto olhava fixamente para o piso laminado.

Por quê?, indaguei outra vez em minha mente.

Del continuou olhando para a imitação de assoalho, obviamente não ouvia minhas perguntas telepáticas. Perdida era seus pensamentos e em seu próprio mundo. Um mundo onde confessara. Manteve o olhar fixo no chão e, enfim, ergueu-o. Pousou-o numa foto de Tegan num porta-retrato que encimava a tevê por um instante e voltou a olhar para o chão.

Foi algo instintivo, um pequeno gesto que entregou tudo.

— Não — falei numa voz estrangulada, mais para mim mesma do que para ela. Estava tentando me convencer de que agia feito tola, que meu coração disparara à toa.

Del virou-se abruptamente para me fitar quando ouviu minha voz. Eu alternei um olhar entre Del e a foto. Nós duas nos entreolhamos, e a cor se esvaiu do rosto dela.

Sacudi a cabeça, tentando afastar a verdade, tentando expulsar a simples idéia da mente. Meus olhos foram atraídos novamente pela foto. Naquela imagem sorridente, o nariz de Tegan era exatamente como o do pai. Ela era filha de Nate.

Tudo se encaixou, como as últimas peças de um quebra-cabeça. As peças tinham estado ali o tempo todo, evidentemente. Eu simplesmente não as vira. Não vira o panorama maior até aquele momento em que tudo entrou em foco. Agora, eu sabia por que Tegan parecia tão familiar. Não era por ser uma versão menor da mãe, o que ocorria na maioria dos aspectos, mas por ter o mesmo nariz um tanto arrebitado do pai, o formato dos olhos grandes, o jeito travesso de torcer os lábios. Eu tinha visto esses traços o tempo todo, claramente, mas minha mente não fizera a ligação.

Eu perguntara a Del quem era o pai quando ela se descobrira grávida. Desmanchando-se em lágrimas, ela contou que fora um acidente, que ele não estava por perto, que era um homem casado que havia conhecido no trabalho.

— Canalha! — exclamei, ultrajada.

— Não — respondeu ela. — Ele não quis que nada disso acontecesse. Nem eu, foi um acidente. Ninguém tem culpa.

Cada conversa que já havíamos mantido sobre o pai do bebê dela passou pela minha cabeça: cada vez que Del dissera que ele não era capaz de amá-la, quanto mais a uma criança; que repetira que fora um erro — a melhor coisa que já lhe acontecera —, mas, ainda assim, um erro; todas aquelas vezes em que havia declarado que não precisava do pai da criança desestruturando sua vida. E havia eu, a substituta do pai. Aquela que acompanhou Del no curso de pré-natal, que estive na sala de parto quase caindo dura com o que viu, que ajudou o máximo que pôde. E o tempo todo encorajei-a a contar ao pai da criança porque era moralmente correto, lembrando-a de que, mesmo que ela não quisesse que ele soubesse, o homem tinha o direito. Ele teria de receber seu rótulo de canalha ao rejeitá-la e à criança. E costumava acrescentar que talvez Tegan quisesse saber algum dia.

— O que lhe dirá, então? — eu persistia. — Que você não queria que ele soubesse que era o pai e, portanto, ela não terá o direito a um?

— Vou me preocupar com isso quando chegar a hora — ela respondia. A hora chegara.

Fui uma idiota. Uma grande, total e completa idiota que estive infernizando Del, pressionando-a a contar ao amor da *minha* vida que ele a engravidara.

Lancei-me para fora do sofá, mas, uma vez de pé, descobri que estava quase me dobrando ao meio por causa da terrível dor no estômago. Ainda continuava tensa, o corpo se retesando por causa do choque. Contraí o rosto quando tudo me atingiu com tremendo impacto.

Nate tinha uma filha. Nate era o pai da filha da minha melhor amiga.

Comecei a recolher minhas coisas: o sutiã úmido que despira; o cinto que tirara porque me apertava o estômago; os blocos de anotações para planejar a disposição dos convidados nas mesas do salão; as canetas coloridas. Freneticamente, recolhi tudo e meti na bolsa, passando a mão pelos cabelos pretos para ajeitá-los. Avistei minhas meias no chão ao lado do outro sofá, onde estava Del, mas não me aproximaria dela e, assim, enfiei os pés descalços nos tênis.

Com mãos trêmulas, pus a blusa molhada por cima da camiseta branca. Lembrei, então, que a camiseta era dela. Da minha amiga traidora, mentirosa. Arranquei a blusa, despi a camiseta e atirei-a no chão. Tornei a vestir a blusa molhada sobre o torso sem sutiã.

— Kam, vamos conversar sobre isso — implorou Del. — Por favor, Kam, vamos conversar.

Não foi uma súplica muito veemente. Eu não era de conversar quando estava aborrecida. Era do tipo que ignorava o problema na esperança de que ele desaparecesse. Além do mais, o que havia para conversar? Sobre como meu noivo era bom de cama? Que notas de um a dez nós duas lhe daríamos? Perguntar se Nate sabia que Tegan era sua filha e se ainda iria se casar comigo? Ele cometera aquela traição horrível, mas planejava dizer "sim" no altar dali a dois meses. Dentro de oito semanas — oito semanas! — pretendia se colocar diante de todos os que conhecíamos e declarar que me amava, fazer suas juras de fidelidade eterna. Apenas não seria fiel, não era mesmo? Por certo, não fora fiel antes; por que o seria no futuro?

— Ele não sabe sobre Tegan — anunciou Del. Sua voz soou forte, clara, determinada. Não estava brincando. Quando se tratava de Tegan, não corria o menor risco de arruinar as coisas. E especialmente não naquele caso. — Não quero que ele saiba — prosseguiu. — Não quero desequilibrar a vida de Tegan. O que quer que você faça, não arruine a vida de Tegan. Não é culpa dela.

Desejei ser capaz de xingá-la de tudo quanto fosse nome. De lhe dar uns tapas na cara e puxar-lhe os cabelos. O máximo que consegui fazer foi sair. Para nunca mais voltar.

CAPÍTULO 5

Estou aqui para ver Tiga — falei à mulher que atendeu à porta da casa um tanto isolada de cinco quartos, situada a quinze minutos de táxi do centro de Guildford.

Ela me olhou com ar confuso e, então, lembrei que eu era a única pessoa que chamava Tegan de "Tiga".

— Quero dizer, estou aqui para ver Tegan.

Um brilho de reconhecimento surgiu nos olhos de Muriel. Era a madrastra de Del. Uma mulher magra, frágil, que dava a impressão de que um vento mais forte a carregaria. Enrolados com grandes bobes, seus cabelos grisalhos pareciam duros com o excesso de laquê. Quando a conheci, ela tinha um estilo para se vestir semelhante a um uniforme: uma espécie de combinado de saia de *tweed*, *twin-set* e pérolas. Ela não falhou dessa vez. Mesmo com tanto calor, no auge no verão, usava conjunto verde de blusa e casaquinho de lã; a saia de *tweed* era marrom e lá estavam as pérolas em torno do pescoço engelhado. Parecia tão respeitável, normal, até dócil. Entretanto, a mulherzinha era o mal encarnado, um monstro.

Del me mostrara do que aquela mulher era capaz. Eu tinha visto as marcas nas coxas de Del, indicando os pontos onde a madrastra apagara cigarros na pele dela. O dedo mínimo da mão esquerda que não crescera reto depois que aquela mulher o quebrara. A cicatriz no alto da fronte, no início do couro cabeludo, onde Muriel lhe atirara um copo.

— Sou Kamryn. A madrinha de Tegan. — Esforcei-me para usar um tom de voz neutro, para ocultar meu ódio. — Amiga de Lucinda-Jayne. — Del largara o "Lucinda-Jayne" no segundo ano em que entrara na faculdade, substituindo-o por seu nome do meio, Adele. Quando nos formamos, mudou o sobrenome para Brannon, o nome de solteira da mãe. Para as pessoas que a conheceram depois de Leeds, era Adele Brannon. Fizemos uma grande comemoração quando ela, enfim, mudou o nome legalmente. O pai ainda a chamava de Lucinda-Jayne, e ela nem sonharia em corrigi-lo.

A expressão de reconhecimento acentuou-se no olhar de Muriel, embora não devesse estar nem um pouco contente em me ver — eu era a única das amigas de Del

que a mulher conhecera ao longo dos anos. Evidentemente, Del não voltara correndo para o seio da família a cada oportunidade e, portanto, levou apenas uma pessoa consigo até em casa — eu.

— Sim, eu me lembro de você. — A voz de Muriel soou um tanto pastosa. Xerez, vinho ou gim e tônica tinham lhe feito companhia naquele dia? Havia sido seus melhores amigos, seus companheiros constantes, quando havíamos nos conhecido anos antes. Obviamente, nada mudara.

— E então, posso ver Tegan? — perguntei quando ficou claro que a mulher não diria mais nada.

— Ela não está disponível no momento.

— Saiu?

— Não. Apenas não está recebendo visitas.

— Uma criança de cinco anos não está recebendo visitas? — repliquei com um misto de irritação e incredulidade. — Sabe, não consigo imaginá-la dizendo: "Se alguém me procurar, diga que não estou, sim?".

Muriel torceu o nariz para mim como se eu fosse algo fedido e nojento em que pisara.

— A pequena madame está sendo punida — declarou com escárnio. — Embora isso não seja da sua conta.

— E da minha conta. — Tive de me obrigar a proferir cada palavra pausadamente a fim de não gritar. — Sou a madrinha dela. Fui incumbida do dever de olhar por Tegan caso algo aconteça com a mãe dela.

— Terá de vir vê-la numa outra ocasião porque, como já expliquei, a menina está sendo punida.

A megera fez menção de fechar a porta, e todo o ódio, o ressentimento e a fúria fervendo dentro de mim vieram à tona, desfazendo a fachada de placidez. Avancei para a frente, cada músculo do meu corpo tenso quando pousei a mão com força na porta azul e a mantive aberta.

— Punida pelo quê? — indaguei.

Tendo saltado de leve para trás diante do meu avanço, Muriel desviou o olhar.

— Punida pelo quê? — repeti com impaciência. Muriel permaneceu em silêncio.

— Eu gostaria de vê-la.

— Ela não tem permissão de ver ninguém.

— Não irei embora enquanto não a vir. A mulher baixou a voz.

— Não posso deixar você entrar. Não sabe o que Ronald fará comigo se eu permitir que a veja.

— Obviamente não sabe o que eu farei a você se não cooperar — declarei num tom que foi ameaçador e intimidante, até mesmo para mim. Tive certeza de que ouvira aquela fala num filme qualquer, mas saiu dos meus lábios antes que pudesse me conter.

Muriel estreitou os olhos injetados com ar venenoso, mas ainda demonstrava medo. Eu sabia do que a bruxa era capaz, mas apenas quando lidava com uma criança indefesa, ao passo que ela não fazia a menor idéia do que eu era capaz. Para ser franca, nem eu. Aos 32 anos, nunca havia batido em ninguém, o que não significava que não o faria se fosse preciso.

Muriel aumentou a dose de veneno no olhar, e eu endureci ainda mais a expressão no rosto. A mulher nem imaginava quanto eu estava posses. Viajar mais de trezentos quilômetros num dia, ver minha amiga à beira da morte e, agora, voltar àquele lugar onde Del sofrerá tanto... Todo aquele estresse não me deixou com um humor dos melhores.

A resignação fez o corpo de Muriel relaxar, e soltando a porta, ela girou nos calcanhares e rumou na direção da ampla escadaria.

— E nós nem sequer queremos a garota aqui — resmungou.

Soltei um suspiro silencioso de alívio. *E se a mulher me tivesse feito confrontá-la para valer?* Era melhor não pensar a respeito.

A casa não havia mudado muito desde a última vez em que eu estivera ali, oito anos antes. Del e eu tínhamos feito uma visita relâmpago para buscar o restante das roupas e livros que ela deixara em casa, o que fora um pretexto. Ela vivera sem aqueles itens durante anos; por que achar que precisava tão desesperadamente deles de repente? Concluí que Del retornara para fazer as pazes com o pai, para fazer uma última tentativa de entendimento.

Ele foi extremamente educado pelo fato de ela estar com uma amiga, mas também demasiado distante, indiferente. Foi uma das coisas mais desoladoras que já presenciei (e no minuto em que fiquei a sós mais tarde, liguei para os meus pais para um breve bate-papo). Quando nos sentamos no táxi, Del não teve de me dizer que não pretendia voltar ali nunca mais; eu já sabia. Ela se empenhara ao máximo para tentar uma aproximação com a família, mas fora em vão; tinha de deixá-la de uma vez por todas.

Praticamente nada mudara na casa desde aquele dia: o mesmo carpete bege revestia o chão, a mesma tinta gelo cobria as paredes, os mesmos quadros deprimentes de cenas do campo ao redor. A atmosfera era a única coisa que estava diferente — ela estagnara. Tornara-se decrépita, vazia, sem vida.

Muriel parou do lado de fora de uma porta branca entalhada. Havia uma chave na fechadura, até a qual ela levou a mão coberta de manchas castanhas. Fez uma pausa antes de girá-la. *Trancaram Tegan? Trancaram-na! Onde esses dois psicóticos acham que uma criança que não é alta o bastante para alcançar a maçaneta da porta da frente irá se deixar o quarto?*

O quarto de Tegan tinha o dobro do tamanho da minha sala de estar. As paredes eram de tom claro também, mas ali o carpete era azul *royal*. Duas das paredes eram ocupadas por estantes brancas e em cada prateleira havia bonecas, blocos de montar, brinquedos, ursos de pelúcia e livros. Não davam sinais de que haviam sido tocados ou de que uma criança brincara com eles. Eram enfeites, relíquias perfeitas, intocadas de uma fase chamada infância. A cama de solteiro meticulosamente arrumada ficava ao lado da grande janela com vista para o amplo jardim.

Apesar dos objetos infantis multicoloridos, o quarto era frio e pouco convidativo. No centro, havia uma pequena mesa de plástico vermelha e uma cadeira amarela, onde Tegan estava sentada.

Mesmo a alguma distância, percebi que tudo estava errado. A menina estava imóvel na cadeira, o corpo rígido de medo. Os cabelos, de um loiro muito claro, pendiam em torno do rosto cheios de nós e por lavar, a blusa cor-de-rosa amarrotada e manchada. E os olhos estavam fixos no prato de comida diante dela.

O choque atingiu-me quase como um golpe físico. Na última vez em que vira Tegan, a pequena me fitara com olhos grandes e vibrantes enquanto eu lia uma história para ela. Era uma criança ativa, alegre, que nunca ficava parada. Cheia de vida e entusiasmo, sempre quisera correr, brincar, ler, rir ou envolver alguém num abraço carinhoso.

— Tiga — sussurrei. Adiantei-me devagar pelo quarto em sua direção. — Tiga, é tia Kamryn, lembra-se de mim? — Agachei-me a seu lado e observei-a enquanto esperava uma resposta.

Alguns segundos se passaram antes que meneasse a cabeça. Apesar do gesto de confirmação, manteve o olhar fixo no prato. O prato estava repleto de batatas cozidas, que, velhas, haviam adquirido uma coloração acinzentada; ervilhas secas e rachadas e uma bisteca de porco coberta por uma película branca rançosa. O cheiro de carne estragada penetrou em minhas narinas e recuei para trás, quase vomitando.

— Então, você se lembra da titia Kamryn? — falei, esforçando-me para conter o acesso de náusea.

Tegan tornou a balançar a cabeça.

— Isso é excelente. E a mamãe lhe disse que talvez você possa ir passar algum tempo com a titia Kamryn?

Outro gesto de cabeça.

— O que acha disso?

Ela deu de ombros devagar. Então, disse num fio de voz:

— Não sei.

Estendi a mão lentamente para colocar uma mecha do seu cabelo sujo atrás da orelha, para poder ver seu rosto, mas, antes de eu tocá-la, ela se esquivou de mim e se encolheu, as mãos rapidamente erguidas como se fosse se proteger de uma agressão.

Recuei também, meu coração disparando com medo e horror. Ela pensara que eu fosse lhe bater. Aquela criança pequena, frágil, temera que eu a machucasse. Fitei-a, sentindo meu coração ainda mais acelerado. Então, reparei em sua mão direita — três vergões vermelhos marcavam a palma inchada. Em torno do pulso direito, havia hematomas arroxeados que pareciam marcas de dedos, como se alguém tivesse mantido sua mão aberta à força enquanto batia nela com uma vara.

Foram aqueles vergões marcando sua pele suave que resolveram a questão. Em meu íntimo, a raiva cresceu. Mas não era do tipo que me levaria a praguejar, esbravejar, atirar coisas. Foi uma raiva absoluta, que percorreu minhas veias e me consumiu por dentro até que se aplacou e fiquei calma. Ela sobrepujou qualquer outra emoção até que não senti mais nada. Quaisquer outras emoções com as quais minha raiva sempre se misturava — ultraje, mágoa, indignação, dor, choque — foram apagadas por aquele tipo de raiva cega. Ela me percorreu e fez tudo cessar.

De repente, soube o que tinha de fazer.

Endireitei o corpo, e Tegan parou de se encolher de medo. Marchei pelo quarto até o guarda-roupa branco e a cômoda ao lado. Abri abruptamente a primeira gaveta e verifiquei o conteúdo. Estava cheia de blusas e camisetas cuidadosamente dobradas. Apanhei um punhado de blusas e fechei a gaveta com força. Abrindo outra gaveta, peguei mais roupas. Da terceira gaveta, recolhi abruptamente calças compridas e suéteres.

— O que está fazendo? — guinchou Muriel.

Ignorei-a. Estava com os braços repletos de roupas de cores alegres. Fui até minha bolsa de viagem, abri rapidamente o zíper e enfiei tudo lá dentro.

— Não pode fazer isso! — gritou Muriel, enquanto eu abria as portas do guarda-roupa.

— É claro que posso. — Apanhei dois casacos e alguns pares de calçados. — Já estou fazendo.

— Vou chamar a polícia — ameaçou ela. Lancei-lhe um olhar fulminante.

— Fique à vontade. Eu adoraria ouvir você explicar por que há vários dias não dá banho em Tegan, por que a está obrigando a sentar diante de comida podre e como aquelas marcas vermelhas foram parar na mão dela. Na verdade, espere um segundo. Eu mesma chamarei a polícia. Atirando as roupas de Tegan na direção da minha bolsa, peguei o celular do bolso da calça. — Qual é mesmo o número? Oh, sim. — Pressionei

os números do telefone da polícia no celular. — Quer apertar o botão para completar a chamada, ou eu mesma faço isso?

— Leve-a. Ficaremos felizes em nos ver livres dela — revidou Muriel, cáustica, antes de deixar o quarto abruptamente e bater a porta.

Depois que a porta se fechou, esperei um instante para ver se ela a trancaria, o que significaria que eu *teria* de chamar a polícia para sair com Tegan dali. Mas a megera apenas a fechara. Olhei para Tegan. Seu rosto, com marcas de lágrimas, nariz arrebitado e lábios projetados momentaneamente para a frente, estava virado na minha direção. Os olhos de intenso azul, vermelhos por causa das lágrimas, encaravam-me como se ela achasse que eu enlouquecera.

Fui até a menina, agachando-me a seu lado. Não me aproximei demais, temendo assustá-la novamente.

— Você tem um brinquedo favorito?

Ela meneou a cabeça com ar desconfiado.

— Está certo. Pegue-o junto com as coisas de que mais gosta e dê tudo a mim.

Tegan arregalou os olhos, apreensiva.

— Vamos embora — expliquei. — Você ficará com a titia Kamryn.

Embora visivelmente tentada pela idéia de deixar aquele lugar, Tegan não era boba e continuou a me observar com desconfiança. Não tínhamos tempo para aquilo. Eu tinha certeza de que Muriel estava telefonando para o marido. Ele poderia estar a caminho. Ali era a casa dele, seu lar e, portanto, teria essa vantagem. E quem poderia saber se o homem ficaria violento?

— Vamos, Tiga, pegue suas coisas e poderemos ir ver sua mãe amanhã.

— A mamãe? — O rosto pálido dela iluminou-se.

— Sim, a mamãe.

A cadeira não fez ruído no carpete espesso quando ela a empurrou para trás e se levantou. Adiantando-se até a cama, agachou-se na lateral e, debaixo dela, pegou uma mochila colorida. Entregou-a a mim. Abri-lhe um largo sorriso, e Tegan o retribuiu. Aquela garota e eu estávamos na mesma sintonia, enfim.

O tempo passou. Nem sei quanto, mas, enfim, eu estava na esquina de uma rua de uma cidade que não conhecia bem, com uma criança no colo e meia dúzia de bolsas — incluindo a minha, a mochila dela e quatro sacolas — aos meus pés. Não tinha idéia do lugar para onde eu... não, nós iríamos. Não tinha o número de nenhum serviço de táxi, não sabia onde era o ponto de ônibus mais próximo.

— Você sabe que dia é hoje? — perguntei a Tegan.

Ela me fitou como se nada do que eu dissesse pudesse surpreendê-la e, então, sacudiu a cabeça.

— É o meu aniversário. — E era. Embora a manhã daquele dia parecesse estar a uma distância de anos-luz, ainda era meu aniversário.

Ela assentiu e conseguiu abrir um pequeno sorriso confuso.

— Feliz aniversário — sussurrou. Recostou, então, a cabeça cansada no meu ombro.

— Obrigada — respondi.

Também é o dia em que serei presa por seqüestro.

CAPÍTULO 6

Uma luz pardacenta penetrava pelos vãos da persiana clara, tentando avivar meu quarto de hotel. O café que eu segurava entre as mãos havia esfriado, tornando-se uma água suja, meu corpo estava rígido e tenso depois de ter ficado sentada por umas duas horas na mesma posição, meus olhos do iam enquanto fitava o mundo que ganhava vida do lado de fora. Ouvia os pássaros emitindo as primeiras notas de seu coro do amanhecer, ônibus transitando ruidosamente, carros velozes e uma ocasional sirene da polícia. Havia parado de pensar que as sirenes da polícia estavam atrás de mim cerca de duas horas antes, mas minha mente ainda trabalhava aceleradamente — estivera assim durante a maior parte da noite...

Oito horas antes, eu havia sido conduzida ao quarto por um carregador que subira com nossas bolsas e as deixara logo além da entrada, ativara a eletricidade, acendera apenas uma luz difusa para não acordar a criança adormecida nos meus braços e, então, saíra, fechando a porta silenciosamente. Eu me hospedei com Tegan num hotel bem próximo ao hospital de St. Jude. O quarto era simples e pequeno, mas tinha uma cama de casal, uma de solteiro para Tegan e uma televisão — tudo de que precisávamos.

Tão logo a porta se fechou, adiantei-me até a cama menor. Tegan era como chumbo nos meus braços; os bíceps, cotovelos e antebraços estavam duros e doloridos pelo fato de eu tê-la segurado por tanto tempo. No instante em que havíamos sentado no táxi que nos levaria à área central de Londres, Tegan subira no meu colo e, abraçando-me, adormecera. Durante o percurso inteiro — de uma hora até o centro —, tive de me conter para não respirar fundo demais ou me mexer a fim de não acordá-la, embora, verdade fosse dita, a garota tinha um sono pesado. Ela não se moveu enquanto me contorci para sair do táxi, nem quando falei com o recepcionista que cuidou do meu registro, nem quando subimos de elevador até o quarto. Era provável que dormisse profundamente a noite inteira.

Deitei-a com gentileza na cama menor e, então, quase tive um ataque cardíaco quando ela abriu os olhos de repente. Levou alguns segundos para que meu coração desacelerasse.

Com os cabelos por lavar esparramados à sua volta na cama, Tegan não desviou os olhos dos meus por momento algum, enquanto o pálido rosto oval era tomado por uma expressão de temor. Ela estava apavorada. Totalmente desperta e apavorada.

Bem-vinda ao time, querida, pensei. Eu também estava apavorada. As implicações do que eu havia feito apenas começavam a ser assimiladas pela minha mente. Eu fizera algo grave, estúpido e estava petrificada por causa disso.

— O que há de errado? — perguntei, cautelosa. Meu medo de que ela pudesse desmanchar-se em lágrimas derrotou todos os outros temores. Eu não fazia idéia de como lidar com uma criança chorando, exceto talvez gritar "Cale-se!". Em todos os anos anteriores, com todos os meus sobrinhos e sobrinhas, com a própria Tegan, quando uma criança começava a chorar, eu a entregava de volta à pessoa responsável por ela, segura do fato de que nada do que eu pudesse fazer a acalmaria e, portanto, não tinha de tentar. Em outras palavras, passava a "batata quente" para a pessoa que optara por ter filhos, que se resignara a lidar com lágrimas, acessos de birra e afins.

A expressão de terror de Tegan não desapareceu, nem mesmo por uma fração de segundo enquanto me encarava.

— Quer dormir na cama grande? — perguntei, arriscando um palpite improvável quanto ao que poderia estar preocupando-a — além do fato de ter sido raptada, tirada do lugar que chamara de lar ao longo dos meses anteriores e estar sendo mantida refém por uma mulher que não via há dois anos.

Tegan confirmou com um gesto de cabeça.

— Está bem, mas vamos tomar um banho primeiro, combinado? Outro gesto de assentimento.

— E talvez comer alguma coisa? Mais um meneio de cabeça.

— Ótimo. — Isso era um plano. Um bom plano. Eu podia lidar com a situação. Dar-lhe um banho, alimentá-la, colocá-la para dormir. Resolvido. Levantei-me, e Tegan sentou na pequena cama. Erguendo os joelhos até o peito, abraçou-os e me observou indo até a mesa a um canto do quarto onde estava o telefone e o menu.

Apanhei o menu plastificado e examinei-o à procura de algo de que ela pudesse gostar. Estava claro que não falaria comigo e, assim, de nada adiantaria perguntar. Hambúrguer e fritas pareceram a escolha mais fácil.

A menina não se mexeu enquanto fiz coisas corriqueiras como ligar a tevê, passar pelos canais para encontrar algo que não fosse impróprio para alguém daquela tenra idade e acender mais algumas lâmpadas. Vasculhando as sacolas, encontrei o pijama xadrez azul dela, uma calcinha branca limpa e um casaquinho. Depositei as peças na cama maior e fui até o banheiro.

Era pequeno, com um chuveiro minúsculo acima da banheira, mas era limpo e não continha limo, um milagre, considerando que não havia janela, apenas um exaustor a um canto. Afastei a cortina branca e sentei na beirada da banheira para colocar a tampa no ralo e abrir a água. Quando a banheira ficou cheia, despejei um pouco de sabonete líquido na água e agitei-a para formar algumas bolhas. O efeito deixou a desejar, mas não era tão deprimente quanto uma banheira branca de hotel contendo apenas água.

Voltei até a cama e me ajoelhei diante de Tegan.

— Podemos tirar suas roupas, então? — perguntei com gentileza.

Ela hesitou, possivelmente sem saber se aquela era a coisa certa a fazer. Então, resignando-se, desceu da cama e colocou-se diante de mim, paciente e passiva. Despi-lhe a jaqueta e, depois, tirei-lhe com cuidado a blusa rosa manchada por cima da cabeça. Tive de me conter para não deixar transparecer meu horror. Ela estava raquítica, não fora alimentada adequadamente durante semanas. Os braços eram como frágeis varetas que pendiam dos ombros ossudos; as costelas evidenciavam-se sob a pele, o estômago escavado.

Não foi apenas a magreza que me assustou. A pele... Lágrimas afloraram em meus olhos, o queixo começando a tremer. A pele, a linda e delicada pele dela, estava marcada com sujeira, hematomas e vergões. Cada um dos machucados parecia resultado de agressões variadas, como tapas, beliscões, socos, apertões. Os vergões eram longos e retos, como se tivessem batido nela com um cinto.

Minha mente acelerou-se, agitada, o coração disparado. Como podiam ter feito aquilo? Como alguém era capaz daquilo? Nunca tinha visto aquele tipo de coisa. Ou seja, eu sabia que tal violência existia e que era terrível, mas nunca a tinha visto com os meus próprios olhos. Era como alguém dizer a uma criança para não brincar com fogo, pois era perigoso. Eu sabia que o fogo ardia, que queimava, que irradiava um calor insuportável, mas só senti qual era sua real intensidade, só *acreditei* nela na primeira vez em que queimei o dedo com um fósforo. Era o mesmo naquela situação. Eu ouvira

tudo de Del, vira suas cicatrizes, mas não podia saber de verdade, não podia *acreditar...* até esse momento. As lágrimas inundavam meus olhos.

Pare, ordenei a mim mesma. Não a faça pensar que você sente repulsa por ela, que a culpa é dela.

Pisquei algumas vezes para conter as lágrimas e respirei fundo, procurando me recompor. Não podia desmoronar na frente na menina — não era justo.

Terminei de despi-la, lutando contra cada nova ameaça de lágrimas conforme ia removendo suas peças de roupa. Estavam por toda a parte: a sujeira, os hematomas, os vergões. Quando acabei de despi-la, embrulhei-a numa grande toalha branca e guiei-a até o banheiro. Parando, agachei-me e envolvi-a com meus braços.

— Você vai ficar bem, meu anjo — disse-lhe. — Vou cuidar de você, está certo? Vou cuidar de você. — Tinha de deixá-la saber que estava bem. Que aquilo não tornaria a acontecer; estava a salvo agora.

Ela não esboçou reação quando a abracei para tentar afastar seu sofrimento. O fato de permanecer tão imóvel e silenciosa em meus braços me fez estreitar mais o corpinho frágil junto a mim.

Enquanto a lavava, lembrei constantemente do último banho que havia lhe dado. Aquele em que ela me encharcara e eu tivera de pegar uma camiseta emprestada de Del. Recordei-me porque foram ocasiões tão diferentes: agora, não havia água espirrando, risos por causa das formas que as bolhas adquiriam, tentativas travessas de molhar minhas roupas. Ela manteve-se quieta na banheira e deixou que eu lhe lavasse a pele machucada. Desejei que me desse ao menos um pequeno sinal de que estava ali comigo, mas seus olhos estavam fixos num ponto da parede azulejada, o corpo não resistia a nenhum movimento da esponja.

Os cabelos caíram-lhe em suaves ondas douradas até os ombros quando os sequei, e ficou adorável com seu pijama azul. Adorável, mas silenciosa. Uma batida à porta nos sobressaltou. Olhamos uma para a outra e, depois, para a porta. Após alguns momentos de tensão, dei-me conta de que era provavelmente o serviço de quarto com nossa comida.

Qualquer fome que eu tivesse desapareceu quando vi a magreza de Tegan, mas, quando o garçom colocou a bandeja na mesa grande, os olhos da menina se iluminaram, como se não tivesse visto comida de verdade por um longo tempo.

Levei-lhe o hambúrguer, as fritas e o suco em caixinha e sentei-me do lado oposto a ela na cama maior, enquanto Tegan aceitava o prato e o suco. Não fez nenhum gesto na direção da comida por alguns momentos e, então, pegou o hambúrguer com hesitação e aproximou-o dos lábios. Antes de dar a primeira mordida, olhou para mim, confirmando silenciosamente se estava tudo bem.

Abrindo-lhe meu melhor sorriso, assenti com um gesto de cabeça. *Pode comer. Não há problema*, assegurei silenciosamente. Ela deu um pequena mordida no sanduíche e manteve os olhos em mim enquanto mastigava. Lançou-me outro olhar inquiridor antes de dar nova mordida. Mantive o sorriso encorajador no rosto o tempo todo enquanto Tegan comia.

— Não precisa comer tudo — falei várias vezes. — Se não quiser terminar, não é obrigada.

Ela queria. Limpando o prato, tomou todo o suco e, então, recostou-se na cabeceira da cama, fitando-me com grandes olhos assustados. Ficava à espera de todos os sinais que eu pudesse fazer, incerta sobre como proceder em seguida — um caso de um cego guiando outro, por assim dizer. Eu também não sabia o que fazer em seguida. Entretanto, sendo a adulta ali, eu tinha de fingir que sabia o que estava fazendo, ou

ficaríamos sentadas naquela cama a noite inteira, esperando que uma conduzisse a outra a águas mais seguras.

— Está cansada? — perguntei.

Ela acenou que sim com a cabeça. Ótimo, estava seguindo o plano: banho, comida e cama.

— Está certo, deite-se.

Os lábios e o queixo dela começaram a tremer, os olhos enchendo-se de lágrimas. *Não, choro não! Posso lidar com qualquer coisa, exceto choro.* O cansaço se evidenciava no rosto dela, os gestos eram lentos, de alguém que estivesse caindo de sono. Assim, por que não estava ansiosa para se deitar e dormir?

— Qual é o problema, Tiga?

— Estou com medo — sussurrou e, então, encolheu-se, como se esperasse que eu explodisse de raiva.

— Quer que me deite com você? — perguntei gentilmente.

Ela se endireitou, mas seu gesto foi cauteloso quando meneou a cabeça. Sua surpresa por eu não ter começado a gritar era palpável.

— Está bem, deite-se, e eu vou tirar meus sapatos.

Tegan ajeitou-se sob as cobertas, certificou-se de que eu estava deitada de frente para ela, fechou os olhos e adormeceu. De um instante para o outro. Esperei até ter certeza de que a menina dormia profundamente antes de deixar a cama em silêncio e me sentar na poltrona, de onde fiquei olhando fixamente pela janela.

Eu me mexi na poltrona, arqueei as costas para alongar os músculos doloridos e pisquei na direção da janela sem realmente vê-la.

Como eu fora me meter naquilo? Aquela coisa chamada adoção era uma questão séria.

Havia deixado o leito de hospital de Adele determinada a apenas *pensar* no assunto. E não pensara. Não fora como se eu tivesse de pensar no caso logo de imediato e, portanto, guardei-o em alguma parte da mente para pensar a respeito numa outra hora. O problema foi que a "outra hora" chegou bem mais depressa do que imaginei.

Menos de 24 horas antes minha decisão mais importante havia sido qual sutiã usar a fim de favorecer ao máximo as curvas dos seios no decote do meu vestido de paetês dourados. Meu vestido de paetês dourados. Ali estava uma lembrança que parecia de uma época distante. Fora realmente eu? Fora eu que planejava espalhar pó dourado no decote? Porque se fora, como eu poderia ser a mesma pessoa que estava sentada numa poltrona de hotel pensando em adotar uma criança?

Eu e uma criança.

Kamryn e uma criança.

Algo assim nunca se destinara a acontecer.

Crianças jamais haviam feito parte dos meus planos. Havia uma porção de crianças na minha vida — oito delas cortesia dos meus dois irmãos e irmã — e, embora eu as amasse de todo o coração, não era o bastante para me fazer querer ter minha própria prole. O fator de limite de tempo era o que aumentava minha satisfação em estar com crianças — qualquer período maior do que 24 horas com elas era pedir demais de mim.

Uma pessoa tinha de estar preparada para abrir mão de tudo pelos filhos. *Tudo.* Tempo, espaço, afeição. Eu não era assim tão altruísta e não fingiria que era apenas para parecer "normal".

Quando era mais nova, a maioria das pessoas achava que minha falta de interesse em ter filhos se devia ao fato de não ter conhecido ainda o homem certo. O homem certo, segundo a teoria delas, despertaria em mim a necessidade de procriar. Quando Nate e eu começamos a falar sobre casamento, todos — inclusive Del — acharam que eu mudaria de idéia. Que aquele tão apregoadado dom chamado "instinto materno" desabrocharia e eu começaria a sorrir para crianças em carrinhos, a suspirar diante de roupinhas em lojas e a planejar qual quarto do nosso apartamento se tornaria o do bebê. Porque Nate, meu futuro marido, destinara-se a ser a inspiração de que eu precisava para ansiar que meus óvulos fossem fecundados.

Constantemente, as pessoas me perguntavam quando Nate e eu teríamos filhos, ao que eu respondia:

— Hã... nunca.

Seguiam-se, sem exceção, surpresa e, então, simpatia à minha resposta. Depois eu ouvia uma variação de:

— Tem certeza de que quer se casar com Nate, levando em conta que ele não quer ter filhos?

Comecei a me perguntar se alguém já me vira realmente como uma pessoa, não apenas como uma máquina de produzir bebês. Em geral, informava a essas pessoas:

— Nate e eu não teremos filhos. É uma das coisas fundamentais com as quais concordamos. Você sabe, não votar no partido conservador, não comprar CDs do Oásis e não ter filhos.

Nada de filhos.

Colocando a caneca de café no chão ao lado da poltrona, levantei-me. Voltei para a cama, tomando o cuidado de não afundar o colchão. Deitei de frente para Tíga, estudando os traços de seu rosto, vendo Nate. Sorri ao recordar as inúmeras vezes em que havia feito isso com ele ao longo dos anos em que estivemos juntos: acordar no meio da noite e ficar observando-o dormir, resistindo à vontade de correr a ponta dos dedos por seu nariz, ou de beijar-lhe as pálpebras, ou de lhe sussurrar "eu te amo" ao ouvido. Com Nate, eu achava quase impossível esconder minha afeição, especialmente quando estava adormecido e era improvável que testemunhasse minha fraqueza por ele.

Meus pais foram as pessoas que mais ficaram magoadas com o fato de eu ter cancelado o casamento.

Não podiam acreditar naquilo; dois meses antes do grande dia deles, tudo estava terminado. Eu não tinha ilusões a respeito; era o grande dia *deles*. Era o que haviam esperado durante a maior parte da vida. Achei que iriam se atirar aos pés de Nate e venerá-lo quando lhes contamos que iríamos nos casar. Enfim, alguém estava disposto a tirar a filha problemática e enalhada das suas mãos. A única coisa que eu tinha de fazer era não arruinar tudo antes de dizer o "sim", e, então, eles voltariam para casa livres. Eu me tornaria responsável de outra pessoa.

Assim, aquele telefonema, o que dei de um quarto de hotel em Leeds dois dias depois que descobri o que acontecera entre Nate e Del, aquele que anunciou "Nate e eu rompemos, o casamento está cancelado, e estou me mudando para Leeds" foi bem recebido. Bem recebido porque meus pais não tiveram meios de entrar pela linha telefônica e me enganar.

Cancelar o casamento era uma atitude típica de Kamryn, na opinião deles. Eu não acertava uma; nunca era capaz de fazer uma única coisa normal por eles. Sempre havia me vestido com desleixo, nunca havia sido bonita, nunca tive namorados, nunca me enquadrei e, agora, a exata coisa, a *única* coisa que provaria que eu era normal

estava cancelada. Meus irmãos — tanto o mais velho quanto os dois mais novos — haviam conseguido, casando, estabilizando-se e tendo filhos. Por que eu não podia? O que havia de errado comigo?

Eles haviam convidado todos os amigos. Parentes do exterior viriam de avião para o casamento. Ambos tinham feito sua parte em me ajudar nos preparativos. Minha mãe estivera à procura do traje perfeito, e lá estava eu, dizendo que fora tudo em vão. Todo aquele trabalho árduo desperdiçado. Embora não tivessem colocado aquilo em palavras, eu sabia que estavam pensando: "*O que você fez de errado, Kamryn?*".

Meus irmãos e amigos foram mais compreensivos. A maioria disse que, se não era para dar certo, era melhor que não acontecesse, mas percebi que todos queriam saber a verdadeira razão do nosso rompimento. Ele estava me traindo? Eu o estava traindo? Ele me batera? Eu entrara em pânico? Ele descobrira algo terrível a meu respeito no último minuto? Todos me deram apoio, mas eu sabia que jamais poderia lhes contar a verdade. Jamais poderia dizer a alguém: "Meu noivo e minha melhor amiga geraram uma criança".

Era o que Adele e Nate haviam feito. Não me senti apenas magoada pelo fato de terem feito sexo, fiquei humilhada, arrasada e completamente isolada. Quando não se pode ser sincero com as pessoas, nunca se pode relaxar perto delas, com medo de deixar escapar alguma coisa. Eu não poderia ter ficado em Londres, entre amigos e conhecidos daquela vida, mesmo que tivesse desejado. Teria sido difícil demais esconder, no dia-a-dia, o que acontecera.

Tegan mexeu-se, e contive a respiração, caso ela acordasse. Uma dezena de rápidas expressões passou por seu rosto enquanto sonhava e, enfim, serenou em seu sono.

Del sabia da enormidade do pedido que me fizera para adotar Tegan. Sabia que eu não poderia olhar para a menina da mesma maneira novamente. Eu lhe enviava presentes de Natal e de aniversário, cartões-postais quando viajava ao exterior, comprava-lhe pequenos mimos que remetia a Londres. Tudo feito a distância. Em nenhum momento tive de olhar para ela enquanto fiz esses ocasionais contatos. Olhar para ela seria lembrar o que minhas duas pessoas favoritas haviam me feito. E lembrar quanto fora doloroso aquele dia em que a verdade viera à tona. Quanto sofri a cada dia depois disso.

Com gentileza, afastei uma mecha de cabelo do rosto de Tegan. Eu poderia fazer aquilo? Poderia adotar a filha do homem com o qual estivera a dois meses de me casar? Adormecida, parecia-se muito com ele. Acordada, lembrava Nate em certos aspectos também. Quando seus traços se definissem mais, talvez ficasse a cada dia mais parecida com o pai. Eu conseguiria suportar aquilo? Todos os dias, dia após dia, pelo resto da minha vida, olhando para uma pequena versão de Nate, sendo lembrada da minha melhor amiga e do meu noivo fazendo amor?

Todas aquelas reflexões eram tempo perdido, não eram? Não haveria como voltar atrás agora. Eu havia tirado Tegan da casa dos avós em Guildford. Tivera de fazê-lo — ela não poderia ficar lá nem mais um segundo sequer —, mas, ainda assim, eu a tirara de lá. Aquilo significava que não apenas dissera sim ao pedido da mãe para adotá-la, eu *gritara* que sim a plenos pulmões.

CAPÍTULO 7

Kamryn e eu fizemos muito sexo sem amor, sem mesmo alguma emoção de verdade, com os rapazes em nossa tenra juventude. É claro, não era o ideal, somos mulheres e tudo mais, mas tínhamos nossas razões.

A minha razão: cansaço. Eu, Adele Brannon, estava cansada. Cansada de conhecer mais um novo homem, de ter a esperança de que fosse meu príncipe encantado, de esperar que o amor desabrochasse entre nós, e, então, descobrir que ele não passava de um sapo e que o amor não aconteceria entre nós, nem mesmo de passagem. Assim, decidi seguir o caminho bem mais atraente de buscar prazer ao longo da jornada rumo ao amor. Se eu esperasse até encontrar o amor para ter sexo, bem, eu ainda estaria virgem. Eu acreditava no amor e, assim, enquanto esperava que ele chegasse em minha vida, concentrei-me em fazer o melhor sexo possível com os homens mais bonitos de Londres; apenas para passar o tempo, sabe como é.

Kamryn, por outro lado, não acreditava no amor. Ela já havia passado por todo o tipo de situação em que uma mulher é espezinhada por um homem e decidira dar o troco — para valer. Anos e anos ouvindo que era feia e gorda tinham-na feito adquirir tal comportamento. Ela tomou todo o cuidado para não falar sobre os anos anteriores à época em que nos conhecemos. Costumava dizer "Já passou, não há nada sobre o que falar", mas, às vezes, eu a apanhava desprevenida e ela revelava quanto fora profundamente marcada pelas coisas que as pessoas tinham o hábito de lhe dizer. Todos os dias, na escola e nas aulas de educação física, fora bombardeada com abusos verbais, insultos de todo o tipo. E, então, em casa, recebia telefonemas anônimos e bilhetes. Quando a conheci, era uma garota bonita, mas, com o passar dos anos, ficou ainda melhor; seus traços se definiram e tornou-se uma bela mulher. Tinha olhos grandes e escuros, cílios longos e um sorriso incrível. A parte trágica é que nunca viu isso, nunca acreditou.

Lembro-me das várias ocasiões em que confessou que, não importando quanto peso perdesse, quantas vezes a chamassem de bonita, ela se olhava no espelho e via uma pessoa gorda, feia. "É como se, por alguns segundos, eu visse o que está lá; então a névoa se dissipa e vejo um monstro grotesco." Fiquei tão chocada com isso que comecei a chorar e ela tentou me assegurar de que estava exagerando, mas eu sabia que não era o caso. Anos ouvindo a mesma coisa tinham-lhe feito aquilo e foi o que me fez chorar. Kam não fizera nada para merecer tantas ofensas, mas, ainda assim, a crença equivocada ficara gravada em sua mente. Não fiquei surpresa que ela fosse cautelosa em relação às pessoas, que não soubesse em quem confiar. E que, não importando quantas vezes lhe dissessem, ela não acreditava que era bonita.

A pior parte era que, quanto mais bonita ficava, mais atraía homens que pareciam estar atrás de uma única coisa — sentirem-se homens de verdade ao levarem uma mulher bonita para a cama.

Eram os bonzinhos, aqueles que convenciam até a mim sobre suas intenções em relação a ela, que magoavam mais. Eles começavam sendo amáveis, tratando-a bem e, então, minavam-lhe a confiança, desmereciam a aparência dela, tentando apagar seu brilho. Depois de namorar mais um cretino por seis meses que, enfim, sugeriu que ela

fizesse dieta para afinar sua silhueta de manequim 44, a fim de poder entrar nos vestidos de tamanho 38 que ele queria vê-la usando, Kamryn mudou. Ele foi o último dos homens que a fizeram sentir-se um lixo, o último que teve a permissão de agir como se ela devesse se sentir grata por ele ter olhado em sua direção. Depois dele, Kam recusou-se a mostrar seu lado sensível, vulnerável, a qualquer outro homem. Não precisou me dizer para que eu soubesse que isso remontava aos seus tempos de escola, quando pesara bem mais. Todas as coisas de que as pessoas a haviam chamado durante a escola e a educação física — Rynnoceronte, Fedó (Feia de Doer) e Mike Tyson — haviam deixado os tipos de feridas que jamais cicatrizavam por completo. Todos os homens que namorou durante e após a faculdade pareceram provar que os "colegas" de escola dela estavam certos; faziam-na acreditar que havia algo fundamentalmente errado com ela e que o amor não aconteceria em sua vida. A única solução era usar homens para sexo e nunca mais deixar que nenhum se aproximasse a ponto de poder magoá-la.

Cerca de oito anos atrás, tudo mudou. Estávamos num clube noturno e, como de costume, levantamos — ela com suas curvas, pele bem morena e cabelos pretos, eu com minha forma esguia, pele clara e longos cabelos loiros. Eu usava calças pretas brilhantes, um bustiê acetinado e saltos altos combinando, enquanto Kam usava seu blazer de veludo preto, jeans azul-escuro e blusa branca. Eu a obrigara a completar o visual com um par dos meus sapatos altos de camurça pretos.

Aquele clube era novo, mas parecia repleto dos mesmos homens detestáveis de sempre. Eu tinha de beber para compensar a falta de talento, ao passo que Kam dispensava cada homem que se aproximava dela com um tom cáustico e expressões desdenhosas. Um homem, provavelmente o mais sexy do clube, conseguiu se aproximar o bastante dela para beijá-la, mas, no último segundo, ela lhe deu as costas e afastou-se. Saímos depois disso.

Eu era a menos sóbria das duas e, assim, no táxi de volta ao nosso apartamento no norte de Londres, tive permissão para deitar a cabeça na coxa dela e adormecer, enquanto Kam se mantinha acordada para nos fazer chegar em casa.

— Vou ficar com Nate — anunciou Kam.

— Pensei que você já tivesse transado com ele — respondi sem abrir os olhos.

— E transei — confirmou ela. — O que quero dizer é que vou sair com ele. Namorá-lo. Como manda o figurino.

— Foi por isso que dispensou aquele homem? — perguntei, o interesse desperto, mas não o bastante para me fazer abrir os olhos.

— Sim — murmurou ela. — Eu... eu acho que talvez eu goste dele. Abri os olhos e endireitei as costas rapidamente, mas ela se virou para

olhar pela janela antes que eu pudesse ver a expressão em seu rosto. Kam conhecera Nate numa festa poucos meses antes e, por alguma razão, dera-lhe seu número de telefone verdadeiro. Desde o primeiro dia, ela o estivera esnobando. Ele ligava, e ela verificava o número no identificador de chamadas, somente lhe telefonando de volta dias depois. Se atendia o telefone, mostrava-se bastante indiferente e vaga quanto a quando poderiam se encontrar em seguida. O mais chocante, até mesmo para Kam, foi que ela dormiu com ele logo após o primeiro encontro oficial de ambos — que foi um café da tarde no norte de Londres —, porque estivera convencida de que, com aquilo, se veria livre dele. Não Nate. Ele fora persistente. Vencera as defesas dela. E só me dei conta de como fora bem-sucedido nesse sentido naquele momento.

— O quê? — exclamei.

— Acho que talvez eu goste dele — repetiu, tomando o cuidado de continuar olhando pela janela.

Puxa vida! Aquelas palavras foram o equivalente dela a "Estou me apaixonando por ele". Quando endurecera seu coração, Kamryn eliminara toda a ambigüidade em relação a seus sentimentos pelos homens. Sabia com quais queria dormir, quais eram apenas amigos, com quais sairia mas jamais iria para a cama. O fato de admitir que estava incerta em relação a um homem significava que ele era especial.

— Jura? — disse-lhe.

Ela meneou a cabeça, mas continuou evitando meu olhar.

— Acorde-me quando chegarmos em casa — pediu. Estava embaraçada e vulnerável. Expusera uma parte de si mesma que não fora vista durante anos: estava incerta em relação a um homem. Kam fechou os olhos, recostou a cabeça no vidro da janela e logo adormeceu.

Observei-a dormir enquanto o táxi percorria as ruas escuras de Londres. Ainda estava com os pensamentos a mil. Kam estava apaixonada. Uau! Fui tomada por súbita apreensão. E se ele fosse um canalha? E se perdesse o interesse uma vez que conseguisse a total atenção dela? Já havia acontecido antes, e se acontecesse novamente? Kam jamais se recobriria. Eu tinha de fazer algo. Eu estava bêbada, exausta e um tanto abalada — sem dúvida, o momento perfeito para tomar uma decisão para proteger o coração de Kam. E essa decisão foi dizer ao motorista de táxi num tom baixo para seguir para outro endereço...

Após três batidas à porta e três toques de campainha, o homem na casa em Tuffnell Park, com oito degraus de pedra na entrada, atendeu. Eu deixara Kam ali algumas vezes e, portanto, sabia que era a casa certa. Pedira ao taxista para aguardar um minuto enquanto eu entrasse para pegar algo.

— Adele? — disse Nate, abrindo a porta. Usava jeans e uma camiseta e, embora fossem três da madrugada, não dava sinais de que estivera dormindo. Era bonito. Não tão sexy quanto o homem com quem Kam dançara no clube, mas havia algo especial nele. Traços fortes, cabelo castanho-escuro, quase preto, em sensual desalinho, grandes olhos azuis.

— Kamryn está bem? O que aconteceu?

— Ela está no táxi. Eu tinha de vir até aqui. Vou lhe avisando... — bati no peito dele com o dedo indicador —..., se você magoar a minha amiga, mato você. Trate-a bem, ou mato você. Nada de enganá-la. — Bati-lhe no peito mais uma vez para maior ênfase. — Mato você, entendeu?

Ele não disse nada, mas, mesmo alcoolizada, percebi que não acreditou em mim.

— Estou falando sério — garanti e, naquele instante, o salto do meu sapato esquerdo escorregou... Durante a fração de segundo mais longa da minha vida eu estava caindo e, então, Nate me segurou pelos braços com suas mãos fortes e me puxou para dentro da casa. Minhas pernas pareciam de borracha e, assim, ele teve de praticamente me carregar até a entrada da sala. Tirou a carteira do bolso.

— Espere aqui — ordenou e desapareceu pela porta da frente. Voltou poucos minutos depois, seguido de uma extremamente aborrecida Kamryn. Da parede onde havia sido recostada, eu deslizara até ficar esparramada no chão. As pernas tinham parado de me sustentar no momento em que Nate saía.

Kamryn marchou pela sala, atirou-se numa poltrona e ficou sentada ali, fuzilando-me com o olhar.

— Estou tão contente em ver as duas — disse Nate num tom agradável. Até deu a impressão de estar falando sério. Era obviamente um homem de temperamento calmo.

Por certo, eu não demonstraria a menor amabilidade se alguém aparecesse de madrugada em minha casa e começasse a me ameaçar.

— Você deve a corrida de táxi a Nathaniel — informou-me Kamryn, os braços firmemente cruzados sobre o peito.

— Eu tinha de dizer a Nate para tratar você bem — expliquei a Kam. — Ou eu o mataria.

— Conseguiu transmitir sua mensagem — assegurou-me Nate. — Obrigado, é sempre bom saber que alguém torcerá seu pescoço se você ofendê-lo ou aos seus.

— Você deveria ter visto quantos homens ficaram atrás da nossa sexy Kamryn esta noite — falei a Nate. — Todos os homens do clube estavam babando por ela. Você não é a única opção dela, sabe? Havia até um lindo de morrer que pôs a mão no bumbum dela.

Os olhos de Nate endureceram enquanto os fixou em Kamryn, uma expressão de puro ciúme tomando conta de seus traços — não era assim tão calmo.

— Oh, mas Kamryn não fez nada — apressei-me a dizer. — O bonitão tentou beijá-la, mas ela avisou "Não, não, eu tenho namorado".

— Del... — falou Kam num tom ameaçador. Nate virou-se para mim.

— Ela disse isso?

— Oh, sim. Ela disse: "Tenho um novo namorado que se chama Nate e é sexy como ninguém. Eu o amo demais." — Apontei para ele. — Ela te ama, ela te ama.

— Del! Cale-se! — exigiu Kam, ultrajada.

— Ela te ama, ela te ama.

Kam saltou da poltrona, avançou para a frente, mas atrapalhou-se com os sapatos de salto que não eram seus e caiu de cara no chão.

— Veja, Nate, ela está caída por você! — exclamei.

Ele soltou um riso discreto. Kam começou a engatinhar com ar determinado na minha direção.

— Ela acha você tão adorável — gritei antes que ela chegasse até a mim. — Disse que você é tão divertido e sexy. E que tem um enorme... — Kam tapou minha boca com a mão, mas continuei falando. — "... enis. O m'or que cha viu!".

— Cale-se! — gritou Kam e, subindo em cima de mim, começou a me fazer cócegas com dedos zangados nas costelas para me silenciar. Gritei por misericórdia, tentando afastá-la de mim. Após alguns segundos, Nate aproximou-se e tirou-a de cima de mim.

— Basta! — declarou, segurando minha amiga furiosa. — Kam, eu sei que Adele está inventando isso tudo. Sei que é impensável para você dizer algo bom a meu respeito. E, Adele, obrigado por tentar, mas faço uma boa idéia de como Kam se sente em relação a mim. Assim, não tente fazer eu me sentir melhor. Além do mais, não vai querer enfurecer alguém com quem divide um apartamento, não por minha causa.

Apertei os lábios, passei um zíper imaginário por eles e, então, cobri-os com as mãos. Kam parará de se debater nos braços de Nate e o encarava. Acho que o que ele disse mexeu com ela, o fato de saber que Kam jamais diria algo bom a seu respeito mesmo gostando dele desconcertou-a. Nate sorriu-lhe com profunda afeição, mas, em resposta, Kam desviou os olhos.

— Vamos, acho que é hora de ir para a cama — disse-me ele.

— Não! — protestei. — Não posso formar um trio!

— Não, querida, o que estou querendo dizer é que você pode dormir na cama de um dos meus colegas de casa. Estão todos fora. Venha.

Eles me pegaram cada um por um braço e me ajudaram a subir a escadaria, porque minhas pernas ainda pareciam de borracha. Fui depositada na cama de um

quarto que cheirava a rapazes, mas estava organizado. Virando-me, chutei os sapatos para longe e ajeitei-me debaixo do edredom macio.

— Você está bem aí? — perguntou Nate.

— Sim. Só vou dormir aqui. Na cama macia. Não vou ter ânsia, nem nada.

— Está certo. Se precisar de alguma coisa, Kam e eu estaremos no meu quarto, logo ao lado.

— Na verdade, acho que vou ficar aqui — declarou Kam num tom glacial. Qualquer um acharia que Nate sugerira que ela raspasse a cabeça e não que fosse dormir com um homem pelo qual estava se apaixonando.

Nate, que obviamente já fora submetido a tal tratamento frio, respondeu:

— Tudo bem. Como falei, estou no quarto ao lado, se precisarem de algo. Vejo vocês de manhã.

Kam sentou-se ao meu lado depois que fechou a porta atrás dele e, então, deitou-se de costas para mim.

— Pare de ser uma bruxa de cara amarrada — resmunguei.

— Cale a boca e durma.

— Apenas se você for boa com Nate. Ele é um cara decente. E ama você.

— Você não sabe do que está falando.

— Ele te ama. Eu te amo. Não precisa mais ser uma bruxa.

Adormeci antes que Kam respondesse. A coisa seguinte de que me dei conta foi que as cobertas tinham sido tiradas de cima de mim e que estava sendo sacudida.

— Vamos, sua molenga. É de manhã. Temos de ir — disse Kamryn, sacudindo-me sem parar.

— Não, quero dormir — respondi, tentando afastá-la.

— Que pena. Estamos de saída. — Ela me puxou da cama. Sentei devagar, cada movimento fazendo minha cabeça latejar. Queria água e mais um pouco de sono, mas, se Kam queria ir embora, tínhamos de ir. Só percebi como as coisas estavam ruins quando vi meus sapatos. Da noite para o dia, tinham se transformado de sedutores calçados *fashion* que eu gastara o salário de um mês para adquirir em instrumentos de tortura medievais.

— Sim — concordou Kam, indicando os sapatos que usava. — É um suplício andar com eles de manhã.

Caminhamos pelas ruas que iam clareando, encolhidas em nossos blazers leves, parecendo da cabeça aos pés uma dupla de prostitutas que trabalhara a noite inteira. Cada passo era uma agonia, e eu usava saltos com frequência. Assim, Kamryn, que vivia de tênis e calçados baixos, devia estar enfrentando o inferno na terra. Lancei-lhe um olhar cauteloso, imaginando que ela ainda estaria possesa, além de toda dolorida. Estava em completo desalinho, cansada e com os olhos injetados pela falta de sono, mas não parecia contrariada. Na verdade, um ligeiro sorriso satisfeito brincava em seus lábios. O que só podia significar uma coisa.

— Você mostrou a ele o que é bom? — perguntei-lhe.

— Oh, sim — respondeu ela com ar malicioso. — Ele não vai conseguir andar direito por um semana.

Desde que me internei no hospital, tenho tido um bocado de tempo para relembrar episódios da minha vida. Aquela noite é recordada com frequência. Especialmente a parte em que ela diz "Acho que talvez eu goste dele". Kam me contara primeiro que o amava — nem sequer disse aquilo a Nate antes de alguns meses. Fiquei

tão honrada que ela tivesse me contado primeiro que estava apaixonada; foi algo que demonstrou quanto gostava de mim.

Ainda me odeio por ter arruinado o que os dois tinham.

CAPÍTULO 8

Ludibriada. Lograda. Enganada. Qualquer que seja a definição, aconteceu comigo. Eu não havia me dado conta disso; nem sequer havia me ocorrido que algo assim seria possível antes daquela manhã em que Legan e eu fomos ao hospital.

Abri a porta do quarto de Del, e, enquanto Tegan entrava correndo e subia na cama, Del sorriu para mim de uma maneira que dizia saber que minha resposta seria sim. Que eu iria ficar com sua filha.

Mas, evidentemente, ela sempre soubera que a resposta seria afirmativa porque a espertinha já havia mandado providenciar toda a papelada, nomeando-me a tutora legal de Legan. Lambem arranjara os formulários pertinentes para que eu pudesse dar entrada nos trâmites necessários para adotar a garota. Essa papelada estava dentro da gaveta da mesinha ao lado da cama, à espera da minha assinatura. Enquanto Legan tagarelava com a mãe e lhe beijava o rosto, Del olhou para mim e apontou na direção dos papéis. Abrindo a gaveta da mesinha, descobri que ela tivera até a gentileza de colocar uma caneta ali.

— É melhor você assiná-los agora. — Del abriu-me um largo sorriso.

— Sim, tem razão — respondi. Não mencionei uma palavra sobre o que havia descoberto em Guildford. Nem uma palavra sobre o que planejava fazer em seguida. Pensando bem, eu nem mesmo tinha dito um "oi".

Apenas corri os olhos rapidamente pela papelada, sabendo que não haveria nenhum outro jeito de Adele poder me ferrar mais do que já fizera e, então, tive de resistir à vontade de assinar "Trouxa do Ano" em vez de Kamryn Matika nas linhas assinaladas nas várias páginas.

Mesmo agora, sentada no corredor com um copo descartável de chá de máquina, eu fervia um pouco por dentro. Mas apenas um pouco. Certo, mais do que um pouco. Eu estava assustada. Confusa. Zangada. Aquela decisão me fora imposta, e eu me sentia... Como me sentia? Passara a maior parte da noite tentando lidar com um turbilhão de emoções das mais variadas e, finalmente, chegara a um ponto chamado "aceitação". Que se parecia muito com "resignação". Eu havia sido perseguida até me

sentir acuada, aprisionada naquela situação: não podia levar Tegan de volta a Guildford; não podia deixá-la ir parar num orfanato ou num lar adotivo. Não tinha escolha, saída alguma.

Assim, não importavam quais emoções conflitantes travassem uma batalha em meu íntimo, tinha de fazer aquilo. Era a minha pequena Tiga, afinal. Eu a havia segurado nos braços minutos depois que nascera. Ajudara na escolha de seu nome. Estivera presente quando dera seus primeiros passos. Quase havia chorado quando ela apontara para mim e dissera "Uin me leva" quando Adele lhe perguntara se queria ir ver Papai Noel no Natal. Eu tinha de assumir aquela responsabilidade. Como poderia não fazê-lo? Era Tiga. Como poderia não querer cuidar dela?

Muito facilmente, na verdade. O pensamento surgiu em minha mente antes que pudesse detê-lo. *Você é uma pessoa ruim*, condenei a mim mesma. *Uma desalmada.*

Uma transformação ocorreu em Tegan quando chegamos. Não parecia notar os tubos e aparelhos em volta da mãe e praticamente saltou na cama, abraçando-a pelo pescoço, cobrindo-lhe o rosto de beijos. Quase não tendo falado comigo desde a partida de Guildford, ela pareceu um brinquedo de corda que finalmente tivesse sido acionado depois de semanas parado. Tagarelava quase ininterruptamente, só fazendo pausas para beijar a face da mãe.

Eu saí discretamente do quarto para dar tempo a ambas a sós. Esquecera o elo entre as duas. Eram grandes amigas, não suportavam ficar separadas. Não eram inteiras uma sem a outra. Como, afinal, Tegan agüentaria quando...

Amassei outro lado do copo vazio.

E se Del melhorasse?

E se ela se recuperasse? Se a doença regredisse? Ative-me àquele pensamento, agarrei-o como a uma tábua de salvação no mar de desespero e autocomiseração em que eu afundava. Del viveria.

Onde estava escrito que teria de morrer daquilo? Ela tentara tudo? Ou seja, *tudo*? Todos os tratamentos disponíveis? E, por certo, não era imaginação minha que ela estivesse parecendo melhor. Mais disposta. Menos pálida, abatida, cansada. O fato provavelmente se devia à influência de Tegan. Ter a filha por perto, sem dúvida, fizera Del sentir-se um milhão de vezes melhor e, portanto, poderíamos nos valer disso. Ela e Tegan passariam muito tempo juntas. Recobriria, então, suas forças e viveria.

Cerca de meia hora depois, Nancy, a enfermeira, levou Tegan para uma volta até a lanchonete para que Del e eu pudéssemos conversar.

— Você poderia ficar bem outra vez — fui falando no segundo em que a porta se fechou e ficamos a sós. Eu ainda não havia dominado a habilidade, o tato para lidar com uma pessoa doente. — Quero dizer, poderia melhorar.

Del sacudiu a cabeça de leve.

— Não.

— Você não sabe disso.

— Sim, sei.

— Ora, vamos, Del, não pode desistir. Você ainda pode derrotar essa coisa, sei que pode. É uma das... não, você é *a* pessoa mais forte que conheço. Veja quanta tribulação teve de vencer no passado. É claro que pode...

— Kam, é tarde demais — interrompeu ela.

Eu não ia ser dissuadida e continuei falando, obstinada:

— Você tem de lutar contra isso. *Pode* vencer. Há uma porção de novos tratamentos, terapias alternativas. Já tentou acupuntura, ou...

— Kam. — A voz de Del soou severa o bastante para deter minha tagarelice. — Passei a aceitar isso. Você também aceitará.

- Mas você tem de lutar — sussurrei.
- Tenho lutado. É por isso que ainda estou aqui.
- Não posso acreditar que tenha desistido tão facilmente.

— Você não entende... — A voz de Del falhou, e ela respirou fundo. — Eu quero viver. Meu Deus, como quero viver. Quero ver minha filha crescer. Quero ter todas aquelas discussões entre mãe e adolescente com Tegan para as quais eu estava me preparando. Encontrar cigarros em seu quarto e ter uma briga feia com ela por causa disso. Quero vê-la entrando na universidade. Estar no altar no dia de seu casamento. Quero eu mesma me casar um dia porque, como sabe, ainda acredito no amor. Quero ter tempo para resolver nossos problemas. Achei que tínhamos todo o tempo do mundo. Achei que *eu* tinha todo o tempo do mundo. E, agora, sei que não tenho, que preciso aceitar isso. Que preciso... — Del fez uma pausa, tornando a respirar fundo. — Quero viver. Mas não viverei. Tenho de aceitar o fato, ou ficarei paralisada. E tenho de me manter ativa. Tenho de fazer o máximo de planos que puder para Tegan. Fazer tudo que puder para me certificar de que a vida dela esteja bem encaminhada. E estar com você é o começo disso.

Esforcei-me para conter as lágrimas, mas não consegui. Encheram meus olhos e rolaram, copiosas, por minhas faces. Esfreguei os olhos com as palmas das mãos e enxuguei-as no jeans.

— Escrevi uma pilha de cartas para ela — dizia Del. — Preparei vinte cartões de aniversário. Vinte cartões de Natal. Escrevi em todos. É surpreendente a quantidade de coisas a dizer, mesmo quando se está escrevendo para o futuro. Mas as cartas são para ocasiões como o aniversário de dezoito anos dela. E o de 21. E para quando estiver pensando em ir para a universidade. Algumas são apenas para aqueles momentos em que teríamos um bate-papo. Você sabe... bem, descobrirá como ela gosta de conversar. Lembra-se de como ela era assim? Verá por si mesma.

Mordi o lábio inferior e baixei a cabeça enquanto Del falava. Ela não estaria ali dentro de alguns anos. De vinte anos. De cinco. Nem mesmo de um ano. Era uma constatação horrível saber que uma pessoa amada não veria o futuro. Não saberia se conseguiríamos ou não ter outra mulher como primeira-ministra — espero que, da próxima vez, uma que não seja má. Não veria seus cabelos ficando grisalhos, rugas surgindo no rosto, o corpo ficando flácido. Não estaria presente para ver que tipo de pessoa a filha se tornaria. Foi um pensamento desolador. Senti um aperto no peito, novas lágrimas escapando, banhando-me o rosto.

Eu poderia não estar ali dentro de vinte, cinco anos, ou um, mas não sabia. Não havia aquele relógio com uma sombria contagem regressiva, batendo tão alto ao fundo que encobria a tudo mais. Del ia morrer.

— Não quis gravar um vídeo. Não quero que ela pense em mim desse jeito para sempre. Quero que se lembre de mim como a mulher saudável nas fotos, não alguém que parece tão doente, velha e cansada. Assim, as cartas ajudarão. É o que eu espero. — Os olhos de Del ficaram vermelhos, como no dia anterior quando quisera chorar. Para alguém que afirmava que conseguira chegar à "aceitação", ela parecia querer chorar demais.

— Você tem de amá-la. Prometa. Mesmo quando ela se comportar mal, ou disser algo terrível, você terá de amá-la sempre. Prometa. Por favor, prometa.

Enxuguei bruscamente as lágrimas. Quem ela pensava que eu era? *O que* pensava que eu era? Não havia dúvida de que eu sempre amaria Tegan. Se não a amasse, nem mesmo cogitaria a hipótese de adotá-la.

— Del, apenas porque parei de falar com você não significa que deixei de gostar de vocês duas.

— Temo que você não tenha amor incondicional. E isso é tudo o que uma mãe quer para sua filha. Que saiba que sempre haverá alguém que a ama, não importa o que aconteça. Prometa que é o que sempre lhe dará... amor incondicional.

Meneei a cabeça.

— Sempre a amei. Por que acha que lhe envie coisas? E veja... — Vasculhei o conteúdo da bolsa até achar a carteira de couro e a abri, mostrando-a a ela.

Enquanto Del pegava a carteira, notei que a pele que lhe cobria as mãos era fina como papel, as veias azuis e verdes, como fios num cabo conduzindo até a junção dos dedos. Continham marcas dos lugares onde os tubos haviam estado. Afastei o olhar; as mãos dela me afligiam.

Del abriu minha carteira e viu uma foto de Tegan. Eu a havia tirado no aniversário de três anos dela, meras semanas antes de eu ter partido de Londres. Eu lhe fizera duas trancas no cabelo, e ela usava salopete rosa com uma blusa branca por baixo. Sorria para a câmera, erguendo o queixo depois de ter fechado os olhos com força.

— Você sempre andou com isto? — sussurrou Del. — Mesmo depois...

— Sim — interrompi. Colocara aquela foto na carteira quando me mudara para Leeds e me dera conta de que jamais tornaria a ver Tegan. Era a única das fotos que eu tinha dela que não evidenciavam instantaneamente quem era seu pai.

Eu queria, não, precisava de uma lembrança dela porque, em tudo aquilo, em meio a todo o meu choque, dor e raiva, havia uma verdade que me era clara. Uma verdade que jamais ficou confusa em minha mente: não era culpa dela. Tegan não era responsável pelo fato de meu noivo e minha melhor amiga terem arruinado tudo. Além do mais:

— Sempre adorei Tiga. Sabe que sim. Você mesma disse isso ontem. Eu não poderia deixar de amá-la sem mais nem menos.

O corpo de Del relaxou, quase como se uma de suas preocupações, uma das coisas em sua lista de assuntos para resolver, tivesse sido eliminada.

— Você tem de me prometer mais uma coisa — pediu ela, ainda olhando para a foto sob o plástico na minha carteira.

— O quê?

Senti os olhos dela fitando-me intensamente, até que levantei os meus para encontrá-los.

— Quando você a adotar, mudará o sobrenome dela para o seu, não é?

— Provavelmente. Para ser franca, ainda não pensei nisso de maneira tão detalhada. Tive apenas 24 horas para tomar a decisão e, portanto, precisarei de um pouco mais de tempo para resolver os detalhes.

— Mas uma vez que tiver feito isso tudo, mudará o sobrenome dela para o seu, não é? — tornou a perguntar Del.

— Acho que sim — respondi, dando de ombros. — Provavelmente.

— Está certo. Então, terá de deixá-la chamar você de mamãe, se ela quiser.

— O quê? — Encolhi-me na cadeira, abalada. — Ora, vamos, Del, isso é... Não. Não. Eu não posso.

— Por quê?

— Porque não sou a mãe dela.

— Não é a tia dela, mas deixa que a chame de titia.

— É algo completamente diferente! Você sabe que sim.

— Quero que ela se sinta como se tivesse outra mãe, que tem a seu lado alguém que fará todas as coisas de mãe com ela.

— E terá. Mas não é certo ela me chamar de mamãe. Não é... Não é natural!

— É o melhor argumento que tem? — Del ergueu o que teria sido sua sobrançelha esquerda enquanto zombava de mim.

Exasperei-me por um instante. O que eu estava tentando dizer era que não se podia substituir um ser humano tão facilmente e nem era correto tentar. Tegan conhecera a mãe; iria se lembrar dela. Como eu a afetaria psicologicamente se lhe pedisse para pensar em mim como uma nova versão da mulher que chamava de mamãe? Tegan poderia me amar, mas jamais como à própria mãe. Pedir-lhe para tentar seria errado. Seria algo que a magoaria ao extremo, que a confundiria de maneiras até imprevisíveis. Não seria a responsável por traumatizar a menina.

— Você sabe que não é apenas isso que estou tentando dizer — respondi.

— Ora, vamos, Kam, o que acha que adoção significa? Significa que você está se tornando a mãe dela, que está adotando um papel. Você está assumindo de onde parei. Quero que Tegan pense em você como sua mãe. E quero que você pense nela como sua filha.

— É o que farei.

— Não se não a deixar chamá-la de mamãe. — Del parou de falar de repente, recostando o corpo frágil na cama e a cabeça coberta por um lenço nos travesseiros brancos. Eu a observei respirar fundo algumas vezes, a pele empalidecendo a cada inspiração. Fechando os olhos, respirou fundo mais algumas vezes. — Se alguém a chamar de bonita com frequência o bastante, você acreditará. — A voz soava muito fraca, falhando vez ou outra. Abriu lentamente os olhos. — Se alguém... se alguém lhe diz algo repetidamente, você passa a acreditar. Como na auto-sugestão. Quero que isso aconteça entre você e Tegan. Se ela a chamar de mãe frequentemente, você acreditará que é, de fato. Ela se tornará uma parte sua que você jamais... vai querer deixar. Ela se tornará sua filha.

— Ela o será. Conhece aquele ditado: "Uma rosa com qualquer outro nome terá o mesmo doce perfume?". Ela ainda poderá me chamar de titia, e eu serei como sua mãe. Jamais poderei ser a mãe dela porque Tegan já tem uma: você. Mas serei a segunda melhor coisa depois disso. Serei a rosa e continuarei com o mesmo perfume.

— Por favor. Apenas pense a respeito.

— Está bem. Vou pensar. Mas apenas pensar. Não prometo nada.

O silêncio prolongou-se entre nós. Um silêncio que ela interrompeu com:

— Kam, quanto a Nate...

— Del, por favor, não — interrompi-a. — Não posso lidar com uma conversa sobre isso além de tudo mais. Ainda estou tentando assimilar essa situação toda. Não consigo falar sobre esse assunto também. Está certo? Por favor. Conversaremos a respeito num outro momento, em seu devido tempo.

— Tempo — repetiu ela. — O tempo é engraçado, não? Infinito. Para sempre. Nós não o somos.

— Você diz isso, mas ninguém nunca provou realmente que o tempo é infinito.

Adele sorriu.

— Você é tão detestável.

— Eu me esforço. — Retribuí o sorriso. Coloquei, então, em palavras, o que estive refletindo enquanto aguardava no corredor. — Ouça, você disse que tem uns poucos meses... Vou pedir uma licença no trabalho. Se os médicos concordarem, encontrarei um lugar para alugar para nós três, e você poderá ir para casa conosco. Aprenderei a cuidar de você, e poderá ir para casa. Você sabe, até... até... — Não consegui dizer aquilo. Havia pensado na palavra, considerado seu significado, mas não a havia dito. Não a diria. — Quero estar a seu lado no... — Engoli em seco. — Quero estar a seu lado.

— Fará isso?

Confirmei com um gesto de cabeça, o rosto contraído pela emoção. Sabia o que estava oferecendo. Não conseguia dizer a palavra, mas estava me oferecendo para ajudá-la a passar por aquilo. Teria de assistir enquanto minha melhor amiga partisse deste mundo. Ficara abalada diante da idéia de cuidar de uma criança; poderia realmente ficar ao lado de alguém que amava enquanto sua vida se esvaísse? Teria de fazê-lo. Era evidente que teria. Ela não tinha mais ninguém. E teria feito o mesmo por mim se os papéis fossem inversos.

— Claro que farei, Del. Claro que farei.

Ela estendeu a mão para mim, e eu a peguei. Era fria ao toque, a pele muito fina e seca. Achei que corria o risco de quebrá-la se a segurasse com força demais. Nossos olhos se encontraram, e, por um momento, senti-me como se estivesse de volta àquele bar da faculdade, de volta ao ponto em que fora cativada por ela. Tudo de bom em Del, toda sua beleza interior irradiaram-se em minha direção.

— Mas considere-se com sorte — falei com um sorriso maroto. — Sabe que eu não faria isso por mais ninguém, não é?

— Sinto-me honrada — respondeu ela com um ligeiro riso, os dedos curvando-se em torno dos meus. — Verdadeiramente honrada.

— Não, eu me sinto.

CAPÍTULO 9

Havia apenas uma semana que eu estava em Londres, mas parecia uma vida inteira. Uma vida inteira de ruas congestionadas pelo tráfego, existências anônimas e sotaques como o meu. Era quase como se eu nunca tivesse partido. Naquele período, nos oito dias que haviam se passado, nós três — Adele, Tegan e eu — entramos numa rotina. Uma flexível, mas, ainda assim, uma rotina. Uma estrutura, não importando quão pequena, era importante para todas nós.

Acordávamos quinze segundos após o amanhecer, porque Tegan gostava de sair de debaixo das cobertas, deitar no pé da cama, ligar a tevê, encontrar desenhos animados e ficar ali assistindo por quanto tempo eu permitisse. Tão logo a tevê era ligada, eu cobria a cabeça com um travesseiro, tentando bloquear os ruídos estridentes e irritantes que saíam do aparelho.

Depois de cerca de uma hora de desenhos animados, eu me arrastava da cama, com todos os músculos doloridos por ter ficado tensa a noite inteira, morrendo de medo de me virar e comprimir a garotinha. Após o meu banho, eu persuadia Tegan a tomar o seu. Quando, enfim, já estávamos vestidas, Tegan mal cabia em si de entusiasmo porque sabia que veria a mãe logo, íamos até o hospital, onde ficávamos por uma hora ou até termos deixado Del exausta e, então, saíamos para procurar uma casa. Até então, as casas e apartamentos que tínhamos visto não pareciam adequados, mas, naquele dia, o oitavo desde minha chegada ali, soube que encontraríamos algo. Um belo apartamento térreo de três quartos que daria a Del seu próprio espaço e a Tegan e a mim nossos próprios quartos. Talvez até um jardim para Tegan brincar, agora que o verão estava começando e o ar estava quente, os dias luminosos com sol e energia positiva. Aquele seria o dia, eu podia sentir.

Todos os demais detalhes que eu precisava mudar para ajustar minha vida àquela situação já haviam sido resolvidos. Pedira uma licença de seis meses do trabalho, mas sugeriram que eu tirasse a semana anterior e as duas seguintes como minhas férias anuais e, depois, trabalhasse em casa — o lugar que eu alugasse para morar com Del e Tegan — três dias por semana. Teríamos e-mail, eu poderia entrar facilmente em contato com o escritório de Londres da loja de departamentos onde era gerente de marketing nacional, e, se eu precisasse ir a Leeds, marcariam reuniões ao meio-dia, a fim de que eu tivesse tempo para ir até lá e voltar no mesmo dia. Eu encontrara um corretor para resolver a questão de alugar meu apartamento em Leeds. Tudo se encaixaria. Só precisávamos de um lugar para morar.

Apesar de minha convicção quanto a encontrar a casa certa, aquele dia não começara assim tão bem. Minha protegida de cinco anos ainda não se levantara porque ficara acordada até tarde, desfrutando sua euforia em relação ao futuro. Ao fato de que nós três ficaríamos juntas. Ela havia começado a se descontrair comigo ao longo dos oito dias anteriores. Agora já se sentia livre para fazer coisas como ligar a tevê sem ficar me encarando até eu lhe perguntar o que havia de errado. Também deduzi que a mãe andara conversando com ela em termos de um futuro a longo prazo, porque me perguntara coisas do tipo: "Como é Leeds?" e "Poderei ter o meu próprio quarto?".

A idéia mais recente de Tegan era arranjar um gato. De modo algum na face da Terra teríamos qualquer tipo de animal de estimação, nem agora, nem nunca. Eram bons, simpáticos e tudo mais, mas a uma certa distância, não no meu apartamento, não no meu âmbito de responsabilidade. Não sei de onde a garota tirou a idéia, mas foi uma das primeiras coisas que mencionou quando visitamos sua mãe no dia anterior.

Ela abriu a porta do quarto de Del, entrou correndo, saltou na cama e deu início ao ritual de beijos. Eles começavam no alto da face esquerda de Del, desciam até lhe atravessarem o queixo, evitando-lhe os tubos nas narinas e, então, subiam pela face direita. Tegan nunca parecia notar que a mãe não estava bem ou que ficava ligada a aparelhos. E, no dia anterior, não fiquei surpresa. Del pareceu muito bem durante nossa visita no início da noite. Parecia mais forte no decorrer dos dias anteriores, estava até se alimentando com comida sólida e conseguindo mantê-la no estômago. Parecia agüentar por mais e mais tempo durante nossas visitas até se cansar; sua conversa já não era interrompida por tantas pausas para recobrar o fôlego ou repousar os olhos.

No dia anterior, a cor voltou às suas faces, a lividez desapareceu, dando lugar a um róseo saudável. A vermelhidão sumiu de seus olhos e o brilho voltou às janelas de intenso azul que davam para sua alma. Estava quase normal. A despeito do lenço azul-marinho na cabeça, o rosto magro e a ausência das sobrancelhas, poderia ter sido a Del

que eu havia conhecido tantos anos antes. Sorri amplamente assim que a vi porque ela estava conseguindo. Aceitara que tinha uma escolha naquilo, afinal, poderia melhorar, viver.

— Como você está? — perguntou-me. A voz soou mais firme do que dias antes, e meu sorriso se alargou.

— Bem. Estou sempre bem — falei. — E você parece ótima.

— Eu me sinto melhor. Muito melhor. Você, ao contrário, está exausta.

— Oh, estou bem, é verdade. — Eu *estava* cansada. Nem mesmo conseguia me lembrar da última noite de sono adequado que tivera, mas, ora, as coisas tinham de ser colocadas na devida proporção. Doença terminal; um certo cansaço — quem deveria se queixar ali?

— Por favor, cuide-se, Kam.

— Estou me cuidando.

— Seria algo inédito.

— Eu *estou*.

— Podemos ter um gato? — interveio Tegan.

— Você terá de perguntar a Kamryn sobre isso — declarou Del, passando a batata quente diretamente para as minhas mãos, embora soubesse como eu me sentia em relação a animais.

— Podemos? — perguntou-me Tegan.

— Não agora, docinho. Falaremos a respeito numa outra ocasião. — *Tipo nunca*. Del comprimiu os lábios para ocultar seu sorrisinho zombeteiro.

— Vimos uma casa sem escadas hoje — disse Tegan à mãe. — Era térre... térrea!

— Isso é bom — respondeu Del.

Tegan esticou-se na cama e recostou a cabeça no seio direito da mãe, evitando quase por algum instinto o tubo que saía de seu torso e o ligado à mão. Del olhou com ternura para a cabeça da filha e, então, de volta para mim.

— Ela também está cansada.

— Eu sei. Foi por causa de mais um dia à procura de uma casa.

— Ela precisa de estabilidade.

— E a terá. Quando encontrarmos um lugar que tiver o aconchego de um lar, ela poderá ter o próprio quarto e ver você a hora que quiser. Que é o que vocês duas precisam.

— Se tivermos um gato, podemos chamá-lo de Bilau? — perguntou Tegan, sonolenta.

Del e eu trocamos um olhar. Onde a menina ouvira aquilo? Em sua inocência, não fazia a menor idéia do significado.

— Acho que você deve estar querendo dizer Bilu — corrigiu-a Del, tentando conter o riso.

— Sim, Bilu — confirmou Tegan.

— Bilu é um bom nome para um gato — concordou a mãe.

— Sim, Bilu é um bom nome — apressei-me a enfatizar. Aliás, para quem *quisesse* ter um gato. — Sem dúvida que sim.

— Porque, afinal, imaginem só uma pessoa andando pela vizinhança e chamando "Bilau, Bilau!" — declarou Del, irreverente, olhando para mim.

— Por que estão rindo? — perguntou Tegan, enquanto a mãe dela e eu soltávamos risinhos idiotas feito dois garotos de escola que tivessem descoberto sutiãs transparentes na seção de *lingerie* dos catálogos da mãe.

— Titia Kamryn só está sendo bobinha, nada mais. Não ligue para ela.

— Não, docinho, não ligue para mim.

Eu sabia por que Tegan estava sem sono quando voltamos ao hotel na noite anterior — ela cochilou enquanto Del e eu ficamos pensando nos nomes mais absurdos e grosseiros para bichos de estimação que poderíamos gritar pelas ruas. Nosso favorito foi Traseiro Peludo ("Traseiro Peludo, Traseiro Peludo, hora do jantar!"). Del riu tanto que achei que fosse desmaiar.

No retorno ao hotel, Tegan mostrou-se eufórica, falando sobre ter um gato, sobre a volta da mãe para casa, sobre o fato de que pediríamos seus bolinhos favoritos junto com o jantar... Nada era trivial demais para que não tagarelasse a respeito. Eu a observei matraqueando enquanto pulava na cama. Então, ela se deitou como se estivesse prestes a dormir, apenas para saltar repentinamente com algo mais sobre o que falar. Fiquei impressionada com a transformação. Menos de uma semana antes, mal trocara duas palavras comigo, agora tagarelava sem parar. Quando, enfim, adormeceu, eram três da madrugada, e eu estava pregada.

Observei-a adormecida sob o cobertor azul, cabelos loiros espalhados em torno do rosto no travesseiro branco. *Talvez eu a deixe dormir mais um pouco*, pensei. Del teria consultas de rotina pela manhã, de qualquer modo, e, portanto, Tegan e eu tínhamos a procura de uma casa como a primeira tarefa do dia. Eu queria levá-la adiante, mas Tegan obviamente precisava de seu sono, e uma criança mal-humorada era algo que eu dispensaria.

Uma batida à porta sobressaltou-me. Corri os olhos até o visor do rádio-relógio na mesinha de cabeceira. 7h55. Cedo demais para visitantes. Talvez fosse a funcionária da lavanderia do hotel. Mordi o lábio inferior ansiosamente. Não juntara nossa roupa suja para que fosse lavada. Olhei ao redor, envergonhada. Nosso quarto parecia um acampamento de guerra. Havia coisas espalhadas por todo lado: roupas novas que eu tivera de comprar porque não levava o suficiente misturavam-se com as antigas, trajes que Tegan não quisera usar que eu pegara, mas não havia dobrado e guardado de volta, brinquedos da menina. Eu não era das mais organizadas e, vivendo num único quarto, teria de me disciplinar. Agora, precisaria pedir à funcionária que voltasse mais tarde, depois que tivesse juntado nossa roupa.

Tive de ir quase saltando pelo meio do caos para chegar até a porta.

Nancy, a enfermeira de Adele, estava parada no corredor. Usava uma blusa bege abotoada na frente, calças pretas e práticos tênis rosa e brancos. Os cabelos pretos estavam soltos, sem as costumeiras tranças, e não havia maquiagem em seu rosto — o habitual sorriso caloroso também faltava.

Eu soube. No momento em que olhei para seu rosto, eu soube. Mas, ao mesmo tempo, não queria saber. Não estava pronta.

— Olá, Kamryn. — Nancy sorriu, não com seu jeito expansivo, mas de um modo mais contido, ainda que afável.

— Oi — respondi.

— Onde está Tegan?

— Dormindo.

— Ótimo. Posso conversar com você no corredor?

Meneei a cabeça e olhei para a cama a fim de checar se Tegan continuava dormindo. Coloquei, então, meu sapato no vão da porta para que não batesse.

Caminhamos até o final do corredor, onde havia duas poltronas de couro caramelo e uma mesinha de vidro encimada por um vaso de flores de seda. Nenhuma de nós ocupou uma poltrona e fiquei de olho atento na porta do quarto.

— Lamento muito, Kamryn — começou Nancy, e o meu estômago, já em nós, contraiu-se ainda mais, o temor percorrendo minhas veias. — Adele faleceu durante a noite.

— Mas ela parecia bem ontem — falei, esforçando-me para conter a onda de emoção que me oprimiu o peito.

— Ela estava muito, muito doente.

— Mas parecia melhor ontem — insisti. — Ela disse que se sentia melhor. — Em face de tal testemunho, testemunho da pessoa que sabia o que estava afirmando, como aquela mulher poderia me comunicar aquilo?

— Adele parecia melhor, mas vinha definhando há um longo tempo. Ficamos todos surpresos que tenha chegado até aqui.

Aquilo não fazia sentido. Nenhum. Havíamos rido a valer na noite anterior. Fazendo piadas sobre bichos de estimação chamados Traseiro Peludo.

— Ela não estava sozinha, estava? — Observei freneticamente o rosto cansado de Nancy. Foi a coisa mais importante do mundo naquele instante, que Del não tivesse partido, seguido aquela nova jornada, sozinha. Sem alguém a seu lado para ajudá-la na passagem para o plano seguinte para onde iria. — Adele não morreu sozinha, não é?

Nancy sacudiu a cabeça.

— Não, eu estava a seu lado. Pediu para dizer a Tegan que a amava e para dizer adeus a você.

— Deveria ter sido eu. Eu deveria ter estado ao lado dela. Eu lhe assegurei que estaria.

— Ela não queria isso — Nancy falou com gentileza, pousando a mão em meu braço. — Ela já havia pedido o bastante a você. E estava feliz. Adele esteve se agüentando porque não sabia o que aconteceria com a filha. Mas, quando você veio, ficou feliz porque sua filha seria bem cuidada e ela poderia partir em paz. Era por isso que parecia melhor; não estava mais tão preocupada. Ontem, ela sabia que estava perto do fim. Depois que você saiu, disse que, se falecesse no meio da noite, eu só deveria contar a você pela manhã. Não queria arruinar a última lembrança que você tinha dela rindo e brincando com a de sua partida. Queria que você se lembrasse apenas do riso.

— Isso soa bem ao estilo de Adele, uma maníaca controladora até o fim — sussurrei, zangada. Se eu tivesse sabido, poderia ter-lhe dito adeus apropriadamente. Poderia tê-la beijado e abraçado. Poderia ter-lhe dito quanto a amava. *Eu não havia dito aquilo, havia? Nem uma vez sequer ao longo dos nove dias anteriores eu disse que a amava. E não disse que a perdoava. Eu a perdoei? Não sei. Não quis falar sobre o passado, eu sei, mas eu a perdoei? Mesmo que não tenha perdoado, deveria ter dito que sim? Não deveria tê-la deixado em paz em relação àquilo também?*

— Adele não sofreu. Ela adormeceu e não acordou. Eu estava segurando sua mão quando adormeceu. Sabia que não estava sozinha.

— Eu não queria que ela estivesse sozinha — sussurrei. *Eu poderia ter jeito mais. Achei que ainda lhe restavam meses, não dias. Deveria ter ouvido o que ela queria dizer, deixado que desafogasse o coração. Não queria que ela morresse pensando que eu ainda a odiava.*

Virei-me para Nancy. Se estivera com Adele, provavelmente havia ficado acordada a noite inteira. Gostava dela também, ambas tinham criado uma proximidade nos meses anteriores. Devia ter sido terrível para ela, estar lá segurando a mão de Adele enquanto morria.

— Obrigada, Nancy. — Quis abraçá-la, mostrar quanto estava grata por ela ter cumprido meu dever por mim. No entanto, não pude me mexer, estava plantada no lugar. Assim, transmiti o máximo de gratidão possível pelo tom de voz: — Por tudo. Por ter estado ao lado dela todos esses meses, por ter estado ao seu lado no final e por ter vindo me dizer pessoalmente. Obrigada.

— Você sofreu um imenso choque — respondeu Nancy. — Quer sentar-se um pouco?

Sacudi a cabeça.

— Estou bem. Não é como se não esperássemos que isso acontecesse. Apenas foi antes do que pensei.

— Quer que eu telefone para alguém? Alguém que possa vir e ficar com você?

— Não. Estou mesmo bem. Eu...

Minhas pernas dobraram, e, de repente, meus joelhos batiam de encontro ao carpete desbotado do corredor, o corpo inclinado para a frente, a testa quase tocando o chão. Cobri o rosto com as mãos.

Começou com uma fisgada de dor em meu íntimo, mas ela cresceu, cresceu até se transformar numa onda sufocante de agonia. Del se fora. Eu nunca mais a veria. Nunca mais falaria com ela. Nunca mais lhe seguraria a mão. Ou a chamaria de cabeça-oca. Nem a veria puxando meu cabelo e me dizendo que parasse de ser uma bruxa de cara amarrada. Nem me sentaria mais a seu lado para simplesmente assistirmos tevê.

As primeiras lágrimas rolaram em profusão. Ela me deixara. Eu a deixara primeiro, mas ela me deixara depois. Para sempre. Minha melhor amiga morreria.

Meu corpo estremeceu enquanto um novo acesso de lágrimas me tomava. Quisera chorar dessa maneira, desmoronar por completo, no dia em que descobrira sobre ela e Nate, mas não havia conseguido. O pranto ficara reprimido, nos olhos, na garganta, no peito. Mesmo enquanto estivera transferindo todas as ligações sobre o casamento cancelado para meu ex-noivo, mesmo no dia em que a cerimônia teria sido realizada, não havia desabado por completo aos prantos porque aquilo não parecera real. Era uma daquelas situações que nunca previra e, portanto, não sabia como lidar. Apenas levava as coisas adiante. A vida. Tudo. Agora, todas as emoções estavam vindo à tona, percorrendo meu corpo em dolorosas ondas, causando pura agonia, banhando meu rosto de grossas lágrimas.

O bloqueio emocional seguinte se dissolveu. O bloqueio que me impedira de desmoronar quando recebera aquele cartão no meu aniversário e me vira mergulhando em lembranças sobre Del e Nate desintegrou-se, e o choque, a raiva, o ressentimento explodiram.

Em seguida, foi a vez do choque causado por tê-la visto deitada naquela cama de hospital. O horror em descobrir que ela era uma sombra da pessoa que eu conhecia; a concha oca da mulher que eu adorava. Eu havia me odiado naquele momento. Por tê-la desapontado, ignorado, rejeitado cada tentativa de pedir ajuda que ela fizera. Eu a havia abandonado. Quando Del mais precisara de mim, eu lhe dera as costas. E ela relevara. Eu quisera chorar naquele momento, mas não o fizera.

Depois, seguiram-se as lágrimas por causa do que acontecera a Tegan. Eu poderia tê-la poupado de todo aquele sofrimento, toda aquela violência, se tivesse aberto apenas uma das cartas de Del. Se tivesse conversado com ela apenas uma vez e descoberto o que estava acontecendo. Cada machucado, marca e vergão no corpinho magro de Tegan estavam cravados na minha alma. Lutara contra essas lágrimas na primeira vez em que lhe dera banho porque tivera de ser forte, de manter a compostura. Agora, porém, toda a minha força se esvaíra e restara apenas um amargo rio de lágrimas.

Não me senti melhor. O pranto convulsivo não estava abrandando a minha dor; só causava mais. Só me atormentava mais com todas as coisas das quais eu me escondera e fugira, que afastara e ignorara. De repente, eu me tornara um trapo, um embaraçoso trapo. E não conseguia parar.

Tegan ainda dormia.

Mal havia se mexido na hora anterior e tive de olhar atentamente para seu peito várias vezes para verificar que ainda respirava. Estava tão tranqüila em seu sono, provavelmente o mais plácido que já tivera desde nossa chegada ali.

Eu estive deitada a seu lado pelo que pareceu uma eternidade. Não queria acordá-la. Se a acordasse, teria de lhe contar. Teria de deixá-la saber, e aquilo seria... Não sabia como seria.

Eu estava mais calma. Não estava serena, só um pouco mais calma, não mais histérica. Não havia me dado conta até ter começado a chorar de como me sentia desequilibrada, de como passara dois anos à beira da histeria, sempre querendo dar vazão às emoções, mas temendo não conseguir parar se comesasse. Agora, havia controlado os acessos de lágrimas, lavara o rosto, banhara os olhos com água fria o bastante para dissipar a vermelhidão e o inchaço.

Tegan abriu os olhos de repente, sobressaltando-me. Sempre fazia aquilo. Podia estar profundamente adormecida, e, um segundo depois, seus olhos azuis se abriam e encaravam o mundo com intensidade.

— Por que seus olhos estão vermelhos? — perguntou-me. E pensar que me esforcei tanto para eliminar a vermelhidão com água fria.

Afastei-lhe os cabelos para trás com gentileza, expondo sua pele alva e delicada da fronte.

— Estive chorando — respondi.

— Por quê? — Ela virou mais a cabeça para o lado no travesseiro, num gesto inquietor.

— Estou triste.

— Por quê?

Respirei fundo, senti a emoção oprimindo-me o peito.

— Estou triste por causa da sua mamãe.

— Mamãe? — Tegan sentou-se. — Vamos ver a mamãe hoje? Sacudi a cabeça.

— Não, docinho.

— Quero ir ver a mamãe.

Meu queixo tremeu enquanto observava a garotinha com cabelos em desalinho e pijama amarrotado que me perguntava com olhos confusos por que eu a impedia de ir ver a mãe.

— Tega, quando sua mamãe disse que você iria morar comigo, onde lhe falou que estaria?

— No céu com Jesus e os anjos — respondeu Tegan. Com toda a naturalidade. Como se o céu fosse ali na esquina e Jesus e os anjos pudessem ser encontrados reunidos no parque local.

— E explicou por quê?

— Porque estava doente, e Jesus e os anjos iam cuidar dela.

— Lamento, querida, sua mamãe se foi para estar com Jesus e os anjos. Tegan sacudiu a cabeça.

— Não, não se foi. Ela está no hospital.

— Estava ontem. Mas, hoje, foi para o céu.

— E quando vai voltar?

— Lamento, Tigo. Ela não vai voltar.

— *Não acredito em você!* — gritou Tegan, e eu contrái o rosto diante do volume de sua voz. Desvencilhando-se rapidamente das cobertas, saltou da cama. — Não acredito em você. Quero ver a minha mamãe. Quero ver a minha mamãe.

— Sinto muito, mas você não pode — falei num tom manso.

— Quero a minha mamãe! — gritou ela. — Quero ver a minha mamãe! Sentei na cama, sem ação, enquanto Tegan sacudia os braços no pijama que lhe pendia do corpo magro, batendo os pés no chão e gritando. Seus gritos se tornaram cada vez mais altos e angustiados.

Eu não sabia o que fazer. Tentar abraçá-la? Deixá-la gritar até cansar? Correr e me esconder? Aquela era a vontade mais forte: afundar o rosto no travesseiro, tampar os ouvidos e esperar que tudo aquilo desaparecesse. Eu não sabia mais o que fazer. Nancy se oferecera para ficar enquanto eu contasse a Tegan, mas eu havia recusado. Ela já havia feito o bastante, não poderia lhe pedir mais. Agora, desejei que tivesse ficado. Teria sabido o que fazer.

Fiquei repetindo que lamentava, mas Tegan não me ouvia. Continuou gritando e gritando, batendo os pés e agitando os braços. O tempo todo dizendo:

— *Quero a minha mamãe, quero a minha mamãe, quero a minha mamãe...* Passando por cima de roupas, papéis e outras coisas espalhadas pelo chão, atravessei o quarto até Tegan.

— *Quero a minha mamãe, quero a minha mamãe, quero a minha mamãe...* Coloquei os braços em torno dela, embora a menina lutasse contra mim, atingindo-me com seus pequenos punhos, acertando meu corpo, mas não me machucando.

— *Quero a minha mamãe, quero a minha mamãe, quero a minha mamãe...*

Tegan debateu-se tão ferozmente quanto um animal acuado, ainda gritando, mas eu a segurei até que sua ira se aplacou e ela ficou imóvel nos meus braços. Recostou a cabeça em mim, finalmente exausta de tanto chorar, gritar e implorar pela mãe.

— Você ainda tem a mim. — Abracei-a mais e afaguei-lhe as costas gentilmente.

— Não quero você — sussurrou ela numa voz fraca, rouca. — Quero a minha mamãe.

CAPÍTULO 10

A maçaneta da porta do meu antigo quarto girou, e ela se abriu, lentamente. Fiquei observando enquanto a visão do corredor da casa dos meus pais se ampliava e Tegan entrava no quarto. Usava um vestido de cetim preto, comprido até os tornozelos, com saia ampla, parte de cima bordada e mangas longas que minha mãe lhe comprara. Calçava sapatos do tipo boneca envernizados com meias brancas três quartos. Minha mãe também lhe atara fitas pretas nos cabelos que dividira em duas partes, ao estilo maria-chiquinha. O preto era tragicamente contrastante com a pele alva e os cabelos loiros claros, acentuava-lhe o azul intenso dos olhos, dando-lhe um ar régio. A beleza da menina causou-me um nó na garganta em vez de colocar um sorriso nos meus lábios, porque ela não iria encantar pessoas numa festa, mas sim ao funeral da mãe.

Uma vez que não precisávamos mais ficar na cidade, um dia depois que... um dia depois que aconteceu, Tegan e eu arrumamos nossas coisas e fomos para a casa dos meus pais em Ealing, nos arredores do oeste de Londres. O plano era irmos para Leeds alguns dias após o funeral. Após aquele dia.

Tegan voltou a adotar o assustador silêncio em que se retraía quando eu a buscara em Guildford. O silêncio de agora, porém, era permeado por tristeza e a preocupação com o que lhe aconteceria; o que faria sem a mãe.

Ela só falava comigo o que era absolutamente necessário e, quando se tratava das refeições, fazíamos um jogo de adivinhação, com ela fazendo gestos com a cabeça em confirmação ou negação quando queria ou não algo. Apesar de não falar comigo, eu sempre tinha de estar no raio de visão dela e, se deixava sua companhia por tempo demais, procurava-me, apreensão estampada em seu rosto até o momento em que pudesse me tocar. Um leve roçar de dedos nas costas da minha mão, uma rápida carícia nos meus cabelos, um toque na minha barriga, apenas para se certificar de que eu era real. Sólida. Presente. Eu a encontrava sentada do lado de fora do banheiro quando ia tomar banho. No dia em que desci a rua para comprar uma garrafa de água e dar alguns telefonemas reservadamente, encontrei-a sentada ao lado da porta da frente quando voltei, segurando os joelhos contra o peito, os olhos fixos na distância. Tegan abraçou minha perna e recostou a cabeça nela quando passei, e compreendi que não poderia mais deixá-la sozinha.

Dormíamos na mesma cama. Quando assistíamos tevê, ela subia no meu colo, colocava os braços em torno de mim e repousava a cabeça no meu peito. Costumava adormecer assim. Éramos praticamente inseparáveis. A dupla silenciosa, porque eu não me sentia muito disposta a falar também. Minha maneira habitual de lidar com as coisas era dormindo, e, no momento, tudo o que eu gostaria de poder fazer era fugir para outra dimensão, especialmente porque estava cuidando dos preparativos de um funeral. O funeral da minha melhor amiga. Da mulher a quem não dissera um adeus apropriado. A cada vez que pensava naquilo, meu estômago se contraía, a dor se expandindo até o peito. Não me despedi. Não conseguia me lembrar da última expressão no rosto dela — Del sorria? Eu lhe sorria? Não conseguia imaginar seu rosto. Não podia me ater à imagem dela, não quando era a do rosto doente. Quando olhara para Adele no hospital, não vira a pessoa doente. Ela se transformara na linda loira de olhos azuis e sorriso

irresistível. Eu vira aquele sorriso antes de ter saído? Não conseguia lembrar. Não conseguia me ater àquela imagem dela porque não estivera vendo Adele como era, mas apenas como uma lembrança da mulher que havia sido.

Agora, Tegan estava a um canto do quarto, o ombro direito apoiado na parede, olhando para mim, esperando que eu acabasse de me arrumar. Meu vestido não era nem de longe tão bonito quanto o dela. Era um modelo reto e simples de linho, com decote V, comprido até os tornozelos e mangas curtas, que eu comprara às pressas no shopping de Ealing. Não levava roupas suficientes comigo para uma longa estada em Londres e certamente não estivera preparada para um funeral.

— Gostei do seu vestido — disse-lhe.

Tegan continuou em silêncio, os impassíveis olhos azuis ainda fixos em mim.

— E gostei da sua maria-chiquinha. Minha mãe costumava prender os meus cabelos assim também. Mas em três partes, duas dos lados e uma atrás.

Ela continuou me estudando.

— Eu costumava usar fitas de cores diferentes em cada lado. Minha irmã Sheridan também. E, muitas vezes, minha mãe trançava nossos cabelos e, então, colocava uma fita em cada trança. Lembra-se de como eu costumava trançar os seus cabelos?

Nada. Os olhos azuis me acompanharam, mas os lábios nem sequer se moveram para dar uma resposta.

Olhei para meus brilhantes sapatos pretos, tentando controlar a expressão no meu rosto. Já era difícil o bastante lidar com tudo mais, e o funeral seria um pesadelo, mas seria um milhão de vezes pior se Tegan continuasse sua campanha de silêncio contra mim.

Não era culpa da menina, porém. Não sabia de que outra maneira se comportar. O que uma criança fazia quando tinha cinco anos e a mãe morria? E no lugar da mãe surgia uma mulher estranha a qual não vira durante dois anos, alegando que cuidaria dela?

Levantando-me, fiz um esforço para abrir um sorriso.

— O que acha do meu vestido?

Tegan percorreu-me da cabeça aos pés com o olhar e tornou a fitar-me, mas não deixou transparecer seus pensamentos. Uma vez que a pergunta exigia mais do que um gesto de cabeça como resposta, não me deu sua opinião.

— Gostou dele? — reformulei.

Ela balançou a cabeça afirmativamente e curvou de leve os lábios, quase conseguindo sorrir. Quase a abracei em agradecimento por me ouvir, por dar aquele pequeno mas significativo passo no caminho de volta à nossa comunicação verbal.

— Não é tão bonito quanto o seu — declarei.

Tegan voltou a endireitar os lábios, mas lembrei da maneira como haviam se curvado quando sorrisa para mim. Aquilo me deu alento por umas duas horas.

— Bem, estou pronta, finalmente. Vamos.

CAPÍTULO 11

ADELE BRANNON

*(anteriormente chamada Lucinda-Jayne Hamilton-Mackenzie)
faleceu recentemente após uma valente batalha contra a leucemia.
Deixou uma filha, Tegan Brannon. O funeral será realizado
em 31 de julho, às 16 horas. Igreja de St. Agnes, Ealing.*

Na igreja católica de tijolos cinzentos, Tegan estava sentada imóvel, impassível, ao meu lado, observando as pessoas no púlpito, falando a respeito da mãe dela. Eu não tinha certeza de que a menina sabia o que estava acontecendo — havia lhe explicado que um funeral era onde nos despedíamos de alguém que morrera —, mas, a exemplo de tudo que lhe dissera desde seu acesso de choro no quarto de hotel, ela não dera sinal de que compreendia o que eu falava. De qualquer modo, agora estava silenciosa e quieta, como se percebesse a gravidade da situação.

Eu, por outro lado, não conseguia ficar imóvel. Meu corpo, quente e coberto por uma fina camada de transpiração por baixo do conjunto de vestido de linho preto e blazer, não parava de se mexer. O banco de madeira onde estava sentada, lustrado por centenas senão milhares de traseiros ao longo dos anos, era desconfortável, inadequado para que alguém se sentasse por muito tempo. Mesmo que tivesse sido uma poltrona confortável, não teria permanecido quieta. Ficar sentada ali imóvel teria sido concordar com o que acontecera. Seria dizer ao mundo que eu aprovava o fato de Adele ter sido tirada de nós. Que eu aceitava bem aquela coisa de morte e funeral em seguida.

A igreja vibrava com a presença de centenas de pessoas. *Centenas*. Centenas tinham ido até ali para prestar seus últimos respeitos — Adele achara que teria sorte se gente o bastante para formar um time de futebol aparecesse.

— Eu lhe digo, a leucemia certamente ajuda uma pessoa a descobrir quem são seus amigos — comentara ela com seu riso típico. Seu humor estivera dos mais irreverentes naqueles últimos dias. Sempre dizendo coisas que apenas os doentes terminais podiam dizer sem ser repreendidos. Eu geralmente ria, mas algumas das coisas que Adele dissera haviam horrorizado até a mim.

— Mas não culpo as pessoas por não virem me visitar. Quem quer se sentar num quarto de hospital e ser lembrado da morte? — prosseguira. — Além do mais, como você reage quando descobre que alguém que mal conhece está quase batendo as botas? Não se pode ficar de luto por alguém que não se conhece, certo? E o que dizer durante uma visita? "Lamento, não tivemos chance de nos conhecer bem; agora é tarde demais"?

— Acho que tem razão — eu costumava murmurar, ansiosa para mudar de assunto, desesperada para fazê-la parar de usar a palavra com "M".

— Um dos meus maiores pesares é que não conheço assim tanta gente. Gostaria de ter feito o esforço para tocar mais vidas.

Del tocara vidas; eu gostaria que pudesse saber disso. A igreja estava lotada, com duas fileiras de pessoas de pé nos fundos. As pessoas se importavam e se

lembravam, de fato, porque haviam tirado de um canto do armário os ternos, vestidos, camisas e blusas pretos e, como uma revoada de corvos de luto, tinham ido até a St. Agnes. Eu havia contatado apenas uns dois lugares onde Del trabalhara, colocara uma nota no jornal local, outra nuns dois folhetos de propaganda e uma no site da nossa universidade. O aviso de boca em boca deve ter cuidado do resto.

Minha família inteira estava presente. Até mesmo meu irmão mais velho, que morava e trabalhava no Japão e não conhecera Del tão bem, viajara até a Inglaterra para o funeral. A família de minha irmã fizera o percurso desde Manchester para estar ali. Nancy, a enfermeira de Adele, comparecera com o marido.

O pai de Adele não estava ali. Não estava, não queria estar e nem sequer enviara flores. Não se importava. Aquela era a dura realidade. Entre todas as coisas que haviam acontecido nas semanas anteriores, a reação dele me causou uma dose incomensurável de dor.

Eu havia telefonado ao sr. Hamilton-Mackenzie para lhe contar o que acontecera no dia da morte de Adele e, após um longo silêncio, ele dissera:

— Obrigado por me informar. — Não perguntou sobre Tegan, não esbravejou por causa da minha invasão à sua casa e achei que fosse por causa do choque. A única filha morreria e aquilo o abalara tão profundamente quanto a mim; lembrara-o de que não a vira nas semanas que haviam antecedido sua morte e que, agora, jamais teria a chance.

— Voltarei a telefonar para informá-lo sobre os detalhes do funeral — falei, e ele me agradeceu antes de desligar.

Uma semana depois — havia três dias agora — tornei a ligar.

— Kamryn — atendeu o sr. Hamilton-Mackenzie calorosamente —, como vai?

Fiquei desconcertada, achando, por um momento, que discara o número errado.

— Não muito bem, levando-se em conta as circunstâncias — respondi, cautelosa.

A voz dele pareceu um tanto emocionada quando respondeu:

— Sei como é. Eu mesmo ainda estou tentando aceitar isso.

— Estou telefonando a respeito do funeral — expliquei, os pensamentos ruins que tinha sobre o homem dissolveram-se como gelo exposto ao sol do meio-dia. Eu estava certa. A morte o levava a aceitar que amava a filha; ele se redimiria.

— O funeral, ah, sim.

— Será na sexta-feira. Fiz quase tudo que Del não pôde resolver ela mesma...

— Del? — interrompeu ele, a voz austera.

— Quero dizer, Lucinda-Jayne. Ela já havia tomado a maioria das providências com o agente funerário... queria ser cremada... e eu cuidei dos detalhes. Mas se desejar acrescentar alguma leitura ou hino, é só me dizer e podemos combinar isso.

Silêncio. Imaginei-o tentando se recompor, reprimir as lágrimas e controlar a voz embargada, esforçando-se para não desmoronar antes de poder me dizer o que queria.

— Não irei ao funeral. Nem eu, nem minha esposa.

Um "Por quê?" quase escapou dos meus lábios num tom de protesto, mas contive-me a tempo. Eu quase havia me deixado convencer. Quase caíra no jogo dele. Era por essa razão que Del sempre ficava arrasada depois de cada telefonema. Era por isso que cada vez que falava com ele acreditava que o pai podia ter mudado, porque ele sabia como iludir uma pessoa, induzi-la a achar que estava conversando com um homem decente. Então, ele atacava, como uma serpente hipnotizando sua presa antes de

dar o bote letal, e a vítima se sentia indefesa para resistir, mesmo que já tivesse passado por tudo aquilo antes.

Respirei fundo.

— Está bem — falei, soltando o ar devagar. Não tinha forças para argumentar com ele, nem sequer para conversar. O que havia a dizer àquele homem? Como eu poderia chegar até seu coração de pedra? Implorando? Deveria implorar que fosse ao funeral da própria filha?

O sr. Hamilton não fazia idéia de como a semana anterior fora difícil. Que uma de minhas muitas tarefas fora identificar o corpo de Adele. Não estremei no necrotério quando me pediram para confirmar que a pessoa deitada inerte diante de mim era a mulher que costumava jogar a cabeça para trás e rir; a amiga que saía correndo atrás de mim pelo nosso apartamento numa disputa pelo último pacote de salgadinhos; a garota que vivera arrumando as alças do sutiã, ajeitando o primeiro botão do jeans, tornando a afivelar o cinto, enrolando o cabelo no dedo enquanto abria seu sorriso largo.

A pessoa diante de mim estava sem vida. Não havia expressão em seu rosto lívido. Os lábios estavam apertados, os olhos fechados, os cabelos nada além de escassos fiapos loiros na cabeça. Observei-a fixamente, deitada numa maca de hospital, serena e delicada. *Estará fria se eu a tocar?*, perguntei-me. Estaria tão fria e frágil quanto parecia? Porque era o que parecia, gelada e frágil, nem um pouco como a minha amiga.

Não, quase respondi ao funcionário do hospital, *essa não é Lucinda-Jayne Adele Hamilton-Mackenzie. E não é Adele Brannon. E com toda a certeza não é Del. Essa pessoa não é ninguém que eu conheça.*

Eu fiz o reconhecimento. O primeiro corpo de uma pessoa morta que vi foi o da minha melhor amiga. O sr. Hamilton achava que, depois de eu ter feito algo tão devastador, poderia encontrar dentro de mim a vontade de lhe implorar para ir ao funeral da filha?

— Não é certo que eu tenha de enterrar outro membro da minha família — lamentava ele num tom de voz destinado a partir o coração de qualquer um que não soubesse quantas vezes o homem mandara Adele para o hospital. — Enterrei a mãe dela. Não é o bastante? Já não fiz o bastante? — Fez uma pausa para engolir em seco hábil e calculadamente. — Lucinda-Jayne foi a última da minha família e não posso dizer adeus. Você compreende, não é mesmo, Kamryn?

— E quanto a Tegan? — respondi num tom cortante, glacial. — Sua neta não é um membro da sua família?

O sr. Hamilton fez uma pausa. O silêncio prolongou-se do outro lado da linha, tornando-se uma afirmação tácita de arrogante moralismo: ele estava certo e nada o faria pensar o contrário, nem mesmo algo tão tremendamente óbvio quanto a verdade.

— Adeus — acabei dizendo, enfim, e desliguei. Aquilo fora tudo. O final. Ele nunca me desafiaria se eu tentasse adotar Tegan. Nunca tentaria entrar em contato e, embora eu me sentisse aliviada e grata, foi quando a tristeza começou a me atingir. *Por que ele não amara a filha?*, apanhei-me questionando. *Como era possível que alguém não amasse um filho? Pais podiam não gostar dos filhos o tempo inteiro, mas se morriam...*

Passei o braço em torno dos ombros de Tegan, tomada pela súbita necessidade de lembrá-la de que eu estava ali a seu lado, apoiando-a. Estreitei-a junto a mim, esperando conseguir transmitir, pela proximidade de nosso toque, quanto a amava. Ela não esboçou reação, nem mesmo para oferecer resistência; continuou imóvel e silenciosa no assento.

Tornei a me concentrar no padre, ouvindo seu sermão sobre a vida e a morte e Adele. Não conhecera minha amiga, estava repetindo o que eu escrevera para ele. Mas foi além do que eu anotara; comentou sobre todo o calor humano que sentia quando falava para aqueles que haviam conhecido Adele. Que amiga maravilhosa devia ter sido para que tanta gente tivesse viajado do país inteiro para estar ali e prestar as últimas homenagens. Prosseguiu explicando sobre ela ter sido mãe, sobre como uma mãe ou um pai sempre queriam viver para ver os filhos crescerem, mas que tinha certeza de que a filha de Adele, Tegan, estaria em boas mãos.

Eu não contaria com isso, padre, pensei, antes de poder me conter. Aquilo teria feito Adele rir. "Só você mesmo", teria gracejado, "Só você pensaria desse jeito no meu funeral".

As preces finais foram feitas, o hino de encerramento, executado. Levantei-me com o restante da congregação e adiantei-me para seguir os quatro homens — dois deles meus irmãos — que ergueram o caixão de carvalho com sua placa de latão com os dizeres "Adele Brannon", apoiaram-no nos ombros e começaram a levá-lo da igreja.

Desviei os olhos, não podia olhar, não parecia real. Adele numa caixa. Adele não caminhando e falando. Partira. Em vez disso, olhei para os fundos da igreja, para além das pessoas ao meu redor. Não conseguia encontrar o olhar de nenhuma daquelas pessoas e sustentá-lo. Se visse um só rosto banhado de lágrimas, perderia o controle. Toda a dor que eu reprimira desde que havia chorado amargamente no corredor do hotel viria à tona e não poderia contê-la.

As portas dos fundos da igreja foram abertas e, de repente, era verão novamente, quente e vibrante; o inverno sombrio do funeral dissipando-se, enquanto a luz adentrava na atmosfera escura. Tentando ordenar meus pensamentos, buscando entre os ternos pretos algo para focar, eu o vi. Alto, num terno preto com camisa e gravata pretas, a expressão angustiada no rosto, os cabelos castanho-escuros levemente espetados. Soltei uma exclamação silenciosa de espanto, o corpo se retesou momentaneamente com o choque.

Estiquei o pescoço e estreitei os olhos para poder vê-lo melhor antes que desaparecesse pelas portas. Era ele. Não havia a menor dúvida.

Nate.

Houve uma pequena cerimônia no crematório de Ealing West, à qual apenas minha família compareceu. Palavras foram ditas sem que eu as ouvisse. Lentamente, o caixão foi afastado de nós, oculto pela pesada cortina preta, desaparecendo, centímetro por centímetro, até que tudo o que restou foram as duas partes da cortina se fechando.

Terminou. Olhei para o coordenador do funeral que cuidara dos preparativos finais. *Faça de novo. Por favor, faça de novo*, supliquei com os meus olhos. *Eu não estava pronta. Por favor, repita tudo para que eu possa prestar atenção desta vez*. Eu deixei a mente vagar por um longo momento, e, agora, ela se fora. Mordi o lábio inferior e não deixei meu lugar enquanto todos se retiravam. Uma vez que fiquei sozinha — Tegan acabara de sair com os meus pais —, levantei-me do banco e parei diante da cortina, onde ela desaparecera.

Milhares de pensamentos percorreram minha mente num turbilhão alucinante, cada um deixando sua impressão. Adele. Tegan. Trabalho. Céu. Morte. Vida. Leucemia. Hotéis. Nate.

Era constrangedor admitir que estava pensando em Nate.

O que ele estava fazendo ali? Estava no funeral de uma amiga. *Como soube da morte dela?* Provavelmente vira as notas nos folhetos de propaganda — era produtor de

rádio. Cada pergunta tinha uma resposta óbvia. Não me ocorrera que ele compareceria. O que aquilo significava? Significava algo? Ele a amava? Mas ambos tinham dito que fora apenas uma vez. E eu havia presumido que os dois não tinham se visto ao longo dos dois anos desde a minha partida.

Jamais saberei ao certo, é claro. Nunca descobrirei o que realmente aconteceu... O que havia de errado comigo? Por que estava pensando aquelas coisas? Deveria estar pensando em Del. Mas Nate se insinuava na minha mente.

Conseguia me lembrar da última vez que o vira com mais clareza do que a última em que vira Del. Lembrava do silêncio com Nate. De como ele me estudara com olhos torturados quando eu o deixara. Esperara que tudo terminasse com uma briga, mas o rompimento fora acompanhado de um silêncio deprimente. E fora lento. Sempre achei que, se uma pessoa descobria que havia sido traída, ela faria um escarcéu, mas não fiz nenhum. Não era da minha natureza. Saí do nosso apartamento no dia em que juntei minhas coisas, sabendo que era a última vez que veria Nate e, portanto, olhei para trás para lhe observar o rosto com a barba por fazer, cabelos por lavar e olhos privados de sono. Ouvi-o dizer "Não vá" e, então, saí.

Eu não me despedi de Adele, lembrei novamente. Havia sido mais um dia, mais um "até logo". Mais um item na lista de "a gente se vê depois" que tínhamos dito uma à outra ao longo dos anos. Vasculhei a mente e ainda não conseguia lembrar do que lhe dissera. Falei adeus? Abracei-a? Disse o "a gente se vê depois" de sempre? Não lembrava e aquilo partia meu coração. Soube que não teria muito tempo com ela e, portanto, por que não aproveitei cada momento, não prestei atenção a cada detalhe?

Meu estômago contraiu-se subitamente, como se tivesse levado um soco. A dor me fez dobrar o corpo, passando os braços por sobre a boca do estômago, enquanto tentava me recompor. *De que maneira teria dito adeus se soubesse que aquela seria a última vez que a veria?* Não sei. Teria olhado para ela, sei disso. E o fiz, afinal? Virei-me da porta e olhei para ela? *Não consigo lembrar.* Podia evocar a imagem dela de anos antes — da faculdade, do período após a formatura, de nossos anos de trabalho, mas não de uma semana antes.

Nate. Eu estava pensando em Nate também porque não queria pensar no que aconteceria em seguida.

Em seguida.

Desejei ser uma pessoa melhor, capaz de enfrentar aquela situação com firmeza, aproveitar o dia, aproveitar o resto da minha vida. Abraçar a idéia de cuidar de uma criança. Del o fizera. Quando descobrira que estava grávida, ficara chocada, naturalmente, e queixara-se de que não seria capaz de lidar com a situação, mas, dias depois, aceitara a realidade; refletira obviamente a respeito e concluía que era capaz. E o fora. Brilhantemente. Eu refleti a respeito e, olhando para o futuro, tudo o que podia ver eram tempos difíceis. Trabalho árduo. Sacrifício. Anos e anos sendo responsável por outra pessoa.

Eu era a mulher que, às vezes, comia um pacote de biscoitos no lugar do jantar. A mulher que temia voltar para casa porque meu apartamento estava um caos. Partira às pressas várias semanas antes, esperando voltar no dia seguinte. O que significava que havia roupas espalhadas por toda parte; recibos, papéis, revistas, cartões e presentes de aniversário parcialmente abertos, largados no chão do quarto e da sala. Comida estragada dentro da geladeira. Lâmpadas esquecidas acesas provavelmente haviam queimado. Além daquilo, uma centena de coisas teria de mudar na minha vida a fim de poder encaixar Tegan nela. A fim de poder lhe dar um novo lar.

E não podia esquecer que Tegan não estava falando comigo. Haveria apenas nós duas num lar repleto de silêncio. Minha mãe sugerira que eu deixasse Tegan em

Londres por alguns dias enquanto fosse organizar tudo em Leeds. Mas não. Mesmo que ela não entrasse em pânico diante da simples idéia de eu não estar por perto, não conseguiria me arranjar sem ela. Tegan era o último elo que eu tinha com Adele, e eu precisava ater-me a ele, quer estivesse havendo ou não diálogo entre nós.

Passos no assoalho claro fizeram com que eu me endireitasse e rapidamente enxugasse as lágrimas com a ponta dos dedos. Pigarreando, respirei fundo e me esforcei para recriar a serenidade que estivera projetando nos dias anteriores. Todos achavam que eu estava sendo forte, que era corajosa e confiante; a verdade era que Kamryn Matika estava fingindo aquilo. Eu simulava aquela atitude e todos à minha volta acreditavam que era real. Endireitei os ombros e as costas e, tornando a respirar fundo, consegui dissipar parte da tensão nos músculos.

Tive um leve sobressalto quando uma mão pegou a minha. Olhei para a mão, pequena, de formato perfeito, surpreendentemente fria. Eram os dedos rosados que haviam me fascinado quando ela nascera. Observara-os, surpresa com o fato de que, embora tivesse apenas horas de vida, as mãos pareciam as de alguém que já tivesse vivido muito — tinham vincos nos nós dos dedos rechonchudos e linhas nas palmas, como nas mãos de um adulto.

Desviei o olhar da mão de Tegan e observei seu rosto. Ela me estudava, as mairas-chiquinhas loiras pendendo para trás, o queixo erguido. Os grandes olhos azuis estavam fixos em mim. Tentei sorrir enquanto me fitava. Ela abriu a boca, umedeceu os lábios secos com a língua e, então, falou, a voz baixa e trêmula enquanto cada palavra saía:

- Você é a minha nova mamãe? Meneei a cabeça.
- Sim, docinho, eu sou.

***"Promete para todo
o sempre?"***

CAPÍTULO 12

O que acha de seu novo lar? — perguntei a Tegan. Ela estava sentada no centro do meu sofá creme, usando um vestido de brim com uma camiseta branca por baixo. Os machucados nos braços haviam quase desaparecido por completo agora e, portanto, podia usar blusas de manga curta sem se sentir constrangida e poupando-me de querer chorar pelo que a menina passara. Os cabelos loiros estavam presos em marias-chiquinhas, e segurava uma boneca de pano chamada Meg, que possuía desde um ano de idade. Meg tinha cabelos pretos de lã, cara e corpo laranja, grandes olhos castanhos circundados por cílios espetados e vestido azul-marinho. Os cabelos da boneca também estavam presos com elásticos ao estilo maria-chiquinha.

— Tem um cheiro ruim — respondeu Tegan com franqueza.

A garotinha no sofá tinha razão. Meu apartamento fedia a peixe e aos demais detritos na lixeira, os quais, dia após dia, haviam estado se decompondo em amontoados malcheirosos, como que ressentidos por terem sido negligenciados durante as seis semanas que eu passara em Londres. Da porta, inspecionei a sala. O lugar parecia ter ficado ainda mais desorganizado: papéis e revistas espalhados pelo chão, um sapato virado a um canto, correspondência que eu não havia terminado de abrir no dia do meu aniversário encimando precariamente o braço do sofá.

— Exceto pelo cheiro — falei a Tegan, afastando o caos e a resultante vergonha para um canto da mente.

A expressão no rosto da menina era a de quem se perguntava se eu havia enlouquecido. Como ela podia imaginar que algo não estava ali — ainda mais, algo que tornava sua presença tão marcante? Era como lhe pedir que voasse até alua.

— Espere um segundo.

Deixando a sala de estar, passei por nossas bolsas de viagem, que ocupavam parte do corredor longo e estreito, e entrei na cozinha. Contraí o rosto diante do fedor. Era tão forte que poderia ter arrancado tinta das paredes, e o ar acima da lixeira parecia ferver no calor de agosto. Contendo a respiração, peguei o lixo e levei-o até a grande lixeira preta que ficava no corredor das escadarias e voltei ao apartamento, lavando as mãos no banheiro. Outra onda de vergonha me assaltou quando notei as manchas de pasta de dente na torneira da pia e o fio dental caído ao lado da privada. Aquela bagunça teria de cessar, compreendi, enxugando as mãos na toalha de rosto branca. Agora, havia alguém mais a levar em conta; organização tinha de se tornar um hábito em vez de uma ocorrência rara. Eu teria de aprender a ser meticulosamente organizada, a repetir o mandamento "Um lugar para cada coisa e cada coisa em seu lugar" até que se tornasse um hábito tão arraigado em minha vida quanto escovar os dentes. Voltando à cozinha, abri a grande janela basculante, deixando entrar o ar abafadiço. O odor desagradável logo se dispersaria, os cheiros normais de uma casa retomariam seu lugar.

No sofá, Tegan fazia aquilo que sabia melhor do que ninguém — estava sentada quieta e silenciosamente. A espera. A espera de que eu assumisse o controle, de que lhe dissesse o que fazer em seguida. A parte trágica era que eu não sabia realmente. Ainda

não planejara nada. A vida se tornara uma lista de eventos que tive de enfrentar: identificação do corpo, funeral, recolhimento dos pertences de Adele, mudança de volta para Leeds. Um passo de cada vez até que o último item da lista fora executado. E ali estávamos nós, em Leeds. O que também significava que não havia mais plano algum. Eu não sabia o que viria em seguida. A vida, sim. Mas como?

— Aqui será o seu quarto — falei a Tegan.

Ela lançou um olhar em torno do sofá e, depois, a mim. *Do que está falando?*, sua expressão dizia.

— Tiraremos o sofá e o colocaremos na cozinha fedida. Só espero que não esteja mais fedida até lá. Compraremos uma cama para você, poderá ter uma tevê. Não esta, porque é grande demais. Vamos colocá-la na cozinha também. Ou melhor, vamos comprar uma tevê pequena e um videocassete para que você possa assistir suas fitas e gravar coisas. E podemos pintar as paredes da cor que desejar. Lamento, mas não poderá ter papel de parede porque ele acabará em discórdia. Quando eu era pequena, meus pais quase se divorciaram por causa de papel de parede... — Tegan estudava-me enquanto eu tagarelava. — De qualquer modo, você escolherá a cor, desde que seja uma com a qual possa conviver por bastante tempo, não uma assustadora que lhe cause pesadelos. Não que eu esteja dizendo que é proibido você ter pesadelos, ou algo assim. Apenas não quero fazer nada para encorajá-los.

— Bem, mas voltando ao seu quarto. Sim, podemos pintar as paredes. E eu lhe arranjarei um tapete ou algo parecido porque este piso laminado, embora pareça bonito, é bastante frio de manhã. Tirarei a escrivaninha e a colocarei no meu quarto. Acho que cabe lá. E usaremos a cozinha como sala de estar e também como cozinha. É grande o bastante, felizmente. Isso tudo lhe parece bem?

Tegan apenas me encarou.

— Estou falando depressa demais?

Ela torceu os lábios e o nariz e meneou a cabeça, as marias-chiquinhas balançando enquanto confirmava que eu estava matraqueando sem parar. Soltando um longo suspiro, afundei a seu lado no sofá.

— Desculpe. Só quero que você... — Aquilo soou como se eu a estivesse pressionando. Como se lhe dissesse que, se não se sentisse instantaneamente em casa, estaria errada. Que me aborreceria. — Desculpe — repeti, embora ela não soubesse porque eu me desculpava.

Havíamos embarcado no trem para Leeds no início da manhã daquele dia. Meus pais haviam se oferecido para nos levar de carro até ali, mas eu recusara. Queria um distanciamento de Londres, que nós duas começássemos da maneira como sempre seria — apenas nós duas.

— Será mais fácil para todos se pegarmos o trem — argumentei. — Vocês poderão ir nos visitar numa outra ocasião. — Contratei o dono de um furgão que partiu na nossa frente com as caixas de Adele, nossa bagagem mais pesada e tudo mais que não conseguiríamos carregar. Ele apareceu quando o táxi que nos levava da estação entrou em minha rua. As caixas estavam agora empilhadas no vestibulo do pequeno prédio, aguardando um lugar no meu apartamento. Ele, aliás, parecera enorme dois anos antes, quando havia me mudado, mas eu acumulara uma porção de pertences: livros, CDs, vídeos, DVDs, revistas, eletrodomésticos, quinquilharias das quais eu não iria me desfazer. Portanto, agora, espaço seria um problema. Teria de encontrar um lugar para os poucos pertences que Adele deixara. Quando eu cheguei ao depósito, fiquei horrorizada em descobrir que a unidade dela era a menor disponível. E, assim mesmo, suas dez caixas haviam ocupado apenas uma pequena parte do compartimento. Sua vida inteira, seus 32 anos, cabiam em dez caixas. A maioria das caixas continha coisas que

ela queria que eu passasse a Tegan. Adele nunca fora de guardar tralhas, nunca acumulara quinquilharias ou lembranças e certificara-se de que não ocuparia mais espaço do que o necessário agora que se fora. Bem, que se fora tanto quanto possível. Eu estava com as cinzas dela numa das minhas malas. Eu não as espalharia. Providenciaria para que fossem enterradas perto de nós, para que Tegan e eu tivéssemos algum lugar para ir se quiséssemos depositar flores ou visitá-la.

— Gostei das janelas — comentou Tegan num tom manso. Eu havia sido abençoada não apenas com grandes cômodos no meu apartamento, mas também com janelas de um metro e oitenta de altura no meu quarto e na cozinha e duas grandes janelas onde seria o quarto da menina. Eram lindas... Mas representavam um perigo em potencial?

Pare de se preocupar, ordenei a mim mesma. Tegan não caíra de janela alguma até então; por que começaria agora?

— Obrigada — respondi. — Também gosto das janelas. Ouça, precisamos de comida e de algumas outras coisas, como uma escova de dentes nova, xampu e o que mais você precisar. Assim, que tal irmos fazer compras? O que me diz?

— Gostei da idéia — disse Tegan em seu fio de voz.

— Não está cansada da viagem longa? — Tínhamos acabado de chegar ao apartamento, mas eu queria estar em movimento. O movimento constante me impedia de pensar em como as coisas poderiam dar errado, no que havíamos perdido, no que aquela situação realmente significava.

— Não — sorriu ela. — Não estou cansada.

— Ora, era isso que eu queria ouvir.

Conspiração. Havia algum tipo de conspiração.

Uma conspiração de xampu. Quem poderia imaginar que existiriam tantos xampus?

Andei para cá e para lá pelos corredores do supermercado, à procura de um xampu para os cabelos de Tegan e descobri que havia inúmeros tipos. Uma vez que comprava meu xampu no salão de beleza em Roundhay, onde alisava os cabelos a cada seis semanas, nunca havia passeado por aqueles corredores — nunca precisei saber quais tipos de xampu existiam para cabelos de pessoas brancas. E muito menos xampu para uma menina branca. Verificando as prateleiras, notei que a maioria dos frascos com nomes sofisticados de que me lembrava dos anúncios da tevê eram para adultos. Continham ceramidas, essências de frutas e outras coisas das quais eu não entendia nada. Seriam bons para os cabelos de uma criança? No hotel, eu apenas usara os pequenos frascos que a arrumadeira deixava a cada manhã, mas não sabia se era uma boa prática a longo prazo. E o meu xampu não devia ser bom para o cabelo de Tegan. Quando morávamos juntas, Adele costumava pegar meu xampu se o seu acabasse, mas não havia sido assim com tanta frequência. E o cabelo de Adele era ondulado e forte, precisava de muita hidratação, ela me dizia. Os cabelos de Tegan eram lisos e finos, as mechas delicadas, como frágeis fios de seda. Não queria danificá-los, substituir a cabeleira de fios de seda por um ninho de pássaro de palha emaranhada.

Por que Adele não me falou sobre coisas desse tipo?, pensei, a ansiedade dominando-me. Aquele era o pequeno detalhe que acabaria com a minha fachada de calma? Não a identificação do corpo, nem o funeral, nem o recebimento da urna com as cinzas de Adele, mas a incapacidade de encontrar o xampu certo?

Não era apenas o xampu, porém, ele representava muito mais. O quão pouco eu sabia sobre a menina sob a minha guarda. Não tinha a menor idéia do que ela gostava ou

não. Dos programas de tevê que não queria perder, daqueles que podia passar o resto da vida sem assistir. Comida à qual era alérgica, aquela que não comia simplesmente porque não gostava. Acontecimentos e frases que lhe causariam raiva. Produtos que eram bons para seus cabelos. Tegan era um universo de pensamentos, emoções, necessidades e desejos ao qual eu não tinha acesso.

Recostei-me no carrinho, examinando as prateleiras à procura de algo que servisse, e a cada segundo que passava, minha insegurança aumentava.

— Você se lembra de qual xampu costumava usar? — perguntei a Tegan, que estava parada a meu lado, segurando Meg. Ela olhou para mim, sacudindo a cabeça.

Como isso pode ser tão difícil?, perguntei a mim mesma. *É apenas xampu. É literalmente xampu.* Eu deveria pegar qualquer um e pronto. Mas não pegava simplesmente "qualquer um" para mim. Levava anos para encontrar o xampu certo para mim. Devia a mesma consideração a Tegan. Controle-se, Matika, é apenas xampu!

Pelo canto do olho, vi uma funcionária do supermercado se aproximar. Era mais jovem do que eu, não parecia ter filhos, mas seu cabelo liso tinha uma tonalidade loiro clara semelhante à de Tegan. Talvez pudesse me dar algumas dicas.

— Por favor — comecei, colocando-me no seu caminho.

Os pequenos olhos castanhos não exibiram a menor cordialidade, a despeito do sorriso no rosto dela quando perguntou:

— Pois não?

— Gostaria de saber se poderia me ajudar. Estou tentando encontrar o melhor xampu para o cabelo de uma criança. — Indiquei Tegan, que sorriu zelosamente para ela. — Poderia me dizer qual é o mais adequado?

— Oh, hum... — começou a mulher, virando-se para as prateleiras. Antes que ela pudesse terminar a resposta, uma voz interrompeu:

— Você não sabe?

Olhamos para a origem da voz, e uma mulher com ar de matrona, por volta dos quarenta anos, de corpo arredondado, usando blusa e saia florida nos encarava.

— Desculpe, estava falando comigo? — perguntei.

— Sim. Não sabe qual xampu deve comprar? E *o que você tem com isso?*, pensei.

— Hã, nunca comprei desse tipo antes — respondi, tentando me conter para não ser curta e grossa. Virei-me para a funcionária do supermercado, excluindo a intrusa da conversa.

— Por que não perguntou aos seus patrões antes de sair? — continuou a mulher, indiferente ao fato de que eu a excluía.

Eu a ignorei por um momento e, então, dei-me conta do que ela dissera. Virei-me abruptamente para encará-la.

— Por que eu perguntaria a um diretor de marketing sobre xampu infantil? — indaguei de cenho franzido.

— Os pais dela obviamente sabem que xampu a menina usa.

Oh, ficou subitamente claro: uma mulher negra com uma menina branca só podia significar que eu era uma empregada, a babá. *Pareço uma babá?* Lancei um olhar às minhas roupas. Usava jeans folgado azul-escuro, uma blusa vermelha de manga curta e tênis preto. Levava uma mochila preta de couro às costas. Quem não me conhecesse não olharia para mim achando que eu era uma bem-sucedida gerente de marketing nacional de 32 anos, tinha de admitir. Por outro lado, ninguém que me olhasse acharia que eu tinha o temperamento certo para ser babá. Muitas pessoas já haviam me dito que eu tinha um ar frio, distante, pouco amistoso. Quem me *pagaria* para cuidar do próprio filho? E, além do mais, por que eu não podia ser a mãe dela? Por que aquela mulher ao

olhar para mim pensou instantaneamente numa empregada? Eu podia ser madrastra de Tegan, ou algo parecido.

— Bem, os pais dela não sabem — retruquei por entre dentes. A funcionária do supermercado afastou-se discretamente, talvez para buscar alguém da segurança se as coisas engrossassem, mas provavelmente porque não queria ficar no meio do fogo cruzado, caso começássemos a atirar frascos de xampu uma na outra.

— Onde estão os pais dela? — perguntou a mulher, como se esperasse que eu confessasse espontaneamente que raptara a criança ao meu lado só porque ela me desafiara.

— O que isso lhe diz respeito? — indaguei calmamente, embora um misto de indignação e raiva se ocultasse atrás das palavras.

— O que está fazendo com essa criança?

— Apesar de não ser da sua conta — retruquei —, é minha filha. Sou a mãe dela.

— Você?

— Sim, eu.

— Os pais dela sabem que você está tentando fingir que ela é sua filha? — A mulher elevou a voz, atraindo atenção para nós. Outros fregueses ficaram instantaneamente interessados, disfarçando que estavam examinando fraldas descartáveis, bolas de algodão, comida para bebês e mamadeiras enquanto mantinham olho atento em nós.

— Não estou fingindo nada — repliquei por entre dentes.

— Então, *o que* está fazendo? — A estranha manteve a voz elevada.

O que estou fazendo? Estou lutando para lidar com tudo isto, é o que estou fazendo. Estou me empenhando ao máximo para não me debulhar em lágrimas porque não consigo encontrar o xampu certo. Estou tendo de me controlar para não abrir uma garrafa de vodka a cada noite e beber até que a minha melhor amiga esteja viva outra vez, meu noivo não tenha me traído e eu ainda esteja morando em Londres, trabalhando como gerente de marketing regional da empresa à qual dei sete anos da minha vida.

Tegan puxou meu jeans acima do joelho até me fazer olhar para ela.

— Gostei deste aqui — falou, mostrando-me uma graciosa embalagem de xampu laranja. Eu nem mesmo notei que ela se afastou um pouco. Peguei o frasco e, ciente de que todos no corredor olhavam para mim, li o rótulo com todo o vagar. Não estava prestando atenção às palavras, não lia a lista de ingredientes; simplesmente não me deixaria intimidar. Ninguém me faria correr e me esconder, não importando quanto eu quisesse. Sorri para Tegan, que, para minha surpresa, sorriu de volta, e coloquei a embalagem de xampu no carrinho.

A pergunta da mulher, "O que está fazendo?", ainda pairava no ar. Olhei para ela e abri um sorriso açucarado.

— O que estou fazendo? Comprando xampu.

Tegan colocou a mão na minha e, empurrando o carrinho, deixamos o corredor de cabeça erguida.

Meu coração estava disparado no peito, as batidas aceleradas reverberavam em meus ouvidos. Aquilo iria acontecer com frequência nas semanas, meses e, provavelmente, anos seguintes. Estranhos questionariam minha posição na vida de Tegan, não acreditariam imediatamente que eu era sua guardiã legal, sua "mãe". Desde que dera entrada no pedido de adoção, descobrira que não seria tão fácil adotar Tegan. O processo levaria meses, possivelmente anos. Eu tinha imensa burocracia a enfrentar, uma montanha de formulários para preencher, uma porção de informações pessoais a revelar a qualquer estranho que perguntasse, mas, assim mesmo, talvez não fosse o

bastante. Adoções inter-raciais eram muito, muito raras ali, especialmente daquela forma: uma mulher negra adotando uma criança branca. Eu tinha de fazê-lo, porém.

Enquanto o choro de Tegan se abrandava naquele dia no hotel, enquanto ficava vulnerável e indefesa em meus braços, depois de saber que a mãe fora para o céu, um momento de total clareza me ocorreu. Havia algo que eu podia fazer para compensar Adele por não ter estado a seu lado no final, por não ter ajudado quando pudera. Havia um meio de eu poder provar a Tegan que ela realmente tinha a mim — eu precisava adotá-la. Não meramente ficar com ela, ser sua guardiã legal, mas torná-la parte da minha vida. Ser a mãe dela como Adele queria. Pelo que havia descoberto até então, porém, talvez aquilo não me fosse permitido.

— Mamãe Ryn — disse Tegan, despertando-me abruptamente dos pensamentos em que mergulhara. Franzi a testa.

— Do que me chamou?

— Mamãe Ryn — repetiu Tegan como se eu estivesse maluca, como se me chamasse de "mamãe" diariamente, sendo que me chamara de titia Ryn durante a maior parte de sua vida.

— Por que me chamou de mamãe? — perguntei.

Por um momento, Tegan contraiu o rosto delicado, como se fosse chorar.

— Você disse que era a minha nova mamãe — sussurrou, os olhos azuis marejados, o tom de voz me acusando de ter mentido.

Eu me agachei diante de Tegan, desejando que ela não chorasse. Minha experiência anterior com o pranto da garota fora terrível, desgastante, e ambas tínhamos sofrido com aquilo; levava horas para que nos acalmássemos. Não queria vê-la de coração partido no meio de um supermercado por causa de algo tão corriqueiro quanto a maneira como me chamava.

— E eu sou — reafirmei, estudando-lhe o rosto pálido. Afaguei-lhe o cabelo e tentei sorrir para acalmá-la.

Tegan sacudiu a cabeça.

— Mas você não é a minha mãe de verdade. Minha mãe de verdade foi para o céu. E não vai voltar mais.

Fiquei com um nó na garganta.

— Isso mesmo — confirmei num tom manso.

— Então, você não é mais a titia Ryn.

— Acho que não.

— Você é a mamãe Ryn — concluiu ela. Fiquei impressionada com a habilidade dela de racionalizar as coisas, o que só provou quanto era inteligente. Esquecera daquilo a respeito dela, de como, mesmo aos três anos, fora capaz de usar um bom argumento para mudar o horário de ir para a cama.

— Está certo, eu sou a mamãe Ryn. O que queria me perguntar?

Tegan fungou, esfregando um dos olhos lacrimejantes com as costas da mão.

— Eu... — Engoliu em seco. — Eu posso comer chocolate?

— Sim, mas apenas se comer todos os seus legumes também. — Adultos responsáveis diziam coisas daquele tipo, não era?

O rostinho dela iluminou-se repentinamente com um sorriso. Sacudiu a cabeça.

— Não compramos legumes! — exclamou com um riso, apontando para os itens no nosso carrinho.

Resolvi que não compraríamos legumes naquele dia. Havia tanto tempo que não a ouvia soltando aquele riso de puro contentamento, que não via um sorriso alegrando seu rosto que não haveria meio de obrigá-la a comer legumes agora.

— Você me pegou nessa — concordei, sorridente. — Nada de legumes hoje. Mas, a partir de amanhã, começaremos a comer de maneira saudável. Combinado?

Tegan balançou a cabeça. Antes que eu pudesse levantar, abraçou-me rapidamente pelo pescoço e, então, retomou seu lugar ao lado do carrinho, segurando Meg, olhando para a distância como se não tivesse acabado de me dar um abraço.

Erguendo-me, lembrei da vez em que estivera num barco e de como me segurara com firmeza à amurada, meu estômago revirando-se incontrolavelmente. Aquela violenta onda de náusea me tomou de assalto agora. *O que faremos se eu não receber permissão para adotá-la?*

CAPÍTULO 13

Eu tinha esta vida antes de receber o cartão de Del, ir a Londres e herdar Tegan. Uma vida voltada para o trabalho. Nada além de trabalho. Fora o que mantivera minha sanidade quando me mudara para Leeds.

O título do meu cargo era gerente de marketing nacional, da Angeles, a loja de departamentos. A cadeia começara cem anos antes como uma loja de armarinhos na cidade de Leeds, e a matriz ainda era ali, não em Londres. Tínhamos filiais em todas as grandes cidades britânicas, e nossa meta a longo prazo era superar a rede John Lewis como a maior cadeia de lojas de departamento do país. Eu havia começado na loja de Londres como assistente de marketing regional e lutado para ascender até meu atual cargo, a segunda em comando do departamento de marketing da empresa inteira — principal papel: dirigir a combinação de catálogo e revista batizada de *Viva Angeles*. Eu fazia tudo, desde escolher o tema principal e tipos de artigos da revista para o mês até a supervisão da edição final. Eu havia ajudado o diretor de marketing nacional, Ted Payne, a criá-la e, dois meses antes da data em que teria me casado, o plano fora de que eu passasse um mês em Leeds coordenando o lançamento da revista. Depois que deixei Nate e Adele, perguntei a Ted se poderia aceitar o cargo de gerente de marketing nacional que ele estivera me oferecendo desde que nos conhecemos. Quando Ted concordou, decidi abusar da sorte perguntando se eu poderia cumprir o período de aviso prévio do cargo exercido em Londres já em Leeds, até a época de assumir a nova função lá mesmo.

Nos anos mais recentes, a revista crescera, passando de uma publicação feita uma vez a cada temporada para uma mensal. Meu trabalho triplicou, mas não me importei — o trabalho era minha vida.

Quando, finalmente, comprei meu apartamento em Horsforth, no subúrbio de Leeds, três meses depois de ter partido de Londres, tinha de me obrigar a voltar para ali, noite após noite. Passara a vida toda sempre morando com alguém: minha família, Adele e, depois, Nate. O eco de um apartamento permanentemente vazio foi algo para o qual tive de me preparar psicologicamente, para enfrentar a cada vez que saía do escritório. Parecia grande demais para mim. Não prestara realmente atenção nesse detalhe quando o comprara. A cozinha imensa com pé-direito alto tinha seis metros de comprimento, mas parecia se estender por quilômetros. O mesmo acontecia com a sala de estar e o quarto, não tinham mais de dezesseis metros quadrados cada, mas um deprimente excesso de espaço para uma pessoa sozinha. Na noite em que, enfim, recebi as chaves do meu apartamento, sentei-me no chão da sala e senti o terror me dominando. Não havia mobília alguma ali, porque nem sequer pensara em comprar nada, as paredes eram pintadas de um branco hospital que odiei, mas o silêncio foi a coisa mais assustadora de todas. Era do escuro que uma criança pequena sempre tinha medo em seu quarto, do monstro no guarda-roupa, do bicho-papão... Eu não nascera para viver em meio ao silêncio e à solidão. Não nascera para aquilo. Abracei os joelhos enquanto o terror tomava a forma de lágrimas. Eu estava completamente só num apartamento imenso. Tinha de começar de novo.

Soube que tinha duas opções naquele momento: deixar que o estresse de tudo aquilo me vencesse, ou passar o máximo de tempo possível no trabalho. Não vi o apartamento à luz do dia durante meses. Eu chegava ao trabalho às sete da manhã e saía por volta das dez da noite. De volta para casa, estava cansada demais para fazer o que quer que fosse exceto tomar um banho e me atirar na cama. Trabalhava até nos finais de semana, apenas para não ficar sozinha no apartamento.

Conforme o tempo foi passando, diminuí proporcionalmente a descabida carga de trabalho e fiz verdadeiras amizades na empresa. Uma delas era Betsy Dawali, com quem eu dividia um escritório de paredes envidraçadas. Outro amigo era meu chefe, Ted Payne. Era mais próxima a ele do que a qualquer outra pessoa no trabalho.

Ted tinha cerca de cinquenta anos, um daqueles homens mais velhos cujos cabelos brancos bem-aparados, rosto ainda quase sem rugas e maxilar forte o tornavam extremamente atraentes. Não era apenas sua aparência que importava, porém. Ted tinha uma integridade inabalável e uma maneira calma e direta de falar que o tornavam sexy, charmoso.

Na noite em que foi me visitar, após meu retorno a Leeds, usava impecável e caro terno azul-marinho com camisa branca e gravata vermelha. Sentou no meu sofá, olhando fixamente para uma taça de vinho branco. Desfez a aparência irretocável de dia de trabalho afrouxando a gravata e correndo os dedos pelos cabelos brancos. Mas, embora relaxasse na superfície, estava inquieto desde a chegada. Não sustentou meu olhar por mais do que alguns segundos e baixou os olhos tão logo aceitou uma taça de vinho branco com um leve sorriso. Eu me acomodei no meu grande pufe vermelho com uma taça e fiquei observando Ted evitar meu olhar.

Não gostei de vê-lo daquele jeito. Ele sempre fora firme e forte, não hesitante e nervoso. Sempre soube o que fazer em qualquer situação. Fora Ted quem cuidara de tudo quando eu havia pedido uma licença de seis meses do trabalho para poder cuidar de Adele — ele tivera a idéia de que eu trabalhasse três dias por semana em casa. Quando eu lhe telefonara após a morte dela para contar que assumira a guarda de uma

criança, ele tomara providências para que eu obtivesse uma licença-maternidade especial e por luto também.

Ted ergueu a cabeça, estudando-me por um longo momento.

— Kamryn — ele começou, e eu segurei a respiração, temendo o que ele poderia dizer. — Tenho uma notícia. Não quis preocupá-la enquanto você esteve ausente. Eu... eu estou saindo.

A taça escorregou em minha mão e segurei-a com mais força para impedir que o vinho caísse no tapete. Ele estava me deixando, saindo da minha vida. Os olhos escuros de Ted fitaram os meus por mais tempo do que o necessário — havia algo mais. Algo definitivo naquela situação.

— Por que estou com a sensação de que nunca mais o verei? — perguntei, cautelosa.

— Ava e eu vamos nos mudar para a Itália, recomeçar a vida lá. Ele não estava apenas saindo da empresa, mas do país também.

— Isso é... é ótimo para vocês. Desculpe, sei que isso soa falso, mas não é. Estou realmente contente por você, mas também estou com pena de mim mesma. Sentirei sua falta.

— Você mal notará a minha ausência — comentou ele com um riso. Eu não ri. Ted sabia quanto significava para mim.

Desde que havíamos nos conhecido, seis anos antes, e trabalhado juntos num projeto em Londres, Ted oferecera-me constantemente um cargo como sua segunda em comando. Embora sabendo que eu estava estabilizada em Londres, ele vivia me oferecendo o cargo, dizendo:

— Um dia, Matika, acabarei vencendo você pelo cansaço.

Pouco mais de dois anos antes, três dias após ter descoberto sobre Nate e Adele, eu o lembrara da costumeira oferta e lhe perguntara se a vaga ainda estava em aberto. Ted ficara atônito. Eu notara aquilo em sua expressão, na maneira como franzira o cenho de leve. Mas não me fizera perguntas, limitando-se a dizer o que eu teria de fazer para me candidatar ao cargo formalmente e me colocara nele quase logo em seguida.

Quando assumi meu novo papel, estávamos cuidando do lançamento da *Viva Angeles* e, assim, trabalhamos juntos até tarde várias vezes, época em que pedíamos comida para jantar no escritório e, depois, ele me acompanhava durante a caminhada até o meu hotel.

Numa sexta-feira em particular, ele me acompanhou até o hotel, desejou-me bom fim de semana e me deixou na recepção. Subi até o quarto que estava sendo o meu lar até que eu encontrasse um apartamento e sentei na beirada da cama no escuro. Assustada, sozinha e incapaz de fazer qualquer coisa além de ficar torcendo as mãos. Minutos depois, houve uma batida na porta. Demorei a atender porque eu mal conseguia me mover. Era Ted.

— Kamryn — disse, o semblante preocupado —, você está bem? Tem andado um pouco para baixo nas últimas semanas, mas hoje você parece ainda mais... Qual é o problema?

— Amanhã seria o dia do meu casamento — confessei. Aquele peso estivera nos meus ombros a semana inteira. O dia seguinte era a data do meu casamento com Nate. — Eu ia me casar amanhã.

Ele ocultou a surpresa por trás de uma expressão de profunda preocupação, de seu tom manso:

— Oh, Kamryn. Meneei a cabeça.

— Mas está terminado. Não vou me casar. Estou completamente só.

Ted abraçou-me, e eu desabei emocionalmente. Conduziu-me até a cama e ficou deitado ao meu lado a noite inteira, abraçando-me, afagando meu cabelo, enquanto eu alternava entre o silêncio e o pranto melancólico. De manhã, fitei-o para lhe dizer obrigada e o encontrei olhando para mim com a mesma expressão de preocupação intensa que demonstrara ao entrar na noite anterior. Silêncio e compreensão pairaram entre nós, e, então, ele inclinou a cabeça e me beijou. Decidi corresponder. Sabia que Ted era casado e que, embora ele e a esposa, Ava, tivessem se separado recentemente, estavam falando em voltar, mas ainda decidi seguir em frente. Estava cansada da sensação de perda, da dor e da solidão que haviam me assolado nas semanas anteriores. Queria sentir algo diferente. Qualquer coisa. Mesmo que fosse por alguns minutos. Mesmo que aquilo só aumentasse meus problemas. Fiz menção de lhe abrir o botão da camisa, mas ele me deteve.

— Eu... eu... — balbuciou. — Desculpe. Voltei com Ava. Perdoe-me. Fiquei aliviada. Sem um fardo nas costas. Não tinha certeza de que poderia ir adiante com o sexo e agora, felizmente, não teria de fazê-lo. Ted tornou a me abraçar e disse que ficaria comigo por quanto tempo eu precisasse. Passamos a maior parte do sábado deitados na cama, e eu até adormeci. Ele foi embora no domingo, e, embora nunca mais tivéssemos mencionado aquela noite, ficamos mais próximos. Ted vira um lado frágil meu, e eu vi o mesmo lado dele seis meses depois, quando a esposa o deixou de novo, e eu passei a noite observando-o beber até apagar e, então, providenciei que voltasse para casa em segurança. Tínhamos uma amizade baseada em apoio mútuo; eu sempre dava por sua falta quando ele não estava por perto.

— As coisas vão dar certo entre você e Ava, então? — perguntei agora.

— Claro.

A expressão preocupada traía a convicção na resposta dele.

— Isso é o que você quer, não é, Ted? — perguntei, receosa de que ele tivesse sido pressionado pela esposa a tomar aquela decisão. Ela o deixara várias vezes ao longo dos vinte anos de casamento, mas ele sempre a aceitava de volta porque, dizia, "Eu a amo".

— Sim, Kamryn, é o que eu quero.

— Então, qual é o problema? O que ainda não me falou?

— Não há maneira fácil de colocar isso...

— Apenas diga e pronto.

— Eles já encontraram o meu substituto. Venho trabalhando com ele para lhe passar todas as coordenadas nas últimas duas semanas.

A taça tornou a escorregar da minha mão.

— Quer dizer que nem sequer pensaram em me dar a chance de concorrer ao cargo? Não me julgam à altura?

— Não é isso, Kamryn. Você sabe que não pode assumir esse cargo agora que tem uma criança, não com todos os dias em que preciso trabalhar até tarde e com as viagens a Londres e Edimburgo.

O calor da indignação começou a se espalhar pelo meu corpo, desde a ponta dos pés até o último fio de cabelo.

— É por essa razão? Por eu ter uma criança?

— Ninguém afirmou isso oficialmente. Querem alguém novo, alguém que esteja disponível para trabalhar por longas horas, avaliar a estratégia de marketing da empresa com novo olhar e fazer algumas grandes mudanças. Você não pode fazer isso se tem de sair no horário todos os dias, sabe muito bem.

— Isso não aconteceria se eu fosse homem, não é mesmo? Ninguém faz julgamentos em relação à dedicação dos homens ao trabalho uma vez que se tornam

pais. Um homem pode trabalhar todas as horas que lhe pedirem e ainda ser visto como um bom pai porque é o provedor da família. Ou pode sair no horário todos os dias e o chefe não questionará sua dedicação; apenas achará que é um bom pai que quer passar mais tempo com os filhos. É uma situação na qual só se tem a vencer, se você for homem.

— Todos fazemos escolhas — declarou Ted calmamente, imperturbável diante do meu ultraje. — Não estou dizendo que o que fizeram é certo, mas você desejaria realmente perder o tempo que pode passar ao lado de Tegan? Ela só vai ser dessa idade uma vez; quer perder isso? Especialmente agora, que a menina acaba de perder a mãe e precisará mais de você. Como se sentiria se tivesse de abrir mão das horas que pode passar com ela pelo trabalho?

Embora o homem de terno azul-marinho estivesse com a razão, o ressentimento ainda me percorria as veias.

— Deveria ter sido uma escolha minha. A vida é minha, afinal. Estou aborrecida com o fato de nem sequer terem me dado a chance de me candidatar ao cargo, de provar que eu estava à altura. Quem são eles para tomar decisões sobre a minha vida? Trabalho na Angeles há sete anos, e é esse o tratamento que recebo? Quem eles pensam que são? Quem pensam que eu sou? Acham que vou aceitar isso passivamente?

— A prova de quanto a empresa gosta de você e a respeita foi que estiveram dispostos a deixá-la trabalhar em casa em Londres e, então, concederam a você todo esse tempo de folga como licença por luto e licença-maternidade — argumentou Ted.

— Foi também o que os alertou para o fato de que minhas prioridades podiam ter mudado. — Sorvi lentamente um longo gole de vinho branco. — Puxa, estou possessa — declarei, meu corpo inteiro relaxou com resignação. Não era apenas por causa do cargo. Era pela sensação de impotência que tomara conta da minha vida. Tudo estava fora de controle. Primeiro, não pude fazer nada para impedir Adele de... ir. E também não havia impedido Tegan de ser tão maltratada pelos avós. A maternidade me fora imposta, e, agora, meu trabalho, a única coisa que sempre mantivera a minha sanidade, aquilo com que eu podia contar para me manter constante, fora parcialmente tirado de mim. Não era mais dona do meu próprio destino; as circunstâncias haviam esmagado todos os meus planos cuidadosamente elaborados. Não tinha controle sobre nenhuma parte da minha vida. E nem sequer podia me queixar disso. Não tinha o direito de dizer a quem quisesse ouvir quanto fora injustiçada, como tudo era desleal. Tinha de agüentar calada. Meter o rabinho entre as pernas.

— Como é o novo diretor de marketing, então?

— Luke Wiseman? É ambicioso — declarou Ted diplomaticamente. A coisa ficou pior. — Foi selecionado como um talento no mercado e convidado especialmente para o cargo. E ele próprio trabalhava numa conceituada consultoria de treinamento e seleção de altos executivos. — E pior ainda. — É formado pela Harvard Business School. Tem uma porção de idéias, exatamente o que a Angeles precisa.

— Acho que tem razão.

Ted recostou-se no sofá, descontraído agora que me comunicara as notícias graves sobre a minha vida profissional.

— Como é a maternidade? — perguntou, os olhos brilhando com interesse. Ele e Ava não tinham filhos, e fora a infertilidade do casal que abalara o casamento. Ava não pudera ter filhos e fora contra a adoção, mas quisera que Ted tivesse filhos e, assim, deixara-o repetidamente para que pudesse encontrar outra companheira.

— É boa. — Eu não podia contar a Ted a verdadeira batalha que estava travando. Ele teria dado qualquer coisa para estar no meu lugar, para ser pai, para ter uma criança dormindo no cômodo ao lado, sabendo que iria cuidar dela.

— "Boa" significa que você mal está conseguindo dar conta?
— Não, não é assim tão ruim. Apenas tenho uma porção de outras coisas com que lidar.
— A morte da mãe de Tegan.
— Sim, entre outras coisas.
— Gostaria de conversar a respeito? — Ele exibia nos olhos castanhos a mesma preocupação demonstrada naquela noite em que havíamos nos beijado.
— Para ser sincera, não. Fale sobre seus planos para se mudar para a Itália e, o mais importante, quando poderei aparecer para uma visita.
Horas mais tarde, com um táxi à espera diante do prédio, acompanhei Ted até a porta e trocamos um abraço breve, amistoso.
— Você será uma ótima mãe — declarou ele. Esbocei um sorriso.
— Obrigada.
— Você o será, sei que sim. Tenho total confiança em você.
— Obrigada, chefe. Vejo você dentro de algumas semanas.
— Sim, até lá. — Ted começou a descer as escadas e, então, parou. — Oh — falou, virando-se. — Esqueci de dizer, alguém telefonou para você, enquanto ainda estava em Londres. Um rapaz bastante simpático. Queria saber se você iria ao funeral. Qual era mesmo o nome? — Ted estalou os dedos, tentando se lembrar. Não teria precisado se preocupar, eu sabia exatamente o que diria.
— Oh, sim, Nathaniel Turner.

CAPÍTULO 14

Minhas paredes. Minhas lindas paredes de um suave tom creme. Era o que doía mais naquela situação toda. As paredes. Perder a sala de estar não era tão ruim — não era como se eu tivesse criado a sala do nada. Era a perda das paredes que eu havia passado horas e horas pintando que doía. Tinha dado o sangue quando pintara as paredes. E, agora, tudo iria por água abaixo.

Tegan estava com um pincel na mão, uma lata de tinta vermelha perto dos pés e um misto de felicidade, entusiasmo e apreensão no rosto. Eu havia lhe amarrado um lenço azul e branco em torno da cabeça para proteger seus cabelos. Ela havia se preocupado quanto a usar sua blusa rosa de mangas compridas e jeans para a tarefa, mas

assegurei-lhe de que era o que os adultos usavam para decorar. E, para provar, desenterrei meu velho traje de decoração — jeans azul-escuro, uma camiseta cor-de-rosa e um lenço amarelo e branco para amarrar na cabeça.

— Tenho mesmo permissão para pintar a parede? — checou Tegan novamente. Perguntou-me aquilo umas cinco vezes no minuto anterior.

— Sim, de qualquer cor que quiser.

Eu a havia levado a uma loja de materiais de construção no dia anterior e tínhamos comprado uma variedade de estênceis — animais, estrelas, luas, sóis, golfinhos, peixes — e tintas nas cores vermelha, azul, marrom, amarela e verde. Era bem mais barato do que pintar a sala inteira outra vez. Não necessariamente em termos financeiros. Aquilo apenas tomaria menos do meu tempo e da minha sanidade.

— Posso pintar um peixe aqui?

Ela apontou para o espaço sob a janela. Eu tivera de deitar no chão para ficar bem embaixo do parapeito da janela para cobrir a tinta antiga da parede. Agora, o trecho seria enfeitado com um peixe.

— De que cor quer pintá-lo?

Tegan olhou para a lata aberta de tinta vermelha cujo odor se espalhava pela sala quente. As janelas estavam escancaradas, mas as persianas claras que as recobriam não se mexiam porque não havia nem o menor sinal de brisa no ar.

— De vermelho.

— Vá em frente, então. — Pegando o estêncil de peixe, fixei-o à parede com fita adesiva e, a seguir, coloquei-me de lado para que a artista fizesse seu trabalho.

A menina lançou-me mais um olhar para confirmar se não havia problema em fazer aquilo e deu uma pincelada no meio do estêncil. Cada uma de suas pinceladas era breve, nervosa, hesitante, cuidadosamente aplicada para que não ultrapassasse as beiradas, até que o peixe foi preenchido.

O peixe pareceu deslocado na parede, um solitário lampejo de cor no amplo oceano de tom creme.

— Está certo, o que será em seguida? — perguntei.

— Um elefante — decidiu Tegan.

— De que cor?

— Azul? — perguntou ela.

— Se a senhorita quer azul, a senhorita terá azul. — Ajoelhando-me, peguei a chave de fenda, inseri a ponta sob a beirada da tampa e abri a lata. O intenso azul cintilou diante dos meus olhos. Coloquei a tampa com cuidado sobre as folhas de jornal que cobriam o chão.

Fui até o estéreo, enquanto Tegan coloria o estêncil de elefante, e liguei o rádio. Encontrei uma estação descontraída para ouvir, uma que combinava com o sol adentrando pelas janelas e o ar quente, úmido. Quando as abrira antes, ficara surpresa com a fragrância no ar e, fechando os olhos, havia respirado fundo, absorvendo a energia do lado de fora. Esquecera de como a atmosfera era diferente ali. Londres, por mais que a amasse, por mais que não permitisse que alguém ousasse falar mal dela na minha frente e que fosse o meu "lar", estava saturada demais com a urgência da vida. O ritmo frenético de ser uma capital, uma metrópole, parecia impregnar o ar. Leeds era uma cidade, mas sem todo aquele frenesi.

As notas da música *Solsbury hill*, de Peter Gabriel, começaram e aumentei o volume do rádio para que preenchessem a sala e o apartamento. Havia colocado toda a mobília no meio da sala enquanto Tegan dormia no meu quarto na noite anterior. Desmontara a escrivaninha e colocara meu computador no chão, em um canto do quarto. Lençóis velhos cobriam os móveis. Lancei um olhar a Tegan, inclinada um

pouco para a frente enquanto pintava o elefante com todo capricho. Pude sentir a concentração em seu rosto. Pude imaginar a língua entre os lábios, a testa franzida, o olhar focado, enquanto dava pinceladas azuis na parede. Sorrindo, aumentei um pouco mais o volume do rádio.

Foi preciso a maior parte da tarde para circundar a sala com animais. Tegan era detalhista e fazia questão de que houvesse espaçamento igual entre os animais e que ficassem à mesma altura do chão, o que significou que tive de pegar uma régua para que tudo ficasse exato. Pessoalmente, eu teria convivido bem com quaisquer imperfeições, mas não Tegan. Era precisa em quase tudo: à noite, tinha de dormir do mesmo lado da cama; comia começando do centro do prato para fora; quando tirava os sapatos ao entrarmos, colocava-os, todas as vezes, organizadamente no mesmo lugar perto da porta da cozinha. Eu apenas tirava os meus e os jogava de lado a fim de não tropeçar neles.

Paradas ao lado da mobília coberta, observamos nossa obra de arte. Linda. A arca de animais multicoloridos de Tegan. A garota era boa em pintura, era preciso dizer. Provavelmente, herdara o dom da mãe. Mas o pai havia sido bom em artes também. Nate sempre estivera desenhando coisas em pedaços de papel. Sentávamos em barzinhos e, no final da noite, descobríamos que ele desenhara alguém do lugar num guardanapo. Em casa, enquanto assistíamos à tevê, lá ficava ele rabiscando com a caneta num bloco de papel. Fora sua maneira de gastar a energia nervosa. Algumas pessoas fumavam, outras roíam as unhas; Nate desenhava.

Desde que o tinha visto no funeral, Nate passara a povoar meus pensamentos. Qualquer canto da mente que não estivesse ocupado com pensamentos em torno de Tegan, Adele e de como eu daria conta de tudo, era preenchido por Nate. Não havia pensado muito nele desde o dia em que recolhera meus pertences em Londres. Eu o confinara a uma parte da minha mente, um lugar que eu podia ignorar, mas, agora, ele romperia essa barreira, chegava a qualquer ponto que estivesse livre. Ele havia me telefonado. Descobrira sobre a morte de Adele e me telefonara. Esperava uma reconciliação? Ou usar o fato como pretexto para começar a falar comigo novamente? Ou simplesmente para descobrir se eu iria ao funeral?

Like a virgin começou a tocar no rádio e afugentei Nate dos pensamentos, substituindo a imagem dele de preto pela de Madonna de branco, rebolando de uma maneira nada virginal em seu videoclipe. Aumentei o volume até a voz dela ficar quase distorcida. Lancei um olhar a Tegan, que me observava com uma expressão confusa no rosto. *É uma música adequada para uma menina de cinco anos?*, perguntei-me. *Oh, bem, tarde demais, ela já ouviu a maior parte.* Não entendi o significado das palavras quando ouvi a letra pela primeira vez vários anos antes e já era adolescente.

Estendi-lhe a mão e ela pousou a sua, respingada de azul, vermelho, verde e amarelo sobre a minha palma. Comecei a mover os quadris e a cabeça ao ritmo da música. Movi-lhe a mão com a minha, e ela me acompanhou. Começamos a dançar pela sala onde predominava o calor e o cheiro de tinta. Ergui-lhe a mão e a fiz girar umas duas vezes; depois, peguei-lhe ambas as mãos e balancei-lhe os braços. Inesperadamente, Tegan jogou a cabeça para trás e riu, um riso cristalino, alegre, espontâneo. Aqueceu meu coração. Eu a ergui nos braços e continuei dançando pela sala com ela no colo. Era leve, delgada, mas não mais tão frágil quanto já havia sido.

Tegan riu ainda mais, atirando a cabeça para trás e balançando o corpo como se estivesse dançando também.

Like a virgin deu lugar a *Girls just wanna have fun*, de Cyndi Lauper, e eu coloquei Tegan no chão, ambas começando a erguer os braços no ar simultaneamente e a nos movimentar lado a lado. Tegan até sabia um pouco da letra e cantou com o coro.

— Essa é a música favorita da mamãe — riu ela. Parou de repente quando se deu conta do que fez: falou na mãe sendo que nenhuma de nós a mencionara ao longo da semana.

Parei de dançar também, o coração disparado. Cyndi prosseguiu animadamente, mas Tegan e eu ficamos nos entreolhando, cada palavra da letra como estilhaços de vidro penetrando em nossa pele.

Adiantei-me rapidamente até o aparelho de som, desligando o rádio. O silêncio foi súbito, brutal. Eu não sabia como lidar com momentos de lembranças repentinas como esse. Havia lido tudo o que pudera sobre como ajudar uma criança a lidar com a realidade da morte, mas era grande a diferença entre teoria e prática, e eu não tinha experiência alguma naquilo. Nenhum dos textos ou artigos explicara o que fazer em momentos de súbitas recordações. Quando uma pessoa está se divertindo, embora a mãe, a melhor amiga, tenha morrido. Nenhum explicava como lidar com emoções como culpa e ressentimento. Culpa por ter esquecido por um minuto daquela coisa horrível que acontecera e encontrado um momento de alegria. E ressentimento dirigido à pessoa amada por ter partido. E, então, ainda mais culpa por sentir aquele ressentimento. E, então, mais ressentimento por aquela culpa. Era um círculo vicioso que me apanhara e não parecia ter fim, nem me levaria a lugar algum. Pensar tais coisas, vivenciar tais sentimentos dessa forma, porém, significava que eu não tinha o vocabulário necessário para conversar com Tegan a respeito. Não sabia como lhe explicar que era normal sentir aquilo; que ela podia se sentir zangada, desolada, confusa e magoada. E que, apesar da dor que nos cercava, a tristeza não era algo obrigatório 24 horas por dia; o riso era permitido.

Apontei para o trecho de parede vazio, ao lado da lareira que ficava quase de canto.

— E, então, o que vamos fazer ali? — perguntei, tendo fortalecido a voz com falsa coragem. Nenhuma de nós chorava e, portanto, tínhamos de seguir em frente e nos recompor, esperar até estarmos prontas para expressar alguns dos nossos sentimentos.

Tegan deu de ombros e sentou-se de pernas cruzadas ao lado das latas de tinta.

— Ora, vamos, você pode fazer melhor do que isso — falei, persuasiva, sentando ao lado dela. Como podia explicar a Tegan que estava tudo bem em se sentir feliz às vezes, quando eu mesma lutava contra a idéia?

Os olhos azuis brilhavam, marejados, no rosto pálido quando me encarou. Os lábios que haviam estado tão sorridentes momentos antes comprimiam-se com ar desolado.

— Que tal um sol? — sugeri, e Tegan continuou me encarando. — Um sol grande e amarelo. E talvez uma casa? — Ela sacudiu a cabeça. — Está bem, um sol grande e amarelo. O que me diz de algumas colinas? Colinas verdes? — Ela assentiu. — Certo, um sol, umas colinas. Algo mais?

— Uma árvore — sussurrou a garotinha.

— Muito bem, árvores. Acho que sei pintar árvores. O que mais?

— Flores de chocolate.

— Certo. Temos um grande sol amarelo, colinas verdes, árvores e chocolate. Você se importa se, em vez disso, eu fizer as flores na forma daqueles grandes pirulitos vermelho e brancos? Não teremos tinta marrom o suficiente depois de pintar as árvores.

Tegan observou a parede momentaneamente e, então, tornou a olhar para mim, assentindo.

— Acho que sua mãe teria gostado do sol, das colinas, árvores e flores, que, na verdade, são pirulitos — comentei. Não podíamos fazer de conta que Del não existia. Tínhamos de encontrar uma maneira de conversar sobre ela, não importa quanto fosse doloroso. — Teria conseguido pintar tudo isso bem melhor do que eu — acrescentei.

Os olhos úmidos e inquiridores de Tegan fitaram-me por um longo e silencioso minuto.

— Mamãe fazia uma porção de desenhos — disse, enfim.

— Sim. E era muito boa. Venha, então — falei, levantando. — Depois que terminarmos isto, iremos comprar uma cama para você.

— Este é mesmo o meu quarto? — perguntou Tegan, da soleira da porta. Parada atrás dela, observei-a virar a cabeça devagar, tomando o cuidado de não deixar passar nenhum detalhe, enquanto assimilava visualmente seu novo espaço. Levara mais uma semana para que nos organizássemos, para que a cama dela fosse entregue, para que Betsy, a mulher com quem eu dividia o escritório no trabalho, enviasse seu irmão, Brad — um antipático garoto de quinze anos que, por alguma razão, fazia o que quer que Betsy lhe ordenasse —, para me ajudar a redistribuir a mobília. O sofá creme foi transferido para a área de jantar da cozinha e ficou encostado na parede ao lado da porta. Meu enorme pufe vermelho foi posicionado no canto ao lado da antiga despensa, que eu havia mandado converter numa estante embutida. Brad ajudou-me a levar o televisor de vinte e nove polegadas para a cozinha também. Ficou do lado oposto ao sofá. Betsy tornou-se a agradecida ganhadora da grande mesa que costumava ficar na área de jantar. Havia custado uma fortuna, mesmo com o desconto para funcionários que obtive na Angeles. Tinha base de madeira de lei, tampo de vidro decorado e era acompanhada de seis cadeiras com sofisticados espaldares guarnecidos com o mesmo vidro. Não havia como mantê-la e, para substituí-la, comprei uma mesa pequena de madeira que, agora, dividia a cozinha da área de estar.

O computador, a impressora e o restante da parafernália foram transferidos para meu quarto. O verdadeiro problema consistiu nos meus livros. Eu tinha mais de quinhentos em três estantes brancas na sala de estar. Levara quase um ano e meio para tomar uma atitude e comprar as estantes para expor meus livros. Fiquei inconformada em ter de me desfazer de tudo tão rapidamente. No final, o que não coube na estante embutida, foi empilhado no chão ao lado do televisor, uma torre inclinada de livros. Do outro lado da tevê, minha pilha de fitas de vídeo e DVDs. O outro único lugar que eu tinha para guardar objetos era o grande armário embutido junto à parede do corredor, mas metade dele estava agora ocupada pelas caixas de Adele. A pequena tevê que estivera na cozinha foi parar no novo quarto de Tegan. O quarto para o qual olhava. A cama estava arrumada com uma colcha com estampa de um céu azul claro e nuvens e almofadas e fronha combinando. Ao lado da janela, havia um guarda-roupa de madeira leve. Abaixo da janela, estava uma cômoda, para as roupas de baixo, meias e peças dobradas. Eu havia usado fita adesiva de carpete para fixar dois grandes tapetes vermelho e branco ao chão laminado — um abaixo da mesinha da tevê e outro ao lado da cama.

Ao lado da lareira, achava-se um grande baú de brinquedos. Também havia prateleiras para os livros que eu sabia que ela adorava ler e que já havia lido para ela. Como toque final, colara letras grandes e coloridas na porta, formando "Tegan".

— Sim, é todo seu. Poderá fazer tudo o que quiser aqui — respondi, concluindo que o "dentro do razoável" já estava implícito.

— É mesmo? — Tegan ainda não passara da soleira.

— Claro que sim. Não vai entrar?

Ela adiantou-se com hesitação pelo quarto, sentando-se na cama.

— Bem, achei que talvez você quisesse tentar dormir na sua própria cama hoje, mas se ainda quiser dormir comigo no meu quarto, está tudo bem.

— Gostei desta cama — declarou a garotinha. — É grande o bastante para mim.

— Ótimo. Agora, vou preparar alguma coisa para tomarmos. Por que não experimenta a sua tevê e o seu vídeo?

Tegan balançou a cabeça animadamente e saltou da cama, aproximando-se da pequena tevê instalada com o videocassete que eu comprara.

Comprar era algo que eu andava fazendo muito recentemente e assustava-me o fato de tudo ser tão caro. Nunca fora pessoa das mais sensatas em se tratando de dinheiro. Pagava a hipoteca do apartamento e as demais contas em dia e sempre gastara demais saindo para me divertir. Mas, apesar do título do meu cargo, não ganhava assim tão bem. Sempre vivera com o saldo bancário no limite e abusando do cartão de crédito. (Nate era o sensato quando se tratava de dinheiro, mas eu acabara não adquirindo sua habilidade para lidar com as finanças). Agora que eu tinha duas bocas para alimentar, vestir e cuidar, estava penando.

Del, por mais que a tivesse adorado, fora indisciplinada em se tratando de dinheiro. Só com sua morte me dei conta de como fora realmente descuidada. E, admito, irresponsável. *Inconseqüente*. Pronto, pensei aquilo. Del fora inconseqüente. Ela amara a filha, não havia dúvida, mas não a deixara amparada de maneira nenhuma. Ambas haviam morado no mesmo apartamento que Del e eu tínhamos alugado quando nos mudamos para Londres. E haviam desocupado o apartamento quando o estado de Del se tornara crônico, para morar com o pai e a madrastra.

Ela não tinha economias — apenas uma incrível coleção de roupas. Fora *freelance* durante a maior parte de sua vida profissional porque precisara de flexibilidade para cuidar da filha. Assim, não tivera seguro de vida, nem nenhum outro tipo de benefício financeiro para uma eventualidade. A única coisa sensata que fizera fora manter o seguro adicional dos cartões de crédito que, portanto, haviam sido pagos quando eu enviara uma cópia da certidão de óbito dela às empresas.

Acho que, como eu, ela acreditara que tinha todo o tempo do mundo para começar a ser uma adulta financeiramente responsável. Se não tivesse sido pelos três meses de sermões de Nate, eu não teria iniciado uma previdência privada. Sem ter me dado conta, achara que viveria para sempre e que, em determinada altura, quando fosse mais velha, eu, enfim, aceitaria que não viveria por uma eternidade e, então, teria previdência privada, abriria poupanças, aplicações, começaria a ler o caderno de finanças dos jornais e não ficaria boiando quando o assunto fosse índices econômicos ou o mercado de ações.

Aquilo ainda não acontecera. E não acontecera para Del também.

As coisas ficariam apertadas para nós.

Demorei para preparar algo para bebermos, dando a Tegan a chance de se familiarizar com o novo espaço. Quando voltei, ela havia colocado Meg na cama sob as cobertas e organizara todos os seus livros nas prateleiras por ordem de tamanho.

— Gostei deste quarto—informou-me, aceitando a caneca de achocolatado que lhe entreguei e sentando no centro do quarto. Acomodando-me diante dela, olhei ao redor. Aquele não era tão grandioso quanto o aposento que Tegan tivera em Guildford, mas era dela e não continha lembranças ruins. Falando em lembranças...

— Fico contente que tenha gostado do quarto, Tiga. Tenho algo para você.

— Um presente? — Os olhos da garotinha se iluminaram.

— Mais ou menos. — Levantando-me, fui até a cozinha buscar a lembrança que havia separado quando Tegan estava dormindo na noite anterior.

— Sei que isto pode deixá-la triste em princípio, mas acho que você deve ficar com ela, de qualquer modo. — Estendi a foto de Adele e Tegan que Del mantivera ao lado de sua cama no hospital. As duas tinham a cabeça encostada uma na outra, a menina abraçando a mãe pelo pescoço, ambas sorridentes por trás do vidro do porta-retrato simples.

Tegan hesitou, os olhos arregalados e assustados observavam fixamente a foto na minha mão. Enfim, deixou de lado a caneca de achocolatado e pegou o porta-retrato. Segurou-o com as duas mãos, os cabelos soltos quase ocultando-lhe o rosto enquanto olhava para a foto, mas pude ver seus lábios apertados.

— Sua mamãe era muito bonita, não? — arrisquei. Ela meneou a cabeça sem erguê-la.

— Não tem de colocá-la em lugar nenhum agora, querida — falei, temendo tê-la pressionado demais e cedo demais. — Eu a guardarei, se quiser.

O que eu havia pensado? Não queria olhar para fotos de Adele o dia inteiro, por que a menina iria querer?

Tegan levantou-se, adiantou-se até a tevê e colocou o porta-retrato com a foto em cima dela.

— Acho que deve ficar ali. Está bem assim, mamãe Ryn? Acenei que sim com a cabeça e sorri.

— Está perfeito, docinho.

CAPÍTULO 15

Os papéis farfalhavam enquanto a diretora da escola os folheava. Permaneci sentada em silêncio, observando-a. Tegan, evidentemente, estava quieta e calada na poltrona ao meu lado.

A diretora, alheia a nossos olhares de nervosismo, parou numa página, estreitou os olhos para examiná-la minuciosamente, embora estivesse de óculos, e, então, ergueu a cabeça, fitando-me com um olhar direto. Senti o rosto tenso de preocupação, e ela me lançou um sorriso profissional que lhe alargou o rosto anguloso e tornou a baixar a cabeça, retomando a verificação do arquivo à sua frente. Meu pulso acelerou um pouco quando acompanhei seu olhar, percebendo que ela lia as páginas de uma pasta bege. Como eles tinham tantos papéis, tantas informações, se eu não os fornecera? Nem preencheria formulário nenhum. Na verdade, quando havia telefonado para a escola para saber como proceder para matricular uma criança para o ano letivo seguinte, haviam me dito que eu teria de lhes dar o nome da minha criança, antigo endereço e o nome da escola anterior — mas não precisava preencher nenhum formulário.

— Nenhum? — confirmei.

— Não — foi a resposta.

— Mas isso não significa que qualquer um pode aparecer a qualquer momento e dizer: "Tenho um filho e quero que ele frequente essa escola"?

— A criança precisa morar na área de abrangência e, é claro, tem de haver vaga — respondeu a secretária da escola.

— Assim, qualquer um que more na área pode aparecer de repente e dizer "Tenho um filho e quero que ele frequente essa escola"?

— Basicamente, sim.

— Não parece certo.

— Por quê?

— Porque é mais difícil obter um cartão de fidelidade de supermercado. E se um impostor aparece?

— Uma criança impostora?

Falando daquele jeito, a mulher até dava a entender que eu parecia biruta, ou algo assim, mas o fato era que o método não parecia correto. Eu havia crescido encontrando dificuldade para entrar em qualquer tipo de associação — o clube das meninas, a União dos Estudantes, bancos, empregos. Sempre houvera formulários para preencher, informações adicionais a dar, dados sobre minha pessoa a divulgar ao mundo de forma geral. Aquilo deveria ser ainda mais complexo. Conseqüentemente, solicitara uma reunião com a diretora da escola porque eu precisava tornar a vida mais difícil para mim mesma. E também porque queria conhecer o lugar. Não queria lançar Tegan de cabeça num ambiente desconhecido, um que se tornaria uma grande parte de seu dia-a-dia, sem vê-lo primeiro. Queria visualizar o lugar sobre o qual me falaria quando me contasse sobre o seu dia, verificar se todas as coisas que lera quanto a escola ser boa, decente e segura eram verdade; se não havia, na realidade, bueiros abertos ao redor, nem água escorrendo pelas paredes. Meu pedido fora feito havia uma semana, quando ainda acreditava que precisaria averiguar se a escola estava à altura dos meus padrões.

Conforme os dias passaram, aquela sensação dissipou-se e comecei a me preocupar com a possibilidade de uma rejeição. De eu estar fazendo algo, aparentando ser algo que influenciaria na decisão de que não queriam Tegan ali, afinal. O medo cresceu até se solidificar na minha mente como não apenas uma possibilidade, mas uma certeza. Naquela manhã, mudamos de roupa duas, talvez dez, vezes; finalmente, decidi-me por um *tailleur* preto com blusa branca para mim e um vestido de brim vermelho com camiseta branca por baixo para Tegan. Alisei o cabelo e penteei de lado no meu costumeiro estilo comportado. Quanto aos cabelos de Tegan, prenderei-os num rabo-de-cavalo enfeitado com fita vermelha.

Tive de soltar constantemente a mão de Tegan para secar a transpiração nas minhas, enquanto percorríamos a pé o caminho entre nosso apartamento e a escola primária. Não me lembrava de já ter ido para alguma reunião com esse tipo de apreensão e nervosismo, mas um frio na espinha quando fomos conduzidas ao gabinete da diretora confirmou que eu era capaz de sentir ainda mais medo.

A sra. Hollaby, a diretora, estava na casa dos cinquenta, a julgar pelas rugas no rosto anguloso e os cabelos grisalhos presos num coque baixo. As roupas, no entanto — uma camiseta branca com uma estampa colorida com o nome da escola e um jeans claro —, contrastaram tremendamente com aparência. Também fizeram com que eu me sentisse inadequada e excessivamente produzida.

Endireitei-me na cadeira, obrigando-me a irradiar a confiança com a qual convencera o alto escalão da Angeles a aprovar minha idéia para o lançamento da revista. Meus olhos provavelmente me denunciaram, porém, revelaram que estava preocupada, perguntando-me onde ela arranjava aquele dossiê e o que diziam as inúmeras páginas. Relatavam a morte de Adele? Confessavam quem era o pai de Tegan? Explicavam que a mulher que antes fora o que mais próximo ambas haviam tido de um familiar as abandonara?

— Sra. Matika... — começou a sra. Hollaby, erguendo a cabeça para me observar.

— É só Matika — interrompi-a.

— É senhorita Matika, então? — indagou a mulher, a ligeira entonação na voz questionava meu estado civil. Se eu era divorciada, ou uma daquelas mulheres liberais.

— Senhora, senhorita... são formas de tratamento tão reveladoras — respondi. — Nunca me casei, mas não quis que as pessoas soubessem disso. Não lhes diz respeito. Quero dizer, os homens não têm de anunciar seu estado civil desse jeito, não é mesmo? — acrescentei com um riso nervoso, que soou vazio e forçado em meio ao silêncio do gabinete, confirmando que eu estava ansiosa.

— Entendo.

— Pode me chamar de Kamryn.

O rosto dela se enrugou mais com outro de seus sorrisos profissionais, calculados — em vez de me tranquilizar, o gesto me produziu um calafrio pela espinha.

— Kamryn — repetiu num tom indecifrável. — É uma pena que seu companheiro não tenha podido vir junto.

— Não tenho um companheiro — respondi num tom manso. A sra. Hollaby franziu o cenho.

— É, então, a responsável por Tegan?

— Sim, sou.

— A única responsável?

— Sim. Sou a mãe dela.

Mais farfalhar de papéis, enquanto a diretora os examinava novamente, tentando encontrar uma resposta, tentando entender por que Tegan, com sua pele branca e cabelo loiro, tinha a Kamryn de pele escura e cabelos negros como mãe.

Eu a observei buscando aquela preciosa informação e me perguntei momentaneamente se deveria deixá-la vagar às cegas naquela situação feito uma mulher sonolenta procurando um interruptor de luz no meio da noite. Não podia fazer aquilo, evidentemente. Tinha de lhe esclarecer tudo; aqueles que fossem responsáveis de algum modo pela menina ali — no caso, por sua educação — precisavam saber o que acontecera, para o próprio bem dela.

— Sou a tutora legal de Tegan — declarei com toda a firmeza e precisão, deixando claro em meu tom que não queria falar sobre o assunto na frente da garota. Para enfatizar isso, lancei um olhar à garotinha. Estava sentada no centro da cadeira, os braços envolvendo Meg, os olhos observando atentamente a diretora. Parecia fascinada pela mulher, como se fosse uma nova espécie que tivesse descoberto.

A diretora entendeu a minha reserva e estendeu a mão comprida até o telefone. Observei-a pressionar um número e, então, pedir a alguém que entrasse no gabinete. Minutos depois, uma jovem de cabelos castanhos até a cintura, que usava a mesma camiseta vibrante da escola e jeans, entrou na sala. Após uma breve conversa com a sra. Hollaby, agachou-se diante de Tegan e apresentou-se como Maya. Perguntou-lhe se ela gostaria de ir conhecer algumas das outras crianças do grupo de recreação.

Tegan virou-se abruptamente para me fitar, os olhos repletos do que pareceu apreensão.

— Não tem de ir se não quiser — assegurei.

Ela arregalou um pouquinho mais os olhos, mas sua expressão permaneceu calma, o que significava que não estava com medo. Queria ir, mas não se sentia confiante o bastante para dizer aquilo na frente de duas estranhas.

— Pode ir, se quiser. Você quer ir? — Sorri de maneira encorajadora. Ela confirmou com um gesto de cabeça.

— Vá, então, sim? Irei me encontrar com você depois, está bem?

Tegan sorriu timidamente e respondeu "está bem" antes de descer da cadeira. Segurando a mão de Maya, deixou o gabinete.

Eu as observei sair, outra onda de temor percorrendo-me. E se nunca mais a visse? Eu não sabia nada a respeito daquela Maya. E se ela desaparecesse da escola levando Tegan?

— Ela ficará bem — assegurou a sra. Hollaby, enquanto eu olhava para a porta fechada.

Tornei a me endireitar na cadeira, encontrando-lhe o olhar.

— Eu sei. Apenas me preocupo.

— Posso ver isso. — A diretora adquiriu uma expressão compreensiva. De algum lugar em meu íntimo, suspirei, esvaziei todo o ar dos pulmões, enquanto me resignava àquilo. A deixar uma completa estranha esmiuçar minha vida. Desde Nate e Adele, eu não me abrira com as pessoas. Ted sabia um pouco a meu respeito, mas sempre tomei o cuidado de não revelar demais. Quando partilhamos demais de nós mesmos, as pessoas podem nos magoar.

— Sou a guardiã legal de Tegan — comecei. Respirei fundo. Passinhos curtos. Tinha de ir bem devagar. — A mãe dela, minha melhor amiga, morreu recentemente. Entregou a filha aos meus cuidados. Sou a única responsável por ela.

A diretora levantou, contornou a mesa e sentou na cadeira de Tegan. Esta, que parecera imensa quando ocupada pela menina, diminuiu consideravelmente sob a figura de uma pessoa adulta. Ela entrelaçou as grandes mãos, examinando-me da mesma

maneira que estudara os papéis no dossiê de Tegan, perscrutando meu rosto como se as palavras da minha história estivessem prestes a se revelar lentamente em meus traços. Parecia posicionada para me abraçar e recuei ligeiramente.

— Vou adotá-la porque foi o que prometi à mãe dela. — Ninguém mais sabia daquilo. Todos pensavam que eu estava apenas cuidando de Tegan; ninguém sabia que eu a tornaria legalmente uma Matika. — A mãe dela mor... nos deixou há poucas semanas, mas tenho de seguir em frente e adotá-la.

— Deve estar sendo muito difícil para você.

— Sou assim tão óbvia? — Toda a falsa coragem em minha voz ruiu com um tremor de emoção. Aquilo era mais difícil do que imaginei.

A mulher franziu as sobrancelhas com ar preocupado, um sorriso de simpatia surgindo nos lábios. Desviei o olhar, para me proteger da simpatia dela. Simpatia era algo que eu podia viver sem — não tinha força alguma se me visse diante da bondade de estranhos. Fixei o olhar num ponto para além do ombro dela, na grande janela e no mundo adiante. Tudo estava tão cheio de vivacidade naquele dia. Alegre, ensolarado. Era verão, o sol contagiava tudo com seu calor e energia, deixando aquela atmosfera vibrante no ar.

— Você está tendo o auxílio de uma assistente social? — perguntou a diretora.

— Eu... hã... ainda não tive tempo para providenciar isso — falei, evitando-lhe o olhar. — Estive tentando reorganizar o apartamento para que Tegan pudesse ter o próprio quarto. E também houve a saga do xampu, a qual nem sequer vou descrever. E com a mudança, a pintura, a redistribuição da mobília e o xampu, só tive tempo para mais isto até agora. Matriculá-la numa escola. Achei que, se a matriculasse numa escola, talvez vocês pudessem recomendar um grupo de recreação, ou algo assim, que ela pudesse freqüentar durante as férias de verão, para quando eu voltar ao trabalho. Mas arranjurei uma assistente social. Prometo.

A sra. Hollaby tocou minha mão, e eu me sobressaltei, surpresa. Fiquei, então, tensa, receando que ela tentasse me abraçar.

— Não estou repreendendo você, Kamryn. Apenas perguntei porque o serviço de assistência social pode ajudar. É para isso que os assistentes sociais estão lá. Não apenas na questão da adoção, mas também em relação a quaisquer problemas que você possa ter. Também ajudarão você a encontrar alguém com quem Tegan possa conversar.

Sobre o que Tegan precisa conversar?, perguntei-me, subitamente alarmada.

— A dor da perda é dura para todos — prosseguiu a diretora da escola. — Se Tegan estiver achando difícil expressar isso, talvez precise de alguém mais com quem conversar. Mas você precisará de um assistente social para a adoção, de qualquer modo.

— Está certo. Sim. Acho que eu sabia disso.

— E quanto a um agente de saúde?

— Tegan não está doente — respondi, a apreensão crescendo.

— Um agente de saúde conversará com você sobre uma infinidade de coisas importantes. A intenção é ajudar você e também a sua criança. Se tiver quaisquer dúvidas ou preocupações em relação a ser uma mãe adotiva, poderão ajudá-la.

— Está certo.

— Existe ajuda disponível. Tem apenas de solicitá-la.

Eu não podia pedir ajuda. Já era difícil o bastante explicar minha situação. Revelar que eu também estava fazendo das tripas coração seria impossível.

— Uma das outras mães daqui também está passando pelo processo de adoção — informou a diretora. — Eu poderia conversar com ela, descobrir se está disposta a partilhar sua história com você.

Recuei um pouco novamente, sem saber o que era mais assustador, um abraço ou a idéia de ser apresentada a outra pessoa naquelas circunstâncias, como uma versão de um "encontro às escuras" entre mães.

— Você é do tipo bastante reservado, pelo que percebo — observou ela, perspicaz.

Abri um sorriso.

— Sim, sou.

— Está certo.

— Então, nós... quero dizer, Tegan será aceita aqui? Terá um lugar aqui?

— Sim, ela mora na área e foi um prazer conhecê-la. Parece ser uma criança encantadora.

— Ela é. E quanto aos grupos de recreação?

— Sim, é claro. Temos um grupo de recreação aqui. Ele se reúne das oito às seis e meia. Damos às crianças o café-da-manhã, o almoço e um lanche à tarde, antes que venham buscá-las. Temos várias atividades durante o dia, além de leitura, desenho e um horário para uma soneca.

— Há um custo, certo?

— Sim.

Não importava o custo, pois não seria tão caro quanto contratar uma babá. Eu fizera vários cálculos, reduzindo nosso orçamento para que apenas comprássemos roupas ano sim, ano não e não comêssemos nada além de macarrão e molho de tomate caseiro, e, mesmo assim, ainda faltaria dinheiro. Um grupo de recreação na escola era a única coisa que eu poderia pagar. Simplesmente teria de trabalhar durante o horário de almoço para garantir que sairia a tempo a cada fim de tarde e, então, levar trabalho para casa para fazer depois que Tegan adormecesse.

— Vocês têm vaga?

As rugas da sra. Hollaby acentuaram-se quando sorriu.

— Criaremos uma vaga para Tegan.

Atirei os braços em torno do pescoço dela, apertando-a num gesto de gratidão, exclamando:

— Obrigada! Oh, muito obrigada! — Alguma coisa deu certo. Uma coisa pequena, mas significativa. O corpo da sra. Hollaby se retesou durante o meu abraço e me contive. Dei-me conta do que fazia e soltei-a. — Quero dizer, obrigada, isso é ótimo — falei calmamente. — Podemos ir ao encontro de Tegan agora, então? — perguntei. O gabinete da diretora, o mundo que ele englobava, parecia ter algo errado, e aquilo se dava porque Tegan não estava ali. Estava tão acostumada a tê-la a meu lado, ou do outro lado do quarto, ou no meu raio de visão — nas horas em que a garotinha estava acordada, nunca ficávamos separadas por mais tempo do que o necessário para eu tomar banho — que me sentia inquieta sem ela.

Caminhamos por corredores de piso azul emborrachado e paredes em tom marfim. Murais com trabalhos de artes multicoloridos, feitos pelas crianças, enfileiravam-se pelos espaços entre as imensas janelas. Observei as figuras educadamente enquanto passava, satisfeita em poder identificar uma vaca, um cavalo, um dinossauro, ou uma pessoa entre os melhores esforços.

O sol quase me ofuscou quando atravessei a soleira da porta até o *playground*, o brilho intenso me levou a apertar os olhos. Olhei ao redor do pátio à procura de Tegan. Sabia que estaria sozinha, grudada a Meg e rezando para que eu aparecesse logo para buscá-la. Não consegui vê-la. Olhei ao redor atentamente mais uma vez. Ela não estava perto do bebedouro. Nem próxima à base do brinquedo de barras. Nem no perímetro dos demais brinquedos. Nem tampouco encostada com ar tristonho no muro alto de

tijolos vermelhos. Meu coração disparou, amedrontado. O que Maya fizera com Tegan? Levára-a embora, roubara-a? Eu já estava pensando em agarrar a diretora pelos ombros e exigir que fizesse aparecer a minha garotinha quando avistei Tegan com outras quatro meninas. As cinco estavam absortas numa conversa intensa, as vozes baixas, os semblantes sérios como se fossem membros de um júri no julgamento de um crime. As garotas eram todas da mesma altura de Tegan, duas de cabelos pretos, uma loira e outra ruiva. Tegan era a mais bonita, concluí, embora pudesse ver duas das cinco do grupo apenas de costas. Ela não precisava de tempo para que seus traços desabrochassem, já era linda. Como se adivinhasse que eu a coroara rainha da beleza da escola em meus pensamentos, Tegan ergueu a cabeça. Nossos olhos se encontraram, e ela me dirigiu um sorriso radiante. Levantando Meg com a mão direita, acenou para mim com a boneca de pano e, então, sem esperar por uma resposta, voltou a submergir na conversa.

— Parece que ela se adaptou bem logo de início — comentou a sra. Hollaby.

— Conheci uma porção de gente — anunciou Tegan. Segurava a minha mão e a balançava enquanto seguíamos pela calçada, Meg oscilando no mesmo ritmo na outra mão.

— Isso é bom — comentei. Baixando o olhar, notei que ela me observava.

— Conheci Crystal. Ela tem um irmão chamado Cosmo. Não é tão grande quanto ela. E conheci Ingrid, que tem um irmão mais velho chamado Lachlan. Eu não tenho um irmão, não é mesmo?

— Não.

— E conheci Matilda, que tem vários irmãos e irmãs. Tem uma irmã que se chama Marlene e outra, Maree.

— É o mesmo nome.

— Não é. Uma é Marlene, e a outra é Maree. Não é o mesmo nome.

— Está bem, está bem — concordei, sem argumentar que o segundo nome derivava do primeiro.

— E tem um irmão chamado Declan. Outro chamado Dorian e outro, Daryl.

— Puxa, é uma porção de irmãos e irmãs.

Tegan balançou a cabeça, agitando o rabo-de-cavalo.

— Eu sei. Matilda disse que eu ia voltar amanhã. E vou voltar amanhã, mamãe Ryn? Posso?

— Não amanhã, na semana que vem. Gostou desse lugar, então?

— Sim.

— Não se importa em voltar?

— Não. Quero voltar. — Ela estava entusiasmada. — Arranjei uma porção de amigas. Crystal, Ingrid e Matilda.

Nunca fiz amizades tão depressa quando criança; nem tampouco quando adulta. Quanto a Tega? Aquilo não era um problema.

— Está certo, você poderá voltar.

O rosto dela iluminou-se com um amplo sorriso que me causou uma ponta de ciúme. Fiquei me torturando por não tê-la visto durante dez minutos, e ela mal podia esperar para se ver longe de mim.

— Você virá junto para brincar o tempo todo na semana que vem?

— Não, irei para o trabalho.

Tegan deteve-se abruptamente no meio da calçada, parando de balançar minha mão.

— Por quê? — perguntou num acesso de pânico, horrorizada com a idéia de que eu não estaria por perto. Queria que ela sentisse algo, que ao menos eu lhe fizesse alguma falta, mas não esse terror.

— Tenho de ir trabalhar.

— Por que não pode vir comigo?

— Porque sou adulta, e adultos têm de trabalhar. Mas você poderá brincar com as suas amigas o dia todo e me contar como foi depois.

— Você virá depois?

— Sim, no fim do dia. E, então, você poderá me contar sobre quem mais conheceu e os irmãos e irmãs das novas amigas.

— Você promete que virá depois?

— Sim, prometo.

— Promete para todo o sempre?

— Sim — respondi. Ela me encarou até que acrescentei: — Sim, prometo para todo o sempre.

Tegan abriu um sorriso e continuou caminhando ao meu lado pela calçada; caminhando e saltitando, os pés cobertos por sandálias vermelhas parecendo executar passinhos de dança.

— Que tal arranjarmos alguma coisa para comer e ficarmos no parque pelo resto do dia? — sugeri.

— Sim. Mas temos de passar em casa primeiro, não é?

— Por quê?

— Porque você tem de trocar essa sua roupa chique.

— Sim, acho que sim.

Tegan começou a curvar os lábios, revelando os dentes brancos, as faces ficando arredondadas enquanto o sorriso se ampliava. Os olhos azuis cultuaram. O tom rosado nas maçãs do rosto e o brilho radiante nos olhos lembraram-me de Adele. Lembraram-me daquele primeiro sorriso de verdade que me dirigiu. Como me senti contagiada por aquele sorriso. E, então, dei-me conta do que Tegan dissera: "Temos de passar em casa primeiro". Em "casa", em nosso "lar". E falara aquilo espontaneamente, o que significava que estava se sentindo bem no apartamento. Comigo.

— Sabe de uma coisa? — perguntou ela.

— O quê?

— Crystal tem um gato.

“Ele não parece um monstro.”

CAPÍTULO 16

Hesitei diante do escritório no nono andar, a mão erguida para bater à porta. Do outro lado, estava Luke Wiseman, o novo diretor de marketing da Angeles. Ele me convocara via e-mail para ir até seu escritório para um "bate-papo" (palavra dele, não minha) no terceiro dia após meu retorno à Angeles.

A idéia de voltar ao trabalho convertera minhas emoções num pêndulo que oscilava constantemente entre o medo e a empolgação. O medo me tomava de assalto a cada vez que pensava em minha ausência por tantas semanas que, talvez, não lembrasse mais o que fazer. O pêndulo, então, passava para a empolgação, porque esse fato de eu não me lembrar mais o que fazer significava que o trabalho seria um tipo diferente de desafio. Então, temia novamente porque estaria a quilômetros de distância de Tegan. Passara dois dias sem a menina quando ela estivera no grupo de recreação da escola, mas, uma vez que eu estivesse trabalhando de volta ao centro de Leeds, para estar com Tegan dependeria do trânsito e do transporte público; não poderia simplesmente caminhar até a esquina para buscá-la. Em seguida, tornava a ficar empolgada porque não teria de passar mais horas assistindo à programação infantil na tevê e, portanto, conseguiria parar de falar e pensar da maneira exagerada como faziam os apresentadores.

Entre a ansiedade e a expectativa, estava a certeza de que eu iria conhecer Luke Wiseman. Era meu chefe, a pessoa com quem trabalharia mais diretamente e também era minha primeira nêmesis no trabalho — o único colega que conhecia que ficara com o cargo que deveria ter sido meu. Sua presença na Angeles estaria sempre esfregando na minha cara a incapacidade de ascender até o topo.

No meu primeiro dia de volta ao trabalho, Tegan, que não ficara nem um pouco nervosa no seu primeiro dia no grupo de recreação (estivera empolgada a caminho de lá e, então, incrivelmente falante naquela noite), dera-me um abraço forte, redobrado, junto aos portões da escola.

— Divirta-se no seu trabalho — dissera-me, como se fosse a adulta e eu, a criança.

O percurso de trem até o centro de Leeds depois daquilo fora carregado de tensão. Tudo em que pude pensar foi em não me deixar intimidar por Luke Wiseman. Quando, enfim, cheguei ao meu escritório no décimo andar, eu estava com os nervos em frangalhos, dividida entre a vontade de vomitar e a de esbofeteá-lo no segundo em que o conhecesse para mostrar quem era a verdadeira chefe ali. Descobri, dez minutos depois, que ele estaria em Londres até sexta-feira.

Sexta-feira. A próxima.

Uma vez que eu soube que não seria obrigada a lidar com meu arquiinimigo, descontraí-me no trabalho, gostei de rever as pessoas que foram me contar suas novidades, para saber o que eu andara fazendo. Betsy, que estivera sozinha em nosso escritório por quase dois meses, ao me ver, agiu como se eu tivesse regressado após um ano morando no exterior. Passou o dia se oferecendo para preparar nosso chá e contornando a mesa para me envolver com grandes abraços.

— Você poderia me processar por assédio sexual — brincou a um dado momento. — Sinto-me tão tentada a beijar você na boca.

— O sentimento é recíproco, amiga — respondi, um tanto surpresa, mas imensamente feliz pelo fato de ela ter sentido tanto a minha falta. Éramos amigas, mas eu sempre achei que fosse algo apenas relacionado ao trabalho. Era bom saber que ela realmente gostava de mim. — Mas sem o beijo na boca.

Ted deixara a empresa no dia anterior com seu habitual jeito digno, discreto. No horário de almoço, ele me pedira que o acompanhasse até a lanchonete. Uma vez lá, confessara que não voltaria ao escritório, que não agüentaria as despedidas extravagantes que a equipe da Angeles costumava fazer. Assim, fora apenas:

— Adeus, Kamryn. Manterei contato. — E aquilo havia sido tudo. Ted se fora.

Agora, eu tinha de enfrentar Luke. Respirando fundo, preparei-me mentalmente e bati na porta. Segundos depois, uma voz possante indicou-me que entrasse.

Respirei fundo novamente antes de me adiantar até o interior do espaçoso escritório de paredes brancas. A persiana estava fechada sobre a janela atrás da mesa para proteger o computador do sol. Olhei ao redor, verificando o que Luke mudara no escritório. A grande planta ornamental ainda permanecia a um canto, a posição da mesa continuava a mesma, as persianas ainda eram em tom pastel, a mesa de reuniões ao lado de uma parede ainda tinha quatro cadeiras azuis em volta. Ele não mudara, nem acrescentara nada ali, quase como se não tivesse necessidade de mostrar que era o seu domínio. Se fosse meu, teria deixado expostas as capas da *Viva Angeles*, teria acrescentado mais algumas plantas, teria... *Pare*, ordenei a mim mesma. *Luke ficou com o cargo, com o escritório; você tem de aceitar isso.*

O homem detrás da mesa não se levantou quanto entrei. Na verdade, recostou-se na poltrona, esticou o corpo comprido e não fez a menor tentativa de ocultar o fato de que estava me avaliando. Fui mais discreta no meu exame. Os traços dele, fortes e bem-definidos, pareciam esculpidos, como se um artista tivesse passado horas aprimorando-os em sua pele clara, bronzeada. O nariz era reto e forte, os olhos igualmente espaçados, o maxilar de contornos firmes até o queixo. Os cabelos pretos exibiam um corte bem rente, feito com máquina número um, o que deixava seu rosto ainda mais atraente. Acima dos lábios cheios, havia um bigode fino que descia pelas laterais do rosto até formar uma barba rente. O que sobressaía mais nele, porém, eram os olhos — um tom claro, vibrante, intenso de castanho, que me fez lembrar de âmbar lapidado e reluzente. Usava camisa branca com o botão do colarinho aberto e mangas dobradas e elegante calça bege. Pelo aspecto impecável de seu corpo, soube que tinha o físico de quem praticava exercícios. Reconheci seu tipo; trabalhei com muitos deles ao longo dos anos. Era o sr. Carreira. Era dinâmico, engajado, super-ambicioso e qualquer um que trabalhasse a seu lado teria de dar cento e cinquenta por cento de si, ou ele encararia a ausência de absoluta dedicação como um insulto pessoal e encerraria a carreira de quem não correspondesse às suas exigentes expectativas.

Enquanto eu o estudava, os olhos castanho-claros do sr. Wiseman percorreram-me, notando o cabelo preto, o corte de comprimento pelo queixo; meus olhos castanho-escuros; meus lábios sem batom; o pescoço esguio, o corpo oculto sob uma camisa vermelha simples e calça preta de corte reto; as unhas dos pés por pintar aparecendo na ponta das sandálias de salto médio. Depois que me percorreu de alto a baixo, seus olhos endureceram com um ar de reprovação. Ficou claro que não gostou do que viu.

— Sente-se — ordenou.

— Por que, isto vai demorar? — respondi no mesmo tom hostil.

Ele sorriu de repente, surpreendendo-me com uma inesperada demonstração de charme.

— Por favor, Kamryn — falou calorosamente, indicando a cadeira diante da mesa. — Sente-se.

É tarde demais para a exibição de charme agora, pensei. Já vi a repulsa em seus olhos. Sei o que pensa de mim.

— Prefiro ficar de pé — insisti, retribuindo com um sorriso de orelha a orelha, mas cem por cento falso. — Tenho muito trabalho a fazer.

Minha resposta tirou um pouco do brilho do sorriso dele. Estudou-me por um momento, obviamente tentando descobrir como lidar comigo.

— O que vai fazer hoje à noite?

— Como disse? — falei, confusa. *Ele está me convidando para sair?* Eu o interpretara da maneira completamente errada? Aquela expressão teria sido, na verdade, um meio de encobrir sua atração por mim?

— Tenho jantado fora com todos os chefes de departamento para saber o que acham do marketing da Angeles, ver se têm idéias novas sobre como podemos aperfeiçoar as coisas. Você é a última da minha lista... Do departamento de marketing. Assim, achei que, se não estiver ocupada hoje à noite, podemos tirar isso do caminho.

Fiquei perplexa com a quantidade de insultos que o homem conseguira incluir naquele minúsculo monólogo.

1. "Última da minha lista." *Apenas para o caso de eu duvidar que seria a última em todas as listas dele.*

2. "Se não estiver ocupada hoje à noite." *Obviamente, eu estava fadada a me ver sem namorado e amigos numa noite de sexta-feira.*

3. "Tirar isso do caminho." *Eu era como um exame laboratorial para ele: desagradável mas necessário.*

— Podemos jantar juntos hoje à noite — concordei, o sorriso falso inabalável.

— Eu a encontrarei no térreo às seis e meia — avisou Luke, tentando desbancar meu sorriso.

— Será divertido.

— Será, não é mesmo? — resmungou ele, enquanto eu saía fechando a porta.

* * * *

Desci ao térreo às seis e trinta e dois, de acordo com o imenso relógio acima da área da recepcionista. Luke já estava lá, ele e todo seu metro e oitenta e cinco de altura, usando uma capa impermeável por cima das roupas de grife. Quando saí do elevador, ele olhou para o relógio de pulso antes de me dirigir mais um de seus sorrisos falsos — qualquer um acharia que eu estava umas duas horas atrasada.

— Não me atrasei, não é mesmo? — declarei, parando diante dele.

— Apenas uns dois minutos — respondeu ele num tom breve.

— Certo. Bem, o elevador demorou um pouco mais do que pensei.

— Não achei que a culpa tivesse sido sua.

— Fico contente que me conheça tão bem.

— Reservei uma mesa para nós num restaurante logo além da esquina para... — Ele consultou o Rolex. —...daqui a sete minutos. É melhor nos apressarmos se não quisermos nos atrasar ainda mais.

— Certo.

Viramos à direita na saída do nosso prédio de esquina, passamos pelo The Headrow, atravessamos a rua até Viçar Lane e, então, entramos à esquerda pela King

Edwards Street. O ar estava denso, úmido. Todos pelos quais passávamos na rua pareciam moles e exaustos, prontos para ceder ao cansaço e adormecer num canto tranqüilo qualquer. Eu carregava minha capa impermeável vermelha no braço, lutando contra a vontade de fechar os olhos e sucumbir ao sono que tomava conta dos meus sentidos.

Chegamos a um pequeno restaurante francês em frente do qual eu já passara algumas vezes, mas nunca entrara. No ar, pairava o aroma de alho e tomates, e música suave tocava ao fundo quando entramos no ambiente de iluminação difusa. Tudo no lugar irradiava intimidade. O que me surpreendeu. Quase esperei que ele me levasse à lanchonete mais próxima, pedisse para mim o hambúrguer mais barato do menu e dissesse que, se eu desejasse um refrigerante, eu mesma teria de pagá-lo.

Depois de entregarmos nossas capas ao *maître*, fomos conduzidos a uma mesa para dois no centro do restaurante apinhado. No instante em que recebemos o menu, cada um se ocultou atrás do seu, escondendo-se um do outro. Verifiquei o meu, concluindo que, se tinha de passar algum tempo na companhia daquele homem, ele pagaria um preço caro pelo privilégio. Encontrei o prato mais caro do cardápio — lagosta — e foi o que pedi. Além de casquinha de siri como entrada.

Quando o garçom chegou, Luke teve o refinamento, devo admitir, de pedir uma garrafa de vinho tinto caro ao garçom. Só que não teve a menor consideração em me perguntar antes se eu queria vinho, quanto mais de que tipo. Eu detestava tinto e, portanto, pedi água mineral. Fizemos o pedido — Luke arqueou uma sobrancelha diante das minhas escolhas — devolvemos o menu ao garçom e nos recostamos nas respectivas cadeiras.

— Então, Kamryn, fale-me sobre você — disse Luke.

Analisei silenciosamente a voz dele, tentando identificar a origem geográfica de seu sotaque. Era uma mistura de sotaque da Costa Leste norte-americana, especialmente Nova York, com o do sul da Inglaterra — Londres — e, se não estava enganada, de Midlands, possivelmente Birmingham.

— O que quer saber? — Mantive o olhar no meu copo intocado de vinho para evitar o dele. A cada vez que lhe lançava um olhar, via a aberta aversão em seu rosto. Algo em mim o repugnava. Minha aparência? Meu corpo? Minha existência contínua neste mundo? Não sabia de que maneira o desagradava, nem por que o homem antipatizara comigo em tão pouco tempo, principalmente quando ele ficara com o cargo que deveria ter sido meu, mas Luke não fazia o menor esforço para esconder sua aversão em relação a mim. Na verdade, ele a trazia escrita na testa, algo que queria que transmitisse o seguinte: "Meu nome é Luke, e Kamryn embrulha meu estômago".

— Qualquer coisa que queira me contar.

— Está bem, tenho 32 anos. Trabalho na Angeles há sete anos... cinco em Londres, dois aqui. Elaborei e lancei a *Viva Angeles* com Ted. A idéia foi, na verdade, minha, mas não gosto de me vangloriar. Hã... isso é quase tudo. Só falta dizer que adoro meu trabalho e lamento demais que Ted tenha deixado a empresa.

O sr. Wiseman arqueou lentamente a sobrancelha esquerda enquanto me estudava com a mesma repugnância que teria dirigido a um alienígena verde e gosmento.

— O que quis dizer é que me falasse sobre você — declarou com certo ar de superioridade. — Sua vida. Não seu trabalho. É casada? Está num relacionamento duradouro? Tem filhos?

E eu devo adivinhar o que você quer dizer, por acaso?, pensei.

— Não, não sou casada — respondi num tom sarcástico. — Não tenho namorado e não tenho... *Jesus Cristo!* — Levantei num salto, derrubando a cadeira. Os

demais clientes pararam de comer, beber, conversar e me encararam com ar surpreso. Ignorando-os, tateei embaixo da mesa até encontrar minha bolsa, agarrei-a e, então, saí correndo do restaurante, sem me dar ao trabalho de dizer mais uma palavra a Luke.

Tegan. Eu a esquecera. Eu a esquecera literalmente.

Fui correndo calçada afora, a mão vasculhando o interior da bolsa de couro preta à procura do celular. Encontrando-o, peguei-o para telefonar para o número da escola. Pressionei o botão para ligar o aparelho, mas nada aconteceu. Estava com a bateria descarregada; obviamente, a razão para não terem me telefonado.

O pânico tomando-me de assalto, corri pela Viçar Lane na direção da estação de trem, calculando mentalmente quanto tempo levaria para chegar até lá.

O que farão com ela? Vão deixá-la na calçada até que alguém chegue para buscá-la? Não conhecia nenhuma das outras mães para telefonar para uma delas e lhe pedir que pegasse Tegan. Ela estaria sentada lá diante da escola, à espera, achando que eu me esquecera dela. O que era verdade.

Avistei o letreiro amarelo de um táxi ligado no alto do carro e quase me atirei debaixo das rodas, berrando:

— Táxi!

Ele freou bruscamente diante de mim e eu saltei até o banco de trás, dizendo-lhe para onde ir.

— E eu lhe pagarei em dobro se me levar até lá em menos de quinze minutos — acrescentei.

— É uma emergência, dona? — perguntou o motorista corpulento.

— A cabeça-de-vento estúpida que devia pegar minha filha na escola esqueceu e, agora, ela está lá. Sozinha. Preciso chegar logo!

— Minha nossa! — exclamou ele e acelerou.

Enquanto percorríamos as ruas, o taxista ultrapassava o limite de velocidade sempre que podia, eu mexia no celular inútil e mordia o lábio inferior.

— Vai estar tudo bem — assegurou ele.

Não consegui responder. Eu me consumiu de culpa. Eu havia esquecido Tegan. Como? Como pude esquecê-la. Como?

O imponente prédio de tijolos vermelhos da escola estava deserto quando chegamos. Não havia carros estacionados do lado de fora, nem crianças ou pais andando nas imediações. Os portões de ferro estavam fechados, e o medo percorreu minhas veias. Entreguei 25 libras ao taxista, todo o dinheiro que levava comigo, e saltei até a calçada. A culpa e o medo me consumiam, comprimindo meu peito, roubando meu fôlego. Corri até os portões da escola e tentei empurrar um, descobrindo que estava destrancado. Percorri rapidamente a breve distância até as grandes portas azuis que, sem esforço, abriram-se também.

— Tegan? — chamei. Minha voz reverberou pelo vazio e fui dominada por outra onda de terror. *E se ela não estiver aqui? E se alguém a viu sozinha lá fora e a levou embora?* — Tegan? — tornei a chamar.

A cabeça loira dela apareceu na porta de uma sala de aula ao final do corredor. Seu rosto se iluminou, ela sorriu com puro deleite quando me viu. O sorriso, então, desvaneceu-se, dando lugar a uma expressão de tristeza e desapontamento. Corri até ela, atirei-me de joelhos e a abracei com força.

— Desculpe — falei de encontro a seus cabelos, grata pela chance de abraçá-la novamente, por ela estar ali a salvo nos meus braços. — Eu lamento muito, muito. — Tegan permaneceu silenciosa e imóvel nos meus braços.

Maya, a professora assistente que fora ao gabinete no dia em que havíamos visitado a escola, emergiu da sala de aula.

— Ela pensou que alguma coisa havia acontecido a você — explicou. — Principalmente quando não conseguimos contatá-la pelo seu celular.

— A bateria acabou. Lamento muito. Fiquei presa no trabalho. Não voltará a acontecer. Só me dei conta do horário quando já era bastante tarde. — Afastei Tegan um pouco e fitei seu rosto. — Perdoe-me, Tiga.

Maya agachou-se e afagou os cabelos de Tegan.

— Nós estávamos bem, não é mesmo, Tegan? Fizemos alguns desenhos.

— Desculpe por ter tomado o seu tempo também — falei a Maya.

— Essas coisas acontecem — respondeu ela, acrescentando pelo tom de sua voz: *Mas é melhor que isso não volte a acontecer.*

— Venha, Tiga. Vamos para casa. Pediremos pizza e assistiremos a um DVD. Parece-lhe uma boa idéia?

Ela meneou a cabeça automaticamente, como se aquilo não fizesse diferença. Maya entregou-me a mochila rosa e lilás dela e levantou-se como eu.

— Obrigada por ter tomado conta dela.

— Ela não deu trabalho nenhum.

Tegan deu-me a mão e sorriu para Maya, que disse até logo, e seguimos pelo corredor. Antes de abrir a porta, parei e tornei a abraçá-la.

— Tiga, eu lamento muito. Fiz uma coisa terrível esta noite, mas eu prometo, *prometo* que não voltará a acontecer, está bem?

A garotinha de cinco anos balançou a cabeça, mas não falou nada. Estudei-lhe o rosto, os olhos tomados por tristeza e medo. Eu havia causado aquilo. Eu a aterrorizara. Fizera com que pensasse que havia sido abandonada.

— Prometo que nunca mais farei isso com você.

Silêncio. Silêncio como no dia em que eu a buscara em Guildford, quando ainda não sabia se poderia confiar em mim. Estava com medo de mim outra vez. Estava se perguntando se a desapontaria, se a abandonaria, especialmente quando me fizera prometer para todo o sempre que eu voltaria todo final de dia. Tegan não tinha certeza de que eu estaria a seu lado quando precisasse de mim. Nem se essa parte de sua vida desmoronaria como a vida que tivera com a mãe antes de terem se mudado para Guildford e, então, se não se transformaria num pesadelo como vivera na casa do avô. Tegan sentia-se subitamente à deriva naquela nova existência, sem saber se veria terra firme novamente, e tudo porque eu não tinha o hábito de deixar que ninguém soubesse quais eram meus planos. Passara-se tanto tempo desde a época em que eu tivera de informar a alguém o que faria que nem sequer pensara em... Aquilo tinha de mudar, porque tal situação jamais poderia tornar a acontecer.

Depositando um beijo na fronte de Tegan, levantei e nos pusemos a caminho de casa.

CAPÍTULO 17

Peço que me desculpe, está bem? — falei a Tegan, enquanto despejava cereal matinal numa tigela branca e a colocava diante dela. — Não voltará a acontecer.

A menina não disse nada; apenas ficou olhando para seu desjejum e esperou que eu acrescentasse o leite. Uma vez que o fiz, ela levou uma colherada de cereal até a boca e mastigou-o como se eu não existisse.

Tinha cinco anos e já era uma especialista em dar um gelo nos outros. Eu já havia sido submetida ao seu queixo teimoso e silêncio altivo por mais de catorze horas àquela altura. A atitude fria de Tegan transmitia toda sua indignação, mágoa e raiva. Minhas desculpas eram sinceras. Não havia dormido na noite anterior por causa da culpa, mas não conseguia fazê-la entender aquilo. Nada do que eu dissesse parecia ser capaz de expressar quanto eu lamentava e que, de fato, não tornaria a acontecer. Eu não poderia suportar mais uma hora daquele silêncio, quanto mais dias. *E se Tegan nunca mais me perdoar?*, pensei, observando-a comer. *Viveríamos nesse clima pelos quinze anos seguintes ou mais. Anos.*

— Ouça. — Puxei uma cadeira para perto dela. — Lamento demais o que houve e peço que me desculpe. Não acontecerá mais, prometo. Eu... sinto muito. Sabe, há um homem mau no meu trabalho chamado Luke que não gosta de mim. Não há problema, porque não gosto dele também, mas tenho de trabalhar com ele. É o meu novo chefe. Assim, estou f... frita, morrendo de medo.

Com toda a indiferença, Tegan levou mais uma colherada de leite e flocos de milho à boca.

— Tive de jantar com ele, e o homem é detestável. Tão arrogante. É horrível.

— Como um monstro? — ela perguntou, parando finalmente de me ignorar. Eu estava evidentemente falando sua linguagem agora.

Uma imagem de Luke com sobrancheiras peludas, garras no lugar dos dedos e imensas presas passou pela minha mente.

— Sim, exatamente como um monstro.

— Oh. — Ela balançou a cabeça numa demonstração de certa simpatia pela minha tribulação.

Uma batida à porta da frente sobressaltou-nos. Trocamos um olhar, perguntando-nos quem poderia ser. Não havíamos tido visitas desde que Tegan se mudara para ali, especialmente alguém que não tivesse avisado pelo interfone primeiro. A pessoa tornou a bater, e adiantei-me depressa para ir atender.

Luke, alto e imponente, estava diante do meu apartamento. Vestia jeans e uma camiseta branca que lhe moldava o peito musculoso. Os óculos escuros D&G estavam presos na camiseta.

— Luke! Oh, mer... droga! — Eu me esquecera por completo de que o largara sentado num restaurante depois de ter pedido uma refeição cara.

— Sim, esse é o efeito que gosto de causar nas mulheres — especialmente em uma que apreciou tanto a minha companhia que fugiu do restaurante em que estávamos. — Ele segurava uma capa de chuva vermelha e, pelo botão faltando na manga, parecia-se muito com a minha.

Antes de eu poder começar a explicar, Tegan apareceu ao meu lado, abraçou-me pela perna e olhou fixamente para Luke.

— Quem é esta? — perguntou ele, agachando-se diante da menina.

— É Tegan — respondi. — Tegan, este é Luke, do meu trabalho.

Luke abriu um sorriso, um sorriso sincero que mudou a expressão em seu olhar, tornando-a amistosa, uma expressão que ainda não fora dirigida a mim. Tegan exercia aquele efeito nos adultos. Olhavam para ela e sorriam, porque seus olhos eram de um azul incomum, a pele, perfeita como porcelana, os lábios eram rosados como algodão-doce. As pessoas olhavam para Tegan e sorriam porque não podiam se conter.

— Prazer em conhecê-la, Tegan.

Ela piscou duas vezes, estudou o rosto de Luke, o corte de cabelo rente, os traços fortes, os olhos castanho-claros. Depois, virou-se para mim, a testa ligeiramente franzida.

— Ele não parece um monstro, mamãe Ryn — informou-me. Luke olhou para mim e ergueu uma sobrancelha com ar inquiridor. Desviei o olhar, morta de vergonha.

— Você saiu tão repentinamente ontem à noite que só quis checar se estava bem — ele declarou, levantando-se e ficando bem mais alto do que eu outra vez. — Tentei seu celular, mas estava desligado. Perguntei, então, o seu endereço à sua amiga Betsy. Espero que não se importe. Oh, e pensei em aproveitar para devolver isto.

Peguei-lhe das mãos a capa vermelha que eu esquecera em minha pressa para deixar o restaurante na noite anterior.

— Obrigada e, sim, estamos bem.

— Vamos ao zoológico — contou Tegan, os olhos fixos em Luke.

— É mesmo? — perguntou ele.

— Vamos? — falei.

— Você prometeu que iríamos ao zoológico — lembrou Tegan, acusadora.

— Sim, num dia desses. Não hoje.

— Bem, eu as deixarei à vontade, então — falou Luke.

— Mamãe Ryn, Luke pode nos levar até o zoológico em seu carro.

— Não, não pode — respondi depressa.

— Por que não? — perguntou Luke, indignado.

— Talvez você nem mesmo tenha carro.

— Como acha que cheguei aqui?

— Sei que você deve ter coisas melhores para fazer num sábado do que nos levar ao zoológico.

— Nada que não possa esperar.

Eu tinha de fazer aquilo, não era? Tinha de atender ao pedido de Tegan porque a apavorara na noite anterior. Um dia olhando animais era o mínimo que eu podia fazer.

— Obrigada, Luke, uma carona até o zoológico seria ótimo — consegui dizer por entre dentes.

— Qual é o seu animal favorito, Luke? — perguntou Tegan alegremente.

— O elefante — ele respondeu, detendo os olhos em mim por mais tempo do que teria sido educado.

— Vamos ver elefantes no zoológico, mamãe Ryn?

— Acho que sim.

— Você vai poder ver os elefantes, Luke — exclamou Tegan com um risinho, embora ainda estivesse grudada à minha perna, usando-me como escudo humano.

— Estou certa de que Luke tem coisas melhores a fazer do que ficar andando com a gente pelo zoológico — declarei não muito esperançosa.

— Como falei, nada que não possa esperar.

Aquela sapeca me colocou realmente numa enrascada. Lembrei a mim mesma de nunca mais aborrecê-la.

— É melhor você entrar enquanto nos arrumamos — cedi.

Como era de se esperar em um sábado ensolarado durante as férias de verão, o zoológico, situado a cerca de quinze minutos da cidade de York, estava apinhado de gente — e nem sequer era meio-dia quando Luke parou no estacionamento lotado.

Havia pessoas com roupas de verão — bermudas jeans, shorts, regatas, camisetas multicoloridas, vestidos florais, saias — por todo o lado. Visitantes passavam uns pelos outros, formando fileiras desorganizadas, enquanto seguiam pelos caminhos por entre os cercados dos animais. Tegan, em quem eu colocara uma calça confortável rosa com borboletas lilases, uma camiseta rosa combinando e sandálias da mesma cor, saltitava, feliz, entre mim e Luke, segurando minha mão. Cada parte exposta de sua pele fora protegida com filtro solar. Os cabelos estavam presos num rabo-de-cavalo, enfeitado com uma flor de seda vermelha. Ela ficara radiante com o gracioso detalhe e não parava de ir até o espelho para admirá-lo — não fazia idéia de que era uma maneira de eu avistá-la instantaneamente caso nos separássemos no meio de uma multidão.

Tegan monopolizava a conversa durante o trajeto de uma hora e meia, fazendo perguntas a Luke sobre o zoológico. Mantive-me em silêncio no banco da frente, tentando não me transformar num poço de mau humor por ter de passar o dia com aquele idiota. Luke e eu falamos apenas o absolutamente necessário um com o outro, o que aconteceu somente quando lhe pedi que parasse para eu poder comprar alguns refrescos e para agradecer quando, enfim, descemos do carro.

Munida de algodão-doce cor-de-rosa, Tegan desfrutava um mundo todo seu, maravilhada com as criaturas por trás de vidros e cercados altos.

— Presumo que foi por causa dela que você saiu tão repentinamente ontem à noite — murmurou Luke, enquanto descansávamos de encontro ao muro de vidro que nos separava do fosso em torno da área dos leões.

— Sim — falei.

Ele certificou-se de que Tegan não ouvia e inclinou-se na minha direção, pressionando o corpo junto ao meu para poder sussurrar-me ao ouvido:

— Você a esqueceu?

Confirmei com um gesto de cabeça e ele afastou o corpo de mim, desgostoso.

— Pelo visto, você não está fazendo isso há muito tempo. Sustentei-lhe o olhar com firmeza. Uma menina de cinco anos já havia

feito com que me envergonhasse de mim mesma. Ele não poderia fazer com que me sentisse pior.

— Acertou.

Ele também sustentou meu olhar sem pestanejar. Com os risos das crianças, as conversas dos adultos, o choro dos bebês, os ruídos dos animais ao fundo, nossa antipatia mútua cresceu. As sementes da discórdia tinham sido plantadas na tarde do dia anterior, regadas ao anoitecer e, agora, criavam raízes, enquanto fortes caules verdes brotavam da terra. Mais algumas horas e aquele ressentimento entre nós desabrocharia na forma de um pomar de puro ódio.

— Mamãe Ryn. — Tegan puxou minha mão, obrigando-me a quebrar a troca de olhares hostis com Luke.

— Sim, docinho? — Ela terminara o algodão-doce e a única evidência de que ele havia existido eram os pequeninos tufos rosa na ponta do palito que segurava. Não

havia sinal dele em sua boca, nem no rosto, nem tampouco pedacinhos grudados na camiseta.

— Podemos ver os macacos?

— Claro.

Caminhamos na direção do cercado dos macacos numa extremidade do zoológico, em torno do caminho de pedra sinuoso e para a esquerda.

— Quanto ao trabalho — começou Luke, enquanto caminhávamos.

— Sim?

— Você se importa se falarmos a respeito agora, levando em conta como nossa conversa foi interrompida ontem à noite?

— É claro que não — resmunguei. Na verdade, eu me importava. E muito. Aquele era o tempo de Tegan, mas eu não podia dizer tal coisa. Tinha de provar ao novo chefe que uma criança não diminuía minha capacidade, que eu era eficiente e dedicada.

— Você e Ted tinham um relacionamento de trabalho muito íntimo... — Luke parou, deixando a afirmação no ar, uma grande mácula de acusação que se esperava que eu estivesse desesperada para limpar.

— Sim, tínhamos — respondi sem o menor constrangimento.

— Entendo. — Ele se mostrou imperturbável porque minha resposta, ao que parecia, confirmou suas suspeitas.

— É claro que a maioria das pessoas achava que nós transávamos a cada oportunidade — sussurrei para que Tegan não ouvisse. Luke fixou o olhar no meu rosto por longos momentos. — Algumas pessoas até insinuaram que eu usei sexo para conseguir um cargo que eu já tinha antes mesmo de ter me mudado para cá.

— Não acusei você de nada — defendeu-se Luke.

— Não falei que você o fez.

— Estou apenas preocupado com a possibilidade de o departamento de marketing não funcionar tão bem agora que Ted se desligou da empresa.

— O que está querendo dizer é que ouviu os comentários maldosos sobre como Ted me elevou até esse cargo e, então, presumiu que eu fiz isso mesmo para conseguir meu emprego.

Paramos diante do cercado dos chipanzés, e os olhos de Tegan quase dobraram de tamanho, a expressão no rosto fascinada.

— Macacos! — exclamou.

— Com você sendo chefe de todos os departamentos de marketing da empresa, eu esperaria que se esforçasse para se entender com a sua segunda pessoa em comando, não que a julgasse antes de sequer conhecê-la — repliquei num tom baixo, exasperado.

— Se você estivesse na empresa para que eu a conhecesse, talvez eu não tivesse precisado me basear em histórias de terceiros e fofocas sobre a sua moral para fazer minha avaliação — retrucou Luke igualmente áspero.

— Sim, tem razão — admiti.

Surpreso, ele estreitou os olhos, tentando decifrar algum sentido oculto no que eu dissera. Não havia nenhum. O homem estava certo, mas eu não usaria a tragédia pessoal de Adele para me desculpar.

— Quer saber qual é a pior parte em relação aos boatos? Ted ama, e sempre amou, a esposa — declarei. Percorri Tuke de alto a baixo com altivez. — Ele é um homem íntegro, fiel.

Luke tentou me atrair para mais um confronto de olhares, e eu deparei com sua expressão incrédula que dizia "Oh, tenha dó!". Ignorando-o, agachei-me ao lado de Tegan.

O cercado dos chimpanzés era repleto de árvores, os galhos densos e grossos elevavam-se na direção do céu. De um lado, havia uma grande toca. Cinco chimpanzés estavam nos galhos das árvores; dois pares e um sozinho. Cada membro das duas duplas concentrava-se em dar um trato no parceiro, examinando-lhe a espessa pelagem à procura de carrapatos. O quinto chimpanzé estava quieto, olhando para a distância.

— Um macaquinho — apontou Tegan. Acompanhei-lhe a direção do dedo até a área da toca, onde uma fêmea de chimpanzé aninhava um filhote nos braços. A mãe olhou para seu bebê e imaginei ver um sorriso em sua cara simiesca.

— É a mamãe dele, não é? — falou Tegan.

— Sim, querida — respondi. Tudo começou a se fechar em torno de mim. Fiquei ciente demais do forte odor dos animais; do calor abafado do dia; da transpiração em minha pele... Tudo parecia me sufocar. Eu estava sendo tragada, afundando numa lembrança da minha melhor amiga e do que lhe acontecera. Lembrei de ter visto seu corpo rígido, inerte numa maca de hospital, a luz vibrante da mulher que eu conhecera extinta. De que ela se fora.

— A mamãe dele não foi para o céu para estar com Jesus e os anjos, não é? — falou Tegan, a voz baixa e casual.

— Não, docinho, não foi.

A pequena loira respirou fundo, os pequeninos ombros subindo e, então, descendo quando soltou o ar devagar. Os olhos ficaram um tanto vidrados como se ela estivesse absorta por algo. Eu gostaria que conversasse comigo, que me dissesse o que sentia. A intensa agonia de ser sufocada pela lembrança da morte de Adele que eu acabara de sentir não era provavelmente nada em comparação ao que ela estava sentindo agora. Queria que me contasse o que era, que se abrisse comigo. Queria saber se estava magoada, zangada, triste ou sofrendo. Talvez não conseguisse colocar em palavras todos os seus sentimentos, mas se tentasse... Como se fosse fácil para mim. Quando fora a última vez que eu partilhara espontaneamente uma emoção?

— Podemos ver as cobras? — perguntou Tegan, despertando de seu devaneio.

— Temos de ir? — choraminguei.

— Sim — declarou Tegan. — Eu gosto de cobras.

Como e quando ela vira cobras o bastante para ter uma opinião tão formada, eu não sabia.

— Está certo — concordei, erguendo-me. — Podemos ver as cobras. — Olhando para o mapa no folheto que segurava, calculei o melhor caminho até o reino dos répteis a partir de onde estávamos.

— Vou comprar sorvetes — disse um homem ao meu lado. Sobressaltei-me um pouco até me dar conta de que ele estava conosco, de que era Luke quem falara.

— Mamãe Ryn quer sorvete de chocolate — informou-o Tegan. — Ela gosta de chocolate.

Luke percorreu-me com um olhar depreciativo.

— Sim, posso ver isso.

— Certo. Então, Reino das Cobras — exclamei. — Vá em frente, então, Luke, leve-nos até o seu líder.

CAPÍTULO 18

Passamos a maior parte do dia daquela maneira, Tegan ditando a ordem em que veríamos os animais, Luke e eu conversando baixinho sobre trabalho e aproveitando cada oportunidade para trocar farpas. A menina estava alheia ao clima tenso entre seus dois companheiros adultos, feliz em estar cercada de criaturas não-humanas.

No carro, de volta a Leeds, Tegan teve a idéia de um piquenique no parque. Era final de tarde, e a garotinha estava eufórica demais para simplesmente ir para casa — queria preencher o dia com o máximo de entusiasmo possível.

— Que tal deixarmos o piquenique para outro dia, querida? — sugeri. — Faremos um pequeno piquenique quando chegarmos em casa. — Onde eu poderia me livrar do homem ao meu lado.

— Está bem. — O desapontamento evidenciou-se na voz dela. — Luke pode ir com a gente?

— Se ele quiser — respondi, sabendo que o homem não perderia a chance. Sabendo que era vã esperança achar que ele recusaria.

— Você quer ir ao nosso piquenique em casa? — perguntou Tegan, olhando para a nuca de Luke.

Ele lançou-lhe um olhar pelo retrovisor, o rosto iluminou-se mais uma vez com um sorriso sincero para a garotinha de rosa e lilás, com sua flor vermelha nos cabelos.

— Eu adoraria, Tegan. Obrigado.

Abri a porta do apartamento, e Tegan conduziu Luke até a área da cozinha. Ocupei-me preparando a comida do piquenique, enquanto os dois se entretinham, sentados à mesa de jantar. Montaram um quebra-cabeça de cem peças, e, então, a garotinha levou seu convidado para conhecer sua coleção de dez carros clássicos. Em seguida, pegou sua caixa de papéis e o pote plástico de canetas coloridas e lápis e juntos fizeram desenhos dos animais que tinham visto no zoológico. Absortos pelas atividades, o piquenique foi esquecido. Deixei sanduíches, salada e refrigerantes ao lado deles na mesa e atirei-me no sofá para assistir tevê. Vez ou outra, levantava os olhos e os observava: ele, um homem adulto, inclinado para a frente, caneta colorida em punho, concentrado em seu desenho; ela, uma figura bem menor, demonstrando a mesma concentração em sua obra de arte. Luke estava levando aquilo a sério. Dispusera-se a brincar com Tegan com a mesma dedicação que empenharia na elaboração de uma nova campanha de marketing para a Angeles. Tivesse sido qualquer outra pessoa, tal interesse teria sido tocante, mas, em se tratando *dele*, concluí que era bom que Tegan tivesse alguém de sua própria idade mental para brincar.

No segundo em que o relógio indicou oito horas, desliguei a televisão e levantei, anunciando:

— Está bem, Tiga, hora de ir para a cama.

— Tenho mesmo de ir dormir agora? — ela protestou antes de dar um grande bocejo. O cansaço evidenciava-se em seu rostinho, e os olhos estavam quase se fechando.

— Você mal está conseguindo manter os olhos abertos. Venha. — Virei-me para Luke. — Você terá de ir. Tegan tem mesmo de se deitar.

— Claro. — Luke deixou uma caneta vermelha de lado e levantou-se da mesa.

— Você vai voltar amanhã? — perguntou-lhe Tegan, fitando-o com os olhos sonolentos.

— Se eu tiver permissão — respondeu ele.

Dois pares de olhos pousaram diretamente em mim.

— O tempo está passando. — Bati no relógio de pulso para enfatizar o que dizia, esquivando-me prontamente do assunto. Não ia ser colocada no papel de má ali por não querer passar meu tempo livre com alguém do trabalho. Alguém de quem eu nem mesmo gostava.

— Você tem de perguntar à mamãe Ryn se pode voltar amanhã — informou Tegan a Luke, soltando em seguida mais um grande bocejo, esticando os braços para se espreguiçar. — Ela não vai ficar zangada. Mamãe Ryn nunca ficou zangada, nem mesmo quando eu pinteí as paredes.

— Está tudo bem se eu voltar amanhã? — perguntou Luke.

— Se você realmente não tem nada melhor a fazer — respondi sem encontrar seu olhar.

— Nada que não possa esperar — confirmou ele. Não *nos faça nenhum favor, está bem, garoto?*, pensei.

— Certo. Está combinado. Até logo, então, Luke. — Adiantei-me até Tiga e peguei-a da cadeira. Ela me abraçou pelo pescoço, cingiu minha cintura com as pernas e aninhou o rosto no meu pescoço.

Com relutância, Luke encaminhou-se até a porta.

— Tchau, Tegan.

— Tchau — sussurrou ela. — Até amanhã.

Tão logo Luke deixou o apartamento, fui colocar Tegan na cama. Parecia uma boneca de pano molenga enquanto lhe tirava as roupas e as substituía pelo pijama de algodão vermelho e branco. Afastando o lençol branco de cima, ajudei-a a se deitar. Ela ajeitou a cabeça no travesseiro, os cabelos cascadeando ao redor.

— Boa noite — falei.

— Boa noite — sussurrou ela.

Estendi a mão até o abajur, prestes a apagar a luz difusa que iluminava o quarto.

— Você não gosta de Luke — disse Tegan.

Fiz uma pausa antes de desligar o abajur. Talvez a garotinha não tivesse ficado tão alheia à nossa animosidade quanto eu pensara.

— Ele é... um bom sujeito.

— Eu gosto dele.

— Sei que sim, Tiga.

— Luke pode ser meu amigo?

Se não tiver jeito, quis dizer. Mas contive a língua. E aguardei... Não demorou para que a respiração de Tegan estivesse serena e regular em seu sono. Aguardei mais um pouco, apenas para ter certeza de que ela dormia profundamente e, então, saí silenciosamente do quarto escuro, deixando a porta um tanto entreaberta.

Havíamos nos divertido naquele dia. E Tegan parecia ter esquecido quanto eu a desapontara no dia anterior. Estiquei-me no sofá, recostando a cabeça no braço do estofado, e fechei os olhos. Apesar da presença de Luke, nós havíamos desfrutado o primeiro dia de diversão desde que Adele nos deixara. Pensei mais uma vez nele. Alto, bonito e incrivelmente charmoso — com Tegan. Eu tinha de admitir, a menina se divertiu *por causa* de Luke. Tegan afeiçãoou-se a ele quase instantaneamente. Pousou os

olhos nele e decidiu que o queria por perto, uma espécie de amor à primeira vista. Talvez houvesse um lado bom no homem; em algum ponto entre sua extrema arrogância e sua antipatia gratuita por mim, talvez existisse uma pessoa decente. Uma da qual eu poderia aprender a gostar. Se Tegan gostava dele, talvez eu também conseguisse.

Acordei, e o apartamento estava submerso no silêncio da noite. Pessoas tinham retornado de bares, clubes e outros lugares que haviam visitado e, agora, sossegavam para passar a noite. O mundo lá fora estava quieto e calmo; imóvel e silencioso. Pisquei duas vezes, sonolenta e exausta, confusa quanto ao lugar onde estava. Tinha o rosto úmido, percebi. Levando a mão ao rosto, esfreguei a pele, afastando os vestígios de lágrimas. Chorei durante o sono. Mais uma vez. Segundos se passaram até que eu conseguisse lutar contra o torpor para entender a razão: Adele.

Sentei abruptamente. Tegan. O apartamento, o mundo estavam tão quietos porque algo lhe acontecera? Levantando, deixei a sala de estar e me adiantei até a porta do quarto dela. Cuidadosamente, abri mais o vão e meti a cabeça para dentro. Tegan estava na mesma posição em que a deixara — o rosto de perfil no travesseiro, os cabelos espalhados à sua volta, as mãos postas sob a cabeça. Dormia serenamente. Ao menos, parecia dormir. Podia ser que... Apertando os olhos, observei-a atentamente, desejando que se mexesse, que emitisse um som, que me deixasse saber que ainda estava comigo. Enfim, respirou fundo e soltou o ar devagar. Exalei também, com alívio. Ela estava bem. Ainda ali.

Tirei a cabeça do vão da porta, fechei-a um pouco mais e, então, arrastei-me de volta até a sala para apagar as luzes.

Ser mãe era extenuante. Como alguém que tinha um filho fechava os olhos à noite e dormia em um mundo tão tomado por perigos, eu não sabia. Como era possível relaxar por um segundo quando o medo de que algo pudesse acontecer a um filho rondava?

Fui até o banheiro no final do corredor, olhei para o espelho acima da pia. Tinha os olhos inchados por causa do choro, a face direita, amassada depois de ficar tanto tempo apoiada no braço do sofá enquanto eu dormira. Joguei água fria no rosto e, então, peguei o sabonete líquido do armário, despejei um pouco na palma da mão e esfreguei-a na outra, criando uma espuma branca com o qual lavei os vestígios do meu sofrimento. Quando endireitei as costas, vi meu reflexo. O rosto estava limpo, mas ainda podia sentir o toque das lágrimas na pele, um resíduo da dor que transbordara enquanto eu dormira.

O pranto durante o sono tinha de cessar. Não era bom para os meus olhos, para a pele. Muito menos para a mente, porque acordava mais exausta do que quando me deitara.

A água fria correu por meu rosto, desde a fronte até o queixo, respingando na camiseta branca. O pranto durante o sono acontecia, evidentemente, porque eu não era capaz de me controlar. Uma vez que mergulhava no mundo dos sonhos, não conseguia focar outra coisa. Não conseguia ignorar a culpa que impregnava cada pensamento meu. Deixara que Adele morresse com assuntos não resolvidos entre nós. Deixara-a ir sem lhe dar a chance de falar. A angústia me oprimia o peito a cada vez que pensava que, em seus últimos momentos na terra, Adele talvez tivesse desejado que eu a tivesse deixado se explicar. Chegava a sentir uma dor física quando pensava que, quando Del pedira a Nancy para falar a Tegan que a amava e para me dizer adeus, talvez tivesse se perguntado se eu ainda a odiava. Se ainda a culpava.

A idéia de que seus últimos momentos tenham sido tomados por essas dúvidas por causa do meu orgulho e teimosia era tão insuportável que não podia investigá-la por tempo demais. Tinha de afastá-la, enterrá-la com pensamentos sobre trabalho e sobre como equilibrar nosso orçamento, ocupar-me vendo tevê e limpando o apartamento. Qualquer coisa para evitar a sensação angustiante, corrosiva, de que fora injusta com a minha melhor amiga; que conseguira magoar irremediavelmente alguém de quem gostara tanto.

Mesmo que não tivesse sido capaz de perdoá-la, poderia ao menos tê-la ouvido. Deixado que se explicasse. Porque jamais acreditei que Del estivera apaixonada por Nate quando dormira com ele. Nem mesmo que o desejara. Nate teria sido bom e certinho demais aos olhos de Adele; ela sempre quisera um safado que pudesse domar — e Nate, como o conhecera, não precisara ser domado.

Fechando a torneira, apanhei uma toalha felpuda e sequei bem o rosto.

Fiz uma coisa ruim não dando a Del uma chance de se explicar. Parei de encarar meu reflexo no espelho, não podia mais olhar para o rosto de alguém tão terrível. *Sou uma pessoa má. Não importa o que eu faça, sou má, má...*

CAPÍTULO 19

Então, é aqui que todas as crianças legais se encontram — comentou Luke, recostando-se na minha toalha de piquenique. Partindo um sanduíche de pão preto e frango ao meio, levou um pedaço aos lábios. Ele mal sabia que estava dizendo aquilo literalmente, claro. No último sábado das férias de verão, alguns seletos membros do grupo de recreação de Tegan fizeram um piquenique no parque de Horsforth. Brincaram de beisebol, comeram, tomaram refrigerante e se divertiram muito antes que o novo ano letivo se iniciasse. Eu me esbaldava no reflexo dos louros da glória da popularidade de Tegan. Nunca tinha feito parte da ala popular de absolutamente nada, mas Tega, sim. As outras crianças — Crystal, Matilda e Ingrid — eram a turma central, e com os irmãos e irmãs, acabamos reunindo quase vinte crianças. Minha alegria durou apenas até o exato instante em que Tegan exigiu o número de telefone de Luke para convidá-lo.

— Precisamos mesmo? — resmunguei.

— Claro, ele vai adorar isso — garantiu Tegan. Ele, evidentemente, aceitou e se ofereceu para levar a comida. O homem tinha mais dinheiro do que bom senso, pois, ao que parecia, passara na *delicatéssen* mais próxima de casa e providenciara para que uma enorme cesta de piquenique fosse preenchida com uma porção de variedades de

sanduíches, salgados, biscoitos, chocolates, doces e demais guloseimas. Era o suficiente para todos no piquenique e ainda teria dado para o jantar da semana inteira.

Aquele gesto, no entanto, não fazia com que eu gostasse dele. Havia bem pouco, aliás, que meu chefe podia fazer para conquistar minha simpatia. Sentia-me reconfortada em saber que o sentimento era mútuo. A possibilidade de um entendimento entre nós diminuía em proporção direta à quantidade de tempo que passávamos juntos.

— Nunca vi duas pessoas que detestam tanto uma à outra quanto vocês — comentara Betsy após uma reunião entre Luke e a equipe.

— Não é imaginação minha, então? É algo recíproco? — perguntara eu.

— Exatamente! E não é aquele ódio faiscante e dissimulado que serve como disfarce para o fato de um querer trocar uns amassos com o outro. É ódio mesmo.

— Sim, eu sei.

— Você lhe fez mal numa outra vida, ou algo assim? — ponderara Betsy.

— Não que eu me lembre.

— Ele é perfeitamente agradável com o restante de nós... Por que a odeia tanto?

— Acha que pareço um ogro. — Meu estômago se contraiu ao colocar tal pensamento em palavras. Eu sempre soube. A expressão nos olhos de Luke no dia em que havíamos nos conhecido dissera-me aquilo, mas eu ainda não havia dado um nome *àquilo*. Mas agora que dera, não podia negar. A única razão de Luke para não gostar de mim era por me achar feia.

A pior parte era que não podia relegá-lo apenas ao local de trabalho, não conseguia encontrar um meio de confinar todos os pensamentos sobre ele às paredes da Angeles, porque Tegan vivia convidando-o para voltar. Três sábados e dois domingos em seguida, ele aparecia para brincar de desenhar ou de quebra-cabeça com a garotinha. E, no fim de semana em que não podia visitá-la, aparecia à noite logo no início da semana. Eu desconfiava que ele havia começado a fazer suas visitas para verificar se eu estava tratando Tegan adequadamente, mas, agora, ele gostava de ir vê-la. Tegan apegara-se demais a ele, e, portanto, eu não podia afastá-lo. Eu estava presa a ele. Aprendera a respeitar sua amizade com a minha garotinha de cinco anos. Não havia nada no homem que sugerisse que tinha segundas intenções para se manter por perto e apenas não os deixava a sós juntos por não haver muitos lugares aonde ir no meu apartamento, não por temer que ele pudesse fazer algo. Apesar de me detestar tanto, eu podia ver que Luke era um dos mocinhos. Restringíamos nossos desentendimentos ao horário do trabalho — fora do período do expediente, nós nos falávamos bem pouco. Ou nada. Como agora.

Recostei-me na grande toalha vermelha, verde e azul, apoiada nos cotovelos, as pernas esticadas e a cabeça erguida para poder ver as crianças correndo ao redor. A maioria das outras mães e pais estava envolvida no jogo de beisebol, participando de uma equipe com o filho, arremessando a bola, rebatendo-a e correndo em disparada para conquistar bases. Quando se tratava daquele tipo de coisa, eu era uma mãe de arquibancada.

— Então, é aqui que as crianças legais se encontram — repetiu Luke.

— Sim, minha garotinha é bastante legal — respondi.

Luke não disse mais nada, e mergulhamos naquele silêncio que era habitual quando nos víamos fora do trabalho. Após alguns minutos, fez nova tentativa:

— Então...

Se você acrescentar "é aqui que as crianças legais se encontram" outra vez, soco seu nariz, pensei. Mas ele não o fez. Deixou a frase no ar, apenas com aquela palavra: "Então".

— Então? — repeti num tom inquiridor, virando-me para fitá-lo. Seu corpo atlético, realçado por uma bermuda e camiseta branca, também estava esticado, apoiado nos cotovelos. Os óculos de sol D&G ocultavam metade de seu rosto.

Um ar constrangido passou rapidamente pelo semblante dele. Não tínhamos nada bom, interessante e nem mesmo corriqueiro para dizer um ao outro. Tornei a me concentrar no jogo. Tiga usava calça de agasalho azul com uma faixa branca na lateral e camiseta vermelha, o boné de beisebol cobrindo-lhe firmemente a cabeça. Estava perto da primeira base, o corpo posicionado para apanhar a bola quando o arremessador atirou-a na direção do rebatedor. Senti-me tão orgulhosa dela naquele momento. Não apenas era boa em jogos, mas se encaixava em qualquer ambiente com toda a naturalidade e se dedicava por completo à atividade em questão — não havia meio termo com Tegan; dava cem por cento de si em tudo que fazia.

— Porque Tegan chama você de mamãe Ryn? — indagou Luke. Lancei-lhe outro olhar.

— Porque é o que sou. Não a trouxe para este mundo, mas ela pensa em mim como sendo sua mãe.

— Eu me referi à parte "Ryn". Por que Ryn e não Kamryn, ou mesmo Kam?

— Quando Tegan era bem pequena, as pessoas costumavam me chamar de Kam, que eu odeio. — No segundo em que as palavras saíram da minha boca, soube que ele me chamaria de Kam até o dia em que eu morresse. — E eu vivia corrigindo-as, dizendo: "Ryn. Meu nome é Kamryn". Tegan achou que meu nome fosse esse porque me ouviu dizendo Ryn inúmeras vezes. Assim, quando começou a falar, chamava-me de "Uin" e, depois, de Ryn. Acabou ficando.

— É uma boa história — comentou Luke, conseguindo até esboçar um sorriso sincero. — Como as amigas dela chamam você?

— Não sei. "Aquela Mulher Estranha que Mora com Tegan"?

Luke soltou um riso alto, o que acabou me contagiando. Ambos rimos e nos entreolhamos. Talvez ele não fosse tão mau.

— Sabe, você deveria sorrir com mais frequência — ponderou. — Seu sorriso combina com você. E se perdesse um pouco de peso...

Minha expressão endureceu, o sorriso evaporou. Ergui os cotovelos, dobrei os joelhos, inclinei-me para a frente, tentando esconder minha silhueta. Olhei fixamente para a toalha, o rosto queimando de vergonha, os olhos ardendo com desesperadora vontade de chorar. Ele me achava gorda e feia. Mas não entendia por que me magoava tanto quando aquele homem dizia tais coisas. Eu as ouvira a vida inteira. Frequente e sutilmente, homens haviam me dito aquilo, e eu os ignorara. Tornara-os insignificantes no grande esquema das coisas. Mas esse homem a meu lado tinha o poder de me magoar. Era porque ninguém havia sido tão franco e rude quanto a não gostar de mim em muitos anos? Era porque eu estava me concentrando tanto em me manter forte que não tinha verdadeiras defesas contra um ataque daquela natureza?

— Não quis dizer isso da maneira como pareceu — justificou-se Luke, sem retirar o que disse: podia não ter dito aquilo como pareceu, mas ainda era o que pensava.

Ocultei meu rosto e minha dor dele. Não entraria naquela outra vez. Eu levava anos para criar alguma confiança, para acreditar que tinha meu valor. Não precisava deixar o homem fazer aquilo comigo.

Tentando apagá-lo da minha mente, ergui os olhos; exatamente quando uma bola de tênis amarela voou na minha direção. Baixei a cabeça, mas Luke não foi tão rápido e a bola passou de raspão pelo rosto dele, tirando-lhe os óculos do lugar antes de cair na toalha. Infelizmente, aquilo não lhe causou mais do que uma ligeira ponta de dor.

Todos os participantes do jogo aguardaram, expectantes, os corpos tensos, até verem como Luke reagiria. Ele tirou os óculos escuros, levando a outra mão ao rosto e, então, sorriu amplamente para os jogadores. Todos no jogo improvisado de beisebol riram, e Luke levantou-se e apanhou a bola.

— Só vou devolver a bola — lançou na minha direção e correu pelo gramado para tomar parte no jogo.

Uma vez que ele se afastou, desdobrei o corpo, relaxando. O homem exercia aquele efeito sobre mim. A cada vez que estava ao meu lado, eu ficava tensa, à espera do insulto seguinte, do olhar de reprovação seguinte. Deitei de lado, apoiada num cotovelo, observando Tigo. De poucos em poucos minutos, ela desviava os olhos do jogo e me procurava. Quando nossos olhares se encontravam, um sorriso iluminava-lhe o rosto, acenava para mim e esperava que eu acenasse de volta antes de voltar ao jogo.

Podia haver maneiras melhores de se passar um sábado, mas, naquele momento, não consegui pensar em uma só sequer.

Teríamos uma longa caminhada de volta para casa à nossa espera, pensei quando, enfim, o jogo terminou. Tegan parecia prestes a adormecer onde estava ajoelhada, ajudando-me a guardar o que restou da comida. Estava começando a me perguntar como levaríamos tudo aquilo de volta sem a ajuda de Luke. Ele dissera que voltaria logo e rumara na direção dos sanitários do parque quando o jogo terminara, e eu estava ansiosa para ir embora antes que ele voltasse.

Talvez eu devesse simplesmente deixar a cesta. Lancei um olhar a Tigo, algumas mechas do cabelo em desalinho escapando do boné de beisebol azul enquanto se concentrava em colocar a comida de volta em embalagens descartáveis. Não haveria meio de Tegan permitir que eu deixasse alguma coisa de Luke para trás.

— Com licença, sra. Brannon? — disse uma voz feminina de algum ponto acima de nós. Erguemos os olhos.

A nosso lado, estava uma das mães que haviam participado do piquenique, uma das pessoas que eu via com frequência quando chegava à escola para buscar Tigo. Tínhamos apenas trocado sorrisos educados até então. Ela tinha face delgada, onde se destacavam simpáticos olhos castanhos e maçãs do rosto salientes, os cabelos eram pretos, até os ombros. Era uma versão adulta de uma das amigas de Tegan.

— Sra. Brannon? — repetiu.

Levantei, sacudindo grama e poeira das mãos.

— Não sou a sra. Brannon. Meu sobrenome é Matika. Sou Kamryn Matika, a tutora legal de Tegan.

— Entendo — respondeu ela, embora franzisse o cenho com ar confuso.

— É complicado — falei. — E você é...

— Sra. Kaye. Delia Kaye. — A mulher fez uma pausa. — Eu estava pensando... Sabe como é, Matilda... sou a mãe dela, a propósito.... ela vive perguntando se Tegan pode ir até a nossa casa.

— Claro — respondi e, então, percebi que me precipitei. Quem era aquela mulher? Onde morava com sua família? — Quero dizer, Tegan nunca mencionou... — Tegan encarava a sra. Kaye com olhos cheios de apreensão. Um mero observador que não escutasse a conversa acharia que ela estava levando um cartão da professora. — Tegan? — Ela desviou o olhar amedrontado para mim.

— Sei que você é bastante ocupada no seu trabalho — disse Tegan, desanimada.

— Não me importo que você vá à casa da sua amiga — assegurei. — Poderá ir sempre que quiser. — Virei-me para a sra. Kaye. — Sempre que ela quiser. Quando seria conveniente para você?

— Eu estava pensando — começou a sra. Kaye. — Matilda e Tegan são grandes amigas. E se eu pegar Tegan também quando vou buscar as crianças e levá-la para ficar conosco por umas duas horas a cada tarde até que você chegue em casa do trabalho? Será mais fácil para você quando as aulas recomeçarem na semana que vem e as crianças saírem às quatro.

— Eu... — Não soube o que dizer, desarmada pela generosidade da oferta.

— Não haveria problema algum. Adorariíamos ter a companhia de Tegan.

— E você não se importaria?

— Já cuido de seis crianças. Uma a mais não fará diferença.

Tegan ainda parecia amedrontada. Podia ser que não quisesse ir à casa de Matilda, o que talvez fosse o verdadeiro motivo para não ter mencionado o assunto.

— Que tal se eu conversar a respeito com Tegan e depois entrar em contato com você?

A sra. Kaye pareceu satisfeita com a sugestão. Dando-me o número de seu telefone e dizendo até logo, afastou-se.

Observando-a, senti um gosto amargo na boca, um peso imenso oprimindo meu peito. Por que Tegan não me perguntara sobre aquilo? O que mais estaria escondendo de mim?

Desdobrando a toalha, sentei-me e dei um tapinha no chão ao meu lado.

— Vamos conversar por um minuto — falei, tentando não deixar a mágoa transparecer na voz. Mordendo o lábio inferior, Tegan sentou de pernas cruzadas ao meu lado.

— Tiga, você sabe que pode me dizer qualquer coisa, não é? — Pensei no que acabara de falar. Eu havia lhe dito que ela não precisava ficar com medo de mim. — Isto é, não me importo se você quiser ir à casa de suas amigas por algumas horas depois da escola. Quero dizer, algo dentro de um certo limite em que você, você... — Umedeci os lábios. — ..., você possa ir à casa delas, claro. É só me avisar e combinaremos tudo.

— Mas sei que você é ocupada — ela falou quase num fio de voz.

— Isso não importa. Daremos um jeito. Falo sério, se você quiser ir à casa de suas amigas, ou... — Parei de repente, dando-me conta de que ela provavelmente perdera algumas festas de aniversário porque não me falara a respeito. — Ou qualquer coisa. Apenas conte-me e encontraremos um meio para que você vá, está bem?

Tiga pensou a respeito por um momento, dois, três... Enfim, assentiu.

— Está bem. — A voz soou ainda mais séria.

— Não estou zangada — esclareci. — Nem um pouco. Ela deixou os ombros caírem subitamente, relaxando.

— Você quer ir à casa da Matilda depois da escola, então? — perguntei. Aquilo nos pouparia um bom dinheiro no clube de brincadeiras após a escola, se fosse o caso. Além do mais, eu poderia relaxar um pouco em relação à volta do trabalho. Não abusaria da generosidade dos Kaye, mas não precisaria criticar mais o sistema ferroviário inteiro do Reino Unido a cada vez que um trem atrasasse ainda que ligeiramente. Poderia ficar mais tranqüila.

— Eu teria permissão?

— Claro, docinho, desde que você queira fazer isso. E se não quiser, tudo o que tem a fazer é me dizer e poderá ir para o clube após a escola, conforme planejado.

— Sim, eu quero.

Abri-lhe um sorriso. Mais do que tudo, queria que Tegan tivesse amizades além de mim. E não apenas Luke. Ela precisava de pessoas para além de seu pequeno mundo; até eu podia ver isso. Por mais contente que me sentisse com o meu próprio círculo restrito de amigos e apesar de ter levado anteriormente uma existência centrada no

trabalho seria criminoso recriar aquele estilo para uma criança expansiva como Tegan. Tinha de ensiná-la a confiar nas pessoas. Após suas experiências recentes, não seria fácil.

— Ótimo, fico contente — comentei em relação à sua decisão de ir à casa de Matilda depois da escola.

— Não está triste?

— Não, se você ficar feliz. E me certificarei de que a sra. Kaye saiba que você tem de me telefonar todos os dias às quatro e meia. — Aquele era nosso acordo desde o incidente em que eu a esquecera. Ela me telefonava diariamente para saber a que horas eu a buscaria, o que jantaríamos e para me contar o que já fizera até aquele horário. Em outras palavras, para ter certeza de que eu nunca mais a esqueceria.

— Bem, venha — falei, aproximando-me da cesta de piquenique. — Vamos terminar de arrumar tudo e ir embora antes que Luke volte.

— Luke poderá ir jantar lá em casa?

— Se ele quiser...

— Sei que vai querer — declarou Tegan com firmeza. Exibia uma ousadia incomum quando se tratava de Luke. Receara me perguntar se poderia ir à casa de uma amiga, mas, quanto a convidar Luke para o jantar, nem hesitava.

— Como falei, veremos se ele vai querer.

— Ele gosta de ir à nossa casa?

— Acho que sim. Afinal, vai com frequência.

— Então, vai querer jantar lá. — Era uma argumentação tão lógica que tive de lembrar a mim mesma de que aquela criança tinha apenas cinco anos.

— Veremos se ele vai querer.

— Veremos se quem vai querer o quê? — perguntou Luke, quase me matando de susto. Eu estava com a cabeça enfiada na cesta a fim de poder fazer caretas sem que Tegan visse e não o ouvi se aproximar.

Erguendo a cabeça da cesta, observei-o. Mesmo depois do jogo, parecia impecável: a camiseta continuava de um branco imaculado; a bermuda, sem um único cisco de grama; as pernas, cobertas de pêlos castanho-claros, parecendo estar com seu bronzeado um tanto mais acentuado depois de expostas ao sol do verão.

— Hã... bem, nós estávamos nos perguntando se você gostaria de ir jantar lá em casa.

O rosto de Luke se iluminou com uma alegria tão espontânea que pude vislumbrar como devia ter sido quando garotinho ao ganhar o presente de Natal que pedira. Como os lábios cheios teriam se curvado num sorriso amplo, como os olhos castanho-claros teriam brilhado de felicidade ao olhar para os pais, incapaz de falar de tanta empolgação. O que havia acontecido, perguntei-me, para transformar aquele menino tão alegre e expansivo nesse homem de extrema arrogância?

— Eu poderia mesmo? — perguntou-me.

— Sim, claro, por que não? — falei.

— Seria ótimo. — Ele dirigiu seu sorriso a Tegan, que retribuiu prontamente.

— Serão apenas sobras de piquenique, sabe, nada sofisticado — avisei. O entusiasmo do homem sugeria que esperava uma refeição especialmente preparada.

— Eu sei — respondeu ele, dando de ombros com ar descontraído. — Deixe-me ajudar. — Ajoelhando-se, terminou de guardar as coisas. Quando acabamos e recolhemos nosso lixo, levantamos e ele apoiou a cesta de vime no ombro. — Trouxe o carro para mais perto da saída do parque para ficar mais fácil levarmos nossas coisas.

Balancei a cabeça e estendi a mão para Tegan. Ela me deu a sua, segurando seu bastão de beisebol com a outra. Antes de começarmos a seguir Luke pela grama, ela puxou minha mão para que eu me abaixasse e pudesse sussurrar ao meu ouvido:

— Viu? Falei que ele jantaria com a gente.

CAPÍTULO 20

Desde o meu retorno ao trabalho, notei que o escritório que dividia com Betsy havia se tornado uma espécie de ponto de encontro para as demais mulheres que trabalhavam em departamentos não ligados a vendas diretas. Acho que tudo começou durante a minha ausência, as garotas passavam por ali para fazer companhia a Betsy, e o novo costume não cessara. Especialmente quando elas notaram que meus dias de máquina de trabalhar haviam ficado para trás e eu não iria olhá-las com reprovação se ficassem tempo demais em nosso escritório, falando sobre assuntos não relacionados ao trabalho. Eu não era tão próxima ao chefe, como havia sido de Ted, e, portanto, não era uma extensão dele fora do andar dos diretores. E eu havia mudado. Não era mais tão engajada em relação ao trabalho. Matar o tempo era o termo errado para descrever o que eu fazia porque sabia que realizava um bom trabalho — teria sido repreendida prontamente, se não fosse o caso. Luke teria tratado daquilo. Mas eu simplesmente não me envolvia mais com o trabalho. Não como antes. O fato de o cargo de diretor de marketing ter sido atribuído a Luke era responsável por apenas uma pequena parte do meu desinteresse. A maior parte, os outros noventa por cento, devia-se à sensação de falta de propósito, de inutilidade. Sabia que era algo relacionado a Adele, mas não me permiti examinar aquilo muito de perto — ou de qualquer maneira, aliás. Ia levando, seguindo em frente, sem sentir nada da satisfação que obtivera antes com o trabalho. Fora a minha vida por tanto tempo, mas, agora, era apenas algo a fazer para pagar as contas e sustentar Tegan. O que significava que qualquer distração, por menor que fosse, era bem-vinda.

— A questão é que... — dizia Betsy na segunda-feira, após o piquenique de Legan e das amigas da escola — ... acho que posso me apaixonar por ele. — Falava sobre um homem que conhecera uma semana antes. Acabara de mostrar a Ruby do departamento contábil, uma das nossas visitantes mais freqüentes, um e-mail que recebera dele. Eu já o vira três vezes e continuava me parecendo obsceno, não importando quantas vezes o lesse.

— Existe uma ligação tão forte entre nós — prosseguiu Betsy. — Nunca me senti desse jeito por ninguém.

Dissera o mesmo sobre o último homem que havia conhecido, duas semanas antes. E sobre o anterior àquele. Para uma pessoa tão sensata e inteligente nos negócios, Betsy também era espantosamente volúvel na vida pessoal. Agora, tinha os olhos castanho-escuros fixos na distância com ar sonhador, o dedo enroscando-se numa mecha dos cabelos pretos brilhantes de comprimento na altura dos ombros.

— Acho que pode ser o homem da minha vida.

Uma lembrança causou-me uma fígada no peito enquanto a observava. Adele dissera aquilo mais de uma vez, com a mesma expressão no rosto. Tínhamos mantido esse tipo de conversa tantas vezes no passado.

— Ele é tão lindo. Nunca conheci ninguém tão bonito. — Adele teria feito um comentário semelhante também.

— Oh, por favor, você sempre diz isso. — Ruby sacudia a cabeça.

— Não digo! — protestou Betsy, colocando os pés em cima de sua mesa.

— Diz, sim. Deus do céu, jamais conheci uma garota que se apaixonasse tanto quanto você. Basta olhar para um homem e já começa a fazer planos de casamento.

— Kamryn, diga-lhe. Eu não faço sempre isso — suplicou Betsy.

— "Eu não faço sempre isso" — repeti a Ruby num tom sério.

— Oh, vocês duas! — exclamou Betsy, zangada. — É de se pensar que nenhuma de vocês nunca se apaixonou.

— Apenas porque não somos completas vadias feito você quando se trata de questões amorosas — respondeu Ruby —, não tente nos colocar para baixo.

Minha colega de escritório cruzou os braços sobre o peito e projetou o lábio inferior para a frente, bufando.

— Ave! — falei com um sorriso. — Sei a que você está se referindo. É quase como ganhar na loteria quando um pretendente é bonito também. Mas aparência não é tudo. — Fiz uma pausa para obter efeito. — Agilidade e imaginação na cama, sim.

— É bom ver que você está usando o tempo da empresa para discutir questões importantes de marketing, Kamryn — declarou Luke com sua voz possante. Nenhuma de nós o ouviu se aproximar de nosso escritório, nem entrar, porque ele não tivera a delicadeza de bater à porta. Simplesmente, surgiu do nada, quase como uma malévola nuvem plúmbea que ficava à espera de que uma pessoa desavisada saísse de casa sem capa impermeável ou guarda-chuva para despejar um aguaceiro em cima dela.

Senti um desagradável descompasso no coração, o estômago em nós quando olhei para o homem de terno cinza-escuro parado na soleira. Era a primeira vez depois de anos que eu dizia algo daquela natureza no trabalho e que deixava de lado por um momento o meu profissionalismo dentro das paredes da Angeles, e, ele, obviamente, tinha de estar por perto para testemunhar. Aquele deslize se tornaria mais uma prova de que eu era incompetente, ineficaz, a inconveniente pedra no sapato da qual ele tinha de se livrar.

Betsy tirou os pés da mesa, endireitando-se na cadeira. Ruby deu um salto e apanhou uma folha de papel, fingindo que era o que tinha ido buscar. Ambas me dirigiram olhares solidários. Sabiam o que me aguardava. Na melhor das hipóteses, um comentário cáustico da parte de Luke; na pior, um sermão sobre o meu dever de manter os padrões de ética profissional com a equipe que eu gerenciava.

Ruby deixou rapidamente o escritório sem dizer mais uma palavra. Betsy, que gelara na cadeira, apenas me encarava.

— Betsy, você se importaria em me deixar a sós com Kamryn por alguns minutos, por favor? — perguntou Luke, abrindo-lhe seu sorriso carismático.

Relutante, parecendo à beira das lágrimas, ela se levantou e saiu do escritório, deixando a porta aberta. Luke adiantou-se pelo espaçoso escritório de paredes envidraçadas e parou ao lado da minha mesa, mantendo-se mais alto do que eu. Levantar-me, percebi, seria o mesmo que desafiar diretamente a posição dele como o maldito lobo alfa naquele escritório e resultaria numa repreensão mais severa do que o necessário. Permanecer sentada seria permitir que ele me dominasse. Escolhi a terceira alternativa: levantar e ir até a porta para fechá-la.

Quando me virei de volta para enfrentá-lo, Luke parecia ocupar o espaço inteiro ao lado da minha mesa com sua postura austera, as pernas um tanto abertas, os braços cruzados. Como de costume, percorreu-me com um olhar desinteressado, e me senti imediatamente desarrumada: os cabelos em desalinho, a calça preta e a blusa transpassada de seda preta com péssimo caimento, deselegantes; meu corpo com seus quilos a mais e nada atraente. Luke tinha o poder de fazer com que eu me sentisse descuidada e feia. Quando estava em sua companhia recordava-me dos tempos de escola; era como ouvir todas aquelas coisas horríveis ditas a meu respeito novamente. Era me sentir como se as palavras "feia" e "gorda" estivessem impressas com marca-d'água na minha pele — difíceis de ver, mas estavam lá.

— Sim? — Cruzei os braços e endireitei as costas para irradiar confiança. Aquele era o meu escritório, havia sido meu castelo por mais de dois anos antes da chegada dele. Ninguém tinha permissão para fazer com que eu me sentisse daquele jeito ali.

— Ouça, Kamryn — declarou ele —, começamos com o pé esquerdo. Observei-o com súbita surpresa e repassei suas palavras na mente. Quando me recusei a acreditar no que ouvira, falei:

— O que disse?

— Que começamos com o pé esquerdo.

— Sim, acho que sim. — Perguntei-me quando o sermão viria. — Mas de quem foi a culpa?

Ele soltou um suspiro.

— Minha.

— Acho que também tive a minha parcela de culpa — admiti.

— Temos de trabalhar juntos e nos ver fora da empresa porque Tegan gosta da minha companhia.

Estudei-o em meio a um silêncio cauteloso.

— Depois de sábado... Com o convite para jantar... Fiquei tão surpreso. Então, comecei a pensar sobre essa situação toda e em como é absurda. E esperei que pudéssemos resolver nossos problemas, encontrar uma maneira de ter um convívio perfeito. — Devo ter exibido uma expressão cética, porque ele acrescentou: — Está certo, talvez não perfeito, mas pacífico, harmonioso, sem que um fique provocando e desafiando o outro.

— Está bem — assenti.

— Certo, então. — Luke respirou fundo, soltando o ar devagar. — Desculpe por ter agido como se você não fosse capaz de fazer seu trabalho. Acontece apenas que tinha ouvido tanto a seu respeito que pensei que você fosse uma jovem agradável, dinâmica e prestativa. Em vez disso... — Deixou a voz morrer e fez uma careta, como se não pudesse acreditar que havia começado a expor suas opiniões pessoais outra vez.

— Oh, por favor, não pare agora. Quero ouvir tudo. Em vez disso...

— Em vez disso, você surgiu e pareceu antipática, arredia e... Bem, não o que eu esperava, em absoluto. Assim, peço desculpas. Não deveria tê-la julgado dessa forma.

Permaneci em silêncio.

— E peço desculpas também por ter dado ouvidos àqueles boatos ridículos sobre você e Ted. Essa não é a maneira como costumo trabalhar.

— Obrigada por ter dito tudo isso. É muita bondade de sua parte. E eu quero lhe pedir desculpas por ter chamado você de cretino, tapado e arrogante, de cérebro minúsculo, que conseguiu seu emprego sendo um puxa-saco em vez de por mérito próprio — retruquei, embora não estivesse dizendo aquelas palavras maldosas de coração. O que Luke acabou de dizer me magoou e estava desgostosa comigo mesma por deixar que aquilo me atingisse.

— Você nunca me chamou assim.

— Oh, chamei, sim. Nos meus pensamentos. Muitas vezes. Na verdade... desculpe, acabo de fazer isso de novo.

A expressão de Luke suavizou-se um pouco, um quê de divertimento curvando-lhe de leve os lábios.

— Não fui apenas eu — comentou. — Você não se mostrou amigável quando nos conhecemos.

— Tem razão, mas sei que você teria vencido esse obstáculo bem mais depressa se eu fosse uma loira estonteante ou uma morena de parar o trânsito.

Luke fixou os olhos no meu rosto de um jeito que me fez perceber que estava precisando de um esforço sobre-humano para não me percorrer mais uma vez de alto a baixo com seu olhar crítico.

— Sua garotinha é tão incrível — falou, mudando de assunto.

— Isso é uma indireta? Não sou incrível, mas Tegan é?

— É sempre assim tão paranóica?

— Apenas porque uma pessoa é paranóica não significa que as outras *não* estejam tentando prejudicá-la — argumentei.

— Eu estava apenas fazendo um comentário. Sua garotinha é incrível. É impossível não gostar dela... E não é uma indireta, é simplesmente a constatação de um fato.

— Sim, é uma menina adorável — concordei.

— Bem, acho melhor deixar você voltar ao trabalho... e tirar Betsy e Ruby de seu desespero. — Olhamos pela vidraça na direção de Betsy, que torcia as mãos e fingia conversar com Ruby próximo à sua mesa, enquanto ambas se mantinham atentas ao escritório. Quando nos viram olhando na direção delas, desdobraram-se para parecerem ocupadas com outra coisa.

— E, então, vamos apagar tudo e começar do zero? — perguntou Luke, virando-se para a porta.

— Sim, creio que foi o que combinamos.

Luke abriu um sorriso, não charmoso, mas tampouco ferino.

— Estou falando sério, sabe? Retribuí o sorriso.

— Eu também.

Quando retornei de uma reunião com o chefe do departamento de produtos de linha infantil mais tarde naquele dia, encontrei uma barra de Twix na minha mesa com o bilhete:

Tegan disse que você gosta de chocolate.

Luke.

***“Você tem de beijar
Luke também.”***

CAPÍTULO 21

Uma luz ofuscante inundou meus sentidos quando entreabri os olhos ligeiramente. Tive de fechá-los outra vez de imediato. A dor era forte demais. Mesmo de olhos fechados, a impressão era de que havia potentes feixes de luz penetrando em minha cabeça, comprimindo meu cérebro insuportavelmente.

Tentei pegar um travesseiro e cobrir a cabeça, mas não consegui encontrar nenhum. Estranho. Eu costumava manter uma porção de travesseiros na cama. Compreendi lentamente que eu não havia sequer movido o braço. Não conseguia mexer braços e pernas. A boca, a cabeça e os olhos me pareciam inchados e sensíveis. E a dor me dava vontade de vomitar. Eu estava com o começo de uma enxaqueca — conseguia pensar no momento e, portanto, ainda não havia sido atacada por ela para valer.

Não tinha tempo para enxaquecas. Precisava preparar uma criança para a escola, arrumar-me para o trabalho. A dor nas têmporas aumentou.

Talvez a sra. Kaye pudesse ir até ali e levar Tegan para a escola. Mal a idéia me ocorreu e a descartei. Ela já cuidava de seis crianças, não poderia se incumbir de mais uma assim no último minuto. Eu teria de enfrentar a situação, obrigar-me a deixar a enxaqueca de lado por algum tempo.

Soltei um gemido quando a pressão na cabeça ficou ainda mais forte.

Ou talvez Luke. Ele buscaria Tiga em casa e a levaria à escola — faria qualquer coisa por ela. E por mim também, ao que parecia.

Mantivera sua palavra quanto a começarmos de novo e, no decorrer das duas semanas desde o piquenique, não me afrontara, nem dispensara nenhuma de minhas idéias logo de início. Também sugerira que tivéssemos reuniões diárias em seu escritório para discutir a revitalização que havia sido feita em nossa estratégia de marketing. Comecei a me sentir motivada por isso, porque era quase tão bom quanto trabalhar com Ted. Sentia-me parte de uma equipe, envolvida novamente. A apatia e a sensação de inutilidade abrandaram-se. Voltei a ser a antiga Kamryn, concentrada apenas em trabalho durante meia hora. Luke e eu não éramos amigos, nem nada, apenas colegas. Ele começou a confiar na minha opinião, a aceitar que eu, de fato, conhecia meu trabalho e, que se tivessem me dado a chance de me candidatar, teria sido uma séria concorrente ao cargo que ele assumira. Nas ocasiões em que nos víamos fora da empresa, falávamos realmente de coisas que não se relacionavam ao trabalho. Em alguma etapa do caminho, nosso relacionamento poderia se transformar numa sincera amizade. No espírito de nossa paz e harmonia recém-negociadas, tinha certeza de que, se pegasse o telefone, Luke não hesitaria em ir até ali para levar Tegan para a escola. Tudo o que eu tinha de fazer era esticar o braço e pegar o telefone.

Os minutos se passaram. E ainda não conseguia me mexer. Não na cama e certamente não para pegar o telefone. O alarme do relógio começou a tocar, e meu corpo se contraiu em pura agonia. Não tinha forças nem mesmo para desligá-lo e, assim, tive de esperar que parasse. Devo ter adormecido novamente porque a coisa seguinte de que me dei conta foi que Tegan estava parada ao lado da cama.

— Mamãe Ryn. — Ela segurou meu braço e puxou-o.

— Hã?

— Está na hora de levantar.

— N-Não consigo.

— Mas eu tenho de ir para a escola.

Consegui abrir os olhos e focar a garotinha de pijama vermelho. Ela me examinava com grande reprovação e um ligeiro ar irritado — da mesma maneira que minha mãe olhava para mim quando eu demorava para levantar de manhã para ir à escola.

— Não estou me sentindo bem — consegui falar, apesar da sensação de inchaço na boca e na língua.

— Está doente?

— Sim, Tiga, estou. Sinto muito.

Tegan arregalou os olhos e saiu em disparada do quarto, antes que eu tivesse a chance de formar a palavra "espere". Embora mal conseguisse erguer as pálpebras, tinha de segui-la e descobrir o que estava errado.

Reunindo todas as forças, ergui o braço, segurei a ponta do lençol e o afastei. Os pequenos gestos causaram-me fsgadas de dor atrás dos olhos. Tive de descansar por alguns segundos antes de tirar as pernas da cama e sentar. Quando meus pés tocaram o tapete macio, a impressão foi de que pisei em agulhas. Senti forte tontura ao levantar e tive de me segurar à mesinha-de-cabeceira para não perder o equilíbrio.

Apoiei-me na parede para conseguir deixar o quarto, escorando meu peso com as palmas das mãos enquanto prosseguia lentamente. Quando cheguei à janela, tive de me segurar ao peitoril para continuar e, enfim, estava de volta à parede creme. *Vamos, vamos*, ordenei a mim mesma. Finalmente, cheguei à porta e segurei-me ao batente, lançando-me num impulso para fora do quarto até o corredor.

Prossigui pelo corredor, que, depois dos contornos do quarto, era reto, felizmente. Segurei-me à frente do armário embutido enquanto o quarto de Tegan, meu alvo, surgiu adiante — um raio brilhante de esperança numa noite escura.

Mais um passo, mais um passo. Lancei-me da parede e consegui — finalmente, estava na soleira da porta do quarto de Tegan.

Ela estava sentada na cama com as pernas cruzadas, agarrando-se a Meg como se sua vida dependesse daquilo e balançando-se para a frente e para trás, o rosto contorcido pela dor de lágrimas contidas.

— Tegan, qual é o problema? — Tive de me encostar no batente para me manter de pé.

— Você está doente — disse ela, ainda balançando, o olhar fixo num ponto qualquer do chão. — Você está doente e vai para o céu para estar com Jesus, os anjos e a minha mamãe.

— O quê?

— Você vai para o céu, como a mamãe — disse ela em tom acusador.

— Não, não vou, Tiga. É apenas uma enxaqueca, uma dor de cabeça. Vai passar. Eu... — Minhas palavras foram cortadas pelo som do interfone, que fez com que minha cabeça parecesse explodir. Não podia ignorá-lo. Se tocasse outra vez, a agonia seria insuportável.

— Espere aqui — instruí Tegan.

— Alô — falei ao interfone.

— É Luke — respondeu a voz do outro lado.

O que ele está fazendo aqui ao amanhecer? Eu não lhe telefonei, apesar de ter tido a idéia. Deixei-o entrar no prédio e abri a porta da frente do apartamento.

Ele apareceu segundos depois, vestindo a mesma camisa azul com gravata azul-marinho e o terno preto que usara no trabalho no dia anterior. Exibia um sorriso satisfeito e um brilho no olhar.

— Oi, eu estava visitando uma pessoa da área e achei que talvez você quisesse uma carona para a escola e o traba... Cristo, você parece péssima — disse ele quando dei um passo atrás para deixá-lo entrar.

— Pensei que tivéssemos superado aquela fase em que você me achava parecida com um ogro — graciei. Tegan deixou seu quarto, depois de ouvir a voz de Luke.

— Kamryn? — A voz de Luke soou como se estivesse sussurrando na minha direção do final de um longo túnel. — Você vai...

Uma nova onda de dor lancinante atingiu minha cabeça, e o mundo tornou-se subitamente uma explosão de cores pulsantes. Então, tudo ficou branco.

Lentamente, abri os olhos e não os fechei de imediato. A luz não penetrou na minha cabeça da maneira agonizante como acontecera antes. Fisgadas de dor ainda atingiam a região atrás do meu olho direito, mas a náusea passara. Algo frio e úmido cobria minha fronte, afastando o ardor da enxaqueca. Ergui a mão para tocar a compressa improvisada e notei que era uma flanela.

— Ah, você está acordada. — Ao lado da minha cama, Luke estava sentado numa cadeira da cozinha, um livro nas mãos, um dos pés descansando na base do estrado de madeira. Deixando o livro de lado na mesinha-de-cabeceira, examinou-me com uma expressão preocupada.

— Onde está Tegan? — perguntei, rouca.

Ele indicou o espaço na cama ao meu lado. Virei a cabeça e a vi ainda de pijama, aninhada feito um gato junto a mim, grudada a Meg mesmo em seu sono profundo.

— Ela não quis deixar você.

— Eu desmaiei?

Luke balançou a cabeça.

— Quando você dobrou o corpo, deu-me um susto tremendo, mas Tegan ficou histérica. Começou a gritar, dizendo que você havia ido para o céu, como a mãe dela. Recusou-se a ir para a escola. Disse que, se saísse, você iria para o céu sem ela.

Olhei para Tegan, estudando-lhe o rosto preocupado em seu sono. Ela abriu os olhos de repente, sobressaltando-me um pouco. Sentou-se na cama, piscou algumas vezes e me observou.

— Você está melhor? — A tensão evidenciou-se em seu rosto e corpo enquanto esperava a resposta.

— Um pouquinho. — Apesar da tentativa, não conseguir fazer com que minha voz soasse normalmente.

— Ei, Ti, por que não vai até a cozinha buscar um copo com água para Kamryn beber? Coloquei um em cima da mesa — disse Luke. Virando-se para mim, acrescentou: — Ti disse que você estava com enxaqueca. Então, liguei para a médica, e ela disse que você deve beber bastante líquido.

Tegan desceu pelo outro lado da cama, os passos abafados no carpete do corredor indicando que corria até cozinha.

No segundo em que desapareceu, Luke inclinou-se para a frente na cadeira.

— Pelo que entendi, a mãe de Tegan morreu recentemente, não é? — indagou num tom baixo.

— Sim.

— Há quanto tempo?

— Bem pouco.

— Kamryn, pode conversar comigo.

Havíamos cessado com as hostilidades, mantínhamos conversas agradáveis e, a certa altura, até poderíamos nos tornar amigos de verdade, mas, no momento, ele não arrancaria nada de mim.

Tegan voltou ao quarto, segurando um copo alto com ambas as mãos, andando lenta e cuidadosamente para não derramar o conteúdo. Fiz um esforço para sentar, a flanela caiu da minha testa quando endireitei as costas.

Luke pegou-a e saiu. Ouvi a torneira do banheiro sendo aberta em seguida. Pegando o copo das mãos de Tegan, tomei o líquido. A água refrescou meus lábios, a boca e a garganta secas. Tomei mais uns dois goles.

— Obrigada.

— Você vai ficar melhor? — Tegan mudava o peso do corpo de um pé para o outro e torcia as pequeninas mãos. Não me ocorrera que faria a ligação entre o meu mal-estar e a morte. Que pensaria que aconteceria comigo o mesmo que houvera com a mãe. Mas por que não o faria? Na maioria das noites, eu acordava de repente e experimentava um momento de terror que me fazia ir depressa até o quarto de Tegan para verificar mais uma vez se estava bem. Medo irracional logo após uma morte não era assim tão irracional e, por certo, não era um mal que afligia apenas os adultos.

— Com a água e a flanela na testa, ficarei melhor rapidamente.

Tegan torceu os lábios para um lado e estudou-me com ar desconfiado — não estava convencida. Precisava de alguém em quem pudesse confiar, compreendi enquanto observava sua reação à minha resposta. Alguém com quem pudesse contar quando eu não estivesse por perto.

Luke voltou, segurando a flanela laranja. Fez menção de colocá-la na minha testa e, então, pensou melhor.

— Tome. — Entregou-a a mim.

— Vou ficar bem — assegurei a Tegan, estendendo-lhe a mão. Ela pegou-a e me senti sendo transportada ao dia do funeral. O dia em que segurara a mãozinha dela, subitamente amedrontada com a nova responsabilidade. Responsabilidade por uma vida. Tinha de garantir que ela chegasse à fase adulta, que fosse feliz, saudável e desenvolvesse seu intelecto ao longo da jornada. Mães solteiras eram freqüentemente malvistas na sociedade, mas deveriam ser consideradas heroínas. Uma mãe — ou um pai — que conseguia criar um filho sozinho sem desmoronar era um milagre, na minha opinião. Só estava fazendo aquilo havia uns dois meses e era uma luta árdua. E, por mais que o fato contrariasse minha mente auto-suficiente, eu precisava de alguém.

Luke deu um tapinha nas pernas.

— Venha até aqui, Ti, e poderemos ler para Kamryn antes que torne a adormecer. — Ela sentou de lado nos joelhos dele, e Luke abriu meu livro, *Drowned world*, de J. G. Ballard, no lugar onde eu havia colocado um marcador de páginas.

Começou a ler, encorajando Tegan a seguir as palavras com a ponta do dedo. Fechei os olhos. Sua voz era agradável, dando vida às palavras que meu autor favorito escrevera. Luke tirou-me o copo da mão quando deitei a cabeça de volta no travesseiro e senti que mergulhava no sono novamente. Meus olhos se abriram por um instante, e a imagem de Tegan sentada no colo de Luke, olhando para o livro, enquanto ele lia para nós, foi a que ficou comigo em meus sonhos.

Quando tornei a acordar, Luke ainda estava sentado ao lado da cama, lendo. Tirei a flanela úmida da testa, o gesto avisando-o de que eu despertara. Seu rosto iluminou-se com o sorriso terno que geralmente reservava para Tegan.

— Oi — disse-me.

Movi o braço, mas Tegan não estava ao meu lado.

— Eu a convenci a ir assistir tevê — explicou quando notou meu gesto. — Só concordou em ir se eu ficasse aqui e tem voltado a cada cinco minutos para ver se você não foi a lugar nenhum.

As fisgadas de dor haviam cessado agora, apenas um leve latejo dando sinal de minha tortura anterior, mas ainda me movi devagar quando sentei.

— Obrigada, Luke. Obrigada por tudo.

Ele se inclinou para a frente, pegou o copo de água e o entregou a mim. Esperou que eu bebesse e, então, pegou-o de volta.

— Telefonei para a escola de Tegan hoje de manhã, explicando a situação, e falei ao pessoal do trabalho que não iremos por uns dois dias. Você está doente, obviamente, e, portanto, trabalharei de sua casa.

— Por quê?

— Está claro que precisa de alguém para cuidar de vocês duas.

— Não *preciso* de ninguém — retruquei.

Luke apertou os lábios em vez de se deixar contagiar pela minha raiva.

— Bem, pensei em ficar por aqui, se estiver tudo bem para você.

— Agora, todos no trabalho vão pensar que estamos transando. — Puxei as cobertas até o pescoço. Estava sem sutiã por baixo de uma camiseta branca diante de um homem que não aprovava meu corpo.

— Existem coisas piores para as pessoas pensarem.

— É mesmo?

Luke baixou o olhar, embaraçado. Algo me ocorreu. Ele morava num apartamento de dois quartos em Alwoodley e, portanto, para estar em Horsforth significava que fizera o percurso errado para o trabalho.

— Por que é mesmo que você estava nesta área?

— Eu... hã... vim visitar uma pessoa.

— Apareceu aqui usando as mesmas roupas com que estava no trabalho ontem.

— Sim, não fui para casa. — Nós nos entreolhamos, e eu soube exatamente o que ele queria dizer.

— Loira ou morena?

— Loira. Bonita. Corpo incrível. Não tem medo de usá-lo.

— Que bom para você.

— Acho que devemos conversar.

— O que estamos fazendo agora?

— Kamryn, estou bem ciente de que fui um carrasco com você. Mas você também não se mostrou uma pessoa muito fácil de lidar. Agora, estou começando a entender por quê. Está sofrendo com uma perda.

Parando de fitá-lo, desviei os olhos para o aparelho de tevê do meu quarto.

— Não vou fingir que entendo tudo o que está passando, mas sei que reprimir isso não é bom para você, nem para Tegan. — Aquilo me incomodou.

Eu estava prejudicando Tegan por não ser franca e aberta em relação aos meus sentimentos? Por me esconder da minha dor?

— Sempre pensei que Tegan era uma criança que você resolvera acolher sem ter refletido muito bem sobre a situação. E ninguém no trabalho parece saber muito a seu respeito, o que é estranho, considerando que está na empresa há anos. Ted não comentou nada. Sua amiga Betsy não me diz uma única coisa sobre você, mas tenho a impressão de que não sabe muito, de qualquer modo.

— O que o faz pensar que eu conversaria sobre minha vida pessoal com você, então?

— Você me deve isso.

— Por quê?!

— Ei, segurei você quando desmaiou. Eu a trouxe para a sua cama. Acalmei Tegan. Liguei para sua médica para saber o que fazer. Até... até telefonei para o trabalho para avisar que você estava doente. Se isso tudo não vale uma recompensa, não sei o que mais valeria.

— Eu lhe pagarei um drinque num dia desses.

—Falando sério, Kamryn, pode conversar comigo. Não passarei nada adiante. — Luke fez uma pausa, esperando que eu comesse a desabafar. Permaneci muda.

— Está bem. — Ele soltou um suspiro. — Eu estava noivo, prestes a me casar. Eu a conheci em Harvard. Viajei muito e, portanto, estivemos juntos e nos separamos repetidamente no decorrer de dez anos. Sempre que eu retornava a Nova York, nós voltávamos. Da última vez, ficamos juntos por três anos. — Tirando a carteira do bolso, abriu-a e mostrou-me a foto dela. Era bonita, claro. Cabelos longos e loiros, pele impecável, sobranceiras bem-delineadas, suaves lábios rosados. Era linda, na verdade. E, pela maneira como seus olhos castanhos brilhavam em direção à câmera, estava obviamente apaixonada pelo homem que tirara a foto. Obviamente apaixonada pelo meu chefe. Ele fechou a carteira, devolvendo-a ao bolso. — Ela se chama Nicole e chegamos a marcar a data do casamento. Então, ofereceram-me um emprego em Londres. Presumi que ela me acompanharia, mas recusou-se. Quando resolvi que não aceitaria o emprego, Nicole me disse para não fazer isso, porque Londres não era o problema, mas sim os seus sentimentos por mim. Ela me amava, mas, naquela ocasião, não conseguia assumir o compromisso de se mudar para outro continente comigo. Não tinha certeza de que nosso relacionamento daria certo.

Assim, vim sozinho. Nós conversamos por telefone todas as semanas e ainda carrego a foto dela, como você acaba de ver... — Luke parou de falar e olhou para o tapete por alguns momentos. Ergueu, então, os olhos castanho-claros. — E eu me atenho à esperança de que ela mudará de idéia sobre nós. Pronto. Ninguém mais na Inglaterra sabe a respeito. Estou confiando em você para que guarde o que lhe contei, porque, mesmo um ano e meio depois, isso ainda dói. Ainda quero Nicole de volta.

Enquanto ele falava, eu tive de esconder meu horror diante do fato de Luke, meu chefe, se humanizar bem diante dos meus olhos. Ele se abriu comigo. Kamryn. Entre todas as pessoas. Aquilo devia ter-lhe custado muito. Ele o fez, porém, para me induzir a fazer o mesmo.

Mas me expor... Aquilo me aterrorizava. Especialmente com ele. Mas Luke se abriu comigo. Além do mais, não era eu que estava no centro da questão, mas, sim, Tegan. Ela adorava o homem. E naquele dia tive a prova de que eu precisava de uma pessoa que me apoiasse; alguém com quem pudesse contar para cuidar dela se eu não estivesse por perto. Luke era essa pessoa. Encarei-o por um momento, o coração disparado. *Isto é pelo bem de Tegan.*

— Está certo — assenti. Contei-lhe a história. Comecei com a noite em que descobri sobre Adele e Nate e relatei tudo até o dia em que Luke entrou em nossas vidas. Ele não disse nada, não fez perguntas, nem pediu explicações. Apenas ouviu com uma expressão séria, ocasionalmente passando a mão pela barba rente. Quando terminei, meneou a cabeça.

— Você vem lutando para lidar com tudo isso sozinha? — perguntou. Solto um assobio longo e baixo. — Estou surpreso que não tenha tido uma crise nervosa. Não é à toa que andou se comportando feito uma casca-grossa.

— Qual é a sua desculpa para ter sido um canalha arrogante? — repliquei.

— É da minha natureza.

Sorri diante daquilo, e ele retribuiu o sorriso.

— Vou preparar o jantar para nós logo — comentou um pouco depois.

— Não tem de fazer isso. Pode ir. Estou me sentindo melhor.

— Não tenho de fazê-lo, mas quero. Se permitir, eu gostaria de ajudar. — A sinceridade dele me surpreendeu. Sim, sua história o tornou humano, até vulnerável, mas sua oferta fazia dele um humano bom.

— Por quê?

— Porque gosto de Tegan.

— Tem de haver outra razão além dessa.

— Talvez haja, talvez não. Eu lhe contarei a respeito algum dia.

Luke foi poupado de maiores perguntas por Tegan, que entrou correndo e saltou na cama.

— Está se sentindo melhor? — perguntou, ajeitando-se ao meu lado.

— Muito, muito melhor. — Posso até sair da cama e ir para a sala de estar. A menina abriu um sorriso radiante.

— É mesmo? Luke disse que você ia melhorar.

— Não vou dizer isso com frequência, mas Luke estava certo. Ela escorregou até o chão.

— Posso colocar um dos meus DVDs.

Afastando as cobertas, levantei. Tinha de aparentar que tudo estava perfeitamente bem — não queria assustá-la outra vez. Luke levantou, fazendo menção de me ajudar, mas o olhar atravessado que lancei o fez recuar.

Tegan pegou minha mão, conduzindo-me devagar até a sala de estar, onde afundamos no sofá juntas.

— Enquanto está de pé, Luke, coloque a chaleira no fogo, sim? — falei.

— Sim, coloque a chaleira no fogo — repetiu Tegan com um risinho. Aninhou-se junto a mim, e eu a abracei.

— Do que o seu último escravo morreu? — resmungou ele, fazendo o que lhe fora dito.

— Do péssimo hábito de ser respondão — esclareci.

Luke lançou-me um olhar por sobre o ombro, e consegui sorrir. Sustentando meu olhar, ele retribuiu o sorriso. *Eu poderia aprender a gostar desse homem, percebi. Poderia aprender a gostar muito dele.*

CAPÍTULO 22

Agradeço se puder fazer a gentileza de esperar em outro cômodo enquanto Tegan e eu conversamos um pouco. — A assistente social era boa. Esforçou-se para que suas palavras soassem o mais perto possível de um pedido, mas ambas sabíamos que era uma ordem.

Deixei a área de estar, que, a exemplo de tudo mais no apartamento, estava um brinco. Eu havia tirado o dia inteiro de folga, embora a visita em casa fosse na parte da tarde, a fim de poder terminar a limpeza ao final da manhã. Depois de toda a arrumação, coloquei um vestido rosa-claro, de seda, a peça mais cara do meu guarda-roupa, um vestido que sabia que me caía bem, escolhido para impressionar a assistente social. Tegan tinha os cabelos presos em marias-chiquinhas e usava sua roupa favorita do momento: um vestido de brim azul por cima de uma blusa branca, de mangas compridas. Pantufas macias de coelho adornavam-lhe os pés.

No meu quarto, sentei na cama, os joelhos junto ao peito, aceitando o fato de que a assistente social tinha de descobrir como eu estava tratando Tegan. Precisava saber se a menina gostava de estar ali comigo, se eu era boa o bastante. E não podia fazer isso se eu estivesse lá, ao lado da menina. Mas, afinal, Tiga diria mesmo alguma coisa sem a minha presença? Ela era divertida, amistosa e sociável, mas também incrivelmente fechada em termos pessoais. Éramos semelhantes nesse aspecto. Enquanto a mãe sempre rotulara a si mesma como "expansiva demais", "aberta demais", Tegan era reservada. Bastante cautelosa quanto a revelar o que se passava em seu íntimo. Nunca mencionava o que acontecera em Guildford, quanto sofrera nas mãos dos avós. Admitiria caso fosse infeliz comigo?

Senti certa ansiedade, ponderando sobre o que a mulher poderia lhe perguntar. Faria perguntas indutivas, tentaria extrair de Tiga coisas que poderiam ser encaradas como falhas que faziam parte da rotina diária da criação dos filhos? Como ter-me esquecido de que ela existia daquela vez? Fora apenas uma vez, mas não esqueci mais o episódio; duvidava de que Tiga o tivesse esquecido. E quanto a ter desmaiado algumas semanas antes, deixando a menina apavorada? Também não fizera aquilo de propósito, mas acabara lhe causando um susto para o resto da vida.

Mordi o lábio inferior. E se Tegan odiasse estar comigo? Nunca havia pensado naquilo, não devidamente. Sempre me preocupei em relação ao fato de ela sentir falta da mãe, o que era natural, mas e se, o tempo todo, ela simplesmente não quisesse estar comigo? E se, não importando o que eu fizesse ou dissesse, ela preferisse estar em qualquer outro lugar que não fosse ali? A única coisa que escolhera até então era Luke. Ele se tornara parte da vida dela — da *nossa* vida — por insistência da garotinha; ninguém a obrigara a tê-lo a seu lado como se vira obrigada a ficar comigo. E o adorava. A cada momento que o homem estava por perto, sentia-se cativada por ele. Luke era como as férias de verão — representava divertimento e liberdade. Eu era como a escola — representava deveres, regras e disciplina. Tegan diria aquilo à assistente social?

Trinta torturantes minutos depois, fui chamada de volta. Tiga sorria largamente quando sentei no sofá. Acomodou-se no meu colo e fez Meg me beijar no rosto.

— Meg ama você hoje — disse. Desceu, então, do meu colo e deixou a área de estar. Dirigi a atenção à assistente social, que não anotou aquela parte no seu bloco. Na verdade, guardou papel e caneta e apenas me observava. Tinha trinta e poucos anos, cabelos castanhos e lisos até o queixo, lábios finos e olhos estreitos. Não pude decifrá-la: nem por meio da linguagem corporal — tinha as mãos entrelaçadas sobre o colo; nem de seu rosto — apenas esboçava um sorriso e tinha os olhos fixos em mim; mas aquilo podia significar qualquer coisa.

— E, então, passei no teste? — perguntei.

— Essa não foi a razão para a minha visita. — A expressão passou de vagamente impassível para uma que sugeria que podia ler cada pensamento mau que eu já tivera.

— Qual foi a razão para a sua visita, então? — A mulher fora instruída a contornar diplomaticamente o fato de que Tegan era branca? Não havia nada que pudessem fazer quanto ao fato de eu cuidar dela porque fora uma solicitação no testamento de Adele, mas podiam recusar meu pedido de adoção. Podiam impedir Tegan de se tornar uma Matika e jamais admitir que a nossa diferença de cor era o verdadeiro motivo.

— O que está achando dessa situação toda? — indagou ela, evitando habilmente minha pergunta.

— É boa — respondi.

— Não é estressante?

— Não, na verdade, não.

— Seria compreensível se fosse, Kamryn. Isto deve estar sendo difícil para você. O que Tegan havia dito?

— Não mais difícil do que teria sido para qualquer pessoa.

— E o que está achando de trabalhar em tempo integral e cuidar de Tegan?

— Bom.

— Deve ser cansativo, certo?

— Deve mesmo? — respondi um tanto ríspida. Lembrando de quem ela era, acrescentei: — Estou indo bem.

— Buscar Tegan na escola não é um problema, considerando as horas que você trabalha?

— Não, ela vai para a casa de uma amiga depois da escola e é lá que vou buscá-la.

— Crianças costumam se machucar, cair. E se algo assim acontecesse com a amiga dela? Como seria?

— Há um clube de brincadeiras após as aulas na escola. Eu teria de sair do trabalho um pouco mais cedo para pegá-la lá às seis, mas bastaria trabalhar no horário de almoço.

— E você não se importaria com isso?

— Está tentando dizer que eu deveria largar o trabalho, ou algo assim? Porque não estaria em condições de fazer isso. E se trabalhasse meio período, nosso orçamento ficaria ainda mais apertado do que agora.

— Está com dificuldades financeiras?

— Quem não está hoje em dia? — Eu estava ficando irritada. Por que aquela mulher parecia determinada a distorcer tudo o que eu dizia? Para que me sentisse como se nada do que fizesse fosse bom o bastante?

— Quem é Luke? — perguntou ela, mudando de tática.

— É meu chefe — respondi, cautelosa. — Tegan conheceu-o certo dia, e os dois passaram a se dar muito bem.

Eu a vi franzindo ligeiramente as sobrancelhas.

— É um bom homem — acrescentei depressa. — Não o deixaria chegar perto de Tegan se achasse que havia algo reprovável nele.

— Tegan disse que ele é o melhor amigo dela — declarou a assistente social.

— Ora, os dois se entendem bem... — *Então, ele é o melhor amigo dela, hein?*, pensei, enciumada. *E quem sou eu? O ogro bom que também faz parte da turma?*

— Também falou que você nunca fica zangada com ela.

— Falou? E isso é ruim?

— Não, apenas incomum. Você nunca fica mesmo zangada com ela, ou está se segurando?

— Tiga é a criança mais bem comportada do mundo. Nunca fez nada para que eu me zangasse com ela. Nunca. — Fiz uma pausa para ponderar aquilo. — É verdade. Ela é, de fato, muito bem comportada.

— Acha que ela pode estar se segurando?

— Talvez... — O temor brotou em meu íntimo. — Nunca havia pensado nisso. Ela apenas sempre faz o que lhe dizem. Não questiona, não retruca. Nunca me ocorreu que ela poderia não discordar por medo de mim. É o que você pensa, não é? Mas eu não a agrediria. Jamais.

— Sei que não — declarou a assistente social. — Só me pergunto se ela precisa do aconselhamento de um profissional para ajudá-la a superar a dor pela morte da mãe.

— Não é apenas uma idéia que lhe ocorreu, certo? E uma ordem.

O sorriso dela teria sido amistoso se não tivesse continuado a estreitar mais aqueles olhos em seu rosto pálido.

— Eu não diria isso.

— O que diria? Que, se eu não levá-la a um psicólogo, você não recomendará que eu a adote?

— Por que não pensa a respeito? — sugeriu a mulher, sem responder à pergunta. Deixando *deliberadamente* de respondê-la. *Mais uma vez*. Ela se levantou. — Agendarei outro encontro com vocês para daqui uns dois meses, para ver como estão se saindo juntas. Foi um prazer conhecê-las.

Cadela!, fiquei pensando. Queria me colocar no meio da sala e gritar a plenos pulmões até que todo o meu ressentimento se esgotasse. *Cadela! Cadela! Cadela!* Ela dissera, embora sem colocar aquilo em palavras, que eu não era boa o bastante; que não estava cuidando de Tegan apropriadamente. Que precisávamos de mais pessoas — *psicólogos* — em nossas vidas. E que ela acabaria comigo se eu não obedecesse. Em meus momentos mais racionais, claro, sabia que a assistente social só estava pensando em Tegan e em como o acompanhamento de um psicólogo a ajudaria, mas, durante a maior parte do tempo desde que aquela mulher saíra, fui tomada pela vontade de berrar: *cadela!* Eu sabia que não estava me saindo cem por cento antes de ela ter aparecido, mas agora tinha ciência de que andava fazendo tudo errado. Não vinha ajudando Tegan a lidar com a morte da mãe, não a estava criando para se tornar uma adulta feliz e saudável e a levava a retrain-se sem me dar conta, prejudicando-a potencialmente.

— Mamãe Ryn — chamou Tegan.

— Sim? — respondi, áspera, e, notando meu tom, contive-me. Respirando fundo, parei de olhar vidrada para o interior do armário de mantimentos e virei-me para fitá-la. Estivera sentada à mesa desde que a assistente social saíra, colorindo desenhos

com tinta em folhas de papel e, agora, olhava para mim com um pincel na mão, Meg metida na curva do outro braço. Não parecia infeliz, o corpo não estava tenso, os olhos não continham medo, o rosto não estava pálido, nem abatido pela tristeza. Mas quem poderia saber o que pulsava sob a superfície, quanto dano eu já lhe causara? — Sim, Tigo — repeti.

— A que horas Luke vai voltar?

— Por volta das dez horas.

Tegan colocou o pincel de lado, contou mentalmente nos dedos "Oito, nove, dez" e, então, protestou:

— Mas isso é depois da minha hora de dormir.

— Eu sei, mas ele está vindo de Londres de carro; não há como chegar mais cedo.

— Isso não é justo.

— Talvez ele apareça aqui amanhã.

— Mas pinte um desenho para ele.

— Eu o entregarei se ele passar por aqui. Sei que vai adorar.

— Mas eu quero dar o desenho a ele.

— Então, poderá dá-lo amanhã. — Voltei a examinar o conteúdo do armário, olhando para latas, pacotes, garrafas e potes, à espera de inspiração. Ouvi ruídos atrás de mim enquanto Tegan descia de seu lugar à mesa.

Pensei que pretendesse se reunir a mim, sentando na bancada e olhando para o armário como costumávamos fazer antes de eu preparar o jantar. Em vez daquilo, perguntou:

— E se Luke não vier amanhã?

— É provável que venha — falei por sobre o ombro. — Ele sempre vem aos sábados.

— Mas se não vier?

Eu não sei!, quase gritei. Respirei fundo. Não era culpa dela, lembrei a mim mesma. Não era culpa dela que eu estivesse mal-humorada. Virando-me, descobri que Tegan não estava no meio da cozinha, mas logo atrás de mim, segurando seu pote de água suja de tinta dos pincéis. Minhas pernas colidiram com as mãos dela, derrubando o pote. A água turva esparramou-se, caindo em grande parte do meu colo. Tegan soltou uma exclamação de choque antes de mergulhar num silêncio assustado.

Olhei para o meu vestido. Gastara tanto naquele vestido. Havia sido minha primeira compra quando eu me mudara para Leeds. Depois de ter deixado Nate e Adele, ele representou meu recomeço, fazendo coisas normais, simples, como ir às compras outra vez. Adorava aquele vestido. Agora, estava arruinado. Assim como o resto da minha vida. Arruinado. Destruído. Nada do que eu pudesse fazer o salvaria.

— *Já agüentei o bastante de você!* — gritei. — *Você está acabando com os meus nervos!*

Vì quando Tegan se sobressaltou diante do tom elevado da minha voz. Então, ela gelou, ficou petrificada pela minha raiva.

Queria que ela se afastasse. *Precisava* que se afastasse, que ficasse longe de mim antes que eu dissesse algo que não pudesse ser retirado.

— Vá para o seu quarto — sussurrei, controlando minha voz.

Sem protestar, ela deixou a cozinha rumo a seu quarto. Mas não me mexi; estava imobilizada pelo medo. Medo do que eu quase dissera... Quase dissera que, se não fosse por causa dela, não teria assistentes sociais me olhando com ar de reprovação. Se não fosse por causa dela, eu seria a diretora de marketing da Angeles; seria eu quem estaria voltando de Londres naquele momento, não Luke. Se ela não estivesse ali, eu seria livre

para fazer o que quisesse, em vez de sempre ter de pensar no que era melhor para uma criança primeiro. Não teria meu dia programado em função dela e não estaria sempre preocupada com possíveis imprevistos.

Lágrimas grossas e quentes inundaram meus olhos, escorrendo pelas faces. Não senti os joelhos batendo no piso de linóleo, mas ali estava eu, no chão, o vestido de seda absorvendo sofregamente a poça de água suja de tinta.

Cobri o rosto com as mãos, o desespero aumentando enquanto pensava de quantas outras maneiras eu ainda poderia agravar mais a situação.

— Tíga — sussurrei algum tempo depois, abrindo a porta do quarto. — Tíga, sinto muito.

Ela estava sentada na cama, os joelhos encostados no peito, grudada em Meg.

— Não quis dizer aquilo. Eu realmente... — Parei de falar quando notei que o quarto meticulosamente organizado por ela achava-se num estranho estado de desordem calculada: as roupas haviam sido tiradas da cômoda e do armário e, cuidadosamente dobradas em pilhas, estavam diante dos respectivos móveis. A mala multicolorida havia sido retirada de debaixo da cama e estava aberta no chão, umas poucas roupas já lá dentro. Meu coração ficou descompassado, o estômago em nós. A assistente social teria lhe dito que, se ela não gostava de morar comigo, poderia ir para qualquer outro lugar? Estava me deixando?

— O que está acontecendo? — perguntei em pânico. — Por que começou a arrumar suas coisas? — Saltei por cima da mala, ajoelhando-me diante de Tegan. — Desculpe — falei, perscrutando-lhe o rosto e os olhos em busca de algum indício de entendimento, de algum sinal, ainda que mínimo, de que poderia convencê-la a ficar. — Não quis gritar com você. Estava com raiva de mim mesma, não de você. Perdoe-me. — Ela não se moveu; continuou segurando Meg, quase como se eu não tivesse falado. — Tíga, por favor, acredite, lamento demais. Demais.

— Por favor — sussurrou Tegan e, então, parou, obviamente apavorada com o que aconteceria em seguida.

— Por favor...? — repeti.

— Por favor, não me faça morar na casa da vovó Muriel — suplicou ela e, então, encolheu-se, baixando a cabeça para estar mais perto de Meg.

— Por que eu faria você morar com a vovó Muriel? — perguntei. Entre todas as coisas que achava que ela diria, aquilo nem me ocorrera.

— Porque eu fui má. Mas não quero ir para a casa da vovó Muriel. Quero ficar com você.

— É por isso que tirou as roupas do lugar?

Ela confirmou com um gesto de cabeça. Jamais havia me ocorrido que Tegan pensasse que existia alguma possibilidade de voltar àquele inferno em Guildford. Achei que soubesse que estava comigo permanentemente, houvesse o que houvesse. Era por aquele motivo que sempre se comportava tão bem? Nunca questionando, argumentando, nem fazendo birra? Porque achava que eu poderia mandá-la de volta para um lugar onde seria espancada e passaria fome?

— Tíga, eu e você... — Fiz uma pausa, percebendo que ela contraía o rosto em absoluto terror, à espera de que eu lhe desse algum castigo terrível. Comecei outra vez, num tom suave, gentil: — Tíga, você vai ficar comigo até depois de se tornar adulta.

A garotinha relaxou ligeiramente.

— Você nunca mais terá de ver a vovó Muriel. Mesmo que aprontar uma arte daquelas, vai continuar comigo.

Ela, enfim, olhou nos meus olhos.

— Vou cuidar de você para sempre — declarei. Aquele pensamento mais uma vez me causou uma onda de pânico. — Tiga, este é o seu lar. Mesmo depois que você se tornar adulta, onde quer que eu esteja, aqui será o seu lar. Eu... eu sempre vou querer cuidar de você. Está me entendendo?

— Mesmo se eu for arteira?

— Claro. Não que eu esteja encorajando isso — acrescentei depressa. — Se você se comportar mal em alguma ocasião, encontraremos um meio de resolver isso da melhor maneira possível. Mas você ainda ficará comigo.

— Desculpe por eu ter sido má.

— Você não foi má. Foi um acidente.

— Desculpe.

— Foi um acidente. Não fez aquilo de propósito. E eu me desculpo por ter gritado com você.

— Agora, Luke não vai ver o seu vestido bonito.

Fiquei intrigada por um momento, estudei-lhe o rosto para ver se ela sabia. Se percebera que meus sentimentos por seu melhor amigo, meu chefe, haviam mudado. Tegan sustentou meu olhar, alheia à verdade. Não sabia que, desde meu acesso de enxaqueca, um mês antes, algo mudara fundamentalmente entre mim e Luke. Ele não apenas se tornara humano aos meus olhos; tornara-se um homem. Nossas reuniões no trabalho tinham ficado descontraídas; nos fins de semana, ele sempre ficava mais tempo depois que Tegan ia dormir, noites em que tomávamos chá e conversávamos até três ou quatro da manhã. Tegan não sabia que eu começara a ter pensamentos inquietantes em relação a ele. Pensamentos sobre mim e ele e, sim, confesso, sexo. Não, Luke não me veria usando meu vestido bonito, o que era ótimo. Os pensamentos que eu tinha não deviam ser encorajados, quanto mais colocados em prática.

— Talvez seja melhor assim — admiti. — E, então, você vai ficar comigo? — perguntei, afastando o sr. Wiseman da mente.

Tegan acenou que sim com a cabeça.

— Ótimo. Fico muito feliz.

Tiga estendeu Meg e fez a boneca de pano beijar meu rosto.

— Meg ama você muito hoje — explicou.

— Estou começando a perceber. E então, vamos guardar todas as suas roupas de volta no lugar, docinho? — Outro gesto de assentimento, e Tegan desceu da cama. — E, como um presente especial, você pode ficar acordada e ver Luke.

Ela arregalou os olhos de puro contentamento. — Jura?

— Sim — respondi, mesmo sabendo que ela já teria adormecido antes das oito e meia, nove horas, no máximo.

CAPÍTULO 23

A expectativa de ver Luke era, sem dúvida, o estimulante mais forte que se poderia oferecer a Tegan — ela estava totalmente acordada às dez e quinze quando ele tocou o interfone. Eu havia lhe enviado uma mensagem de texto para dizer que Tegan estava à sua espera e que ele poderia passar por aqui a caminho de casa, e Luke respondera que não havia problema.

Levantei do sofá para atender à porta, o cansaço pesando sobre mim feito uma âncora, mas Tegan, em seu pijama de algodão vermelho, ficou de pé no sofá e começou a saltar.

Luke entrou carregando presentes. Como um pai sentindo-se culpado por ter precisado se ausentar a trabalho, achando que brinquedos e outros mimos seriam uma compensação por sua ausência, Luke sempre trazia algo para Tegan quando viajava — mesmo que fosse apenas por uma noite. Aquela foi a maior extravagância dele até então, porém — segurava cinco sacolas plásticas em cada uma das grandes mãos.

— Céus, quanto você gastou? — perguntei-lhe enquanto passava por mim.

— Hã... não muito. Tenho amizade com uma pessoa que trabalha numa fábrica de brinquedos.

Arqueei uma sobrancelha para observá-lo.

— Oh, é mesmo? *Ela* parece ser uma ótima amiga.

Luke desviou os olhos no momento em que eu disse "ela" e, então, desdobrou-se para evitar olhar na direção da área da sala em que eu estava. Culpado como se tivesse sido acusado de algo, obviamente.

— Venha, Ti — falou. — Vamos ver o que há nas sacolas.

Tiga parou de saltar e, segurando-se ao braço de Luke, desceu do sofá e parou diante das sacolas. A felicidade cintilava em seus olhos, e todo o ciúme que eu sentira da amizade dos dois transformou-se em gratidão. Ela precisava daquilo, de alguém que a mimasse um pouco, que lhe comprasse presentes e a fizesse se sentir especial.

Item por item, Luke esvaziou as sacolas diante dela, e eu poderia tê-lo beijado por aquilo. A maioria dos brinquedos era educativa. E havia livros; romances que eram avançados para a idade dela, mas que ela adoraria porque ficava totalmente envolvida por histórias; quanto mais complexas, melhor. Também havia blocos de papel para desenho, além de vários tipos de canetas para colorir, lápis de cor e de cera; uns dois ursos de pelúcia e um jogo de perguntas e respostas próprio para sua idade.

— Todas essas coisas são para mim? Jura? — perguntou Tiga.

— Para quem mais seriam? — sorriu Luke.

— Posso ficar com elas? — perguntou-me ela, nos olhos azuis o medo de que eu pudesse dizer que não.

— É claro que pode, docinho.

— Obrigada! — Ela soltou um grito de deleite e se atirou em cima de Luke, que, pego desprevenido, caiu para trás. Começou a saltar, sentada sobre seu abdome como estava, não parecendo notar os gemidos abafados de dor dele.

— Veja, mamãe Ryn! Estou pulando em cima de Luke! — riu ela. Abri-lhe um sorriso. Aquela era a Tiga dos velhos tempos. Afetuosa, cheia de vida, vibrante. Luke

lhe despertara aquilo de volta; era como uma máquina do tempo para a personalidade dela. Não era de admirar que a garotinha quisesse estar com ele o tempo todo... ele a enchia de alegria novamente. — Mamãe Ryn, posso dar um beijo de obrigada em Luke? — perguntou, aumentando o ritmo em que saltava.

— Se Luke não se importar. Tiga olhou para ele.

— Claro que não me importo — disse ele, quase sem fôlego. — Apenas não pule mais em cima da minha barriga, sim?

— Está bem — respondeu Tegan, desapontada. Inclinando-se para a frente, depositou um beijo no meio da testa de Luke, exatamente como ele fazia sempre que lhe dava um beijo de boa-noite ou de despedida. Sentou-se de volta em seu estômago, olhando para mim com ar expectante.

— O que foi? — perguntei, tentando entender o que havia deixado passar. Tegan suspirou teatralmente, como se eu estivesse sendo obtusa de propósito.

— Você tem de beijar Luke também — disse com ligeira exasperação. Horrorizada, dei um passo atrás, ao mesmo tempo que encontrava o olhar de Luke.

— Não me importo — falou ele, os olhos brilhando com ar bem-humorado.

— Ele não se importa — encorajou-me Tegan.

— Bem, tenho certeza de que ele não vai querer estragar o seu beijo especial com o meu.

— Covarde — acusou-me Luke, apenas movendo os lábios silenciosamente.

— Mas acho que deve saltar um pouco mais em cima dele por mim, Tiga.

— O rosto dela se iluminou, e o dele contorceu-se, antecipando a dor. — Sim, uns saltos bem grandes, bem em cima da barriga.

— Está bem! — Tegan incumbiu-se da tarefa com admirável gosto.

— Você andou chorando? — perguntou Luke mais de uma hora depois. Lera quatro histórias para Tiga e a ouvira tagarelar por uns dez minutos até que a corda dela finalmente acabara e ela adormecera. Agora, removeu um livro que eu deixara no sofá, colocou-o no chão e sentou-se. Eu estava do outro lado do sofá, assistindo tevê, perguntando-me vagamente se deveria lavar a louça, mas ouvindo atentamente Luke e Tiga conversar no quarto dela.

Observei-o. Estava exausto: olhos vermelhos, camisa azul amarrotada e as poucas linhas de expressão em seu rosto de 35 anos parecendo mais acentuadas do que de costume. Não respondi à pergunta porque fiquei perplexa quando a ouvi.

— Andou chorando? — repetiu Luke. Havia checado o rosto no espelho antes da chegada dele e não estava com

olhos vermelhos e inchados. Como o homem podia saber?

— Por que pergunta?

— Você está com aquela expressão nos olhos. Eu a via muito no seu olhar logo que nos conhecemos. Achava que era desdém, mas agora sei que é porque você chorava muito naqueles dias. Sei que era por causa da morte recente de Adele. Aquela expressão está de volta.

Não podia lhe contar por que havia chorado; ninguém poderia saber a respeito. Especialmente Luke, ele que era capaz de fazer Tegan tão feliz. Não queria deixá-lo saber que eu não possuía aquela mesma habilidade com a menina.

— E, então, quem era a tal mulher que você andou levando para a cama em Londres? — perguntei.

Luke permaneceu em silêncio por um momento, uma gama de emoções

— vergonha, deleite, constrangimento, culpa — passando por seu semblante.

— Pelo jeito, a visita da assistente social não correu bem — persistiu, determinado a fazer com que eu me abrisse.

Não tão determinado quanto eu estava a ficar de bico calado, porém.

— Imagino que ela tenha sido uma nova conquista, a julgar pela maneira como mexeu com você, não?

Luke manteve os olhos fixos em mim, calculando algo.

— Não quis que acontecesse — falou, enfim, dando-se por vencido. — Eu, bem, eu acabei... Sabe quando algumas coisas ficam confusas na sua cabeça? Gostei dela, mas não fazia o meu tipo habitual e, bem, tenho pensado muito ultimamente sobre qual é o meu tipo e se não tenho sido rígido demais em apenas optar por um tipo de mulher. Acho que acabei misturando as emoções com a lógica e uma coisa levou à outra, na verdade. Nada do que me orgulhar, mas...

— Gritei com Tegan — contei abruptamente. Não suportaria ouvir mais.

— É por isso que estive chorando?

— Sim.

— Não é o fim do mundo, você sabe. Todos perdemos a paciência uma vez ou outra.

— Você não entende. Eu perdi o controle. Falei que já agüentara o bastante dela, que estava acabando com meus nervos. Eu... eu quase lhe disse que ela arruinou minha vida.

— Mas não disse. Isso é o que importa.

— Então, não importa que eu tenha pensado essas coisas? Aquilo o exasperou.

— Ryn — Gostei do fato de que, desde que havíamos nos tornado amigos, ele também tivesse passado a me chamar de Ryn. —, isso não vai ser fácil. Já é complicado o bastante quando uma pessoa planeja ter um filho, mas quando não, bem, acaba sendo cem vezes mais difícil. E é um fato horrível, mas ela arruinou sua vida. A vida que você levava antes foi arruinada, ou seja, destruída, reduzida a ruínas. Mas isso não significa que sejam ruínas más. Existem boas ruínas — veja a Acrópole. São ótimas ruínas. As pessoas pagam um bom dinheiro para vê-las porque são ruínas que valem a pena.

Ele era um amor por tentar.

— O que a assistente social disse? Conte-lhe sucintamente a conversa.

— Cadela! — exclamou ao final. *Oh, devo ter-lhe dado a minha versão da coisa.*

— Talvez ela não tenha dito tudo isso dessa maneira. Não chegou a dizer que Tegan só gosta de mim porque não tem outra alternativa e que apenas está sofrendo com a perda da mãe e, portanto, um psicólogo poderia ajudá-la a resolver o problema — admiti. Luke sorriu.

— Não achei mesmo que tivesse dito, mas ela obviamente deixou você aborrecida, preocupada, fora do eixo. Foi por isso que a chamei de cadela.

No decorrer das semanas anteriores, eu descobrira mais sobre a história de vida de Luke. Ele crescera em Birmingham, mas fora cursar a faculdade em Londres.

Depois da universidade, mudara-se para Boston para estudar na Harvard Business School. Instalou-se, então, em Nova York para começar a trabalhar no setor bancário. Regressou a Londres e mudou-se para a Escócia por uns dois anos. Trabalhou no Japão por um ano e, enfim, decidiu voltar a Nova York e começou a trabalhar em uma consultoria para executivos. Em seguida, retornou a Londres, trabalhando para a mesma empresa americana depois de romper com Nicole. Finalmente, foi convidado para trabalhar na Angeles. Ao que parecia, seus 35 anos haviam sido instáveis. Estive em constante mudança, tentando coisas novas. Em parte, eu admirava seu espírito pioneiro e, em parte, queria lhe perguntar do que estava fugindo. Não podia, porém.

Tínhamos cessado as hostilidades recentemente. Fazer perguntas tão pessoais não era permitido. Mas apoiar, sim. E era o que ele estava me oferecendo, seu apoio.

— Ela ficou tão amedrontada. — Sacudi a cabeça, tentando afastar a imagem do rosto de Tegan. — Causei aquilo. Quase a fiz ter uma crise nervosa.

Luke aproximou-se pelo sofá e pousou a mão no meu rosto, mantendo minha cabeça quieta.

— Vai ficar tudo bem — assegurou, a mão quente no meu rosto endossando as palavras. — Você é uma boa pessoa. — Baixou um pouco a voz. — É uma ótima pessoa.

Estudei-lhe o rosto, examinando os contornos e ângulos que formavam seus traços fortes, marcantes. *Gosto dele*. O pensamento atingiu-me em cheio. Sim, gostava de Luke. Andava tendo fantasias sexuais com ele, mas achava que era por se tratar do único homem em minha vida. No entanto, havia mais do que atração física, compreendi. Gostava realmente dele. O toque de sua mão no meu rosto acelerou meu coração. Apreciava aquele contato, era agradável, reconfortante.

Luke estudou-me atentamente também. Perguntei-me se estaria vendo algo diferente da primeira vez em que me vira. Meu cabelo estava mais comprido agora, mas com um estilo de corte em camadas, com uma franja longa que caía suavemente da direita para a esquerda junto à fronte e à lateral do rosto. Os olhos eram os castanho-escuros de sempre, embora as olheiras estivessem um pouco mais acentuadas; o nariz era o mesmo, de formato pequeno e um tanto largo; os lábios continuavam cheios. Eu não mudara quase nada, mas Luke não me olhava mais da mesma maneira. A aversão se fora. Dera lugar, ao que pareceria a um mero observador, a alguém que não estivesse a par de nossa história, à afeição.

O silêncio ficou carregado de expectativa. Estávamos prestes a nos beijar. Ele ia aproximar um pouco mais o rosto, encontrar os meus lábios com os seus, e meu dia seria completo... Um completo e absoluto desastre. Tinha certeza de que ele não se sentia atraído por mim. Gostava de mim como amiga, poderia até me levar para a cama, mas não se sentia atraído por mim como eu por ele. E ainda amava Nicole. Não importa o que estivesse acontecendo naquele momento, ainda amava a ex.

— Acho melhor eu ir lavar logo a louça. — Afastando o rosto rapidamente, levantei. Ele não se moveu, enquanto me encaminhei à área da cozinha. — Você comeu? — perguntei por sobre o ombro, sem olhar para trás para lhe observar a reação à minha fuga.

— Hã... não. — Eu o ouvi levantar do sofá.

— Sobrou macarrão, se quiser um pouco. — Pegando um prato do armário, preenchi-o com macarrão e cobri-o com molho caseiro de tomate que havia deixado aquecendo. Luke pegou o prato que lhe estendi com seu jantar e foi até a mesa. Fez menção de pegar um garfo e, dando-se conta de que não tinha um, virou-se no exato momento em que eu o oferecia. Abrimos um sorriso íntimo um para o outro, do tipo que casais trocavam, e fui tomada por aquela sensação outra vez: mais do que desejo, menos do que amor; um coquetel desenfreado de emoções que acabaria em sexo fantástico... e problemas.

Dois minutos depois, coloquei luvas de borracha, liguei a torneira elétrica e comecei a preparar a pia para lavar a louça. Luke apareceu logo ao meu lado, estendendo-me o prato vazio, com apenas alguns vestígios de molho de tomate no fundo.

— Meteu tudo goela abaixo sem mastigar, ou algo assim? — perguntei, pegando o prato e mergulhando-o na água com detergente na pia.

— Só percebi como estava faminto depois que comecei a comer... e, embora seu macarrão mereça ser degustado, não consegui me conter. Nunca consigo, aliás. A cada vez que como, é tão bom que tenho de devorar tudo rapidamente.

O quê? Lancei-lhe um olhar desconfiado.

— Essa é a sua maneira de dizer que cozinheiro bem?

Luke encontrou meu olhar, seu rosto cândido e inocente, especialmente agora que estava sem a barba.

— Não que cozinheiro bem, mas maravilhosamente bem.

Ele está flertando comigo, pensei, contendo um sorriso. Aquilo por si só já era cômico. O fato de o homem ser tão ruim em suas tentativas era hilário.

— Quer que eu ajude a lavar ou secar? — perguntou depois que me abstive de responder a seu comentário ridículo. Com dedos grandes, mas ágeis, desapertou os botões da camisa azul e dobrou os mangas.

— Nem uma coisa, nem outra. Você deve estar exausto. Por que não aproveita para ir? — Era melhor que Luke soubesse agora e poupasse a ambos do constrangimento dos meus sentimentos e do flerte dele.

— Nem quero ouvir. Eu comi e, portanto, ajudarei com a louça.

— Está bem, segue. — Entreguei-lhe um pano de prato e comecei a lavar a louça com uma esponja, enxaguando o primeiro item e dando-o a ele para que o secasse. Cuidamos da tarefa em meio a um silêncio tranquilo por um total de trinta segundos antes de ele rompê-lo.

— Você é tão boa mãe. Não sei como alguém poderia duvidar disso. Olhei-o de soslaio e vi que enxugava vigorosamente um prato. Estava nervoso. O sr. Arrogância em pessoa estava nervoso ao flertar comigo.

— Tegan é uma criança tão incrível, e isso é, em grande parte, graças a você. É uma ótima influência, importa-se tanto com ela e a encoraja. É...

— Está bem. — Deixei o prato que lavava na pia. — Pode parar. Está fazendo com que eu pareça Mary Poppins, Maria de *A Noviça Rebelde* e uma mamãe leoa, todas em uma só. Eu não sou isso. Sou Kamryn. A que vive estragando tudo.

— Você é dura demais consigo mesma. — Ele sacudiu a cabeça. — Notei isso logo de início. É muito crítica e exigente demais em relação a si. E não precisa ser. Você é uma excelente pessoa e mãe.

— Luke... — falei em tom de ameaça.

— É verdade — persistiu ele. Olhava diretamente para mim, sem vestígio algum de um sorriso no rosto.

— Se é o que diz — aceitei, tornando a apanhar o prato que acabara de lavar e passando às suas mãos.

Segundos depois, Luke prosseguiu:

— Você não se dá o mérito devido pelo fato de ser uma ótima mãe. E pela grande diferença que fez na vida de Tegan. E pela que fez na minha. Mudei tanto, e isso aconteceu graças a...

— Está flertando comigo, sr. Wiseman? — interrompi num tom casual, ensaboando o prato nas mãos com ar de indiferença. — Porque se me cobrir mais de elogios como fez até agora, vou achar que sim.

Ele pousou mais um prato na bancada.

— Está querendo me deixar sem jeito, Matika?

— Você é um alvo fácil quando fica me elogiando tão exageradamente — respondi.

Antes de poder me perguntar o que algum dos dois faria em seguida, Luke segurou-me pela cintura, virando-me para ele e, de repente, seus lábios tomavam os

meus num beijo intenso, de tirar o fôlego. Surpresa, levei alguns momentos para reagir, para corresponder ao beijo e abraçá-lo pelo pescoço. Enquanto seus lábios entreabriam os meus e a língua invadia minha boca, Luke me pressionava contra a pia com seu corpo musculoso, a mão afagando minhas costas sensualmente, o joelho entre as minhas pernas. As luvas de borracha grudavam na pele dele e água ensaboada escorria pelos meus antebraços, mas nenhum de nós se importava, o beijo progredindo.

Quando nos separamos, enfim, ofegantes, fitamos diretamente os olhos um do outro. Os dele, eram tão bonitos. Mesmo quando não gostava dele, eu já tinha essa opinião. O tom claro e vibrante de castanho dava-lhes uma intensidade incomum; lembravam mel quente enquanto me fitavam. Ficando na ponta dos pés, rocei-lhe os lábios com os meus, num gesto breve, suave, e afastei-me de leve. Luke sorriu, desejo em sua expressão, e, em seguida, inclinou a cabeça para beijar os meus lábios de leve.

— Cama? — sussurrou.

Fiz um gesto de assentimento.

Ele desenroscou meus braços de seu pescoço, tirou-me as luvas de borracha, largando-as ao lado da pia. Mais um beijo e pegou minha mão, levando-me da cozinha. Instintivamente, seguimos na direção do quarto de Tegan, para podermos espiar pelo vão da porta e verificar se estava bem. Deitada de costas, tinha o rosto de lado no travesseiro, os braços para cima, repousando junto à cabeça, as mãos cerradas. Esperei até ver seu peito subindo e descendo para confirmar que estava dormindo. Fechei um pouco mais a porta e, então, seguimos pelo corredor até o outro lado do apartamento e o meu quarto.

Tão logo fechei a porta, Luke me puxou para si, beijando-me sofregamente, enquanto eu lhe explorava os contornos firmes do corpo com as mãos. Cada toque fazia o desejo crescer em meu íntimo. Era como minhas fantasias sempre começavam — enquanto eu lhe acariciava o corpo, ele me beijava, então despíamos um ao outro e...

Não houve dúvida quanto ao que aconteceria em seguida quando Luke tirou a camisa, revelando os músculos bem-definidos do peito e dos braços. Admirei-me não apenas com a perfeição do corpo dele, mas também diante da idéia de que eu ia fazer sexo. Com Luke. O chefe. Todos aqueles rumores circulando no trabalho em relação a nós dois se tornariam verdade em cerca de cinco minutos.

Ele se inclinou acima de mim, ergueu minha camiseta branca e depositou-me um beijo no umbigo. Senti o corpo estremecer com um prazer intenso pelo fato de os lábios de um homem estarem na minha pele e, daquela vez, não pude conter um gemido. Luke ergueu a cabeça, sorriu diante da minha reação e despiu minha camiseta. Atirou-a de lado antes de voltar a beijar meu abdome, os lábios subindo cada vez mais até que cobriram meu seio esquerdo. Fechando os olhos, arqueei o corpo e suspirei, entregando-me ao puro deleite, cortesia de Luke Wiseman...

CAPÍTULO 24

Por que você está com suas roupas? — perguntou Tegan junto ao meu ouvido.
— Hummm?

— Mamãe Ryn — insistiu ela. — Por que está com suas roupas?

Nunca mais vou dormir em paz, pensei com desesperadora tristeza. Será deste jeito pelos próximos dez anos. E, então, quando Tegan for adolescente, não dormirei porque estarei me consumindo de preocupação, com ela saindo e chegando tarde em casa ou, pior, não voltando no mesmo dia.

Tegan segurou meu braço com a pequena mão e sacudiu-me.

— Mamãe Ryn, por que está com suas roupas? Dormiu com elas? Não sei, dormi?

Estiquei o braço e toquei as pernas. De fato, estava com meu jeans. E decididamente estava com sutiã porque sentia a tira de elástico me apertando. E estava de camiseta. Ei, *Luke não havia tirado minha camiseta?*, pensei, sonolenta. *Luke!* Sentei abruptamente, fazendo com que Tegan desse um salto para trás, assustada. Olhei para a minha direita, esperando vê-lo adormecido ali, mas aquele lado da cama estava vazio e, espantosamente, sem um único vinco nas cobertas. Parecia que eu nem sequer havia rolado de um lado ao outro no meio da noite.

— Você sempre dorme de roupa? — Tegan começou a subir na minha cama, e ajudei-a distraidamente, enquanto vasculhava a memória. A última coisa de que me lembrava era de Luke cobrindo meu corpo com beijos famintos. íamos fazer sexo. Aquilo obviamente não acontecera, levando-se em conta o estado da cama e o meu.

— Não, docinho, não costumo dormir com as minhas roupa. Você já viu meu pijama — falei.

Tegan meteu-se debaixo das cobertas.

— Então, por que não está com ele?

— Porque estava cansada demais para me trocar. — E ali estava, a cruel verdade. Contraí o rosto só em pensar: estivera deitada sob um homem incrivelmente bonito, semidespido, e acabara adormecendo. Aquilo já era péssimo; o fato de que anos tinham se passado desde a última vez que dormira com alguém tornava a situação ainda mais humilhante. A última pessoa que beijara havia sido Ted, no hotel; a última pessoa com quem fizera sexo fora Nate, na véspera do dia em que descobri sobre Adele. Ambos os episódios haviam acontecido mais de dois anos antes.

Durante aquele período, sexo não esteve nos meus planos. Estivera tão empenhada em me reencontrar desde que eu me tornara a Kamryn Matika sem noivo e sem a melhor amiga, que sexo passara a ser algo que eu faria quando tivesse me recuperado. E amor, que sempre viera depois do sexo para mim, não fora nem mesmo cogitado. O primeiro obstáculo seria o sexo, permitir-me partilhar de intimidade com alguém novo depois que um único homem me vira nua por mais de meia década. Permitir que alguém me beijasse, tocasse e possuísse. Permitir-me ser vulnerável fisicamente outra vez. Achei que seria fácil, mas obviamente não era. Porque quando o sexo bateu à minha porta, apaguei.

— De quem é a sua carta? — Tegan apontou para a mesinha-de-cabeceira. Uma folha de papel dobrada estava apoiada na base do abajur com o meu nome escrito. Pegando-a, descobri que, na verdade, eram duas folhas de papel — a que havia por baixo exibia o nome de Tegan. Entreguei o bilhete à garotinha, que o leu em voz alta:

Querida Ti,

Obrigado pelo desenho que pintou de mim no zoológico. Vou colocá-lo no meu apartamento. Espero vê-la logo. Cuide de Ryn, ela está muito cansada. Com amor, Luke.

Olhei para o bilhete destinado a mim e o li silenciosamente:

Oi, Ryn,

Achei que era melhor eu sair caso Tegan aparecesse — haveria uma porção de explicações a dar se nos encontrasse dormindo juntos na mesma cama. Obrigado pelo jantar. Vamos lavar louça juntos outra vez qualquer dia desses, sim? Até mais, Luke.

— Isso é de Luke também? — perguntou Tegan.

Mordi o lábio inferior e, com um ligeiro sorriso, confirmei. A cada vez que pensava em nosso primeiro beijo derretia por dentro. Eu poderia ter dormido com Luke. Apesar das minhas preocupações da noite anterior, poderia ter recomeçado minha vida sexual com ele. Era um pensamento libertador. Queria dizer que eu dera mais um passo rumo a superar a separação de Nate.

Tegan me observou com uma expressão intrigada.

— Você gosta de Luke? — perguntou, enfim.

— Sim, claro. — Passei o braço em torno dela, aninhando-a junto a mim.

— Gosta muito, muito dele?

— Hum... sim — respondi, lançando-lhe um olhar.

— Mais do que gosta de mim?

— É claro que não! — exclamei, horrorizada com o fato de tal idéia ter-lhe ocorrido. Abracei-a ainda mais. — Tiga, eu amo você. — Era a primeira vez que lhe dizia aquilo. — Gosto de Luke, *mas* amo você. Nunca amarei ninguém tanto quanto amo você.

— Jura?

— Sim. Juro. Você é a minha primeira filha. A única. Tegan sorriu amplamente.

— Gosto de você também — confirmou. — Mas gosto mais de Luke.

CAPÍTULO 25

Não vamos fazer nada — declarou Tegan. Ergui uma sobrancelha na direção da garotinha sentada no colo de Luke, que, por sua vez, acomodava-se no meu grande pufe vermelho. Ambos me encaravam enquanto eu permanecia na soleira da porta que dava para a sala e a cozinha.

— Espera que eu acredite nisso? — falei para o caso de ela não ter entendido o significado da sobrancelha arqueada.

— Não vamos mesmo fazer nada — confirmou Luke no mesmo tom que a menina usara. Haviam se passado quinze dias desde que Luke e eu tínhamos nos beijado pela primeira vez e, então, não feito sexo porque adormeci.

Na manhã seguinte, ele aparecera e agira como se nada incomum tivesse acontecido entre nós. Levara-nos para um passeio de carro, conversando animadamente como de costume. Comprou sorvete para nós e alimentamos alguns patos já gordos no Roundhay Park. Mesmo depois que Tegan adormeceu, durante o trajeto de volta para casa, ele evitou tocar no assunto sobre a noite anterior. Quando, enfim, entramos no apartamento, comecei a me perguntar se Luke *havia* flertado comigo, se havíamos nos beijado diante da pia cheia de louça, se ele começara a me despir. Minha única prova de que algo acontecera era o bilhete na mesinha-de-cabeceira, mas até mesmo aquilo pareceu ambíguo após um dia de indiferença dele. Minha paranóia aumentou até que concluí, enquanto Tegan se preparava para o banho, que eu havia imaginado tudo. Minhas fantasias haviam chegado ao ponto em que eu já não sabia mais distinguir o sonho da realidade.

Depois que eu havia dado banho em Tegan e que Luke lera para ela e a convencera a dormir, ele sentara-se no sofá ao meu lado.

— Ela estava elétrica — sorriu.

— Percebi. Bem, acho melhor eu ir lavar a louça.

Antes de eu poder me levantar, ele segurou meu pulso, puxando-me de volta.

— Oh, não, não. — Encostou-me no braço do sofá e me beijou, os lábios firmes e insistentes. — Eu sabia que tinha de me conter hoje — explicou nas breves pausas entre beijos. — Se eu mencionasse isso ou se ao menos olhasse para você por um minuto a mais, sabia que não seria capaz de me controlar.

Soltei um suspiro de alívio.

— Oh, graças a Deus. Comecei a me perguntar se eu havia imaginado tudo.

— Não, não imaginou. — Luke tornou a me beijar, voluptuosa e languidamente.

— Gostaria que fôssemos para a cama, mas apenas se você não adormecer logo de início.

— Vai jogar isso na minha cara para sempre?

— Não para sempre, mas por algum tempo. Acho que tenho o direito.

E foi como aconteceu. Fomos para a cama, e eu só adormeci depois que ele saiu. Não o deixei ficar porque não queria que Tegan nos encontrasse na cama juntos.

Adele fora extremamente cuidadosa para manter seus relacionamentos longe da filha, para preservá-la. Bem poucos homens haviam conhecido sua filha — um namorado precisava mostrar potencial para um relacionamento longo antes que aquilo

acontecesse. Adele quisera que a vida de Tegan fosse o mais equilibrada possível, sem que a menina se apegasse a algum homem que acabaria sumindo se o relacionamento com a mãe terminasse. Mais uma vez, eu estragara tudo; lidara com aquela situação da maneira errada. "Meu homem" já estava em nossa vida antes de termos ido para a cama. Se não desse certo entre nós, ainda teríamos de continuar nos vendo, porque, do contrário, Tegan veria seu mundo desmoronar. Assim, mesmo após duas semanas, mantínhamos as coisas em segredo, tentando descobrir se existia algo além de sexo entre nós. Eu não gostava de mentir para Tegan, mesmo que fosse apenas por omissão, mas era melhor do que deixá-la pensar que seríamos uma família feliz e, então, numa questão de semanas, Luke e eu descobríamos que não tínhamos sido feitos um para o outro.

De qualquer modo, todos os sinais eram bons. Ele passava pelo menos três noites por semana em nosso apartamento. Eu apreciava sua companhia. Seu corpo. Seus beijos... Era afetuoso e gentil quando conversávamos na cama. Concentrava toda sua atenção em mim sempre que ficávamos a sós e sempre me enviava mensagens de texto para dizer que estava pensando em mim. Eu gostava daquilo; estava contente. Mas era apenas sexo. Nada mais. Bem, isso não era completamente verdade. Era mais do que sexo físico, era sexo emocional também. Era uma mistura de desejo e afeição que significava que eu, de fato, pensava nele quando não estava por perto. Cada beijo, toque, palavra terna, porém, apenas chegavam à superfície de meu coração, mas não penetravam. Luke ainda tinha de romper as barreiras de quem eu era. De qualquer forma, era maravilhoso tê-lo ao meu lado. Especialmente em momentos como aquele, quando eu ia lavar os cabelos. Em geral, Tegan sentava na tampa do vaso sanitário lendo ou conversando comigo para que eu soubesse que não estava ateando fogo na casa ou quebrando algo enquanto eu lavava os cabelos. Naquele dia, Luke ofereceu-se para tomar conta dela.

— Têm certeza de que vão ficar bem? — tornei a perguntar.

— Sim — responderam os dois em uníssono. Foram os olhos inocentes e rostos calmos deles que me deixaram nervosa. Eu já era desconfiada na maior parte do tempo, mas quando aqueles dois pareciam tão ansiosos para se livrar de mim...

— Não vamos quebrar nada — assegurou Luke. Oh, por que ele teve de dizer aquilo?

— Prometemos — acrescentou Tegan. — De coração.

Contendo um suspiro, encaminhei-me ao banheiro. Tinha de confiar neles, não era? Se Luke continuasse por perto, se passasse a se tornar ainda mais importante na minha vida, eu tinha de confiar neles.

Liguei o chuveirinho cromado, observando o jato fino de água cair na banheira, preenchendo o banheiro com seu som característico. Ajoelhando-me, coloquei a cabeça acima da banheira e encharquei os cabelos. Largando o chuveirinho na banheira, apliquei xampu por entre as mechas pretas. *Uau!* O pensamento me ocorreu enquanto ensaboava os cabelos. *Uau!* Eu me sentia relaxada. Havia tranquilidade em meu íntimo. Era uma sensação tão incomum.

Eu andava sempre tão frenética de lá para cá, correndo, tentando encaixar uma porção de afazeres no meu dia. E sempre pensando em Tegan, no que poderia querer para o jantar, se precisava de roupas novas, se estava bem, ou entediada, ou triste, se deveria deixá-la começar a ter aulas de caratê nas manhãs de sábado, como a menina queria. Relaxar não era algo que eu fazia com frequência. E relaxar no escritório não era possível também, especialmente agora que o novo diretor de marketing (Luke) introduzira uma porção de iniciativas e idéias que haviam dobrado minha carga de trabalho. Expandiríamos a *Viva Angeles* para que houvesse revistas separadas para os

departamentos de utilidades domésticas em geral, roupas e infantil. Além de um guia de compras pela internet. E, como a pessoa de marketing encarregada pelas publicações, eu estava supervisionando tudo aquilo. Desde que todo o trabalho extra começara, eu raramente fazia um intervalo para o almoço e, depois que Tegan dormia, passava mais horas no computador até que Luke me convencia a ir para a cama. Às vezes, até me levantava depois que ele ia embora e trabalhava um pouco mais. Minha vida era agitada. Tranquilidade, como a daquele momento, era algo que raramente experimentava.

Enxagüei vigorosamente o xampu. Uma rápida secada com a toalha e apliquei o condicionador. Tinha de esperar dez minutos para que o produto cumprisse a promessa de deixar os cabelos hidratados, brilhantes e bonitos. Olhei para o relógio digital no rádio do banheiro e marquei o tempo. Dez minutos. Eu poderia usá-los para descansar um pouco na cama, ou dar uma espiada naqueles dois...

Caminhei descalça pelo carpete macio, tomando o cuidado de não perceberem minha aproximação da sala de estar. Não notaram quando parei atrás da porta um tanto entreaberta e olhei pelo vão. Continuavam na mesma posição de antes, Luke no pufe vermelho, Tegan sentada nos joelhos dele. Em seu colo, estava o meu globo terrestre azul e verde. Luke apontava o dedo indicador para algum ponto do globo.

— Era quente demais — dizia. — Tão quente, aliás, que acabei ficando com uma insolação.

— O que é insolação? — perguntou Tegan.

— É quando uma pessoa não bebe água o suficiente, mas passa tempo demais debaixo do sol sem se proteger direito e acaba ficando doente. Tive de ficar alguns dias de cama para melhorar.

— Você quase morreu? — perguntou a garotinha.

— Não, mas fiquei mal.

— Minha mamãe morreu — declarou Tegan.

Meu coração quase parou. Ela dificilmente mencionava a mãe para mim. Fiquei me perguntando, após a visita da assistente social, se ela evitava falar sobre Adele porque temia que eu me aborrecesse e a enviasse de volta a Guildford. Por outro lado, não sabia se deveria tocar no assunto. Tudo que eu lera sobre comportamento infantil naquelas circunstâncias dissera que se deveria deixar que a criança fizesse espontaneamente suas perguntas, mas, às vezes, queria averiguar como Tiga estava se sentindo. Perguntar se queria conversar sobre Adele. Se havia sentimentos ou lembranças que queria partilhar.

Covardia, medo de perturbá-la — de perturbar a mim mesma — tolhiam-me. Nem mesmo saberia o que dizer. E quanto a Luke?

— Ela foi para o céu para estar com Jesus e os anjos — acrescentou Tegan.

— Eu sei — respondeu Luke. — Ryn me contou. Sente falta dela? Tegan mordeu o lábio inferior e balançou a cabeça.

— Sim, às vezes — falou num fio de voz. — Quero dizer coisas a ela e não posso. Queria lhe mostrar o meu dever de casa com a estrela especial que ganhei porque o fiz tão bem. Mas não posso. Minha mamãe não pode ver o meu dever.

— Falou isso a Ryn?

— Não — respondeu ela numa voz tão baixa que tive de esticar mais a cabeça pelo vão da porta para conseguir ouvir. — Ela chora porque a mamãe foi para o céu. Não quero que fique triste.

Como ela sabe que choro pela morte de Adele? Nunca havia chorado diante de Tegan. Nunca chorava em público, ponto. Era sempre na calada da noite, quando estava sozinha. Afundava o rosto no travesseiro para abafar qualquer som e chorava. Nunca

alto. Bem, talvez não fosse tão discreta quanto pensava. Talvez, como Luke, ela notava o vazio no meu olhar depois de eu ter chorado.

— Sei que Ryn está triste, mas ficaria mais triste ainda em saber que você não está lhe contando algo que a aborrece. Se quer conversar sobre sua mamãe, diga-lhe isso. Ryn não se importará. Ela ama você. Promete que vai conversar com ela?

Tegan permaneceu em silêncio por um momento e, enfim, meneou a cabeça. Um gesto breve, decisivo.

— Promete mesmo?

— Sim, Luke.

— Boa menina.

Tegan girou o globo, parando-o com o dedo.

— Já esteve aqui? — perguntou, apontando para um outro trecho.

— Austrália — leu Luke. — Não, mas já pensei em ir até lá algum dia. Talvez nós três pudéssemos ir juntos.

— Você, eu e a mamãe Ryn? — exclamou Tegan. — Num avião e tudo mais?

— Sim, se Ryn desejar ir.

Tegan desapontou-se visivelmente diante da idéia.

— Não, ela não vai querer ir.

— Por quê?

— Porque não vai ter tempo de arrumar o cabelo.

Luke, o espertinho, riu.

Luke, com seu porte de um metro e oitenta e cinco, envolvendo meu corpo de um metro e sessenta e cinco, era algo a que eu começara a me acostumar. Era natural sentir o contato da pele dele ao encontro da minha, seus braços e pernas musculosos em torno dos meus. A mão deslizava por meu braço numa carícia suave, o rosto roçando o meu. Naquela noite, ele me estreitava ainda mais junto a si, o rosto aninhado na curva do meu pescoço. O sexo havia sido diferente também. Fitara-me o tempo inteiro, os olhos intensos e comovidos, como se estivesse prestes a chorar. Depois, abraçara-me com força, como se eu pudesse evaporar caso não me segurasse firmemente o bastante.

— Ryn — começou.

— Hum? — Fiquei tensa, porque a voz dele, baixa e hesitante, indicou que me diria algo ruim. Pegou minha mão, beijando os nós dos dedos, um a um. Seriam notícias realmente más.

— Lamento muito a maneira como a tratei — disse, enfim.

— Hein? — Era última coisa que esperava ouvir. Preparei-me para o anúncio de uma doença terminal, uma transferência para o exterior, ou até um rompimento, não para um pedido de desculpas.

— As coisas que lhe disse, a maneira como olhava para você, tudo que eu pensava... — Luke fez uma pausa, contraindo o rosto, como se repassasse aquilo na mente. — Sinto tanto. Estava tão enganado. Você é linda. Por dentro e por fora. Não sei por que não enxerguei isso antes. Você é linda. Olhe para o que você fez por Tegan e para como me trata tão bem apesar de como eu era antes... Lamento demais e quero que me perdoe.

— Ora, já passou. E você devia ter razão. Quero dizer, sou mesmo um pouco...

— Não — interrompeu ele num tom severo, pousando a ponta dos dedos nos meus lábios para me silenciar. — Não faça piada com isso. Eu não suportaria. Odeio a mim mesmo pelo que eu era.

— Está tudo bem — assegurei. — Você não foi o primeiro, e duvido que será o último.

— Como suporta isso?

— Tem sido assim a minha vida inteira. Não deixo que me incomode. — Luke estreitou-me ainda mais em seus braços. — Falo sério, não é um problema.

Desenvolvi uma espécie de couraça e, com ela, não acredito em nada do que ninguém diz. Dessa maneira, sei que ninguém pode me atingir porque, se não é verdade, não pode me afetar.

— Isso se aplica às coisas boas também?

Pensei a respeito. Em como tinha levado séculos para aceitar qualquer coisa que Nate falara — e ele sempre me dissera as coisas mais adoráveis. Desde o primeiro dia, dissera que eu era bonita. Que pudera sentir o calor do meu sorriso. Mais de uma vez, havia afirmado que eu era a mulher dos seus sonhos. Levei, porém, anos para acreditar nele, para entender que falava de coração e, quando, enfim, aceitei que me amava de verdade, passei a contar com seus elogios, o que tornou tudo ainda mais doloroso depois que se foram.

— Acho que sim.

— O que significa que você não se permite sentir nada.

— Não, sinto muita coisa. Apenas não deixo que as opiniões e as atitudes das outras pessoas me incomodem.

— Assim, não acredita que as pessoas gostam de você?

— Não foi o que eu falei. Apenas disse que não deixo que os sentimentos dos outros me afetem. Se as pessoas gostam de mim, ótimo, isso não me impede de ser eu mesma. Se não gostam, está ótimo também, porque não me importo e continuo existindo.

— É um jeito tão triste de viver.

— Luke, se uma garota cresce com as pessoas lhe dizendo *todos os dias* que é feia, gorda, burra, um ogro, ela pode criar uma couraça e não depender de ninguém para ser feliz e definir sua auto-imagem, ou pode deixar que tudo isso a destrua. Adivinhe o que fiz? Fui obrigada. Foi o instinto de sobrevivência.

— Mas você não precisa mais desse instinto de sobrevivência.

— Sim, é o que você diz, mas conheci um idiota não muito tempo atrás que ficou contra mim porque não sou muito bonita, nem magra. Agora, se eu tivesse deixado o instinto de sobrevivência de lado, teria ficado arrasada num momento em que precisava ser forte.

— Perdoe-me. E você é bonita. É *linda*. E seu corpo é divino. Você é divina.

— Não precisa dizer isso. Está tudo bem. Não me importo. — *Muito. Não me importo muito.* Nunca disse isso em voz alta porque nunca quis que isso fosse verdade. E se o dissesse em voz alta, ele se tornaria real. E aquelas coisas me incomodariam muito mais.

— Cresci num orfanato — revelou Luke.

Aquela era uma das muitas razões para ele e Tegan se darem tão bem — mudavam de um assunto para o outro numa fração de segundos. Nas noites em que eu a colocava para dormir, a tagarelice dela, antes e depois da leitura da história, variava desde o que fizera na escola até quais ingredientes eu deveria colocar numa torta de creme encantada, caso um dia eu decidisse fazer uma, e até como eu deveria escovar os dentes após as refeições. Agora, Luke estava fazendo o mesmo.

— Você?

— Sim. É por isso que sei que viver com base no instinto de sobrevivência é uma maneira triste de existir.

Foi por esse motivo que se mostrou tão pronto a nos ajudar.

— Oh.

— Meus pais estão vivos, sabe? Simplesmente me colocaram num orfanato. Minha mãe é inglesa e vem de uma família muito rica. Conheceu meu pai, que é espanhol, quando tinha dezesseis anos. Há 36 anos atrás esse tipo de coisa era um escândalo e, portanto, quando ela engravidou, a família a colocou para fora de casa. Meu pai tinha apenas dezoito anos, mas os dois tentaram ficar juntos. A situação foi dura demais, porém, e, quando eu tinha por volta de dois anos, minha mãe o deixou e voltou para a casa dos pais. Meu pai era menos capaz ainda do que ela. Tentou, mas também era jovem demais. Esforçou-se por anos e até tivemos alguns bons momentos. Era brincalhão, e nós fazíamos coisas divertidas. Lembro de ter me levado ao zoológico. E íamos visitar alguns de seus parentes, que moravam perto de nós, e comíamos uns fabulosos pratos espanhóis. É incrível, sabe, o idioma, o riso, o cheiro da comida. Eu me sentia em um mundo inteiramente à parte. Ele sempre fingia para a família que estávamos indo bem, mas, na maior parte do tempo, mal conseguíamos sobreviver. Eu ia para a escola às vezes; outras, ficava em casa e esperava que meu pai se levantasse. Ele não saía da cama durante dias, não se lavava, nem se vestia. É claro que agora eu sei que ele estava deprimido, mas, naquela idade, não sabia. Tentava seguir adiante. Quando eu tinha sete anos, o serviço social me levou porque eu não havia ido à escola por semanas. Nunca vou me esquecer daquele dia. Eu chorava e chamava pelo meu pai, mas ele não fez nada. Ficou sentado lá e apenas observou enquanto me levavam.

Uma súbita necessidade de proteger Luke, o garotinho tirado da família, tomou conta de mim. Rolei na cama e o abracei com força, afagando-lhe o rosto enquanto ele prosseguia com a história.

— Quando me levaram para o orfanato, fiquei apavorado. Tinha parado de chorar, mas não conseguia falar. Colocaram-me em lares adotivos, vários. Alguns eram bons, outros horríveis — como deixam as crianças ficar nesses lugares, eu não sei. Mas não fazia diferença em nenhum dos casos, porque eu sempre me comportava mal para poder ser enviado de volta ao orfanato. Era estupidez, mas achei que, se estivesse no orfanato, meu pai iria me buscar. Ele saberia onde eu estava. Não foi me visitar nem uma vez sequer durante o tempo em fiquei lá, mas eu ainda acreditava que poderia. Quando fiz dez anos, ninguém queria mais me adotar. Ninguém queria um menino encrenqueiro de dez anos e descendência de etnias diferentes. E, por essa razão, fiquei no orfanato. Foi quando me dei conta de que meu pai não apareceria para me buscar. Assim, acalmei-me. Tornei-me um bom menino. Não porque queria que alguém me adotasse, mas porque sabia que era o único meio de enfrentar bem a situação. Decidi não depender de ninguém, apenas me concentrar em fazer as coisas bem. E, quando deixei o orfanato aos dezesseis anos, estava ótimo, tinha conseguido dez notas excelentes. Saindo de lá, consegui hospedagem, um emprego de meio período, obtive notas máximas e entrei para a universidade com uma bolsa. Também aprendi outras lições nesse período. Como o fato de que minha mãe não me quis. — Ele fez uma pausa, respirando fundo duas vezes para se recompor. — Descobri quem ela era e que havia se mudado para Perth, na Austrália, anos antes. Eu lhe escrevi, contando sobre mim, e ela respondeu dizendo que seguira em frente. Que deixara todo aquele estorvo — ela chegou a me chamar de "estorvo" — para trás e disse-me para não entrar mais em contato com ela.

Senti-me horrorizada com a crueldade da mulher.

— Aquilo foi difícil demais para mim. Não conseguia entender o que havia de errado comigo. Por que ela não me queria. Levei mais dois anos para reunir coragem para telefonar para o meu pai. Ele concordou em me ver, o que encarei como um bom

sinal. Mas também não estava interessado. Tornara a se casar, tinha dois filhos pequenos e não precisava de mim, nem me queria em sua vida. Isso foi ainda pior, sabe, Ryn. Eu havia passado tanto tempo com ele, lembrava-me dos bons momentos que tínhamos partilhado. E ele mal ergueu uma sobrancelha quando lhe contei que ia para a universidade.

— Você o viu depois disso?

— Sim, vou vê-lo sempre que posso. As coisas pioraram ao longo dos anos, não melhoraram. Acho que se sente culpado por não ter feito as pazes com o filho quando tivera chance e, agora, tornou-se orgulhoso demais para tentar.

— Mas você tem de continuar tentando.

— Ah, Ryn, você não entende... ele não gosta que eu fique por perto. Nem mesmo contou aos filhos que sou meio irmão deles. Disse-lhes que sou filho de um homem que conheceu anos atrás.

Tornei a ficar horrorizada.

— Tenho medo de que, se contar algo a eles, meu pai me afaste por completo, e eu não suportaria isso. Pelo menos, agora ele me vê. Isso é melhor do que nada... — A voz dele falhou.

— Oh, meu querido... — Abracei-o com força novamente. Aquilo explicava tanto sobre Luke. Sua arrogância, sua busca constante pela perfeição, por que se mudara tanto. He nunca se sentira desejado. Eu entendia agora por que ficara tão zangado comigo quando pensara que eu apenas abrigara Tegan sem ter pensado muito a respeito. Sabia como era quando alguém fazia um péssimo serviço na criação de uma criança.

— Desculpe — disse-me.

— Não se desculpe. Eu entendo.

— Não, não entende. Admiro muito você pelo que vem fazendo. Apesar de tudo que me contou sobre como Tegan acabou ficando aos seus cuidados, você ainda está com ela.

— Obrigada.

Luke segurou meu rosto com gentileza, os olhos penetrantes fitando os meus.

— Falo sério. Quero que acredite em mim. Você é incrível. Salvou Tegan de se tornar alguém como eu.

— Você não é assim tão mau.

Luke era um homem marcado pelo passado, compreendi. Nunca tivera um lar de verdade, nunca se sentira desejado por ninguém. Nunca sentira que pertencia a um lugar e, portanto, o trabalho e o sucesso tinham se tornado sua razão de viver.

Depositei-lhe um beijo confortador nos lábios, e ele retribuiu, beijando-me com sofreguidão. Seu desespero e tristeza incorporaram-se naquele beijo e, depois, na maneira como me deitou gentilmente de costas, colocou-se sobre mim e começou a fazer amor comigo.

Depois, senti-me tentada a lhe pedir que ficasse. Não deveria ficar sozinho num momento em que revelara tanto sobre si mesmo, mostrara-me uma parte de si que bem poucas pessoas haviam visto. Mas havia Tegan... Não podia correr o risco de que ela nos encontrasse juntos. Luke tirou a decisão das minhas mãos ao se levantar e se vestir.

— Vejo você depois — murmurou por sobre o ombro, adiantando-se até a porta. Aquele era o tipo de despedida indiferente que se dava a um estranho ao qual nunca mais se esperava ver; o tipo de adeus que eu temia ter lançado na direção de Adele na última vez em que a vira. Se Luke se sentia daquela maneira, talvez o perdêssemos. Ele se sentiria tão vulnerável que, durante aquele tempo sozinho, talvez decidisse colocar distância entre nós a fim de se proteger.

Da janela do quarto, observei-o deixar o prédio. Abriu a porta do carro preto e entrou. Em vez de dar a partida, debruçou-se sobre o volante, segurou a cabeça entre as mãos e começou a chorar.

Vendo seus ombros largos balançar, voltei lentamente alguns meses no tempo. Estava de volta ao quarto de hotel, abraçando Tegan, enquanto ela berrava sem parar porque a mãe a deixara e se via subitamente diante da dura realidade de que não tinha ninguém mais no mundo. Fui tomada por uma poderosa necessidade de protegê-la, de provar que alguém a amava adotando-a. Aquele sentimento estava de volta. Queria proteger Luke, abraçá-lo e afastar-lhe as lágrimas. Fazê-lo saber que alguém o queria. Que nós duas, Tegan e eu, ficaríamos perdidas sem ele. Apanhando meu celular, liguei para o dele. Luke atendeu depois do quarto toque. Contendo as lágrimas, murmurou:

— Alô?

— Volte para cá — pedi.

— Mas Tegan... — protestou ele.

— Você poderá ir antes que ela acorde. Apenas volte.

Luke voltou e adormeceu nos meus braços. Fiquei acordada, afagando-lhe o rosto e certificando-me de que não passássemos da hora.

CAPÍTULO 26

Luke é seu namorado? Eu estava colocando Tegan para dormir. Havia lhe dado banho, vestido o pijama e, numa inversão, ela fora até a sala de estar, dissera boa noite a Luke e esticara o rosto para receber um beijo. Inversão porque era sempre Luke quem tinha de colocá-la para dormir se estivesse presente. Depois de desejar boa noite e ganhar seu beijo, ela pegou minha mão e me levou até seu quarto. Agora, com a menina aninhada sob as cobertas, entendi a razão — ela queria me fazer perguntas de adulto.

— Por que pergunta isso? — Deixei de lado o livro que estávamos lendo. Tegan estava deitada sob sua colcha de arco-íris, os cabelos limpos ocultos por um lenço de seda rosa. Como a maioria das mulheres negras, eu usava um lenço à noite para proteger os cabelos dos efeitos causados pelo sono. Quando Tegan vira o meu, quisera um também. Recusou-se a acreditar em mim quando lhe disse que não precisava de um. Ao me dar conta de que, para dissuadi-la, teria de enveredar sobre uma longa conversa

sobre a estrutura de diferentes tipos de cabelos, concluí que um lenço era a alternativa mais fácil. Sob as cobertas, entrevia-se a blusa do seu pijama azul e branco de ovelhas. O rosto, como o restante dela, ficara um pouco mais cheio recentemente e, assim, tinha as bochechas de uma menina saudável de cinco anos quando sorria.

— Porque Regina Matheson disse que, se um homem e uma mulher se vêem o tempo todo, os dois são namorados.

— Disse mesmo, é? — falei, ganhando algum tempo.

Não havia meio de sair daquela situação agora. Tinha de contar a verdade a Tegan. Mas como? A outra razão pela qual eu estivera adiando aquilo, deixando que seis semanas tivessem se passado sem lhe contar, era porque não sabia como lhe explicar tudo.

— Você se importaria se Luke fosse meu namorado? — perguntei. — Não! — exclamou ela, escondendo o rosto com as mãos.

— Certo... mas, caso se importasse, você me contaria, não é mesmo? Tiga afastou as mãos do rosto e soltou risinhos quase musicais.

— Vocês se beijam? — quis saber. — Como na tevê?

— Às vezes — respondi, cautelosa, incerta quanto a ter aquele tipo de conversa com uma criança.

— Você gosta de beijar Luke?

Eu não deveria estar tendo aquela conversa com uma menina de cinco anos.

— Não o beijaria se não gostasse. — Levei a mão ao abajur. — Boa noite, Tiga.

— Ele ainda é meu amigo?

Parei antes de apagar a luz e tornei a sentar.

— É claro que ainda é seu amigo — assegurei. — Sempre será.

— E você ainda é a minha nova mamãe?

— Sim, docinho.

— Mas não é a minha mãe de verdade, não é?

— Por que está perguntando isso? — Fiquei expectante, apavorada com o que ela poderia dizer em seguida. A garotinha me acusaria de tentar tomar o lugar de sua mãe? Trataria de me informar que eu estava fracassando no meu novo papel? Ou me perguntaria por que a mãe não iria voltar?

— Porque Regina Matheson falou que você não pode ser minha mãe de verdade porque não temos a mesma cor.

— Falou, é?

— Sim. Você é negra, não é?

— Sim.

— E eu sou branca, não sou?

— É.

— Regina Matheson disse que você não podia ser minha mãe de verdade. No meu íntimo, a raiva começou a ebulir. Queria conhecer a tal Regina

Matheson. Agachar-me, olhar bem nos olhos dela e ordenar-lhe que parasse de encher a cabeça de Tegan com aqueles medos. Deixar claro que as coisas já eram difíceis o bastante sem que ela dissesse a Tegan que não tinha um lugar ao lado de ninguém.

— E falou que não tenho uma família de verdade porque não tenho pai. A raiva explodiu em chamadas. Aquela menina era inacreditável. Com que outras meias verdades torturara a mente de Tegan?

— Bem, quer saber de uma coisa? Aposto que Regina Matheson não sabe se a mãe dela quer o tempo todo — declarei. Ouvira aquilo em algum lugar e não hesitei em usar a informação para meus propósitos.

Tegan arregalou os olhos, perplexa.

— A mãe está presa a ela. E o pai também, aliás. Não importa o que ela faça, são obrigados a ficar com ela, mas é da minha escolha ter você ao meu lado. E não sou obrigada a ficar com você, mas quero ficar. Quero estar com você o tempo todo e, não importa o que aconteça, sempre vou querer. Você compreende?

Tegan confirmou com um aceno de cabeça.

— Não me entenda mal. Tenho certeza de que a mãe de Regina a ama muito, mas não a escolheu. Teve de ficar com o que recebeu, enquanto eu escolhi você.

— Está contente por ter me escolhido? — ela perguntou num tom manso.

— Não estou apenas contente, estou radiante! — exclamei e me atirei em cima de Tegan, fazendo-lhe cócegas, o som maravilhoso de seus risos preenchendo o quarto. — Oh, puxa, acho que Tiga precisa de mais cócegas! — Inclinei-me outra vez. Ela agitou as pernas e sacudiu a cabeça, rindo sem parar.

Endireitei as costas e deixei-a recobrar o fôlego. Ela ainda riu um pouco enquanto arrumei de volta as cobertas.

— A mamãe me fazia cócegas.

— Eu sei — falei, tentando sorrir. Um nó se formou na minha garganta, os olhos começaram a arder, como sempre acontecia a cada vez que pensava em Adele. Reprimi as emoções, como costumava fazer e pensei em outra coisa. Qualquer coisa exceto Adele.

— Como é o céu? — perguntou Tegan, as pálpebras pesadas, os olhos ainda mais sonolentos do que minutos antes.

Sacudi a cabeça devagar.

— Eu não sei.

— Parece com aquilo? — Ela apontou para o desenho ao lado da lareira, na parede oposta à cama. Nós o havíamos pintado tanto tempo antes que eu literalmente tinha parado de olhar para ele, mas agora o vi com novos olhos. Os campos verdejantes, as árvores frondosas de tronco marrom, o grande sol amarelo, as nuvens brancas no céu azul, os grandes pirulitos vermelho e brancos em forma de flores. Era uma boa pintura, mesmo tendo sido eu a fazê-la. Seria maravilhoso se o céu fosse daquele jeito, mas nunca pensara muito a respeito. Nem mesmo após a morte de Adele. Sabia como me sentia em relação à religião — que, na maior parte do tempo, acreditava na existência de Deus, um poder maior —, mas sempre pensei que o céu talvez fosse feito de nuvens.

Não, não achava aquilo. Não, porque nunca pensara a respeito. A cena ali pintada era tão boa para descrever o paraíso como qualquer outra, supus.

— Talvez, querida. Mas eu não sei.

— Mamãe teria gostado se fosse assim.

— Sim, teria, mas acho que ela teria gostado de algumas lojas no meio também.

Tegan balançou a cabeça, rindo.

— Bem, senhorita, vai dormir, ou não? Já está passando muito do seu horário, sabia?

— Sim — ela respondeu com um bocejo. Inclinando-me para a frente, beijei-a na fronte.

— Boa noite, docinho.

— Boa noite, mamãe Ryn.

Entrando na sala de estar, espantei-me ao encontrar Luke esparramado no sofá, assistindo à tevê. A surpresa foi tanta que não pude evitar que um "oh" escapasse dos meus lábios.

— Oh? — perguntou ele, cauteloso.

Tínhamos uma sincera amizade — *relacionamento* —, mas pessoa alguma aceitaria bem se outra lhe dissesse que esquecera por completo de sua existência. E foi o que eu fiz. Em meio à conversa sobre Adele, esqueci que ele estava no apartamento.

— Quero dizer, oh, você já tomou banho — disfarcei.

— E não deveria?

— Não é isso... Estou cansada.

Luke desligou a tevê e levantou-se do sofá.

— Em outras palavras, você quer que eu vá. — Espreguiçou-se, alongando os braços, jogando a cabeça para trás. A camiseta branca ergueu-se, permitindo um lampejo do estômago musculoso.

— Não disse isso — protestei não muito convincente.

— E nem precisava. Seu rosto diz tudo.

— Bem, meu rosto vem mentindo há anos. Não sei porque decidi acreditar nele agora.

Luke inclinou a cabeça para o lado, estreitando os olhos de leve.

— Que tal você ir chorar no quarto, eu esperar aqui até que esteja mais calma e, então, começarmos de novo?

— Não me trate como se eu fosse criança — retruquei, áspera.

— Ou você poderia me menosprezar mais um pouco, mas vamos fazer isso no quarto para que Ti não escute.

— Ou você poderia ir dando o fora e voltar para casa.

— Ou eu poderia ir dando o fora.

Nate costumava fazer aquilo. Conseguia lidar com meu mau humor ou rebatê-lo com uma incrível dose de paciência, recusando-se a aceitar qualquer tipo de provocação. Luke meteu as mãos nos bolsos do jeans, a cabeça ainda um tanto inclinada, à espera de que eu decidisse qual seria o melhor passo a seguir.

— Eu me sinto tão culpada — desabafei. Conversar. Aquele era o melhor passo. Partilhar meus sentimentos com o meu namorado.

— Pelo quê?

— Por tudo. Por não ter estado presente quando Adele precisou de mim. Por não ter cuidado de Tegan mais cedo. Por ter pensado duas vezes quanto a ficar com Tegan. Por não ter estado com Adele quando ela morreu. Por ter sido uma mãe tão deplorável que me esqueci de Tegan daquela vez. Por não estar sendo capaz de criá-la como a própria mãe teria feito. E nesse meio tempo há uma capetinha tola na escola dizendo-lhe que não sou a mãe de verdade dela e que nunca serei. Assim, obviamente, ela vai se sentir abandonada porque nem mesmo eu sou sua verdadeira família... Acha que devo reclamar com a escola?

— Não neste exato momento, não.

— Se continuar me tratando como se eu fosse criança...

— Desculpe. Está certo, vamos lidar com cada uma dessas coisas por vez. Sei que não é o que quer ouvir, mas aconselhamento psicológico poderia ser o passo adiante de que você precisa.

— Um psicólogo, para mim? — repliquei quando, enfim, assimilei o sentido das palavras.

Luke acenou que sim com a cabeça.

— Por que eu precisaria de um psicólogo?

— Tegan não foi a única que perdeu uma pessoa amada. E, ao contrário de Tegan, você tem uma porção de questões não resolvidas. Precisa conversar a respeito com alguém que não seja eu... E antes que pense que não estou querendo ajudar você quando lhe digo que recorra a outra pessoa, lembre-se de toda essa história com seu ex

que não esclareceu com Adele. Desconfio de que não vai querer falar sobre os dois comigo também. Um profissional talvez possa ajudar você a lidar com tudo isso, o que poderá aliviar uma parte de sua culpa. Quanto a Tegan sentir falta da mãe, é algo natural. Não há nada que alguém possa fazer a respeito. Você não tem culpa nenhuma nesse sentido. E, enfim, sua preocupação quanto a ela não pensar em você como sua mãe... ela chama você de mamãe,oras.

— Porque a mãe lhe disse que me chamasse assim.

— Mas ela ainda o faz. E não apenas quando fala diretamente com você, ao que parece. Quando liga para o escritório, pergunta pela mamãe Ryn, não é mesmo? — Confirmei balançando a cabeça. — E quanto a essa menina da escola ter-lhe dito que você não é a mãe dela, é porque Tegan deve estar se referindo a você como mamãe Ryn lá também. Tegan realmente pensa em você como sua segunda mãe. — Devo ter adquirido um ar de quem não parecia convencida, pois Luke acrescentou: — Há uma maneira de consertar isso?

— Qual, voltar no tempo e dar à luz a menina? Ele revirou os olhos.

— Ryn, sei que a assistente social assustou você, mas acho que tem de se concentrar novamente em adotar Tegan. Procure um psicólogo, providencie a papelada necessária, faça o que tiver de ser feito para torná-la uma Matika.

Contive um suspiro. Não havia problema para Luke dizer "faça o que tiver de ser feito" porque não sabia. Nem mesmo ele que crescera aos cuidados do serviço social sabia o que "o que tiver de ser feito" englobaria. Não se dava conta de que, para adotar Tegan, eu teria de entrar em contato com Nate.

***“Diga-me outra vez, por favor,
diga-me outra vez”***

CAPÍTULO 27

De quem havia sido a idéia de irmos ao centro da cidade num sábado? Mesmo quando não tinha uma criança e era descomprometida, evitava a área central de Leeds nos fins de semana, só indo até lá realmente quando não restava escolha. Trabalhando numa grande loja de departamentos, eu tinha acesso a tudo, desde roupas a eletrodomésticos, livros a acessórios de informática. O que não houvesse lá podia ser encontrado na Morrisons, em Horsforth e, ainda assim, eu até tomava o cuidado de não ir nos horários de maior movimento.

Naquele dia, porém, nós estávamos abrindo caminho pela multidão do St. John's Centre, tendo sido levadas de carro à cidade por Sua Alteza Real Luke Esperto. Ele que decretara que devíamos passar o dia ali.

— Será divertido — prometera ao alcance do ouvido da própria Srta. Hedonista, Tegan Brannon, sabendo que, uma vez que a garotinha estivesse do seu lado, eu não recusaria. Nem sequer emitiria um débil protesto.

Eu estava no pior dos humores, contendo a irritação a custo, quando uma sirigaita de minissaia — embora fosse quase novembro e estivéssemos em pleno outono britânico — não dissera "com licença" para passar por mim e simplesmente me empurrara para eu sair do caminho. Até tentei sorrir quando um homem usando um topete loiro acima dos cachos castanhos esbarrou em mim e não pareceu notar.

— Quero dar uma olhada nos móveis na John Lewis — falou Luke, que estava com Tegan nos ombros, enquanto eu abria uma das portas de vidro nos fundos do St. Jotms Centre e saía.

O frio do lado de fora era intenso. O ar expelido por pessoas metidas em casacos pesados condensava-se instantaneamente. Mantinham as mãos nos bolsos, as cabeças abaixadas em proteção ao vento gélido, cortante, que castigava qualquer parte exposta do corpo. Em menos de vinte passadas, atravessei a rua pavimentada de pedra, coberta por lisa camada de gelo, e abri a porta de vidro da maior concorrente da Angeles ao norte. Segurei a porta aberta para Tegan e Luke, que estavam logo atrás de mim e, então, cruzei a entrada até o conjunto de portas de vidro seguinte. Fiz o mesmo para que os dois entrassem e prossegui na frente. Vi-me novamente cercada por uma multidão. O frio que impregnara as minhas roupas e pele se dissipou e, num instante, estava quente demais ali dentro.

Encaminhava-me na direção da escada rolante quando outra mulher sem aparente noção de que era outono, trajando minissaia e blusa folgada de lã, esbarrou no meu ombro com o seu, sua sacola plástica, que continha algo pesado e de vidro, batendo em cheio na minha canela. A dor foi imediata, parecendo se expandir pelo corpo inteiro. Em vez de se desculpar, como a maioria teria feito, ela me lançou um olhar hostil e continuou andando. "Quer quebrar a outra maldita perna também?" Virei-me já prestes a gritar isso na direção dela quando vi Luke e Tegan passeando pela multidão, os dois sorrindo para as pessoas enquanto passavam. O insulto dissipou-se em minha mente. Eu não podia mais fazer esse tipo de coisa — era uma mãe responsável e tinha de dar o exemplo.

Voltei a atenção para a perna, permitindo-me um sentido mas silencioso "Ai, que dor!" enquanto me inclinava e massageava a canela atingida. *Talvez nunca mais consiga*

andar direito, concluí quando toquei a área em questão e a dor se expandiu pela perna inteira.

— Vadia, eu devia ter-lhe partido a cara ao meio — resmunguei por entre dentes e tornei a endireitar as costas. Apenas para bater em outro corpo sólido.

Merda, alguém mais quer me derrubar, ou o quê?, berrei por dentro, dirigindo meu olhar fulminante para aquela besta humana que colidira comigo. Senti nova onda me percorrendo com súbito impacto, mas não de dor, de puro choque. O coração disparou, o fôlego quase me faltando, enquanto meus olhos se fixavam no homem diante de mim.

Nate.

Meu próprio nome parecia faiscar nos olhos completamente estupefatos dele: Kam. Ele o falou também, a palavra quase sussurrada escapando por entre seus lábios cheios:

— Kam.

Semanas haviam se passado desde que Luke me convencera a me concentrar novamente nos procedimentos para a adoção de Tegan, e eu ainda não tomara nenhuma providência para entrar em contato com Nate. Não conseguia. A cada vez que pensava nele, em seu rosto no funeral, em formar palavras para conversarmos, minha mente se recusava a aceitar aquilo, e eu me retraía de volta a um estado de negação. Não podia fazê-lo.

Nate continuava exatamente como eu me recordava: os cabelos castanho-escuros afastados do rosto e um tanto repicados. A pele ainda sem marcas do tempo. Os mesmos perscrutadores olhos azuis, capazes de desvendar sem esforço até o meu segredo mais bem guardado. O nariz, reto e ligeiramente arrebicado na ponta. Os lábios, minha parte predileta de seu rosto, lábios cheios, firmes, másculos, tão bem-desenhados que pareciam ter sido esculpidos por um artista. Percorri-lhe o rosto com o olhar novamente. Ele não mudara nem um pouco.

— É você, não é? — perguntou ele, percebendo que eu não diria nada. — Não estou tendo uma alucinação, ou algo assim, não é?

Sacudi a cabeça, incapaz de emitir uma palavra.

— Você não mudou nada — prosseguiu ele.

Umedeci os lábios, prestes a tentar responder, quando Luke — Tegan em seus ombros, as mãos enluvadas segurando a ponta dos dedos dele — apareceu ao meu lado. Olhando para mim e notando a expressão de choque em meu rosto, ele virou-se para a pessoa que eu encarava. Luke observou o rosto de Nate, desde a fronte larga, os olhos grandes e o queixo forte, passando pela versão adulta do nariz de Tegan, e, visivelmente, seus batimentos cardíacos quase triplicaram.

— Esperaremos você ali adiante — resmungou ele e se afastou em seguida com Tegan nos ombros, antes que a menina tivesse chance de falar.

Nate piscou duas vezes enquanto me olhava.

— Quais são as chances disto acontecer? — perguntou, como se não tivéssemos sido interrompidos.

— Nathaniel — falei finalmente.

— Nate — corrigiu-me ele, perscrutando meus olhos em busca de um lampejo de lembrança. — Foi você que começou a me chamar assim. Não vale vir com essa história de nome inteiro agora. — Ele abriu-me um sorriso, e eu fiquei com os joelhos moles, as pernas custavam a me sustentar.

— Nathaniel — repeti, usando um tom mais firme, esforçando-me para manter a situação sob controle. A última vez que o vira, antes do funeral, havia sido no dia em que eu voltara a Londres para pegar meus pertences e o deixara — no dia em que eu

estivera com os olhos secos, com a mente num turbilhão, e ele com o aspecto de quem não dormia durante anos. Naquele momento, porém, havia todo o perigo de que o choque do inesperado encontro me consumisse.

— O que está fazendo aqui? — indaguei.

— Moro aqui.

— O quê? Em Leeds? — Estremeci por dentro. Ele não podia fazer aquilo, simplesmente não podia. Ter uma distância de mais de trezentos quilômetros entre nós sempre havia sido um fator reconfortante no nosso rompimento — não haveria chance de deparar com ele.

— Sim. Não. Quero dizer, não. Moro em Tadcaster. A meio caminho entre Leeds e York. — Nate apontou por sobre o ombro, como se Tadcaster pudesse ser encontrada no departamento de roupas masculinas. — Eu... hã... arranjei um emprego para cuidar da programação da Yorkshire e Peninos FM. Há cerca de um ano ou mais.

— Entendo. — Por fora, eu era a indiferença em pessoa; por dentro, estava pasma. Passara o ano anterior andando pelas ruas tranqüilamente, brincando de roleta-russa sem saber, correndo o risco de dar com ele a qualquer momento. O pensamento me causou vertigem.

— Obviamente, você ainda mora aqui — comentou Nate.

— Obviamente.

A expressão dele mudou, o choque se dissipou, dando lugar à tristeza.

— Como você tem passado desde...? — Sua voz falhou. — Desde... — Nate, como todo mundo, incluindo eu mesma, evitava aquela palavra, contornando-a como a um buraco na estrada. Fazendo de conta que ela não existia, como se a morte não fosse tão dolorosa, tão devastadora, se não se proferisse a palavra.

Dei de ombros.

— Bem, acho eu. E você, como vai?

— Na mesma.

Nós nos entreolhamos, e eu me senti em queda livre, pairando no tempo. De repente, não soube o momento em que estava, se voltara quatro anos no tempo e fitava os olhos azuis de Nate, perguntando-me por que, afinal, ele me amava; por que era tão bom para mim. Continuei mergulhando no passado — indo bem mais longe, transportando-me até o nosso primeiro "encontro" e notando o brilho em seu olhar quando me viu. Quase me rendi às lembranças. Quase dei um passo à frente, esperando que ele me envolvesse com seus braços, enquanto eu me estreitasse no calor de seu corpo. Teria sido tão fácil.

Tudo o que eu tinha de fazer era desprender-me da realidade em que me seguira e pular para dentro da minha história como Alice caindo na toca do coelho. Deixar que aquilo acontecesse. Sentir tudo novamente...

Recomponha-se!, ordenei a mim mesma com severidade, obrigando-me a voltar ao presente.

— Pensei em entrar em contato — admitiu Nate num tom cauteloso. — Mas não sabia como você reagiria, se seria mais um baque depois de tudo.

Chega dessa conversa sobre Adele, decidi, baixando os olhos até as minhas botas de couro marrom. Erguendo o pé esquerdo, esfreguei a ponta limpa na parte de trás da perna direita do jeans, usando o gesto como pretexto para me distanciar dele. Nate não podia entender como eu me sentia com o coração dilacerado na maior parte do tempo; ninguém além de Tegan teria como entender. Que cada dia que eu não parava simplesmente paralisada pela dor, era um excelente dia. Eu estava mantendo o controle por meio da negação, ignorando a dor. Se visualizasse meus sentimentos, a dor neles contida seria como sulcos longos e profundos cravados na superfície da mente pela

culpa e o arrependimento. E se pensasse naquilo por tempo demais, se me permitisse vislumbrar a enormidade, a exatidão dos meus sentimentos, ficaria petrificada. Se me permitisse experimentar ainda que uma ínfima parte do que suspeitava sentir, não seria capaz de continuar tocando a vida. O sofrimento me consumiria. Assim, confinava constantemente meus sentimentos a outro lugar, outro tempo, uma dívida que eu pagaria mais tarde. Os juros estavam se acumulando, mas eu não tinha condições de pagar agora. Nate, com sua simples presença, estava esfregando culpa coberta de sal na ferida, exigindo ameaçadoramente que eu pagasse parte do que devia. Falar a respeito resultaria num colapso nervoso.

Compreendendo quase de imediato que eu não falaria mais sobre aquilo, Nate mudou de assunto.

— Namorado? — perguntou. Ergui a cabeça.

— Como disse?

— Aquele sujeito. — Ele fez um gesto na direção de Luke e Tegan. Segui-lhe o olhar. Um pouco além, parado diante da vitrine de caras e delicadas jóias de prata, Luke dançava inconscientemente, balançando entre um pé e outro, segurando as mãos de Tegan e sacudindo-a em seus ombros ao ritmo de *Little less conversation*, de Elvis, que tocava pelos alto-falantes da loja. A menina ria alto, e seus cabelos, soltos em torno do rosto e cobertos por um chapéu preto forrado de pele sintética, moviam-se feito ondas douradas ao ritmo da música. Eram duas das pessoas mais alegres na loja de departamentos; até os clientes mais carrancudos sorriam de leve quando passavam pela animada dupla.

— Ele é seu namorado?

— Sim. — Sorri, orgulhosa pelo fato de Luke estar comigo e de amar Tegan tão incondicionalmente.

— E aquela é a filha dele?

Desviei o olhar do par para franzir o cenho para Nate, examinando seu rosto em busca de um sinal de que reconhecia a menina. Nada. Tinha uma expressão neutra no aguardo da resposta. Não fiquei surpresa com o fato de ele não reconhecer a filha de Adele. Nós havíamos convivido muito com ambas no passado, mas Nate nunca se interessara por crianças — tinha um apetite voraz por companhia adulta, adorava sociabilizar e estar com pessoas, mas em se tratando de crianças, com as quais não sabia se comunicar, mantinha-se a distância. Assistira Tegan executando uma de suas danças, quando o havíamos obrigado, mas sempre estivera com um olho na tevê, ou no jornal, ou no vazio. Quando lhe contei que a garotinha dissera a primeira palavra, Nate conseguira dizer um "Jura?" de tal maneira que quase me convencera de seu interesse.

— Não — falei em resposta à pergunta sobre Luke e Tegan. — Ele está tomando conta dela.

— Oh. — Nate abriu-me um ligeiro sorriso. — Linda menina. Umedeci os lábios, pronta para declarar: *A menina é sua!* Dei-me conta, então, de que não era o lugar apropriado. A John Lewis, numa tarde de sábado, com centenas de pessoas circulando por ali, não era o lugar ideal para um homem descobrir que era pai. Bem poucos lugares teriam sido ideais, aliás, mas aquele estava fora de cogitação no momento.

Mas tenho de lhe contar, afinal?, pensei, estudando-o. E se Nate quisesse fazer parte da vida dela? Era improvável, levando em conta seu desinteresse por crianças, mas ainda era algo que me preocupava. Meu instinto me dizia para não lhe contar absolutamente nada a respeito, para deixá-lo em seu feliz estado de ignorância, no qual estivera durante seis anos. Era o pai dela, no entanto, e Tegan tinha o direito de conhecê-lo, de tê-lo em sua vida, especialmente depois de ter perdido a mãe.

Nos anos anteriores à minha partida, aconselhara Adele repetidamente sobre a necessidade de Tegan de conhecer o pai. Agora, percebia quanto eu havia sido simplista, desinformada. Não fizera idéia, não compreendera em absoluto o que viver sob a ameaça de que Tegan tinha um pai significara. Mesmo que o "papai" não quisesse tentar convencê-la a ficar com ele, podia rejeitá-la, o que a afetaria negativamente para o resto da vida. Rejeição de uma mãe ou de um pai — não havia traição maior. Além do mais, no momento, Tegan tinha o cenário familiar completo. Meus pais eram os avós dela — chamava-os de vovó Faith e vovô Hector, meus irmãos e irmã, seus tios e tia, os filhos deles, seus primos. Quando ia visitar os filhos da minha irmã, em Manchester, sempre voltava me cobrindo de histórias sobre quanto haviam se divertido juntos. Não lhe faltavam familiares e pessoas que gostavam dela. Nate era seu sangue, porém. Sangue e genes, o elo dela com a grande cadeia biológica da vida. Os códigos de suas moléculas tinham sido escritos através dos de Nate e dos de seus pais antes dele. Nós não podíamos lhe dar isso. Nem eu, nem minha família, nem Luke. Ela e Nate tinham laços inegáveis. Mesmo que eu não o quisesse mais em minha vida, era meu dever para com Tegan contar a seu pai biológico a verdade.

— Ouça — comecei, conseguindo, enfim, sustentar-lhe o olhar —, acho que devemos conversar adequadamente... Sobre tudo.

A surpresa evidenciou-no rosto de Nate.

— Quer mesmo? — perguntou, cauteloso, como se lhe ocorresse que talvez eu estivesse brincando.

Se eu queria? Não. Era obrigada. Confirmei com um gesto de cabeça.

— Tem um número onde eu possa encontrá-lo?

Ele meteu a mão no bolso interno do casaco de lã marrom claro, pegando a carteira preta gasta, de onde retirou um cartão de visitas, entregando-o a mim. O cartão branco continha todos os detalhes para contato: número de telefone do trabalho, do celular e e-mail dele. Guardei-o enquanto dizíamos um "até logo" breve, tenso, um ao outro. Giramos nos calcanhares ao mesmo tempo, e caminhei na direção de Tegan e Luke sem olhar para trás.

— Quem era aquele homem? — perguntou Tegan quando me aproximei, Luke parou sua dança e olhou para mim.

Observei Tegan. Tinha as faces coradas de tanto rir, os olhos brilhando com curiosidade e empolgação, os lábios entreabertos num sorriso de contentamento. Para ela, as coisas não poderiam estar melhores.

— Um velho amigo meu — respondi.

— Não pareceu assim tão velho — observou ela, perspicaz. — Acho que Luke é mais velho.

— Obrigado pela parte que me toca, senhorita — resmungou ele, fingindo estar ofendido.

— Quero dizer, é um amigo que conheci há muito tempo.

— Ele conheceu a minha mãe? — perguntou a menina inesperadamente.

— Sim.

— Ele sabe que ela foi para o céu para estar com Jesus e os anjos? — Tegan sempre fazia com que a morte de Adele soasse como se ela tivesse ido se reunir a uma banda *pop*; como se pudéssemos esperar uma apresentação especial a qualquer momento com Adele Brannon como vocalista.

— Sim, docinho, ele sabe. E ficou triste, mas está contente por tê-la conhecido antes de ela ter ido para o céu.

Tegan abriu-me um sorriso radiante, o que me espantou. Imaginei que ficaria desolada, mas parecia feliz, imperturbável.

— Parece um homem bom. Podemos vê-lo de novo?

Senti os olhos penetrantes de Luke no meu rosto, sua expressão perguntando: "E então, podemos?".

— Talvez — respondi, ignorando o olhar perscrutador de Luke. — Vamos ver.

Oito anos antes, entrei num café no norte de Londres e descobri que estava praticamente vazio. Havia apenas um homem passando um pano sujo nas superfícies das mesas e uma mulher sentada nos fundos, bebericando café e fumando, o olhar perdido no vazio. A terceira pessoa ali era Nate. Meu par romântico. Estava em uma mesa com a cabeça baixa, absorto em um jornal. Verifiquei o relógio para confirmar que chegara no horário porque, a julgar como ele avançara na leitura do jornal e pela caneca branca de café vazia na mesa, era evidente que estava ali havia algum tempo.

Senti um nó no estômago, tomada por inesperado nervosismo. Não fora dominada pela menor preocupação no caminho até ali para o nosso primeiro encontro oficial, tendo-o conhecido um mês antes, mas, agora, estava subitamente agitada.

— Olá — falei.

Ele ergueu os olhos. Um sorriso espalhou-se por seu rosto amistoso, alegrando-lhe o olhar. Fiquei perplexa em perceber quanto estava feliz em me ver. Levantou-se e, ao fazê-lo, destacou seu corpo atlético de um metro e oitenta e cinco acima dos meus vinte centímetros a menos.

— Olá — ele disse, ainda sorridente.

— Não estou atrasada, estou?

— Não — Ele deu de ombros, a camiseta preta realçando-os. — Eu estava tão ansioso que acabei chegando aqui cedo.

— Oh — murmurei, sem saber como responder àquilo.

— Você é mais bonita do que eu me lembrava.

Contive-me para não olhar para trás e ver com quem o homem estava falando e, então, permiti-me desfrutar o elogio. Não soou falso, nem forçado, a sinceridade na voz dele tornando o que dissera adorável.

— O quê, esta cara de sempre? — brinquei. — Eu a tenho há anos. Nate soltou um riso espontâneo, agradável e, em seguida, contornou a mesa quadrada a fim de puxar a cadeira estofada para mim. Impressionou, mas nem tanto. Eu não ia me derreter toda ao estilo de Adele — já conhecera galanteadores antes e, sob o sorriso charmoso e as boas maneiras, ainda eram o tipo comum de cafajeste.

Pedimos café e um bolinho de chocolate que Nate partiu em oito fatias, como se faria com uma maçã, para poder partilhá-lo. E conversamos. Quando, enfim, cheguei em casa não pude me lembrar sobre o quê. Havia sido o tipo de conversa que era interrompida apenas por risos e pausas para assimilar as informações recebidas.

Algum tempo depois, Nate levantou para ir ao banheiro e me apanhei sorrindo enquanto ele se afastava — fiquei horrorizada. Eu estava encantada. O charme e a inteligência do homem haviam começado a me cativar. Mas sabia o que ia acontecer. À certa altura, ele se transformaria num dos tipos de sempre. Iria querer que eu mudasse, controlar-me, ou me deixar, e seria pior se eu investisse emoções naquela relação antecipadamente.

Quando Nate retornou e eu havia terminado meu terceiro *cappuccino*, elaborei um plano. Nas horas anteriores, descobrira uma coisa ou duas sobre aquele homem e sabia como ejetá-lo da minha vida. Pousei a caneca na mesa e fitei-o diretamente nos olhos.

— Vamos tomar mais um café na sua casa, então — declarei. Nate recostou-se na cadeira.

— Hum... — resmungou com uma ligeira careta, sem sustentar meu olhar. Depois de toda aquela demonstração de confiança e galanteios, ele estava me rejeitando?

Inclinei-me para a frente na cadeira.

— Hum? — repeti.

A careta dele acentuou-se até estar contraindo completamente o rosto. Ele *estava* me rejeitando. *Será que imaginei o flerte, os sorrisos tímidos e os olhares demorados ?*

— Não quer que eu vá até a sua casa com você? — indaguei.

— Não! Deus do céu, não! Quero dizer, sim! Mais do que tudo, eu quero. Acontece que minha casa está uma tremenda bagunça e não quero lhe causar má impressão. E não tenho leite, açúcar, nem café... Não vou ao mercado há alguns dias. Acho que poderíamos passar em algum no caminho...

— Nate — interrompi. — Você tem preservativos? Ele meneou a cabeça.

— Então, não me importa o que há ou não na sua cozinha. Vamos até lá para fazer sexo. Ou, se prefere que eu coloque assim: se formos até a sua casa, vamos nos dar bem.

— Oh, certo. Certo. Quer ir agora?

— Sim.

— Garçom, a conta! — exclamou Nate, quase tropeçando nos próprios pés para pagar.

Mais tarde, bem mais tarde, ele me puxou para si, querendo me aninhar junto a seu corpo antes de adormecer. Eu, por outro lado, queria me afastar o máximo possível dele. O plano dera um pouco errado. Minha estratégia — transar com o homem, ir embora e saber que ele nunca mais telefonaria — não dera certo. Em vez do distanciamento que se seguia a uma aventura de uma noite, eu estava *sentindo*. Havia emoções fluindo em mim. Afeição. Paixão. Ternura. A cada vez que olhava para o rosto de Nate, a palavra amado surgia em minha mente. O sentido pleno dela. Aquele a quem se amava, com o corpo, a mente, a alma. Aquele a quem se entregava tudo de si. O que era insanidade — eu vira Nate apenas duas vezes na vida.

Nunca fizera sexo daquela maneira em minha vida, porém. Nosso primeiro beijo fora hesitante — havíamos sentado na beirada da cama dele, sabendo o que viria em seguida.

Após o segundo beijo, Nate acariciou lentamente meus lábios com o polegar, o toque carregado de incrível erotismo enquanto eu o fitava nos olhos. Depois daquilo, foi uma viagem sem volta rumo ao prazer. Ele cobriu meu corpo de beijos, fez com que eu fosse mais devagar com sua hábil técnica de preliminares e, quando chegou a hora H, eu estava mordendo o lábio inferior para não gritar o nome dele.

Eu não queria aquela confusão. Não queria sentir nada por Nate. Queria que terminasse de uma maneira rápida e indolor, como sempre fora. Desvencilhando-me dos braços dele, recolhi minhas roupas freneticamente e comecei a me vestir. Numa questão de segundos, coloquei o conjunto preto de calcinha e sutiã. Quando afivelava o cinto do jeans, Nate deu-se conta do que eu fazia e sentou na cama.

— Está indo embora?

Minha resposta soou abafada enquanto vestia a blusa por cima da cabeça.

— Desculpe, não entendi nada.

— Falei "sim, estou indo". Tenho algumas coisas a fazer.

— Oh, está certo. — Ele apoiou-se no cotovelo, observando enquanto eu procurava uma das meias. — Eu me diverti muito, Kamryn. A tarde inteira... foi incrível. Eu não conversava desse jeito há anos.

Emitindo apenas um murmúrio em resposta, localizei a meia errante debaixo da cama e a calcei.

— Há uma mostra sobre Sherlock Holmes no Nacional Film Theatre — comentou ele, enquanto eu apanhava a jaqueta e a vestia. — Sei que gosta de Sherlock e, assim, poderíamos ir juntos. Que tal um jantar e um passeio ao longo do rio em seguida? — dizia Nate, enquanto eu atava os cadarços dos sapatos esportivos.

— Kamryn — falou ele num tom sério, como se, enfim, tivesse compreendido o que a minha saída significava. — Voltarei a ver você?

Aquilo me desconcertou. Esperara que minha atitude pusesse um fim a tudo. Que Nate pensasse que eu era uma piranha porque dormira com ele no primeiro encontro — eu lhe oferecera sexo antes de sequer termos nos beijado, oras! — e, então, evitaria com todo o tato qualquer menção à possibilidade de nos vermos novamente. E era a razão pela qual estava tão aborrecida por ter gostado de fazer sexo com ele. Eu não o veria novamente. E aquela constatação fora dolorosa, mais do que eu esperara.

— Voltarei a ver você? — repetiu Nate. Virei-me devagar para olhar para o homem sentado na cama. Ele estava irresistível: o cabelo desarrumado, os olhos azuis repletos de satisfação sexual, os lábios vermelhos de tantos beijos. *Amado*. Eu poderia fazer aquilo outra vez. Numa fração de segundo, eu poderia.

Mordi o lábio inferior por um momento, amedrontada. Mas *e se ele estiver me fazendo de tola?*, perguntei-me. Eu não suportaria. Não com ele. Lembrei-me de quando Nate percorrera meus lábios com o polegar e pensei: *Ele vale o risco*. Beije a palma da minha mão e, então, sobrepe-lhe o beijo.

— Veremos — falei antes de pegar a bolsa e sair.

— Era ele, não era? — perguntou Luke quando afundei a seu lado no sofá. Tínhamos feito nosso habitual trabalho em equipe, dando banho em Tegan (eu) e contando-lhe uma história para dormir (Luke), mas precisei voltar ao quarto depois da história para lhe assegurar que pensaria em lhe comprar o par de tênis rosa que tínhamos visto antes. Não sabia como arranjar dinheiro extra para comprá-lo, mas daria um jeito. Agora, Luke e eu poderíamos conversar e, a julgar não apenas pelo que dissera, mas por sua postura rígida, não seria nada fácil.

— Aquele era o pai *de Tegan*. — Ele sussurrou as últimas palavras para o caso de a senhorita em questão, que tinha audição extremamente aguçada, ainda não ter adormecido.

— Sim — confirmei.

— Contou a ele?

— Pode me chamar de esquisita, mas não acho que a John Lewis seja o lugar adequado para se revelar a uma pessoa que tem uma filha, você acha?

— Vai lhe contar?

— Provavelmente.

— Então, tornará a vê-lo?

— Sim.

Luke fechou os olhos momentaneamente.

— Por quê?

— Para adotar Tegan, preciso obter a permissão de Nate.

— A *permissão dele*? — repetiu Luke, afrontado. — Está brincando?

— Eu não sabia disso até pegar todas as coisas de Adele, mas o nome dele está na certidão de nascimento de Tegan. E pelo fato de eu saber onde ele está — que ainda está vivo —, preciso obter sua permissão. É o pai e, portanto, tem de assinar uma papelada abrindo mão legalmente dos direitos sobre ela. O serviço social tenta o máximo que pode manter famílias unidas. Há ênfase demais hoje em dia às origens, aos direitos das pessoas de saberem de onde vêm. E o fato de Tegan ser branca não me ajudará nesse processo todo. Assim, preciso de tudo que puder reunir, por escrito, para mostrar que tanto a mãe quanto o pai dela quiseram que eu a adotasse. Será mais difícil recusarem o meu pedido de adoção dessa maneira.

— Por que não mencionou isso antes?

— Porque a última coisa que eu queria era contatar Nate. Sempre soube que poderia localizá-lo por meio dos pais dele se fosse o caso, mas nunca quis.

— Ainda sente muita coisa por ele — concluiu Luke. — É por essa razão que não queria contatá-lo. Estava com medo dos seus próprios sentimentos.

— Isso é ridículo — protestei. — Admito que, se ainda estivéssemos juntos, estaríamos casados há dois anos a esta altura e, portanto, meus sentimentos não teriam mudado. Mas não estamos casados, nem sequer juntos, e, desse modo, meus sentimentos são completamente diferentes.

Luke estudou meu rosto, a incerteza transpareceu em seu olhar, até que o desviou. Observei seu perfil, os músculos do maxilar se retesando, os dentes cerrados. Soube como ele se sentia: enciumado. Apreensivo. Inseguro. Costumava me sentir da mesma forma em relação a ele às vezes, quando Luke abria a carteira para pagar algo e eu avistava a foto de Nicole, sua linda noiva, sorrindo para mim, lembrando-me de que ele ainda sentia algo por outra mulher. Que, enquanto fazíamos sexo maravilhosamente e passávamos bastante tempo juntos, Nicole era o Plano A, e eu, o Plano B. Algumas semanas antes, porém — não sei quando exatamente —, notei que a foto de Nicole não estava mais na carteira dele. E o espectro dela deixou de pairar acima do nosso relacionamento. Consegui relaxar, passar a me concentrar em construir uma relação com meu namorado, a trabalhar para permitir que ele entrasse em meu coração. E eu, no dele. Agora, Luke se encontrava numa posição semelhante, embora estivesse em maior desvantagem. Enquanto eu estivera lutando com uma foto e com lembranças, Luke estaria às voltas com uma presença humana.

— Mas isso não muda nada entre nós — falei, ansiando por tranquilizá-lo. — Eu... eu te amo.

Não o amava. Era evidente que não. Gostava de Luke, mas era cedo demais para dizer se era amor. Eu aprendera sobre o amor durante a convivência com Nate e sabia que não era aquilo; não era uma dúvida constante. Com Luke, sempre havia inquietação. Deveríamos estar juntos? O que teria acontecido se não tivesse sido por Tegan? Nenhum de nós se deixava enganar: Tegan era nosso Cupido. Sem ela, ainda estaríamos trocando farpas e insultos, fazendo com que todos à nossa volta sofressem com nosso ódio mútuo. E se Luke não tivesse resolvido mudar o seu tipo predileto, não teria me beijado. Não sabia o que acontecera primeiro: se ele mudara de tipo, ou se gostara de mim e, *então*, decidira mudar sua preferência por tipo. Nunca tive coragem o bastante para perguntar, porém.

No grande esquema das coisas, sentia muita coisa por Luke. Não olhava para ele e pensava *amado*, não queria lhe entregar tudo que havia em mim, mas gostava dele. E estávamos ali, juntos. Não importa como chegamos àquele estágio, estávamos ali, Luke fazia parte da minha vida. Uma vida que eu poderia aprender a amar. Eu poderia amá-lo. Apenas não o amava ainda. Mas tinha de dizer que sim — "Uma mentirinha inocente", como Adele costumara dizer.

— Amo, sim, sabia? — repeti, estudando-lhe o rosto silencioso, os olhos céticos.
— Eu te amo.

— É bom saber disso — falou ele, seu corpo, enfim, relaxando. Inclinando-se, depositou um beijo nos meus lábios, outro na fronte e, então, estreitou-me em seus braços, voltando a se recostar no sofá.

Havia uma porção de coisas que se esperava que uma pessoa falasse quando alguém lhe dizia que a amava, mas "É bom saber" não era uma delas. Um calafrio percorreu-me. Talvez estivesse enganada, talvez eu ainda fosse o Plano B.

CAPÍTULO 28

Gosto do seu vestido laranja — comentou Tegan, pulando na minha cama. Saltava como se as molas estivessem em suas pernas, não no colchão — alto, mas de maneira controlada.

— Obrigada. — Eu estava sentada na beirada da cama, o estômago em nós, os nervos à flor da pele, as mãos tremendo de vez em quando.

— Você está linda — observou a menina e começou a agitar os braços feito uma ave, tentando alçar vôo enquanto saltava.

— Está bem, Ti, é o bastante. — Luke adiantou-se até a cama e pegou Tegan, carregando-a debaixo do braço. — Deixe Ryn acabar de se arrumar em paz.

— Não me importo. — Nossos olhares se encontraram, mas os desviamos um do outro em seguida, como se o simples gesto nos queimasse. Tínhamos achado difícil nos entreolhar por muito tempo nos dias anteriores — mesmo na cama não trocávamos olhares prolongados por temor de trair nossos verdadeiros sentimentos. Ele, seu medo; eu, minha incerteza.

— Aonde você vai? — perguntou Tegan, balançando alegremente em sua posição sob o braço de Luke.

— Já contei a você — falei.

— Conte outra vez. — Ela deixou a cabeça pender para trás até que tudo o que pude ver foi a pele alva e suave de seu pescoço. — Por favor! Conte outra vez.

— Vou jantar fora com aquele homem que vimos na John Lewis — falei, ciente de que cada palavra era um golpe no ego já frágil de Luke. Tegan inclinou a cabeça para a frente, o rosto afogado. — Vocês vão conversar sobre a mamãe?

— Um pouco.

— Vai me contar o que ele disser? — Ela enrugou o nariz e balançou a cabeça, desejando que eu concordasse com seu pedido.

Eu não poderia lhe contar praticamente nada. Não poderia falar sobre o fato de meu noivo e minha melhor amiga terem dormido juntos, nem explicar que Nate era o pai dela, nem relatar a reação dele à notícia de que era pai.

— Se Ryn puder, ela lhe contará — interveio Luke. — Parece justo?

— Acho que sim.

Lancei um olhar atravessado a Luke, contrariada por ter-se nomeado meu porta-voz. Ele ignorou meu olhar perguntando:

— Quer que a levemos de carro até o centro da cidade? Sacudi a cabeça.

— Não entraremos. Deixaremos você à porta.

— Prefiro pegar o trem. — O assunto estava resolvido no que me dizia respeito.

— Aonde é mesmo que ele vai levar você?

— Já lhe disse. Vou encontrá-lo naquele restaurante onde eu e você tivemos nosso primeiro jantar desastroso, lembra?

Luke não disse nada, mas, nos dois dias anteriores, estivera agindo como se meu acerto para me encontrar com Nate fosse uma reconciliação. Temia que eu deixasse o apartamento como namorada dele e retornasse como noiva de Nate. Era por aquele motivo que queria me dar uma carona até o centro — seria mais meia hora lembrando-me da existência dele; de seu relacionamento com Tegan; do que eu estaria abrindo mão se voltasse com Nate. Sua pergunta era um teste para ver se eu estava encarando aquilo como um encontro romântico. A única maquiagem que havia aplicado fora máscara nos cílios, meu "vestido bonito" era o modelo comportado de seda vermelho e laranja, de decote alto e comprimento nos tornozelos que Luke me comprara para substituir aquele que ficara arruinado com a água suja de tinta de Tegan. Eu o colocara não por ser atraente — não o era particularmente —, mas porque Luke o comprara. Tencionara lhe mostrar que estaria na minha mente porque seu presente estava no meu corpo. Coloquei saltos altos porque o vestido pareceria um camisolão com um calçado baixo. E aquele era todo o esforço que eu pude empreender — não havia mais nada que eu pudesse fazer para tranquilizar Luke exceto não ir. E não seria o caso. Eu tinha de ver Nate.

— Bem, é melhor eu ir. — Levantando, peguei Tegan do colo de Luke. Ela cingiu minha cintura com as pernas num gesto que se tornara um hábito. Já tomara seu banho e estava de pijama, a pele e os cabelos perfumados. Carreguei-a do quarto até o corredor.

— Certo, docinho, trate de se comportar bem e obedecer a Luke... Pensando melhor, não faça isso! — Ambas rimos com ar de cumplicidade, enquanto eu a pousava no chão perto da porta da cozinha. — Falando sério, vá dormir no horário e veja se Luke escova os dentes antes de ir se deitar.

Ela soltou seu riso contagiante outra vez. Peguei meu casaco comprido e preto do gancho, vestindo-o. Agachei-me para abraçar Tegan, que retribuiu e me deu um beijo no rosto.

— Você cheira a rosas — disse antes de me soltar.

— E você cheira a pudim de chocolate e tenho de lhe fazer cócegas! — Dei risada, fazendo-lhe cócegas gentilmente. Aquilo era algo nosso; nossa brincadeira pessoal que significava que éramos unidas. Ela tivera várias com a mãe e, agora, tínhamos uma, o que era um passo gigantesco adiante em nosso relacionamento —

estávamos ficando cada vez mais próximas, chegando à fase de nos tornarmos mãe e filha.

Tegan desvencilhou-se, correu até Luke e abraçou-o pelas pernas. Ergui-me, lançando um olhar ao semblante descontente dele.

— Obrigada por tomar conta de Tegan — disse-lhe. — É muita gentileza sua.

Ele balançou a cabeça brevemente.

— Divirta-se — deixou escapar no momento em que eu abria a porta. Não *estou saindo para ir me divertir!*, quis gritar-lhe em resposta. Aquela

preocupação silenciosa, carregada de tensão, estava me dando nos nervos. Eu chegara ao limite da paciência. Apenas mais uma coisinha e eu dormiria com Nate só para fazer pirraça.

— Divirta-se — repetiu Tegan.

— Obrigada. — Saí depressa para o corredor. — Tchau.

— Ti, vá colocar um DVD, enquanto acompanho Ryn até ali fora.

A garotinha obedeceu, e Luke saiu para o corredor escuro. Nenhum de nós se moveu para apertar o interruptor da luz, e apenas aguardei que ele dissesse algo. O silêncio arrastou-se, com Luke simplesmente me encarando, até que, finalmente, falei:

— Até mais — Virei-me na direção da escadaria.

— Ryn. — Luke pegou meu braço, detendo-me. Beijou-me, então, com ternura nos lábios. — Eu te amo — falou quando recuou um pouco.

Não dissera aquilo antes. Nem mesmo depois que eu lhe fizera tal declaração. Na verdade, não esperava ouvi-lo proferir as palavras. Concluía que sua resposta, "É bom saber", tinha deixado seus sentimentos claros. Ele não me amava e era melhor eu me acostumar com a idéia. Não houvera outra explicação que eu pudesse encontrar. Agora, ele abalava minha certeza quanto a seus sentimentos dizendo aquilo. Dizendo aquelas três palavras. E me deixou confusa. Porque, não importa o que acontecesse em seguida, eu sempre me perguntaria *por que* as dissera. Se motivado por sentimentos verdadeiros, ou se apenas temia que eu dormisse com outro homem. Luke me amava ou simplesmente queria me controlar?

Manteve-se imóvel, silencioso, à espera da minha resposta, e eu soube que também teria de dizer as palavras. Teria de confirmar que o amava. Mas o que saiu dos meus lábios foi:

— É bom saber.

Minha resposta foi um lembrete de que, o que quer que ambos sentíssemos, quer amássemos um ao outro ou não, ele não era o único que podia ser cruel e reter sua afeição. Não era o único a ter sentimentos.

Luke retraiu-se com um misto de surpresa e mágoa, a mão deixando meu braço. E eu saí sem olhar para trás.

CAPÍTULO 29

Enevoados. Essa é a melhor maneira de descrever os acontecimentos que se seguiram à minha saída do apartamento de Adele após a acidental confissão dela.

Eu me lembro de ter saído quase às cegas do apartamento no térreo, desnorreada, incapaz de decidir o que fazer ou para onde ir. Lembro-me de ter conseguido chegar em casa e me sentir segura porque Nate estava fora bebendo com seus ex-colegas de apartamento. Recordo-me vagamente de ter resolvido ir para Leeds, porque tinha mesmo um compromisso marcado na cidade dali a dois dias para o projeto de um mês preparando a *Viva Angeles*.

Não me lembro de ter feito a mala, mas devo ter feito, porque levei roupas. Minha lembrança mais nítida era do bilhete que escrevi com caneta azul no bloco de anotações ao lado do telefone e deixei na mesa da nossa cozinha:

Sei o que você fez.

Cinco palavras que explicariam tudo: por que tive de partir para não mais voltar.

Sei que um táxi me levou à estação Victoria, mas não me lembro da jornada de mais de trezentos quilômetros até Leeds, nem de ter convencido o Holiday Inn a deixar que eu me hospedasse ali com dois dias de antecedência. Quando dei por mim, finalmente, estava deitada completamente vestida na cama do hotel, olhando com ar vidrado para a televisão. O telefone tocara por alguns minutos até me dar conta do que era aquele ruído e estender a mão para atender.

— Há um sr. Turner querendo vê-la, senhorita — informou-me a recepcionista. Eu havia chegado no escuro, mas, por alguma razão, agora estava claro. Um olhar de relance ao relógio disse-me que era início da tarde. Para onde as quinze horas anteriores tinham ido, eu não fazia idéia. O mundo seguira em frente sem que eu me desse conta.

Quase respondi que não queria vê-lo, mas pensei melhor. Teimoso como era, Nate ficaria sentado na recepção até que, finalmente, eu decidisse vê-lo.

Não poderia me esconder no quarto para o resto da vida. Era melhor resolver logo aquilo de uma vez por todas.

— Descerei num minuto — resmunguei.

Quando examinei meu rosto no espelho do banheiro, fiquei chocada com a mulher que me encarava de volta. Os olhos muito vermelhos, estava abatida pela falta de sono. Os cabelos estavam desgrehados, o rosto, cansado. Parecia exausta, derrotada. Depois de passar um pente nos cabelos, voltei ao quarto e abri a mala, que permanecia intocada no chão ao lado da cama. Escolhi um suéter vermelho, coloquei-o e, então, acrescentei um casaquinho preto como uma camada extra de armadura.

Nate levantou-se quando me aproximei dele na recepção do hotel. Estava com olheiras fundas, a barba por fazer e os cabelos repicados estavam espigados displicentemente. Tinha as roupas amarrotadas, provavelmente da viagem de carro. Aparentava total fragilidade, como se bastasse uma palavra para arrasá-lo.

— Liguei para cada hotel em Leeds até encontrar você — explicou.

— Vamos até o bar. — Consegui manter a voz calma, controlada. Sentamos em duas cadeiras estofadas perto de uma pequena mesa nos fundos do pequeno bar. A luz era difusa, e o ar estava impregnado com o odor de centenas de cigarros.

— Volte para casa — pediu Nate tão logo nos sentamos. — Volte comigo para conversarmos e resolveremos isto.

— Não há nada a resolver. Sei o que aconteceu entre você e... e... — A voz morreu na minha garganta, enquanto o que eu não podia dizer tomava minha mente. Era horrível demais para colocar em palavras.

— Kam, não é o que você está pensando.

— E o que estou pensando?

— Nós não estávamos tendo... Foi uma vez. Apenas uma vez.

— Não era isso que eu estava pensando, *Nathaniel* — retruquei, ríspida. — O que estava pensando é que você me traiu e está tudo acabado entre nós.

— Volte para casa e conversaremos apropriadamente.

— Não posso. Não posso conversar com você. Especialmente sobre isto. Você não é quem eu pensava que fosse. E aquele lugar não é a minha casa. Não mais.

Nate estendeu a mão por sobre a mesa para pegar a minha, e eu me esquivei imediatamente. Adorava a maneira como ele costumava segurar minha mão, os grandes dedos envolvendo os meus, o polegar acariciando-me a palma. Soubera me tocar de muitas maneiras diferentes e me fazer sentir à vontade, calma. Mas não mais.

— As coisas não podem simplesmente terminar entre nós deste jeito — implorou ele. — Estamos juntos há seis anos, vamos nos casar daqui a dois meses. Não pode acabar assim, sem mais, nem menos. Temos de conversar a respeito.

— Está certo, vamos conversar. Ela era melhor do que eu? Mais sexy? Mais ardente? Chegava mais depressa ao orgasmo? Topava...

— Pare — interrompeu-me ele. — Não foi desse jeito.

— O que mais há para conversar?

— Sobre quanto amo você? Quanto a quero de volta? Quanto estou disposto a fazer qualquer coisa para que tudo fique certo entre nós? Qualquer coisa.

— Qualquer coisa?

— Sim.

— Então, vá embora e me deixe em paz. — Levantei, o cansaço fazendo minha cabeça girar, provocando-me um zumbido nos ouvidos. — Não quero ter mais absolutamente nada com você.

Nate fechou os olhos, como se não pudesse acreditar que aquilo estivesse lhe acontecendo.

— Voltarei em breve para pegar o resto das minhas coisas. Ainda não sei quando, mas será logo. Deixarei a mobília e tudo mais que compramos juntos. Pegarei apenas meus livros, CDs, DVDs e o restante das minhas roupas. As coisas que levei comigo quando me mudei para lá. E vou querer metade do valor do apartamento para poder comprar algo próprio. Vou continuar pagando a hipoteca até dividirmos tudo, para que não haja discrepâncias nos pagamentos. Nossos advogados podem resolver isso e podemos nos comunicar por meio deles para não termos de nos falar mais. Se tratarmos de tudo depressa, poderemos prosseguir com nossas vidas. E, por favor, seja sentiu algo de verdade por mim, não conte aos meus pais qual foi o motivo para cancelarmos o casamento. Vou ligar para eles e contar que terminou, mas não diga que foi porque... Por favor. Morrerei de desgosto se alguém mais souber. Apenas fale qualquer coisa exceto isso. E... e acho que é tudo. Adeus, Nate.

Ele também se levantou.

— Não pode ser. Temos um casamento planejado. Por que não o adiamos por mais alguns meses até termos resolvido tudo? Isto não tem de ser o fim.

— Sim, tem. Você sabe que sim. É por isso que nunca me contou. Você sabia que seria o fim porque jamais poderíamos... — Contraí o rosto. Quisera sair dali sem chorar. Sacudi a cabeça e me recompus. Enquanto enxugava os olhos, notei o anel de noivado de platina e rubi ainda no meu dedo. Nate o desenhara. Era um anel maciço, com uma pedra preciosa lapidada em formato hexagonal no centro. Apesar de todos terem lhe dito que um anel de noivado devia ter um diamante, escolhera um rubi porque vermelho era a minha cor favorita. Nem sequer me ocorrera retirá-lo, fazia tanto parte de mim que até o esquecera no dedo. Arranquei-o, então, depositando-o no tampo de vidro da mesa entre nós.

— Adeus, Nate.

Ele afundou pesadamente de volta na cadeira enquanto me afastei. A última vez que o vi foi quando fui buscar minhas coisas no apartamento três meses depois. Nate estava lá enquanto eu recolhia meus pertences, mas não disse nada. E quando os homens da mudança apareceram mais tarde e levaram minhas caixas, ainda se manteve em silêncio. Foi somente no momento em que eu deixava o apartamento que falou. Disse aquelas duas palavras, "Não vá", e eu parei, virei-me para fitá-lo, pois sabia que era a última vez que o veria, e, então, saí.

Nate fizera o que eu queria e me deixara em paz. Era o que eu queria. Precisava que os dois me deixassem em paz a fim de poder reconstruir minha vida sem eles. Adele tentara entrar em contato, mas só me dei conta do motivo depois que a vi. Agora, eu ia a um restaurante para jantar com Nate. E estava apavorada.

CAPÍTULO 30

Como fizera na recepção daquele hotel, Nate levantou-se de seu lugar enquanto eu me aproximava de sua mesa no restaurante. O coração estava disparado no peito, a pulsação acelerada reverberando nos meus ouvidos, deixando-me com um nó na garganta.

Os olhos azuis dele encontraram os meus quando me aproximei, os lábios curvando-se ligeiramente num sorriso nervoso.

— Olá — disse, contornando a mesa para se colocar diante de mim, pondo a mão na minha cintura e beijando-me a face.

— Olá — respondi. Havíamos passado seis anos fazendo todos os tipos de amor físico; agora, a única forma de contato que nos permitíamos era a troca de um beijo corriqueiro. Por alguma razão, parecia errado.

Depois que nos sentamos à mesa, o silêncio se prolongou enquanto nos ocupávamos desdobrando guardanapos, lançando olhares sorrateiros mas nada sutis um ao outro. Ele parecia bem. O rosto de 35 anos era forte e não apresentava o menor excesso de gordura. Os cabelos quase pretos pareciam ainda mais escuros agora porque moldara-os com gel, deixando-os ainda mais espigados do que a última vez que o vira. A pele tinha aquela tonalidade morena que sempre me surpreendera porque os olhos eram azuis e os pais dele — e Tegan — tinham pele muito alva.

O garçom chegou com o menu, preencheu nossos copos com água. Falou sobre os pratos especiais e, antes de ter chance de se afastar, fizemos nosso pedido. Nate e eu éramos recordistas em fazer pedidos em estabelecimentos. Não desperdiçávamos tempo precioso com firulas; tomávamos uma decisão e a mantínhamos. O garçom anotou o que queríamos e se afastou, deixando-nos a sós. Deixando-nos para desfrutar nossa noite juntos.

Nate bebericou sua água, mexi distraidamente na base do meu copo de vinho. Permanecemos silenciosos, um à espera de que o outro falasse primeiro.

— Isto é como estar num primeiro encontro — comentou Nate com um ligeiro riso, erguendo os olhos para encontrar os meus.

— Sim, com a exceção de que nunca tínhamos encontros para valer, não é?

— Tomamos aquele café! — protestou ele.

— Aquilo terminou na sua casa.

— Achei que todos os meus Natais tinham chegado de uma vez só. Literalmente. Quando você se convidou para ir à minha casa, foi melhor do que eu poderia ter imaginado.

— Não pude acreditar que você achou mesmo que eu estava me convidando para ir até lá tomar café.

— Não achei. Apenas fiquei tão surpreso em saber que você queria ir, com a idéia de que deixaria que eu a tocasse...

— Certo — concordei.

— Já naquela ocasião, sabíamos que tínhamos sido destinados a ficar juntos, não é mesmo? — Nate falava a sério. Em se tratando de nosso relacionamento, ele sempre dissera coisas daquele tipo e fora sincero porque, em sua opinião, fora o destino que nos unira. Havia me contado que não quisera ir à festa em que havíamos nos conhecido, que os amigos o haviam persuadido a ir, mas que, quando chegara e me vira, dera-se conta de que tinha encontrado sua alma gêmea. A mulher com quem se casaria.

— Não, isso foi o que você pensou — esclareci. — Eu tinha motivos completamente diferentes naquela noite... ou seja, afastar você de mim.

— O quê? — Ele recuou, aturdido.

— Achei... tive a esperança, aliás, de que você pensaria que eu era fácil por dormir com você logo de cara, e que desapareceria.

— Oh. — Nate recostou-se na cadeira. Olhando fixamente para a toalha branca, sorveu mais um pouco de água mineral e ponderou sua resposta. Aquilo foi cruel e desnecessário, percebi. Arruinei de propósito o que, obviamente, era uma boa lembrança para ele. Entreabri os lábios para acrescentar que só fizera aquilo porque ficara assustada com o quanto já gostava dele, mas Nate ergueu os olhos da mesa, silenciando-me. — Nada do que fizesse poderia ter-me feito desistir de você. Já estava me apaixonando.

Foi a minha vez de olhar para a toalha da mesa. Era algo típico de Nate. Quando não combatia o meu mau humor com estoicismo, era sincero quanto a como se sentia. E eu me sentia péssima. Tivemos três grandes brigas em nossos seis anos juntos e todas iniciadas por Nate, porque, se o assunto era comigo, eu não o deixava para lá como ele

— revidava também e as coisas engrossavam. Se eu era intolerante ou rude com ele primeiro, era tratada com paciência ou sinceridade.

— Por que está tão embaraçada, garota? — provocou-me ele. — É verdade. Sabe que é verdade.

Nossa entrada chegou, e observamos silenciosamente o garçom colocar grandes pratos brancos à nossa frente. Eu havia pedido tiras de salmão defumado sobre uma base de rúcula, e Nate optara por sopa de legumes salpicada com lascas de amêndoas torradas. Nenhum de nós tocou na comida, nem mesmo depois que o garçom se foi. Nate estava à espera de que eu dissesse algo depois de sua reação franca e calma à minha crueldade. Esperava para ver se eu voltaria a me comportar feito a garota curta e grossa que conhecera ou como a mulher esporadicamente intratável com a qual quase se casara.

— Aquela noite foi bastante confusa para mim também — confessei, concentrando-me na maneira como a rúcula envolvia as tiras rosas de salmão. — Na verdade, fiquei completamente abalada. — Enfim, encontrei-lhe o olhar. — Quando voltei para casa naquela noite, soube que tinha de vê-lo outra vez, e logo, porque ninguém jamais havia me tocado como você fez. Não dormi com mais ninguém depois daquela noite.

— Eu pensei...

— Sim, dei-lhe a impressão de que eu tinha mais uns dois outros admiradores na fila, mas não era verdade. Não pude pensar em ficar com mais ninguém. Depois daquele café, houve apenas você.

O rosto de Nate suavizou-se com um sorriso surpreso. Ainda sorria quando apanhou a colher e começou a tomar a sopa. Apanhei o garfo, usei-o para mover as tiras de salmão de um lado ao outro, mas não levei nenhum pedacinho à boca. Comer com o estômago em nós daquele jeito estava fora de cogitação. Observei distraidamente Nate levar a colher aos lábios.

A lembrança de ter chorado quando decidimos nos casar voltou-me à mente. Chorei porque finalmente compreendera o que era amor incondicional. Não apenas recebê-lo, mas senti-lo por alguém. Já sabia durante algum tempo que amava Nate, mas, no momento em que aceitou minha proposta, reconheci o que aquilo significava. Que eu não era falha, que era como as outras pessoas; era capaz de sentir, de formar um elo com alguém. E meu coração era privilegiado o bastante para conhecer o amor. Meu coração encontrara o exato homem que eu podia amar. E eu o tinha para amá-lo para o resto da vida.

Nate ergueu os olhos da sopa e, percebendo que eu o estudava, abriu-me um sorriso radiante, os olhos brilhando como na ocasião em que havíamos nos encontrado para tomar café. Sorri de volta, e, a tensão se dissipando, retomamos a descontração e a jovialidade do nosso primeiro encontro.

CAPÍTULO 31

Conversamos e conversamos sobre nada. Sei que foi sobre nada porque, quando o garçom nos levou a conta e nossos casacos (não os havíamos pedido; o homem simplesmente queria ir para casa, levando em conta que já passara muito do horário de fechamento), não sabíamos nada novo um sobre o outro: ele não sabia sobre Tegan, nem que eu o vira no funeral, nem que meu namorado se chamava Luke. Eu não sabia como Nate descobrira a respeito do funeral, se estava saindo com alguém, ou por que dormira com Adele.

— Posso ir caminhando com você até em casa? — perguntou ele, enquanto as luzes em volta diminuía e as últimas poucas cadeiras eram colocadas nas mesas.

— Você não pode caminhar comigo por toda a distância até Horsforth. Fica a vários quilômetros. E como voltará a Tadcaster?

— Detalhes. — Ele sacudiu a mão no ar, ignorando os empecilhos. — É muito tarde para um drinque em qualquer lugar que não seja um clube noturno, e não se pode conversar nesses lugares. Mas, se caminharmos, também poderemos conversar.

— Está certo, mas vamos combinar isto: caminharemos até cansarmos e, então, pegaremos um táxi.

Saímos para a rua, para uma noite escura permeada pelas luzes dos letreiros de néon. Respirei fundo, o ar gelado penetrando por meu corpo, avivando-o. Caminhamos pela rua vazia em silêncio, fazendo uma pausa na esquina para checar se algum carro passaria, e, então, atravessamos. Passava da meia-noite, e eu nem mesmo chegara perto do que planejava fazer. Enquanto prosseguíamos pela rua em direção ao Hyde Park local, estudei Nate discretamente. Ele olhava para algum ponto na distância, as mãos nos bolsos.

— Sinto que está me observando. — Parando, virou-se para mim. Também parei. — Lembro de como costumava fazer isso sempre, em especial quando pensava que eu estava dormindo.

— Você sabia?

Um aceno breve de cabeça em resposta, um leve sorriso brincando nos lábios dele.

— Por que não me falou?

— Porque eu gostava. Por que eu iria pôr um fim em algo de que gostava? Nate deu um passo à frente, ainda me fitando, erguendo as mãos.

— Olhe só para você — murmurou, o ar condensado se dissipando na noite enquanto falava. Pensei que iria tomar meu rosto entre as mãos, mas, em vez disso, puxou a gola que ficara para dentro do meu casaco. Arrumou-a, o tempo todo fitando meus olhos. Eu estava quase em transe, hipnotizada por ele. Nate soltou um pequeno riso, o sorriso se alargou, transformando-o no homem com quem eu vivera. — Olhe só para você — repetiu. Deslizou as mãos pelo meu colo e, então, deixou-as descer entre os seios até o primeiro botão do casaco. — Você o abotoou do jeito errado. — Baixei os olhos. Em minha pressa para deixar o restaurante, fechara os botões do casaco nas casas erradas. Fitei-o nos olhos.

— Oh — exclamei com um pequeno riso que acabou morrendo na garganta. Os olhos fixos no meu, Nate desapertou o primeiro botão com gentileza.

Os dedos roçaram a mistura de lã e *cashmere* do meu casaco no caminho até o botão seguinte e o abriram. Continuou deslizando a ponta dos dedos pelo meu corpo, botão a botão, até desapertar o último. Uma vez que o casaco estava aberto, Nate ajeitou-o e começou a abotoá-lo da maneira correta, com todo o vagar.

— Obrigada — murmurei. Estava um tanto ofegante, mas disse a mim mesma que era por causa do ar frio e rarefeito. Não por desejo e anseio. Não por querer que ele me beijasse.

— Não há de quê. — Ele venceu ainda mais a distância entre nós. Ficou próximo o bastante para que eu lhe sentisse a fragrância da colônia pós-barba, o arfar do peito. Arrumou minha gola novamente, mas não afastou as mãos. Inclinou a cabeça.

— Kam — sussurrou enquanto seus lábios tocavam os meus.

— Ryn — corrigi-o automaticamente e recuei.

Nate também afastou a cabeça para trás, os olhos estudando os meus.

— Você não vai me fazer chamá-la pelo seu nome completo, não é?

— Não. Acontece apenas que ninguém mais me chama de Kam. É Ryn agora.

— Eu não vou chamá-la da mesma maneira que ele.

— Não foi ele quem começou.

Nate roçou meus lábios com os seus novamente, e, por um segundo, quis mergulhar de cabeça. Deixar as coisas acontecerem. Beijá-lo. Tornei a recuar.

— Nate — interrompi. — Preciso lhe contar uma coisa.

— Depois. — Ele se inclinou novamente para retomar o beijo.

— Não. — Movi a cabeça, os lábios dele batendo em meu queixo. — Tenho de lhe contar algo — insisti.

Nate apertou os olhos, baixando a cabeça. Afastando as mãos de mim, esfregou o rosto. Sempre fazia aquilo quando estava nervoso ou agitado. Como costumava acontecer antes, tornou a se abrir comigo.

— Não quero ouvir que você vai se casar com ele — declarou, cerrando os punhos. — *Não posso* ouvir que vai se casar com ele.

— Isto não tem nada a ver com Luke — esclareci, vendo-o contrair o rosto diante da menção ao nome do homem que eu namorava.

— Vá em frente, então. — Nate ficou tenso, preparando-se para o que viria.

— Não sei como dizer isto... Acho que precisamos sentar em algum lugar.

— Está bem. Há um parque mais ao final da rua.

Caminhamos uns dez minutos até o Hyde Park em silêncio e, então, sentamos num banco não muito longe da entrada. O vento soprava à volta, castigando nossa peleja fria. Nate estava virado para a frente, mas próximo a mim, tentando extrair algum calor do meu corpo. Eu estava ligeiramente virada para ele no banco.

— É sobre Tegan — comecei.

Nate virou-se abruptamente na minha direção, o cenho franzido.

— A filha de Adele?

Confirmei com um gesto de cabeça e fiz uma pausa, na esperança de que tudo fosse compreendido ali mesmo. Nate era inteligente, perspicaz. Por que, afinal, eu mencionaria Tegan se ele não fosse seu pai?

Uma súbita expressão de entendimento surgiu nos olhos dele.

— Oh, puxa — murmurou. — Como sou idiota. — Bateu com a mão na testa. — Era ela, não era? Aquela garotinha no outro dia na loja, era Tegan. Nem sequer a reconheci. Fiquei tão... — Sacudiu a mão no ar. — Fiquei totalmente atordoado pelo

fato de ter encontrado você lá. Merda. Era ela. Está tão grande. Como tem reagido depois da...? Você sabe, depois de tudo?

Fiquei surpresa com a preocupação de Nate. Ele nunca demonstrara muito interesse por Tegan antes. Ajudara-me a tomar conta dela às vezes, lera-lhe uma história ocasionalmente para dormir, mas nunca existira o que se chamaria de grande afinidade entre ambos.

— Ela está bem. Temos nossos dias bons e ruins. Devo lhe arranjar aconselhamento psicológico.

— *Você?*

— Sim. Tegan mora comigo. Eu a estou criando. Sou sua tutora legal.

— Sua tutora? *Você?* — Nate estava incrédulo. Exasperei-me.

— Sim, eu. Por quê?

Ele pousou a mão no meu braço num gesto destinado a me acalmar.

— Não quis insinuar nada. Acontece apenas que nós dois estávamos determinados a não ter filhos e, de repente, você é a guardiã dela. É mais do que eu poderia fazer.

— Não havia mais ninguém. E sou a madrinha dela. Tive de assumir a responsabilidade, não importando como achasse que minha vida ficaria. Sempre gostei demais dela e, como falei, não havia mais ninguém.

— Você é uma pessoa melhor do que eu. Era o que queria me dizer?

— Não. É sobre o pai de Tegan.

Nate arqueou as sobrancelhas com ar perplexo.

— O pai dela? Ele apareceu? Você descobriu quem é? Meneei a cabeça.

— E ele vai se envolver na vida da menina?

— Não sei. Não lhe contei ainda que é o pai. Não consigo encontrar as palavras certas. Não sei como ele reagirá.

— Não muito bem, imagino — ponderou Nate. — Quer que eu vá com você? É o que está tentando dizer? Porque irei. É o mínimo que posso fazer. Por você e por... por Adele.

— Oh, Deus do céu, Nathaniel, quando foi que ficou tão obtuso? — explodi com impaciência.

— Não estou entendendo.

— É você, Nate. Você é o pai de Tegan.

CAPÍTULO 32

Tegan mexia o rosto em seu sono. Tinha os lábios um tanto entreabertos, os cabelos ocultos pelo lenço de seda rosa. Eu gostava de observá-la dormir. Às vezes, depois de ter ido ao banheiro no meio da noite, entrava silenciosamente ali e ficava observando os cílios loiro escuros dela tocando suavemente a pele alva, acetinada, sob os olhos, as pupilas movendo-se rapidamente sob as pálpebras enquanto sonhava. Aquele era um dos privilégios que tinha agora que ela estava sob os meus cuidados. Podia manter uma vigília curiosa sobre seu sono. Orgulhar-me de quanto era bonita. De como parecia serena. De como estava crescendo bem.

Virei-me para a porta, um nó na garganta; Tegan parecia-se com Nate quando dormia. Acordada, era uma miniatura de Adele; adormecida, exibia o rosto do pai.

Passava das quatro da manhã. Eu entrara no apartamento minutos antes e me adiantara diretamente até o quarto de Tegan para me certificar de que estava bem. Ela estava, claro. Funguei, sentindo o nariz úmido — toda aquela perambulação a céu aberto estava me causando um resfriado. Não era apenas aquilo, porém. Emoções conflitantes, confusas, que me percorriam com a velocidade de uma enxurrada, exerciam pressão para se libertar na forma de uma torrente de lágrimas. Pondo a mão no bolso do casaco à procura de um lenço, toquei minha meia-calça, a qual enfiara rapidamente ali antes de ter deixado a casa de Nate de táxi. Meus olhos tornaram a se encher de lágrimas quando pensei no sorriso corajoso no rosto dele depois que me deu um beijo de despedida. *Como explicarei isto tudo a Luke?*

Nate encarou-me, sua expressão ficando congelada no segundo em que as palavras "você é o pai" tinham feito sentido em sua mente. Fitou-me com ar quase vidrado, como se esperasse que eu retirasse o que dissera, e estava com a respiração visivelmente suspensa. De um instante para o outro, porém, inclinou o corpo para a frente e começou a respirar fundo sofregamente, tomando fôlego... tomando fôlego como um homem que tivesse sido atirado de roupa e tudo no imenso e profundo oceano da paternidade e somente agora tivesse subido à superfície.

— O que... Hã...? — começou ele.

— Nate. — Estendi a mão para tocá-lo, mas ele se esquivou bruscamente.

— O que está me dizendo? O que está dizendo, afinal?

— É a verdade. Você é o pai de Tegan.

Nate saltou do banco do parque, ficou imóvel por alguns momentos, afundou as mãos nos cabelos, tornou a sentar. As mãos, as mesmas que haviam desabotoado meu casaco com tanto erotismo minutos antes, cobriram o rosto pálido. Ele esfregou as faces, os olhos.

— Sem filhos — falou num tom grave. — Sempre concordamos quanto a isso... sem filhos. E agora está me dizendo *o quê!* Eu *tenho* uma filha?

— Sim.

— Está enganada. Só pode ser algum tipo de equívoco.

— Não é.

— Tem de ser. Não posso ser o pai dela. Não é possível.

— Usou preservativo quando dormiu com Adele? — indaguei.

Nate fez uma careta e, fechando os olhos, sacudiu a cabeça, envergonhado.

— Bem, então é possível — afirmei, minha voz gélida, cortante.

— Mas ela sempre disse que o pai da menina era um homem casado que havia conhecido por meio do trabalho. Uma aventura de uma noite com um homem incapaz de amá-la... — Nate interrompeu-se, percebendo que boa parte do que Adele dissera descrevia-o com exatidão. Até o detalhe do trabalho, porque os dois haviam se visto algumas vezes em festas ligadas à mídia antes de eu tê-lo conhecido.

— Não passou pela sua cabeça o fato de que ela teve um bebê nove meses depois de vocês terem dormido juntos?

— Não. Por que passaria? Ela não me contou. Nunca me deu nem mesmo a menor indireta. — Nate tornou a cobrir o rosto com as mãos. — Há quanto tempo você sabe? — perguntou, enfim, por entre os dedos.

Baixei a cabeça, os olhos focados nas mãos, que permaneciam frias e imóveis no meu colo.

— Há quanto tempo? — repetiu Nate um pouco mais alto. Encolhi-me, à espera de sua explosão.

— É por isso que você foi embora. Nunca entendi por que você nem sequer quis conversar comigo, por que não me deixou explicar. Você descobriu e não teve a coragem de me contar, apenas... Mas que merda! — Levantou abruptamente do banco outra vez.

— Adele não queria que você soubesse — informei-o. Ele virou-se para mim.

— Adele não queria que eu soubesse e você concordou com ela?

— Era a mãe de Tegan. Não queria que houvesse transtorno algum na vida da filha. Disse-me para eu não contar a você.

— Está certo, então. *Do que diabo está falando?* — gritou Nate. — *Você estava comigo, não com ela, comigo/ Devia ter me contado!*

Eu também havia levantado do banco. Marchei na direção dele até ficar bem próxima, a raiva pairava entre nós.

— *Da mesma maneira que me contou que havia transado com a minha melhor amiga, é o que quer dizer?* — gritei de volta.

Ele me fuzilou com o olhar e, então, torceu os lábios.

— Vá à merda! — Afastou-se rapidamente, a noite escura tragando-o. Meus instintos me avisaram para deixá-lo a sós, porque Nate precisava de

tempo para digerir tudo aquilo. E, bem, ninguém falava comigo daquele jeito. Nem mesmo ele. Então, recobrei a sanidade: estava sozinha, num parque escuro, com árvores e arbustos atrás dos quais podia haver bandidos à espreita, ou até assistentes sociais ávidos por me tirarem minha garotinha. Corri atrás do meu ex-noivo.

Não demorei a alcançá-lo. Ele se afastava pelo caminho, cada passo furioso e determinado.

— Nate — chamei. — Por favor! Pare! Por favor!

Nate mudara naqueles anos desde a nossa separação — não parou. Poucos anos mais velho do que eu e de temperamento calmo, sempre preferira conversar sobre as coisas a afastar-se, enfurecido. Achara que nossos problemas só aumentariam se não conversássemos de imediato. Sem dúvida, aquilo mudara.

— Nate — chamei-o novamente. Era imaginação minha, ou ele estava...? Sim, sim, estava... apertando cada vez mais o passo. — Nate! Deixe-me... — Fui

interrompida abruptamente por um escorregão num trecho de gelo que me fez cair no chão, sem a menor cerimônia.

Sentei desajeitadamente no chão de pedra, o frio e a umidade penetrando pelas minhas roupas. Após alguns segundos, virei as pernas e ergui o tornozelo esquerdo latejante, segurando-o entre as mãos. O joelho direito, que, de algum modo, batera no chão primeiro, apesar de ter sido a perna esquerda a ceder antes, doía o bastante para deixar meus olhos marejados. A meia-calça estava esfarrapada em torno do joelho, manchada com o sangue no ponto onde o chão duro abrira minha pele. Mais lágrimas afloraram nos meus olhos enquanto as fisgadas de dor se alastravam pelas pernas. Normalmente, eu não era de chorar à toa; nem mesmo quando me encontrava numa situação tão penosa. Mas o que havia de normal em minha vida agora? O que fora normal ao longo dos seis meses anteriores?

Aquele era o final perfeito para uma noite traumatizante: estava caída num parque sem meio algum de voltar para casa. A pessoa que se encarregara de me levar para casa me odiava e se afastava intempestivamente. E eu estava com uma dor intensa demais para uma queda tão boba.

Deixei que o absurdo da situação me deprimisse por mais alguns minutos e me permiti afundar um pouco em autocomiseração antes de aceitar o fato de que teria de ligar para Luke e pedir que fosse me buscar. Apanhando a bolsa de couro preta, vasculhei o conteúdo até achar o celular. Enquanto o pegava, um desenho deslizou até o chão. Tegan o fizera enquanto esperava que eu a levasse para a escola na manhã da terça-feira anterior. Era o desenho de uma casa com um sol amarelo e flores vermelhas no jardim. Na janela, versões coloridas de mim e dela acenavam para fora. Eu ficara impressionada; ela captara meu estilo de cabelo — um pouco mais longo atrás, mais curto na frente, com uma franja jogada de lado — quase perfeitamente. Desenhara a si mesma com marias-chiquinhas amarelas e ambas usávamos vestidos vermelhos. Tegan o dera a mim durante a caminhada até a escola, dizendo:

— Você pode colocar o desenho na mesa do seu trabalho. — Era uma maneira de se conectar com a vida que eu tinha longe dela. Sentia-se fascinada por aquela coisa chamada "trabalho". Queria descobrir tudo que pudesse sobre o que eu fazia quando não podia me ver. Sempre me perguntava se havia tido um dia bom no "trabalho" quando ia buscá-la, perguntava-me com quem eu falara e o que fizera, quantos telefonemas dera e quantos e-mails enviara. Era um mundo ao qual queria ter acesso de qualquer maneira.

Guardando o desenho de volta na bolsa, voltei a atenção novamente para o celular. Pressionei o botão para selecionar o número da minha casa, mas fiz uma pausa antes de completar a ligação. Luke poderia ir até ali, era evidente, mas teria de acordar Tegan, colocá-la no carro, dirigir...

— Você está bem? — Nate parou diante de mim.

Baixei a cabeça para não deixá-lo ver as lágrimas nos meus olhos e balancei-a numa afirmativa. Não queria que ele soubesse que não era apenas porque havia me machucado que estava chorando, mas também porque ele me magoara. Coloquei o celular de volta na bolsa, e Nate ajudou-me a levantar. Segurando-me a ele, manquei até o banco mais próximo, que, assim como o chão, estava coberto por uma camada de gelo. Sentamos em silêncio, lado a lado por um momento, até que ele se inclinou na minha direção. Passou a mão por baixo das minhas pernas e ergueu-as com gentileza até seu colo. Levantou um pouco meu vestido e examinou-me o joelho machucado e o tornozelo que já começava a inchar.

— Olhe para você. — Soltou um suspiro pesaroso.

— Prefiro não olhar, se você não fizer questão. — Enxuguei os olhos discretamente.

Nate tirou um lenço do bolso.

— Não se preocupe. Está limpo — assegurou, passando-o com cuidado pelo ferimento, limpando a terra e o sangue.

Mergulhamos em novo silêncio: eu olhando para as colinas escuras do parque e para os troncos das árvores elevando-se na direção do céu; ele cuidando do meu joelho.

— Ela era minha amiga também — falou, enfim, seu tom manso, a voz carregada de tristeza. — Era uma das minhas melhores amigas e se foi. E ninguém me contou. Tive de ler a respeito num obituário de uma publicação qualquer. Era uma parte tão grande de nossa vida, da minha vida, e, então, morreu. — Parou de passar o lenço no meu joelho. — Por que você não me contou? — Fixou os olhos em mim até que ergui os meus para fitá-lo. — Você me odeia tanto assim?

— Não odeio você. Simplesmente não parei para pensar nisso. Foi difícil o bastante enfrentar cada dia depois que ela morreu e houve uma porção de coisas que não me ocorreram. Contar a você foi uma delas. Tudo aconteceu tão repentinamente. Sabia que Del tinha uma doença terminal, mas não achei que fosse morrer. Ela mesma me disse que morreria, mas, ainda assim, não acreditei totalmente. Ainda não acredito, de certo modo.

Nate fez um gesto de assentimento.

— A última coisa que lhe disse foi que ela havia arruinado a minha vida. E que a odiaria por isso enquanto ela vivesse. Isso, sim, é nem sequer imaginar que uma pessoa vai morrer. — Nate fechou os olhos. — Depois que você partiu, telefonei para Adele e lhe perguntei porque havia contado a você. Falou que foi acidentalmente, mas eu nem quis ouvir. Gritei com ela. Disse-lhe... disse-lhe que era uma cadela invejosa; que eu a odiava. Que arruinava a vida de todo mundo. — Sacudiu a cabeça, os olhos ainda fechados. — É a primeira pessoa que conheci que morreu. Até meus avós ainda estão vivos. Eu... — Sua voz falhou, embargada. Peguei-lhe a mão. Seus dedos fecharam-se com força em torno dos meus. — Quero que você saiba que não foi algo planejado.

Levantei o rosto em direção ao céu noturno, o vento gelado soprando na minha pele.

— Não quero falar sobre isso. — Nate apertou mais minha mão na sua quando baixei a cabeça para fitá-lo. — Fico nauseada a cada vez que penso a respeito. Logo que mudei para cá, costumava vomitar sempre que pensava em você e Adele... Isso ainda acontece às vezes. Ocasionalmente, olho para Tegan e ocorre-me quem realmente ela é, o que sua existência significa, e tenho de desviar os olhos porque fico arrasada em pensar sobre a maneira como ela veio ao mundo. O problema não é ela... eu *a amo*... mas as circunstâncias. Ainda dói. Não quero dizer que isso me faça chorar. Não faz. Na verdade, isso me fere demais por dentro... E não consigo conversar a respeito. Pensei que sim, mas não posso. Por isso, não agora, está bem?

— Por que me contou sobre Tegan, então?

— Porque você merece saber.

— Poderia ter-me contado por telefone.

— E claro que não poderia. E há mais uma coisa.

— O quê?

— Eu... eu preciso lhe pedir algo. Adele queria que eu adotasse Tegan. E estou tentando. Mas se a criança a ser adotada tiver um dos pais vivo, cujo paradeiro seja de conhecimento da pessoa que solicita a adoção, ela tem de obter sua permissão. Preciso que você abra mão de todos os seus direitos legais sobre Tegan a meu favor para que eu possa adotá-la.

Nate sacudiu a cabeça.

— Acabo de descobrir que tenho uma filha e você quer que eu desista dela?

— Você não quer filhos. Não faz nem cinco minutos que disse isso.
— Nem você queria, mas agora está com uma criança.
— Tive de tomar essa atitude. Sempre fui a única outra pessoa com quem Tegan poderia contar. Sabe disso. Mas você não tem de se envolver. Pode apenas...
— Não — interrompeu Nate. — Não podemos conversar sobre esse assunto aqui. Faz muito frio, e estamos cansados. Precisamos falar a esse respeito da maneira devida. E você precisa limpar o ferimento no joelho e enfaixar o tornozelo.
— Sim, vamos ver se conseguimos um táxi lá na rua? Inclinando-se para a frente, Nate tocou meu rosto e fitou-me diretamente nos olhos.
— Vá até a minha casa comigo — pediu. — Por favor.

— Mamãe Ryn. — A voz persistente, Tegan puxava meu braço.
Quis chorar antes mesmo de abrir os olhos. Havia tanto tempo que eu não dormia direito e, agora, estava sendo arrancada das delícias de um sono profundo e tranqüilo.

— Mamãe Ryn — chamou Tegan mais uma vez.
— Sim? — murmurei.
— Por que está com as suas roupas? Dormiu vestida outra vez?

Soltei um resmungo. Havia adormecido durante o sexo outra vez? Aquilo teria sido uma completa estupidez, levando em conta que não fazia sexo com Nate havia anos. *Nate!* Abri os olhos abruptamente, descobrindo que não era a janela do meu quarto que havia adiante, mas sim a tevê e o pufe vermelho, porque eu estava esparramada no sofá.

Imagens da noite anterior passaram pela minha mente: a ida à casa de Nate; ele limpando o ferimento no meu joelho e colocando um curativo, suas mãos fortes fazendo massagens com uma loção com cânfora no meu tornozelo, que, afinal, não ficara tão machucado a ponto de precisar ser enfaixado; nós dois tomando chá, sentados lado a lado, assistindo tevê, mas não conversando; ele ligando para um serviço de táxi para mim. Lembrei também de que Nate tentara fazer com que eu passasse a noite lá, dizendo que me levaria para casa de carro pela manhã, quando estivesse menos cansado, mas eu insistira em voltar para casa. Para o bem de ambos. Depois de ter dado uma olhada em Tegan quando entrara, havia ficado no corredor, indecisa quanto a deitar na minha cama com Luke, ou não. Eu o teria acordado, teríamos conversado ou feito amor, e nenhuma das alternativas me atraía. Eu acabara me deitando no sofá e adormecera, usando o casaco como coberta.

Agora, Luke estava no fogão, preparando algo — ovos com bacon, a julgar pelo aroma. Havia torradas a caminho também. Por sua postura, o corpo alto rígido, as costas eretas, ele evitava olhar para mim.

— Viu? Você ainda está com as suas roupas — confirmou Tegan.

— Oh, sim — falei distraidamente.

— Deixe Ryn descansar — disse Luke a Tegan. — Deve estar exausta. Venha sentar-se para tomar seu café-da-manhã.

Tegan, que voaria até a lua se Luke lhe pedisse, adiantou-se rapidamente até a cozinha e pegou o prato que ele lhe preparara.

— Por que não vai se deitar um pouco na cama? — perguntou-me, ocupando-se com o preparo de ovos e bacon para si. — Eu lhe levarei o café-da-manhã daqui a uma hora. — Ainda não olhara para mim. Levantei-me. Tinha de esclarecer tudo. Luke tinha de entender que eu não havia sido infiel.

— Seu vestido laranja está todo amassado — comentou Tegan.

— Sim — confirmei, olhando para o vestido de seda laranja e vermelho que fora presente de Luke. — Vou ter de passá-lo a ferro.

— Vai mesmo — disse Tegan em tom de reprimenda.

Luke, enfim, ousou olhar na minha direção, notando meu estado de completo desalinho e, então, contraindo o rosto quando viu minha meia-calça metida no bolso do casaco. Desviou os olhos de imediato, desconcertado com o que vira, com a razão para a meia-calça estar no bolso do casaco, com as possíveis implicações. — Vá se deitar — ordenou. — Eu lhe levarei o café-da-manhã — repetiu.

— Obrigada — murmurei. O momento de tranquilizá-lo passara. E talvez eu não tivesse outra chance. Ele poderia continuar acreditando que eu o havia traído.

— A torrada tem a forma de um T! — exclamou Tegan, entusiasmada, quando viu seu prato.

— Sim, é T de Tempo para você tomar o seu café-da-manhã.

— Não! — riu ela. — É T de Tegan!

— Pode ser — disse Luke, rindo de volta —, mas ainda acho que é de Tempo para você tomar seu café.

Tornei a acordar com alguém me sacudindo gentilmente. Abrindo os olhos, deparei com Luke sentado na beirada da cama. Na mesinha-de-cabeceira, havia uma caneca de chá e um prato com um sanduíche de bacon tostado. Eu dormira apenas uma hora? Tive a impressão de que foram dias.

— Achei melhor acordá-la antes de ir embora. — Luke evitou meus olhos.

— Ir embora? — Sentei na cama, dando um bocejo.

— Sim, tenho umas coisas a fazer. Ti foi brincar em seu quarto e está bem. Mas achei melhor avisar você antes de ir, porque sabe como ela pode aprontar das suas às vezes.

— Que coisas tem de fazer?

— Apenas trabalho, no meu apartamento. Vejo você depois. — Luke levantou da cama, mas segurei-lhe o braço, detendo-o.

— O que está acontecendo? Ele sentou-se pesadamente na cama, enfim encontrando meu olhar.

— Diga-me você.

Permaneci em silêncio, incerta sobre o que dizer. Quanto ele desejaria saber? Não tudo, era evidente. E como eu explicaria a situação, afinal? Luke não estava a par das complexidades do meu relacionamento com Nate. Que o sr. Turner não era simplesmente um ex ou "O Ex"; ele era... Nate, alguém extremamente simples e complexo ao mesmo tempo.

— Ouça, Ryn — disse Luke após meu longo silêncio —, vou ser franco. Não sei como lidar com isto. Nunca estive nesta situação antes. Sabe como me sinto em relação a você e Tegan, vocês duas se tornaram a minha vida. Mas ele é o verdadeiro pai dela, e, obviamente, há algo acontecendo entre vocês dois.

— Não há! — protestei, veemente.

— Não? Então, por que não consegue sustentar meu olhar por mais de dois segundos? Por que não foi se deitar na cama comigo ontem à noite? Por que estava caminhando de um jeito esquisito? Espero que não tenha transado com ele, mas não ficaria surpreso se tivesse sido o caso, porque sei que você ainda o ama.

— Já lhe disse, não amo mais. Luke ignorou minhas palavras.

— Não consigo lidar com isto. É melhor eu ir e deixar para conversarmos quando eu estiver menos zangado. Sim, é isso. É o que estou sentindo. Raiva. Não é justo. — Conteve-se. — Não quero falar a respeito agora. Não com Tegan por perto e sem que eu tenha tido tempo para refletir sobre tudo.

— Está certo — murmurei. Não haveria meio de convencê-lo de que eu não fui infiel.

Em vez de sair, Luke manteve-se imóvel na cama, olhando fixamente para a porta quando perguntou:

— Dormiu com ele?

— Não. — Algumas pessoas se ofenderiam com uma pergunta daquelas, mas eu teria feito o mesmo no lugar dele. Não era falta de confiança, mas uma necessidade de saber. A necessidade de não enlouquecer perguntando-se se isto ou aquilo acontecera. Era também uma maneira de se dizer a uma pessoa que se confiava nela. Que se confiava nela para contar a verdade. — Eu nem sequer o beijei.

— Quis dormir com ele? — perguntou Luke e, então, preparou-se para a resposta.

— Não — respondi sem hesitação. — Jura?

— Juro. Conteí a ele sobre Tegan, e tivemos uma discussão acalorada no meio da rua. Então, levei um tombo e machuquei as pernas. É por essa razão que estou mancando, não por causa de uma maratona de sexo qualquer. Fui até a casa dele para cuidar dos machucados, apenas isso. Não aconteceu nada. Enfim, peguei um táxi de volta para casa. Não fui para a cama porque eram quatro da manhã quando voltei e não quis incomodar você. Isso foi tudo o que aconteceu.

— Ele vai assinar a papelada?

— Não sei. Ficou tão transtornado com o que lhe contei que não conseguiu lidar com mais nada.

— E você não quis mesmo dormir com ele?

— Não.

— Está certo. Está certo. Chegue para lá. — Luke deitou-se ao meu lado, e eu o abracei, aninhando-me junto a seu corpo forte, repousando o rosto em suas costas. Fechei os olhos e deixei que o sono me envolvesse novamente.

Falei a verdade. Não quis dormir com Nate. Não mesmo. Quis beijá-lo, abraçá-lo. Quis fazer amor com ele. E, depois, desejei poder ficar apenas observando-o enquanto ele dormisse serenamente. Mas, em momento algum, quis *dormir* com ele.

Não podia dizer aquelas coisas a Luke. Ele não entenderia que a noite anterior fora como entrar numa lembrança, vestir de volta uma velha versão de Kamryn sem a qual nunca tivera a chance de me acostumar a viver. Os eventos em torno da confissão de Adele haviam me arrancado de uma vida e de uma personalidade que eu gostara. Adorara, até. Tudo o que eu sentira por Nate na noite anterior tivera a ver com aquilo, com nostalgia. Tivera a ver com uma época em que eu estivera com um homem que adorara completamente; em que eu soubera, sem a menor sombra de dúvida, o que era ser amada e desejada por alguém. Tivera também a ver com o fato de estar com alguém que me fez lembrar de uma época em que a minha melhor amiga estava viva e a minha Tiga não havia sido traumatizada por maus tratos e a perda da mãe. Querer Nate na noite anterior havia sido um sentimento que nada tivera a ver com desejo por outro homem, com traição a Luke. Tivera a ver com a vontade de voltar a ser a outra Kamryn, a custa desta. Fora querer um outro tempo e estar disposta a sacrificar o atual para obtê-lo.

Luke não teria entendido. Eu não teria entendido caso ele tivesse tentado me dizer a mesma coisa sobre a ex-noiva, Nicole. Teria encarado algo assim como traição,

não importa quanto ele fosse sincero. E, de qualquer modo, eu não tornaria a ver Nate — iria lhe enviar a papelada e estaria tudo encerrado. Assim, não importava o que eu sentira na noite anterior; o importante era o momento presente.

CAPÍTULO 33

Alguém bateu subitamente à porta. Lancei um olhar na direção da entrada do apartamento, perguntando-me quem poderia ser. Luke, que saíra com Tegan, tinha uma chave, e Betsy, minha colega de escritório, nunca mais me visitara em casa com medo de encontrar Tegan — crianças não eram bem a sua praia. E ali terminava a lista de pessoas que poderiam aparecer sem ligar primeiro.

Coloquei no lugar a grossa corrente de segurança que instalara desde que meu apartamento se tornara o lar de Tegan também, abri cuidadosamente a porta e espiei para fora pelo vão.

Nate.

Não o vira, nem tivera notícia alguma dele ao longo de uma semana desde nosso jantar. Dissera simplesmente a mim mesma que lhe enviaria os papéis num outro dia. Esse outro dia ainda não nascera. Bati a porta e, com mãos trêmulas, soltei a corrente e tornei a abri-la.

— O que está fazendo aqui? — indaguei, o mesmo tremor das mãos evidenciando-se no tom de voz.

— Eu queria ver você.

— Você não pode simplesmente aparecer desse jeito sem avisar.

— Tanto posso que o fiz.

— Como descobriu onde moro?

— Ouvi quando você deu seu endereço ao motorista do táxi. — Nate bateu com o indicador na têmpora. — Memória de elefante.

— O que quer? — Hostilidade e medo impregnavam minha voz. Aquilo não acabaria bem. Luke estava só à espera de um pretexto para se atracar com Nate. E Nate, o homem ciumento com quem eu vivera durante seis anos, provavelmente acharia bem-vinda a chance de se engalfinhar com o homem com quem eu estava dormindo agora.

— Como já disse, vim para ver você. E Tegan. Meu corpo se contraiu num espasmo de terror.

— O quê? Por quê?

— Ela... Ouça, temos de conversar na soleira da porta?

— Não, não. — Coloquei-me de lado para deixá-lo entrar e indiquei-lhe diretamente a área da sala de estar e cozinha.

Nate, usando jeans e suéter preto, não se sentou, mas ficou estudando minha área de estar, observando as pilhas de livros, o sofá creme que ganhara uma infinidade de cores ao longo dos meses anteriores, o grande pufe vermelho que vivia ao lado da tevê, o tapete vermelho que terminava onde estava a pequena mesa de jantar, dividindo a cozinha da área de estar. Olhou mais além, para os armários brancos da cozinha, encimados por bancadas agora cobertas por coisas de café-da-manhã e almoço que eu lavaria no momento em que pudesse tirar o corpo cansado do sofá.

— Onde ela está? — Nate encurtou a distância entre nós, e tive de correr os olhos por seu metro e oitenta e cinco para fitar-lhe o rosto.

— Ela foi... Luke levou-a ao parque para alimentar os patos, ou melhor, ela o levou. Concluiu, ontem à noite, que os patos morreriam de fome sem a sua intervenção e não parou de falar no assunto enquanto não concordamos em levá-la, depois da aula de caratê. Luke se ofereceu para ir a fim de se livrar da montanha de louça para lavar.

Meu ex-noivo torceu os lábios com ar ressentido.

— Ele a leva para passear bastante, não? — Eu nunca tinha ouvido aquele tom acusador, rancoroso, em sua voz, o que me assustou um pouco. — O perfeito homem de família.

— Pare com isso, por favor. — Toquei-lhe o braço. — Você não é assim. Nate soltou um suspiro, o corpo inteiro relaxando.

— Não, não sou, certo? — Sacudiu a cabeça. — Sinto-me completamente perdido agora. Na maior parte do tempo, não sei o que estou fazendo ou sentindo. — Afundou no sofá e fui sentar-se a seu lado.

— O que está fazendo aqui? — perguntei outra vez.

— Não estava mentindo. Quero ver Tegan. A onda de pânico voltou.

— Mas por quê?

— Não importam as circunstâncias de seu nascimento, é minha filha. Tenho de aceitar a responsabilidade por ela.

Oh, não. Posso não ter desejado ficar com Tegan logo de início, mas aquilo não significava que era capaz de viver sem ela agora. Era meu único elo com Adele. Havia prometido cuidar dela, adotá-la. E eu a amava, precisava dela. E se Nate se apaixonasse por ela e a quisesse também?

— Por quê? Você não quer ter filhos. Vai tentar obter a guarda dela? Nate afastou-se, horrorizado, o semblante contraído.

— Deus do céu, não!

— Então, por que quer vê-la?

— Kamryn, é a minha filha.

— Mas você não quer ter filhos.

— Isso é chover no molhado, não? Tenho uma filha e preciso lidar com o fato.

— Se não quer a guarda dela, por que quer vê-la?

— Que tipo de pessoa eu seria se nem sequer tentasse conhecê-la melhor antes de abrir mão dela?

— Você não entende. Não me deixarão adotar Tegan se você ainda estiver por perto. O fato poderia ser visto como você sendo capaz de cuidar dela, o que significaria que eu não teria permissão para adotá-la legalmente.

Nate estudou-me por alguns segundos.

— Você esperou que eu abrisse mão dos meus direitos legais de pai e, depois, fosse embora como se nada tivesse acontecido?

Colocando as coisas daquela maneira, o que eu lhe pedira dava a entender que era um insensível — algo que não era.

— Não, é claro que não... Eu não sei.

— Kam... Ryn, nem sequer começamos a falar sobre o que aconteceu entre nós. Não irei embora enquanto não tivermos conversado.

A idéia encheu-me de terror. Ele era um estranho; tornara-se um estranho no dia em que eu descobrira o que fizera. Não era Nate, minha fortaleza; era um homem capaz de trair. E, embora eu não soubesse por que ele fizera aquilo, desconfiava do motivo. Minhas suspeitas me assombravam, noite e dia, atormentavam-me do mesmo modo que a recusa em deixar que Adele dissesse tudo o que desejara antes de ter morrido. Faziam parte dos tentáculos de culpa e perda que oprimiam minha mente. Não queria que tais pensamentos fossem confirmados. Não queria que nenhum daqueles sentimentos negativos se tornasse um traço permanente de minha personalidade.

— Isto não tem nada a ver conosco. Envolve apenas Tegan — declarei. — Preciso lhe dar a estabilidade que a mãe teria dado e fazer o que for necessário para estar em condições de adotá-la.

— E não pensou na possibilidade de nós voltarmos a ficar juntos e de criarmos Tegan como seus pais? Nós nos tornarmos uma família?

Uma onda de terror me invadiu, sufocando-me o peito, e eu me afastei abruptamente de Nate, levando a mão a garganta.

— Kam?

— Não a tire de mim! — implorei. — Ela é tudo que me restou. Por favor, não a tire de mim!

Ele me abraçou pelos ombros.

— Por que eu a tiraria de você? Eu só estava dizendo que, se fizéssemos uma nova tentativa, poderíamos ser uma família.

— Mas você só assinará a papelada se eu disser sim.

— Não falei nada disso. E não quis dar a entender que a estava pressionando de algum modo. Não faria uma coisa dessas... jamais. Apenas quero que conversemos apropriadamente. Naquela noite, não conversamos direito, não foi? Precisamos esclarecer tudo.

Sacudi a cabeça.

— Não quero.

— Não podemos deixar as coisas como estão. — Nate correu os dedos pelos meus cabelos, dando-me alento a cada carícia. Sabia que aquilo me acalmaria e às vezes, até me fazia adormecer. Minhas duas coisas favoritas eram que acariciassem meus cabelos e beijassem meu pescoço. Nate sabia; Luke não. — Quero que as coisas fiquem bem entre nós. E, apesar de inesperada, preciso aceitar essa nova responsabilidade... Como você está se saindo em termos de dinheiro? Porque devo começar a pagar as despesas dela.

Não era o que eu queria ouvir. Precisava que Nate se mostrasse desinteressado, porque eu não teria permissão de adotar a menina se o pai estivesse em cena. Aquele era o jeito de Nate de ser, porém: honesto e nobre. Um bom sujeito.

— Posso contribuir com cerca de duzentas e cinquenta libras por mês. Está bem assim?

Voltei a me angustiar, mesmo sabendo que aquele dinheiro seria mais do que bem-vindo. Embora Luke tentasse ajudar, eu resistia às suas tentativas de pagar algumas das despesas de Tegan — ela era minha responsabilidade, não dele, e eu não queria contar com algo que poderia ser retirado em algum momento. Eu não estava vivendo no mundo das nuvens; meu relacionamento com Luke poderia não durar para sempre.

Nate deixou o sofá, ajoelhando-se diante de mim e envolvendo-me num abraço.

— É o bastante? Talvez, se eu lhe der uma boa soma das minhas economias, essas duzentas e cinquenta rendam um pouco mais. Umas três mil libras? Não se preocupe, não pedirei o dinheiro de volta. Ele virá sem vínculos. É para sempre, não importa o que aconteça entre nós. Abrirei uma conta para Tegan da qual você cuidará até que ela complete dezoito anos e verei se posso dar mais conforme ela for crescendo. Bem, na verdade, terei de contribuir com mais conforme ela crescer; é o certo, não é?

— Nate, eu... obrigada.

Ele ergueu meu rosto e fitou-me nos olhos, usando os polegares para afastar minhas lágrimas.

— Ryn... — começou, mas foi silenciado pelo ruído na chave na fechadura. Levantamos rápida e instintivamente, olhando para a porta. Enxuguei as lágrimas num instante.

— Voltamos! — exclamou Tegan, entrando com Luke, ambos se adiantando até a área de estar. A garotinha, protegida por seu casaco de inverno vermelho, chapéu de pele, cachecol e luvas de lã parou abruptamente quando viu um homem branco e alto ao meu lado. Dois passos atrás, Luke deteve-se também.

— Vocês se divertiram? — perguntei, afastando os últimos vestígios de lágrimas.

— Sim — sorriu Tegan, alternando seu olhar inquiridor entre mim e Nate.

— Quem é ele? — perguntou quando o suspense foi demais para suportar.

— Este é Nate. Lembra que lhe contei que é um velho amigo meu?

— Você tinha um lindo vestido — disse ela a Nate. Ele franziu o cenho com um ar cômico.

— Não, já vi lindos vestidos nos meus bons tempos, mas nunca usei um. Juro.

Tegan soltou um riso, embora recuando um pouco e recostando-se na perna de Luke, precisando de seu apoio, de sua presença familiar.

— Não você! — exclamou com nova risada. — Mamãe Ryn. Ela tinha um lindo vestido porque ia se casar. — Ergueu a mão enluvada, apontando:

— Com você.

A estupefação pairou na sala, tomando cada adulto de assalto, deixando-nos emudecidos. O fato de que Nate e eu tínhamos sido noivos era um assunto que nenhum de nós teria mencionado se Tegan não tivesse feito tal comentário.

— Isso mesmo — concordei, recobrando-me primeiro. — Não sabia que você se lembrava disso.

Tegan sorriu amplamente.

— Lembrei. — Olhou para Luke, buscando sua aprovação. Ele sorriu-lhe e, então, agachou-se, pegando-lhe o pé. — Você é uma menina esperta. — Desamarrou-lhe os tênis, descalçando-os.

Quando se ergueu, havia um ponto de interrogação no olhar que me lançou.

— Luke, este é Nate—apresentei-os. — Nate, este é o meu namorado, Luke. Nate contornou o sofá e estendeu a mão. Luke apertou-a a contragosto.

— Prazer em conhecê-lo — disse meu ex-noivo.

— Certo — respondeu Luke. Eu conhecia bem aquele tom de voz e expressão... do momento em que havíamos nos conhecido.

— Você é o namorado de mamãe Ryn? — perguntou Tegan, para o caso de ainda não nos ter desconcertado o suficiente.

— Há um longo tempo, eu fui — respondeu Nate. — Mas não sou mais. Luke é agora.

Parecendo contente com a resposta, Tegan enrugou o nariz e assentiu com um gesto de cabeça. Luke tinha um ar de quem adoraria poder dar uma surra em Nate.

— Nós demos comida aos patos, não é mesmo, Luke? — falou Tegan.

— Sem dúvida que sim — confirmou ele.

O semblante de Nate suavizou-se quando se concentrou completamente em Tegan, um sorriso tolo tomando conta de seu rosto.

— Oh, uau! — exclamou. — De que cor eles eram?

— Da cor de patos — riu Tegan.

— Oh, eram amarelos?

— Não! — protestou ela.

— Bem, essa é a cor do pato do meu banheiro.

De onde surgira a habilidade de Nate de conversar com crianças? O homem costumava praticamente entrar em pânico quando eu pedia para olhar Tegan para eu poder ir ao banheiro, nas vezes em que tomávamos conta dela.

— Não havia muitos. Eram marrons, com verde, roxo e amarelo em volta do pescoço. Luke disse que voam para longe no inverno.

— Bem, é melhor eu ir — anunciou Luke.

Nate desviou sua atenção de Tegan, trocou um olhar agitado com Luke por um momento e, em seguida, virou-se para mim.

— Eu é que preciso ir. Tenho um assunto de trabalho esta noite. — Inclinando-se, beijou-me na face, o toque fazendo meu coração disparar. — Tchau — disse-me. — Luke. — Ambos tornaram a se cumprimentar com um aperto de mãos. — E Tegan. — Agachou-se diante da menina. — Foi um prazer ver você outra vez. Tornarei a vê-la em breve, está bem? — Estendendo-lhe a grande mão, ela apertou-a, a satisfação em ser tratada como uma adulta transparecendo em seu rosto.

Luke cerrou os dentes, parecendo a um passo de esmurrar Nate enquanto esse se adiantava até a porta. Contive a respiração, temendo que ele desse vazão à fúria que se evidenciava em seus olhos, mas simplesmente se colocou de lado para lhe dar passagem. A saída de Nate foi marcada por um clique da fechadura, enquanto fechava a porta atrás de si.

— Ele é legal — disse Tegan, aproximando-se mais e saltando no sofá. Ainda usava todos os apetrechos de inverno. — Mas não tanto quanto Luke.

— Tirando uma luva, apanhou o controle remoto e passou pelos canais na tevê, desinteressada do mundo à sua volta agora que a novidade de um visitante passara.

Luke alternou um olhar entre mim e o corredor, o gesto acompanhado de um breve aceno de cabeça. Segui-o até o meu quarto, e ele fechou a porta tão logo entrei.

— Não gosto que ele venha até aqui — falou por entre dentes.

— Não lhe pedi que viesse. Ele apareceu por conta própria.

— Ah, é mesmo?

— Não. Esperei que você sáísse por um período de tempo indeterminado para convidá-lo a vir até aqui e fazermos sexo.

— Não gosto que ele venha até aqui — repetiu Luke.

— Este é o meu apartamento.

— Ele tentou algo com você?

— Finalmente, você chega ao ponto. Não, não tentou e, mesmo que o tivesse feito... o que não foi o caso... nada teria acontecido. Estou com você.

— O que ele queria?

— Ver Tegan.

— Ele a quer? — ele exclamou, parecendo tão em pânico quanto eu me sentia.

— Não sei. Era por isso que eu estava chorando quando vocês chegaram. Você notou esse detalhe, não foi? Não estávamos nos comportando feito pombinhos apaixonados. Eu estava apavorada porque Nate quer assumir a responsabilidade por ela, e isso pode significar todos os tipos de empecilhos ao meu pedido de adoção.

— Merda. — Luke sentou-se na cama.

— Nunca o vi daquele jeito com uma criança, nem mesmo com Tegan. Mas nunca o tinha visto sabendo que estava diante da própria filha. Estou com muito medo. — Luke me abraçou quando sentei ao seu lado. — Temo que Nate se apaixone por ela, que a queira para si. Que eu acabe perdendo-a e desapontando Adele. — Levei a mão à frente. — Estou apavorada.

— Tudo ficará bem — falou Luke sem convicção. — Eu prometo, tudo ficará bem.

Ele não entendia. Eu não estava apenas com medo de perder Tegan. Meu temor relacionava-se a Nate também. Ao vê-lo com Tegan, como se esforçara para interagir com ela, eu me perguntara se poderíamos fazer as coisas darem certo como uma família — Nate, Tegan e eu. Sentia medo, pois, pela primeira vez, estava tendo dúvidas quanto ao lugar de Luke em nossa vida.

CAPÍTULO 34

A multidão de depois do trabalho — pessoas que saíam dos escritórios, lojas, estações de trem, entre outros locais, e entravam no bar mais próximo — era um grupo do qual eu já fizera parte. Betsy, Ruby, eu e alguns outros funcionários da Angeles tínhamos o hábito de rumar para um bar perto da loja e gastar parte do salário ganho a duras penas bebendo. Desde que herdara Tegan, o círculo de amizades que mantinha fora do trabalho reduzira-se a... Luke.

Amigos raramente me viam fora do trabalho. A simples razão era que eu não gostava de sair e deixar Tegan. Ela talvez não se importasse, mas eu, sim. Quando me encontrava em casa, era raro estar inteiramente ali com ela, de qualquer modo. Vivia pensando no trabalho que tinha de fazer. Nas compras. Na roupa para lavar. Em passar a roupa lavada. Na limpeza. Em como daria conta das despesas com um salário que, agora, tinha de atender a duas pessoas. O fato era que eu não lhe dava atenção o bastante, mas ela não teria nenhuma se eu não parasse em casa. Além do que, a idéia de deixar Tegan com uma pessoa estranha era assustadora demais. Sem dúvida, eu tinha muita sorte em poder contar com Luke em momentos como o daquela noite, meu primeiro drinque depois do trabalho em meses. Ambos estavam em casa agora, provavelmente preparando o jantar — deixando o apartamento um caos nesse meio tempo. Era sempre um esforço que requeria todas as panelas, todos os utensílios quando os dois cozinham. E geralmente faziam um "tudo em um". Adele e eu havíamos criado a

receita do "tudo em um" nos tempos da faculdade. Literalmente, pegávamos tudo o que houvesse na geladeira, colocávamos numa panela e rezávamos para que desse certo. Às vezes, o resultado era ótimo, em outras, repulsivo. Mas sempre nos divertíamos com aquilo. Tegan desencavara o método na primeira vez em que ela e Luke haviam me preparado o jantar e, agora, era provável que eu ganharia uma combinação de cebola, tomate e milho-verde quando chegasse em casa — obviamente, passaria então boa parte da noite limpando a cozinha depois que a tivessem usado. Mas não me importava, porque os dois sempre se divertiam quando cozinhavam, e esse era o principal objetivo.

Abri caminho por entre as pessoas que apinhavam o badalado bar Paragon, no centro de Leeds. Algumas ainda estavam de sobretudo, a maioria mantinha-se atenta a bolsas e valises a seu lado, e todas tinham algum tipo de drinque na mão. Havia me esquecido de como aqueles lugares ficavam abarrotados de gente, do barulho das conversas, do ar impregnado de fumaça. Esquadrinhei os espaços entre os clientes à procura de Nate. íamos tomar um drinque rapidamente porque ele se reuniria com amigos de Leeds naquela noite. Avistei-o, sentado a uma mesa num canto, olhando fixamente para um copo com a dose de bebida já pela metade, uma taça de vinho branco me aguardando do lado oposto. A cena me transportou de volta ao tempo em que nos reuníamos depois do trabalho. Ele costumava chegar primeiro, pedindo um drinque para mim, e, então, eu aparecia, pedia um drinque para Adele e, finalmente, ela, que encerrava seu expediente por último, chegava.

Eu mal sorvera um gole do primeiro copo de vinho que tomava depois de séculos quando Nate perguntou:

— Vai contar a Tegan que sou seu pai?

A pergunta me fez lembrar por que gostava de estar perto de Luke. Ele representava a normalidade. Não havia saltos grandes e vertiginosos de emoção com Luke. A normalidade não continha nem um pinga de excitação, mas quando a vida de uma pessoa já era uma montanha-russa de emoções, em que, num minuto se estava em meio a um acesso de riso e, no minuto seguinte, soluçava-se de dor e tristeza, havia enorme vantagem em se ter normalidade. A normalidade era uma comodidade bastante procurada. Uma que Nate e eu não partilhávamos mais. Entre nós dois, era tudo pungente e dramático, como agora.

— Não sei. — Pousei a taça na mesa e corri o dedo pela borda de madeira trabalhada. — Tegan é uma menina inteligente. Sabe que você está pairando por aqui por algum motivo.

Por duas vezes, Nate aparecera em nosso apartamento desde sua visita inesperada no sábado anterior — a primeira tendo sido para me dar os detalhes da conta bancária que abrira para Tegan. Fizera-lhe um depósito de três mil libras, conforme prometera. Duas noites depois, fora me levar o cartão bancário. Tegan se mostrara reservada em relação a ele, observara-o com olhar resguardado, fazendo-lhe perguntas hesitantes sobre seu trabalho, respondendo cautelosamente às perguntas dele sobre a escola. Luke não ficara nem um pouco contente com as visitas de Nate, mas não reclamara, porque estava desesperado para que ele assinasse a papelada legal que o tiraria de nossa vida.

— E como você vê as coisas, eu "pairando por aqui"? — perguntou Nate. — Como um cheiro ruim?

— Foi um simples jeito de falar. Não seja assim. Apenas não sei se ela está preparada para saber que você é seu pai.

Nate esvaziou o copo, mas não fez menção de pedir outra dose. "Tomar um drinque" sempre significava apenas *um* mesmo em se tratando dele.

— Para Tegan, "papai" é algo que não teve durante seus primeiros anos de vida e agora...

Ele não ergueu os olhos do copo.

— Vá em frente, diga.

— E, agora, o "papai" é Luke. Não que ela já tenha dito isso algum dia; ele apenas ocupou esse papel na vida dela. Tegan o adora.

Nate ergueu a cabeça, fitando-me com seu olhar penetrante. Ia me perguntar sobre Luke, se eu o adorava também. Se o amava. Mas, em vez de dizer algo, recostou-se repentinamente na cadeira, esticando os músculos. Lábios apertados, rosto inexpressivo, os olhos eram os únicos a se manifestar, fitando-me fixamente. Engoli em seco, sentindo o coração acelerar. Era perturbadora a capacidade que ele tinha de me afetar daquele jeito. Bem poucas pessoas conseguiam me desconcertar como Nate.

— Estou saindo com uma pessoa — anunciou.

Eu estava levando a taça aos lábios, e a revelação fez com que eu a batesse acidentalmente nos dentes. Não esperava ouvir aquilo. Em minha mente, sempre desejei que ele não se aproximasse de mulher nenhuma, na vã esperança de que eu voltasse. Baixei a taça, incapaz de encobrir de alguma maneira meu pesar por ele ter seguido em diante. Eu também seguira em diante — tinha um namorado e uma filha. Na verdade, podia se dizer que fizera muito mais progresso do que Nate, não?

— Ah — murmurei.

— Só estamos saindo juntos há umas duas semanas — ele contou. Desde que me reencontrara. Oh, meu Deus... Aquilo significava que o fato

de tornar a me ver lembrara-o de que a realidade não condizia com a fantasia; que eu não era "tudo" que ele costumara acreditar?

— Ela é produtora da estação de rádio. — Os dois se viam diariamente. Provavelmente, flertavam enquanto faziam o café-da-manhã, transavam quando saíam para almoçar, dormiam juntos após os drinques noturnos. — É uma boa pessoa. Você teria gostado dela.

— Não vamos fazer este jogo. Parecemos patéticos assim.

— Está certo — concordou Nate, baixando os olhos. Permanecemos em silêncio, as vozes e risos dos demais clientes vibrando à nossa volta. Eu não perguntara a Nate se havia se envolvido com alguém nos anos anteriores. Presumira que estava livre porque tentara me beijar na noite em que havíamos nos encontrado para jantar, mas o que acontecera no decorrer daquele período da nossa separação? Ele transara aqui e ali, ou encontrara outra pessoa para um relacionamento mais estável? Não tinha o direito de perguntar. Não era da minha conta. Eu o estava vendo por uma única razão — fazer com que assinasse a papelada para abrir mão dos direitos paternos sobre Tegan. Não para me torturar com aqueles pensamentos em torno da vida sexual dele.

— Por que está fazendo isso? — Resolvi direcionar a conversa para terreno mais seguro. — Por que está tão interessado em Tegan?

— Bem, não é pela razão que você e, sem dúvida, todos pensam.

— E qual seria?

— Que a estou usando para chegar até você.

— Não é o que penso.

— Oh, claro, e isso nunca passou pela sua cabeça, não é mesmo?

Baixei o olhar, a vergonha afogando-me o rosto. Nate tinha razão, evidentemente. O pensamento me ocorrera — mais de uma vez — porque, afinal, ele nunca tivera o menor interesse por crianças. Algumas vezes, perguntei-me se Nate estaria desenvolvendo um interesse por Tegan como um meio de voltar à minha vida, à minha cama. Pensara isso, mas, no fundo, sabia que não era verdade. Era uma maneira de

tornar a situação mais simples. Pensar daquele jeito era rotular Nate como um canalha calculista que jamais seria tão bom quanto Luke porque estava usando a própria filha. Na realidade, porém, eu sabia que ele não era assim. Não era de má índole. Fora por isso que eu ficara tão arrasada com sua traição. Jamais conseguira entender como Nate — tão dedicado, íntegro, confiável — fora capaz de me trair. Simplesmente não era de sua natureza.

— Estou fazendo isso porque ela é minha responsabilidade — afirmou Nate. — Sabe que levo responsabilidades a sério. Até assumo a responsabilidade por aquela noite com Adele. Ela tentou culpar a si mesma, mas eu estava lá também. Eu... — Parou de falar, na certa pelo fato de eu estar tremendo àquela altura. Lembrar de Adele me tirara dos eixos. Eu estava à beira do abismo profundo da dor. Não me dera conta até aquele momento de que estava num dia ruim. Um dia de dor. Um dia em que até a coisa mais corriqueira me fazia desabar emocionalmente. Dias como esse eram raros; na maior parte do tempo, eu conseguia reprimir a dor e seguir em frente, mas, em dias assim, só em pensar em Adele já me sentia paralisada. A lembrança dela, inerte e fria, encobria todos os demais pensamentos, e eu começava a tremer, o estômago ficava embrulhado, os olhos, marejados.

— Desculpe — sussurrou Nate. — Não quis aborrecê-la.

— Vocês conversavam muito sobre o que aconteceu, então? — perguntei, procurando me acalmar.

— Não, não foi desse jeito. Eu ia... — Nate tornou a se interromper, mas sua expressão, chocada pelo que começara a sair de seus lábios, revelou tudo o que eu precisava saber.

— Você ia me deixar.

— Temos de colocar isso num contexto, Kam. Ryn. As emoções fugiam do controle, minha cabeça estava a mil. Você e eu...

— Você ia terminar tudo comigo? Por causa de Adele? Queria ficar com ela? — Minha voz se elevou a cada palavra, atraindo a atenção das pessoas mais próximas, mas não me importei. Ela não me contara aquilo. Quando me pedira para cuidar de sua filha, da filha *dele*, não me contara que Nate quisera ficar com ela em vez de mim.

— Kamryn, pare — ordenou Nate, a voz enérgica e carregada com mal contida raiva. — Eu ia terminar tudo porque você estava apaixonada por outro. Ou já se esqueceu disso?

Fiquei acuada feito um animal, incapaz de me mover, de acreditar no que acabara de ouvir.

— É por essa razão que precisamos conversar sobre esse assunto apropriadamente — disse ele com gentileza. — Não quer fazê-lo agora, e não há problema quanto a isso. Mas não podemos falar sobre as coisas fora do contexto. Havia coisas demais acontecendo, e eu estava me sentindo por baixo demais na época.

— Mas... — comecei e, então, percebi que não podia negar sem mentir. Foi um flerte tolo com alguém do trabalho. Ele (nem consigo me lembrar do nome agora de tão insignificante que foi em minha vida) era um funcionário que fora enviado da nossa filial em Edimburgo para trabalhar conosco por seis meses. Houve um entrosamento quase instantâneo entre nós. Tínhamos o mesmo tipo de senso de humor, uma porção de pontos de vista em comum e, portanto, ficamos amigos. íamos almoçar juntos, tomávamos drinques depois do trabalho e trocávamos flertes inocentes, mas nada mais. Quando ele retornou à Escócia, nem sequer mantivemos mais contato. Fora algo que não significara nada, e eu não me dera conta de que Nate percebera aquilo. De que fizera alguma idéia de que eu sentira afeição por outra pessoa.

— Não fiz nada — assegurei. — Jamais traí você.

— Sei que não. Não foi essa a questão. Pensei que eu havia perdido você e quis acabar logo com o meu tormento e sair de cena. Adele me convenceu a não fazer isso.

Como, dormindo com você?

— E não, não dormindo comigo. Sei que é o que está pensando. Ela me disse algumas coisas simples, mas verdadeiras. E isso fez com que eu decidisse continuar tentando manter o relacionamento com você, não desistir. Ela é tão sábia... *Era* tão sábia. *Era*... Vivo esquecendo que ela se foi. Que está...

Morta. Aquela palavra fria, pesada, que era tão brutal e definitiva. "Partiu", "foi embora" eram expressões de caráter transitório. Diziam que ela fizera algo para não estar mais ali, não que simplesmente parará. Cessara de existir. Estava "morta".

— Eu também. Não quando estou em casa, mas no trabalho e em outros lugares. Estou levando as coisas normalmente e, então, recebo um telefonema de Tegan, lembro e quero parar tudo. Não me parece certo, às vezes, tocar a vida adiante normalmente. Rir, procurar me divertir. Até poder ir para o trabalho sendo que ela não pode mais. Não sei como descrever essa sensação... Nunca mais terei a chance de falar com ela. E você só se dá conta do que "nunca mais" significa quando não pode fazer algo. Especialmente quando a... — *Quando a culpa é minha*, eu deveria ter acrescentado. Quando causei tanta dor ao me recusar a conversar com ela, quando consegui o que queria e me liberei de ter de conversar sobre aquele assunto.

Eu estava no meu direito quando a tirei da minha vida. Adele me magoara, e eu não pude continuar falando com ela, vendo-a. Del não tivera a ninguém mais, no entanto. E eu soubera daquilo. Eu tinha minha família, que, embora não fosse perfeita, amava-me, apoiava-me quando necessário. Mas Adele não. Eu lhe roubara a chance de poder contar com a única pessoa em quem confiara. Os últimos meses dela haviam sido vazios, solitários, quando não deveriam ter sido. Por minha culpa.

Um ar angustiado surgiu no semblante de Nate.

— Tenho de lhe dizer uma coisa... — anunciou num tom sério. Inclinando-se para a frente, apoiou os cotovelos na mesa, cobrindo o rosto com as mãos momentaneamente. — Adele me enviou uma mensagem de texto seis meses antes de morrer, pedindo que eu fosse vê-la. Decidi que não iria. Eu estava morando aqui e, mesmo que não fosse pela distância, de maneira nenhuma iria vê-la depois de tudo. Ela me telefonou, então, e evitei suas ligações. Ligou-me, enfim, de um número que não pude identificar e acabei atendendo. Perguntou se eu poderia cuidar de Tegan por algum tempo porque ia para o hospital. Disse que Tegan ficaria comigo porque me conhecia e que não havia ninguém mais a quem recorrer. Ela me implorou, e eu neguei. — Nate fez uma pausa, engolindo em seco, tentando controlar a emoção. — Falei que não haveria meio algum de eu fazer o que quer que fosse por ela, especialmente cuidar de sua filha. Mesmo enquanto falava pude ver quanto estava sendo perverso, mas não pude evitar. Adele continuou falando que lamentava muito e que, se eu lhe desse uma chance, tentaria reparar o mal que me causara, mas que só precisava que eu lhe fizesse esse favor. Foi quando lhe disse que a odiaria até o dia em que morresse.

Não pude imaginar. Nate sendo tão mau. Tinha a capacidade para aquilo, obviamente. Todos tínhamos essa capacidade. Quando brigávamos, ele me dizia coisas terríveis, mas nunca do fundo do coração. Tínhamos sido cáusticos um com o outro porque havia a certeza de que aquilo não nos afetaria. Mas ser tão cruel, tão impiedoso com alguém e fazê-lo de coração... Não podia imaginar algo assim da parte de Nate.

— É o outro motivo para eu fazer isso. Não sei o que teria feito se Adele tivesse me contado que estava morrendo, mas quero me redimir por tê-la desapontado tanto. Já fomos como uma família antes, nós quatro, e, agora, farei tudo que estiver ao meu alcance para tornar a vida da filha dela melhor.

— Não está fazendo isso porque ela é seu próprio sangue? Nate baixou os olhos até a mesa.

— Adoraria dizer que sim — admitiu. — E é de se pensar que, depois de tê-la visto outra vez e conversado com ela, sabendo que temos esses laços, eu sentiria alguma coisa, mas não. Gosto dela, é uma boa menina, mas não existe essa ligação genética. Não olho para Tegan e sinto que o milagre da vida passou de mim para ela... Mas talvez isso mude, conforme for passando mais e mais tempo a seu lado.

— Então, vai ficar por perto?

— Sim, por enquanto.

Terminei o vinho, deixando o copo de lado, e ele afastou a cadeira para trás.

— Não é melhor você voltar? Tegan e Luke devem estar se perguntando onde você está.

Observando Nate vestir seu casaco e enrolar o cachecol preto em torno do pescoço, a palavra *amado* passou pela minha mente. Meu pulso se acelerou. A palavra foi seguida pela lembrança da primeira vez que havíamos dormido juntos, da imagem dele de tantos anos antes. Os lábios vermelhos, os cabelos em desalinho, o rosto corado quando se sentara na cama e ficara olhando para mim. Estivera tão bonito e sedutor na época. Estava agora também, mas de uma maneira diferente, mais comedida. O formato dos lábios másculos, dos olhos azuis, o nariz levemente arrebitado... tudo aquilo ainda mexia comigo, bem no fundo, ainda evocava a palavra *amado*. Amante, embora não o fosse. Apostava que aquela nova mulher sentia as mesmas coisas. Que sentia a mesma corrente eletrizante a cada vez que o via. A cada vez que relembrava o primeiro beijo de ambos, eu sabia que os joelhos dela amoleciam. Quando faziam amor, tinha certeza de que ela sentia, no fundo de sua alma, que ele era o homem de sua vida.

Era da mesma forma para Nate? Estava apaixonado por ela também? Na verdade, percebi, aquele devia ter sido o motivo para ele ter sugerido que nos encontrássemos para um drinque; estava matando tempo antes de um encontro. Antes de ir fazer amor com sua nova namorada e criar mais um conjunto de lembranças com ela.

— E então, tem um encontro quente esta noite? — perguntei com um riso. Consegui fazer com que soasse autêntico, dar a impressão de que não me importava em ser uma mera maneira de ele passar o tempo.

— Eu não o chamaria de "quente". Vamos jantar.

— Ah.

— Apenas jantar. Nem todos os encontros terminam na minha casa, sabe?

— Está certo, divirta-se.

— Eu não diria que será divertido. Tenho de dizer a ela que as coisas não vão dar certo entre nós.

— Por que não? — indaguei sem conseguir ocultar o quê de esperança na voz.

— Você sabe por quê — respondeu Nate, olhando diretamente para mim. — Existe outro alguém.

CAPÍTULO 35

*Eu não o amo. Eu o amo.
Não amo.*

Amo.

O mundo estava quieto. Adormecido. Era madrugada, e tudo repousava. Exceto por mim. Não conseguia dormir. Havia dias que não dormia direito. Desde a noite em que encontrara Nate para um drinque. Aliás, desde que deparara com ele na John Lewis, se fosse sincera. Ou desde antes disso? Havia dormido adequadamente desde a morte de Adele? Não conseguia lembrar.

Recentemente, o problema passara de ruim a crônico. Levava horas para pegar no sono e, então, depois de uma hora ou pouco mais, acordava, permanecia deitada no silêncio da noite, olhando fixamente para o teto branco, tentando ordenar os pensamentos, separá-los dos sentimentos. Tentava decifrar o que estava pensando e não sentindo; sentindo não pensando. Tentava descobrir se amava Luke ou não.

A respiração regular de Luke ao meu lado interrompeu meus pensamentos. Era o fato de ele estar ali que dificultava minhas reflexões. Ou estava ressonando ou se mexendo na cama, zombando de mim de modo não intencional com seu sono tranquilo. Se Luke não estivesse ali, se eu não lhe invejasse a capacidade de dormir, talvez não sentisse todo aquele ressentimento por ele. Talvez... Andávamos trilhando um caminho árduo recentemente. Nada era dito, mas permanecia nas entrelinhas de cada conversa, olhar e toque — as coisas não estavam bem entre nós. E era porque nenhum de nós sabia em que pé estava um com o outro. Sabia que ele desconfiava dos meus sentimentos por Nate, e eu estava igualmente desconfiada dos sentimentos de Luke por mim.

As coisas haviam mudado para mim desde que eu dissera "eu te amo" e ele esperara uma semana — até que eu estivesse prestes a sair para jantar com meu ex — para retribuir tal declaração. Eu o dissera porque fora o que ele estivera precisando ouvir na ocasião, mas dissera. Primeiro. Deixara a mim mesma vulnerável, abri-me, e Luke nem sequer pudera proferir duas palavras. Duas palavras — "eu também" — teriam sido o bastante para mostrar que eu significava algo para ele. E não fora capaz de dizê-las, o que me levava a duvidar de tudo que achava que o homem sentia por mim.

Eu não o amo.

Amo.

Não amo.

Meus olhos cansados estavam fixos no teto. Deitada de costas, sentia braços, pernas e o torso pesados. Tentava deixar meu corpo. Sair daquela realidade, flutuar para longe. Fora como Adele se sentira quando morrera? Sentira-se sendo removida, molécula a molécula, de seu corpo? Ou havia sido rápido? Ela nem percebera que havia partido? Ou no segundo que antecederia sua ida, ela soubera que no instante seguinte não estaria mais lá?

Luke emitia um ruído suave em seu sono e virou-se na cama, encostando em mim. Envolveu-me com seus braços, puxando-me para si. Contive a respiração, esperando que ele não acordasse. Poderia querer fazer sexo, como de costume. E eu não

poderia pensar em nada pior no momento. Não queria estar no meu próprio corpo e certamente não queria que ninguém estivesse também. Não queria que ele me tocasse. Que ninguém me tocasse, aliás, mas especialmente não Luke.

Eu o amo, sim.

Não o amo.

Amo.

Não amo.

Luke aconchegou-se a mim, aninhou o rosto na curva do meu pescoço, estreitou meu corpo de encontro ao seu.

— Hummm — murmurou, e eu quis empurrá-lo.

Quero ficar sozinha.

Não demorou para que ele estivesse profundamente adormecido outra vez. Soltei-me de seus braços com cuidado e deixei o quarto em silêncio. Na metade do corredor, parei diante do armário e abri uma das portas. O corredor era estreito porque em uma das paredes havia um armário embutido do chão ao teto, com portas brancas de correr. Colocara as caixas de Adele ali dentro quando levara Tegan para Leeds e não as olhara desde então.

Peguei uma das caixas que Adele havia identificado como "roupas", carregando-a até o sofá. Acendendo os abajures laterais, fechei a porta e sentei ao lado da caixa. Tinha de verificar o conteúdo de todas elas, especialmente porque não eram muitas. E eu o faria eventualmente, mas começaria com aquela. Abrindo a caixa de papelão, espiei lá dentro.

A peça de cima era de veludo preto, e eu soube instantaneamente o que era. Peguei-a, o tecido macio entre meus dedos. Era minha — o meu blazer de veludo preto. Eu o emprestara a Del para um evento de trabalho anos antes. Mesmo sendo grande, ela o cobiçara desde o dia em que eu o havia comprado e, assim, não se importara. Usara-o por cima de um bustiê de cetim vinho e uma calça justíssima da mesma cor vibrante, que deixara à mostra o *piercing* de ouro branco em seu umbigo.

A imagem dela — os cabelos cascadeando em ondas em torno do rosto até os ombros, maquiagem que lhe realçava os cílios longos e os olhos, minha cintilante bolsa de festa numa mão — voltou à minha memória. Senti um aperto no peito ao lembrar de como estava bonita. De como sempre fora bonita. A lembrança de sua aparência quando retornara cinco horas depois também passou pela minha mente — sapatos na mão, maquiagem borrada num olho, batom removido por beijos, os cabelos impregnados com o cheiro de fumaça de diversas marcas de cigarro. Entrara cambaleante no apartamento, caindo desajeitadamente no chão. Estava em completo desalinho, mas ainda bonita. Linda.

Enterrei o rosto no tecido, esperando que tivesse o perfume de Del. O perfume marcante que usara naquela noite. Obviamente, não tinha. A festa havia sido mais de quatro anos antes e, portanto, o blazer cheirava a sabão em pó, como devia.

Quando virei o blazer, ouvi um ruído. Tornei a movê-lo e ouvi novamente o que parecia um som de papel. Meti as mãos nos bolsos e, no esquerdo, havia um envelope branco dobrado. Eu o desdobrei e, na frente, com letras claras, vi escrito:

Kamryn Matika

Com o coração acelerado, olhei por alguns segundos para o grosso envelope, sem saber como aquilo era possível. Então, tive medo do que poderia significar. Do que diria. Porque era de Adele. Era como todas as outras cartas que me enviara, aquelas que estavam por ler e quase esquecidas no fundo de uma gaveta.

Foi com mãos trêmulas que abri o envelope. Desdobrei as quinze folhas de papel, todas escritas com a letra caprichosa, bonita, de Adele. Para uma pessoa tão desorganizada, era admiravelmente meticulosa em se tratando de certas coisas.

Ei, linda,

Começava a carta. Quase pude ouvir a voz dela. Sentir sua presença, deitada ao meu lado no chão, apoiada num cotovelo, as pernas curvadas.

Deixe-me começar dizendo eu te amo. Tenho certeza de que não houve a chance de eu lhe dizer isso antes de morrer. Sim, isto é estranho. Estou sentada aqui na *casa* do meu pai, escrevendo esta *carta* e já sabendo que terei partido quando você a ler. Sei que estou morta porque *você* não estaria com isto se eu não estivesse, não é mesmo?

Eu te amo, Kam. Só fui amada por duas pessoas em minha vida — você e Tegan — e amo vocês duas *vezes* mais do que tudo.

Mas sei como você é, Kamryn Matika — é uma mula teimosa que se fecha sempre que a coisa fica feia. Assim, sei que não terá me deixado explicar o que aconteceu com Nate. E você precisa saber, Kam, precisa realmente. Não foi o que você pensou, não foi um caso amoroso, não foi nem mesmo como se tivéssemos pensado um no outro dessa maneira...

CAPÍTULO 36

*N*ão foi o que Kamryn pensou, não foi um caso amoroso, nem como se sequer tivéssemos pensado um no outro dessa maneira. Nunca desejei Nate romântica ou sexualmente. Era um amigo tão querido e valioso, quase tão próximo a mim quanto Kam. O problema é que as coisas aconteceram numa época em que tudo estava tão confuso, tão conturbado. Foi desastroso quando aconteceu e o final foi... qual palavra é mais extrema do que "desastroso"? Não consigo pensar, mas foi assim.

Kamryn jamais entendeu quanto Nate a amava. Corresponhia a esse amor, evidentemente, mas ele seria capaz de qualquer coisa por ela, seu amor ilimitado, acho

eu. Incondicional. Ela poderia ter feito praticamente qualquer coisa a ele, e Nate a teria perdoado. Não sei se é algo muito saudável, mas era esse o caso.

Eu vivia admirada com a maneira como Nathaniel a amava. E deve ter sido amor à primeira vista porque ela foi terrível com ele. Mesmo logo depois que iniciaram o relacionamento. O martírio que enfrentei para me tornar amiga dela não foi nada em comparação à maneira como ela o tratou. Como Kamryn foi fechada, distante e completamente rude. Mas Nate persistiu. Atravessou todas aquelas barreiras tolas dela e lhe provou a cada dia quanto a queria. Kamryn costumava dizer que eu não o conhecia, não sabia como ele podia ser, que vivia precisando que ela o encorajasse, mas não dizia aquilo com ressentimento; acho que era o seu jeito de mostrar que correspondia. Que, ao passo que ele a amava incondicionalmente, ela gostava de Nate de maneiras que não eram imediatamente óbvias. Achei que eu explodir de felicidade no dia em que Kamryn me contou que os dois haviam decidido se casar.

Nem mesmo então, porém, Kamryn acreditou muito que Nate fosse de verdade. Eu podia ver isso, às vezes, pelo jeito como uma expressão preocupada passava pelo rosto dela quando ele deixava a mesa. Kam sempre se perguntara se ele estava fazendo algum jogo, se acabaria se transformando num dos cafajestes controladores que haviam atormentado seu passado. Preocupava-se, constante e desnecessariamente, com a possibilidade de ele arranjar outra. Dera início a conversas que questionavam o amor, perguntando se realmente durava para sempre. "O que acontece com o amor quando duas pessoas estão juntas há tanto tempo que não conseguem lembrar da razão para terem resolvido se unir em primeiro lugar?", dissera uma vez. "Quando você está com alguém e está tudo bem, mas não às mil maravilhas?" Vendo a expressão no meu rosto, ela encobriu o que dissera, acrescentando: "Só estou me perguntando... por perguntar. Tenho esse direito, oras".

Quando tudo aconteceu, Nathaniel estava tão dividido. Acabara de retornar depois de ter levado Kam a Leeds de carro, onde ela fora a trabalho. Ele fazia aquilo com frequência; levava-a até lá e, depois, voltava no mesmo dia, porque tinha a chance de passar todo esse tempo com ela. E quando Kam encerrava seus assuntos de trabalho e estava pronta para regressar, ele dirigia até lá novamente para buscá-la. Ela nunca lhe pedira aquilo, ele simplesmente queria fazê-lo. De qualquer modo, Nate a levou até Leeds e, então, passou pelo meu apartamento na volta porque Kamryn havia lhe pedido. Ela se preocupava com o fato de eu ficar sozinha se não estava por perto. Assim, pediu-lhe que passasse para ver se estava tudo bem comigo quando voltasse a Londres. Nate estava exausto, o cansaço transparecendo em cada traço de seu rosto pálido, as roupas amarrotadas, mas havia algo mais. Estava preocupado, magoado. Percebi aquilo no instante em que abri a porta.

Ele desabou num dos meus sofás e recusou o drinque que lhe ofereci. Disse que não ficaria muito, só queria ter certeza de que eu estava bem.

— Eu estou, mas você obviamente não está. Qual é o problema, Nathaniel? — perguntei.

— Nenhum.

— Ah, claro, é por isso que está com essa cara de velório, então?

Ele esfregou os olhos e, então, fixou-os no espaço por um momento. Enfim, deu um profundo suspiro.

— Acho que Kamryn vai me deixar. Encontrou outro.

— Não seja tolo — falei, tentando ser sincera.

— É verdade. Posso sentir. Conheço minha noiva. Sei como fica quando está apaixonada e, sem sombra de dúvida, conheceu outro alguém. Mal pode sustentar meu

olhar ultimamente e quase não conversa comigo... nem mesmo para brigar. Esse trajeto até o norte foi um inferno; cinco horas de silêncio.

— Nathaniel, se tenho certeza de uma coisa é que Kamryn jamais colocaria o relacionamento de vocês em risco. Ela nem sequer olharia para outro homem.

Ele sacudiu a cabeça.

— Você mente muito mal, Adele. Mas obrigado por tentar. Preciso resolver o que fazer, algo que seja o melhor para todos. Mas parece que não consigo pensar.

— Ela não fez mesmo nada — assegurei. — E não faria. Kam não é do tipo que trai.

— Não, não é. Minha ex era. Ela me traiu durante anos, e eu agüentei. Não suportaria uma coisa dessas da parte de Kam. Não depois de... Sei que não trairia fisicamente, mas acho que devo terminar tudo antes que ela me deixe.

Fiquei horrorizada. Com a desesperança na voz de Nate, com o fato de que iria terminar o relacionamento deles. Tinha de fazê-lo entender que aquilo era loucura.

— Ouça, Nate, ela não vai deixar você. Agora, digamos que, hipoteticamente, Kam tenha conhecido alguém. Talvez no trabalho. É apenas uma hipótese, lembre-se. E digamos que ela tenha sentido afinidade por essa pessoa e os dois tenham começado a almoçar juntos, a ter uma certa proximidade. Não passaria disso. Uma boa amizade. Talvez Kamryn começasse a questionar certos aspectos de sua vida, mas jamais desistiria de você. Não por nenhuma outra pessoa. Ambos sabemos que ela nunca amou ninguém exceto você.

— Sim — disse Nate com um suspiro. Correu os dedos pelos cabelos. — Estou tão confuso... Você se importa se eu me deitar por um segundo antes de ir para casa?

— Claro que não. Deite-se e descanse.

Nathaniel foi se deitar no antigo quarto de Kamryn, enquanto fiquei na sala, assistindo à tevê. Horas depois, fui ver como ele estava. Dormia profundamente quando me agachei ao lado da cama; parecia plácido e sereno. Angelical. Sobressaltei-me um pouco quando abriu os olhos de repente. Num instante, estava totalmente acordado e olhando para mim. Não sei se foi porque parecera tão bonito em seu sono, se esqueci de quem ele era, ou se apenas perdi toda a sensatez, mas eu o fiz. A culpa foi toda minha.

Eu o beijei.

Nathaniel pareceu surpreso e, então, afastou a cabeça. A reação me fez voltar abruptamente à realidade e lembrei de quem ele era, de que não o desejava, de que cometera um erro estúpido, terrível. Virei-me para correr dali, horrorizada por ter beijado o noivo da minha melhor amiga, mas ele agarrou meu braço, detendo-me. Tive medo quando me virei de volta porque sabia que Nate não gritaria comigo, sabia o que iria acontecer. Nós nos beijamos outra vez e, então, aconteceu. Não foi um ato frenético, movido pelo arroubo da paixão. Foi vagaroso. Terno, gentil, bonito. Lamento, não é o que Kamryn gostaria de ouvir, mas quero deixar claro que não foi algo que envolvesse atração, desejo mútuo, nem sentimentos que cresceram ao longo do tempo e não puderam mais ser ignorados. Foi apenas um encontro inesperado entre duas pessoas com motivos diferentes para fazer o que fizeram. Nenhum homem tinha sido tão bom e atencioso comigo daquele jeito em um longo tempo. E por aqueles breves momentos, pude fingir que a pessoa com quem eu estava gostava de mim de verdade, que estava fazendo amor comigo em vez de apenas transar por transar. A maior parte das experiências sexuais que eu tivera até então haviam se resumido àquilo — transa, sexo sem emoção. Sabia que Kamryn podia fazer aquilo sem se magoar muito, mas era porque ela se acostumara a segmentar sua vida cedo demais. Tivera de fechar partes de si mesma para não se deixar magoar pelo bullying e pelo tratamento

insensível da parte dos, homens. Nunca consegui desenvolver tal habilidade. Sempre fui aberta demais, como uma vez disse a Kam. Sou aberta demais, exagerada. Aliás, sou exagerada em relação a tudo o tempo todo. Não era capaz de resguardar partes de mim, não importando quanto sofrimento já tivesse enfrentado. Assim, a cada vez que fiz sexo sem amor, mal pude convencer a mim mesma de que era passável, de que não me sentia indigna e solitária em seguida. Com Nate, durante aqueles poucos momentos, podia fazer de conta que ele sentia algo por mim. Não era real, mas pareceu que sim, por um breve intervalo.

Quando acordei, Nathaniel estava completamente vestido e sentado na beirada da cama.

— Lamento muito — sussurrou. — Imensamente.

Mesmo no escuro, pude ver o quanto ele estava envergonhado. Eu também estava.

— O que fui fazer? Como vou consertar isto? Fiz a pior coisa possível — disse ele.

Eu sabia como Nate se sentia mal, porque era tomada pela mesma angústia. Só que me sentia muito pior. Conhecia Kam havia mais tempo; estivera lá quando todos aqueles outros homens a haviam tratado feito lixo e eu acabara de fazer algo bem mais grave, primeiro beijando o noivo dela e, depois, fazendo amor com ele.

— Quando ela voltar — dizia Nate —, terminarei tudo entre nós e sairei de casa. Kam não quer mesmo mais estar ao meu lado, e, assim, eu lhe contarei o que fiz. Mas não direi que foi com você. Direi que foi com alguma garota que conheci num bar e, então, irei embora. Ela não precisa saber que foi com você. Isto não tem de acabar com a amizade de vocês.

Eu não poderia deixá-lo assumir a culpa por tudo. Nós dois havíamos feito aquilo. E era um homem tão decente que, em sua mortificação, tudo o que podia pensar era em tornar as coisas melhores para mim. Conversamos muito, até concordarmos que colocaríamos uma pedra sobre o assunto. Esqueceríamos que acontecera. E deu certo. Não sentíamos atração um pelo outro, nenhum de nós tinha a menor vontade de repetir o que acontecera e, portanto, aquilo não se tornou um problema.

Então, descobri que estava grávida. Soube de imediato que ele era o pai e que eu não poderia contar a ninguém. Nem a Kamryn. E decididamente não a Nathaniel. Ele teria confessado, e Kam teria terminado a nossa amizade.

Foi egoísmo, eu sei, mas não pude suportar a idéia — Kam deixando de ser minha amiga. Quando, anos depois, ela descobriu e se foi, fiquei com o coração despedaçado. Sabia como ela era; jamais par ária para ouvir. Só veria a situação como uma traição, o que, de fato, fora. Mas não foi como se eu e Nathaniel estivéssemos apaixonados um pelo outro. Apenas tínhamos feito algo incrivelmente estúpido. E nem mesmo posso dizer que gostaria que não tivesse acontecido porque seria o mesmo que desejar que Tegan não existisse. Ela teria sido a mesma Tegan sem seu nariz, seu dom para desenhar, seus olhos daquele incomum tom de azul se não fosse filha de Nate? Evidentemente que não. Depois de tudo que passei com a minha família, ter uma pessoa do meu sangue que me amava tanto quanto eu a amava foi a coisa mais importante do mundo. Não planejara ficar grávida, mas não me arrependi.

Isso soa terrível e não culpo Kamryn por estar tão zangada. Só quero me desculpar. Gostaria de ter tempo para lhe explicar tudo. Gostaria de ter tempo o bastante para tentar, da forma como pudesse, consertar as coisas.

CAPÍTULO 37

Quando terminei de ler, continuei sentada no sofá, o olhar perdido no vazio. Não conseguia me mover.

Adele estava ali comigo. Senti sua presença. Era como se estivesse sentada ao meu lado, e, agora, tendo contado sua história, aguardasse minha reação e esperasse para ouvir o que eu tinha a dizer, sentir o que eu tinha a expressar.

Virei a cabeça, e ela não estava lá. Não estava sentada perto de mim no chão, os cabelos revoltos em torno do rosto, a blusa justa moldando seu corpo torneado. Não me fitava com medo e expectativa nos olhos azuis. Lentamente, a sensação de tê-la ali desvaneceu-se, evaporou no ar, e eu estava sozinha na minha sala de estar.

Por quê? Por que Nate fizera aquilo? Agora, eu sabia que fora um impulso da parte dela. Que havia sido o jeito de ser de Adele, impulsiva, espontânea. Agir primeiro, pensar depois. Mas Nate sempre pensara duas vezes antes de fazer as coisas. Mesmo que algo parecesse uma idéia repentina, teria sido uma das muitas coisas sobre as quais passava tempo refletindo. Ele comentara no outro dia que estivera se sentindo para baixo na época em que acontecera. Fora uma das maneiras que usara para se sentir melhor? Imaginara-se fazendo amor com Adele? Estivera só à espera da chance, que eventualmente acabou surgindo?

Eu tinha de saber. Peguei o telefone sem fio do suporte na mesinha ao lado do sofá e fiquei olhando para os botões. Não podia ligar para ele, não com Tegan e Luke no apartamento. Saltei do sofá, agindo como uma pessoa atormentada e fui pegar meu casaco no cabide ao lado da porta. Vestindo-o, meti a carta amassada num dos bolsos e calcei os tênis de Luke, sem me importar com o fato de que eram grandes demais para mim. Abri a porta, coloquei minhas chaves no bolso e fechei-a silenciosamente. Desci a escadaria, saindo do prédio para a noite escura de inverno.

Liguei, então, para o número de Nate e, após o quinto toque, ouvi sua voz sonolenta do outro lado da linha:

— Alô?

— Por que você fez aquilo? — perguntei, elevando mais a voz do que pretendia.

— O quê? — Houve sons abafados enquanto ele se mexia na cama.

— Por que fez aquilo? — repeti. — Por quê?

— Kam? — Nate pigarreou. — São quatro da manhã. O que está fazendo?

— Tenho de saber. Ela me contou. Tudo o que aconteceu. Agora sei por que ela fez aquilo. Mas não por que você o fez. Por quê?

— Deus do céu, Kam, o que está fazendo? Onde está?

— Na rua.

— O quê? — Pude ouvi-lo despertando por completo, sentando de repente na cama. — Em que rua?

Funguei por causa do frio.

— Tive de vir até aqui fora porque eles estão dormindo no apartamento... Por quê? Eu era assim tão insuportável? Era, não era? — Subitamente, senti uma terrível opressão no peito. Segurei o telefone com mais força enquanto a dor se intensificava e

me percorria por inteiro. — Desculpe-me — falei numa voz entrecortada. — Eu era uma bruxa. Sabia que você me deixaria algum dia por ser tão terrível.

— Kam, estou indo para aí. Fique onde está. Chegarei logo, está bem? Meneei a cabeça.

— Kam?

— Sim — respondi num fio de voz, fungando.

— Certo. — A voz dele soou mais clara, mais forte. Estava obviamente se levantando. — Estarei aí logo.

Quase trinta e cinco minutos depois, o Audi prateado que meu ex dirigia parou diante do prédio, e eu saí da entrada em arco na fachada de tijolos, onde estivera encolhida. Mantivera os braços em torno de mim o tempo todo, tentando me aquecer.

Nate obviamente vestira-se às pressas: calça de agasalho preta, uma camiseta toda amarrotada e uma grossa parca azul-marinho. Estava de tênis sem meias e nem sequer tivera tempo de arrumar o cabelo repicado em seu estilo habitual e, portanto, estava parcialmente amassado pelo sono. Ele se adiantou na minha direção, enquanto eu já ia a seu encontro pelo caminho de pedra à frente do prédio. Abri o portão de ferro, perto do qual nos encontramos, no semblante dele um misto de confusão, preocupação e sono. Uma raiva insana, incontável me percorria, e, antes que me desse conta do que fazia, eu o esbofetei.

Não houve surpresa no rosto de Nate enquanto o virava ligeiramente por causa da bofetada, apenas baixou os olhos até o chão. Nada foi dito por alguns segundos, e, então, ele levou a mão à face atingida.

— Isto chegou bem atrasado. Empurrei-o, fazendo-o cambalear para trás.

— Isto também.

Tornei a empurrá-lo, e ele cambaleou outra vez, agora de encontro ao carro. Eu queria lhe dar uma boa sova, mas estava com medo de machucá-lo de verdade. Porque teria sido capaz daquilo no momento. A fúria que me invadia era suficiente para lhe causar danos permanentes.

— Por quê? — indaguei. — Por que você a puxou de volta? Sei como ela era. Que era impulsiva. Sei que teria beijado você apenas por beijar, sem intenção alguma. Mas por que a puxou de volta? Como pôde fazer isso? Por que o fez?

Nate manteve-se em silêncio.

— Por quê? O que eu fiz? Era assim tão horrível? Não queria ser. Eu apenas... Era uma espécie de defesa...

Nate ergueu os olhos, então, tomou-me em seus braços.

— Calma — sussurrou ao meu ouvido. Continuou murmurando palavras carinhosas até que parei de falar.

— Sempre pensei que você não se importasse tanto assim — falou, ainda me abraçando. — Não reagi desta forma na época e achei que tivesse partido por causa da traição. Não pensei que isso tivesse machucado você tão profundamente. É difícil decifrar você, às vezes.

— É claro que me importava. Apenas não conseguia falar a respeito. Por mais de dois anos, não consegui falar sobre isso porque eu me sentia completamente arrasada. E eu sabia que a culpa era minha. Eu fiz aquilo. Empurrei vocês um para o outro.

— Nunca houve nada disso entre nós, Kam. Adele e eu éramos apenas amigos.

— Então, por que você a puxou de volta? Por que a beijou? Fez amor com ela? Del me contou, sabe? Contou-me que beijou você e ia sair correndo do quarto, mas você a puxou de volta para a cama. Por quê?

— Porque...

Fiquei tensa em seus braços, sabendo que Nate iria dizer que havia sido porque eu era um lixo. Na cama e fora dela. Que eu era tão horrível para ele que tivera de me dar o troco de algum modo. Aquele sempre foi o meu terror, meu medo, a razão para não conseguir falar no assunto: o que acontecera confirmava que eu era diferente. Incompleta. Defeituosa. Adele e Nate haviam ficado juntos numa noite pelo fato de eu ser tão deficiente.

— Porque logo depois que Adele me beijou e eu virei o rosto, ela pareceu apavorada. Mordeu o lábio inferior, os olhos arregalados, e aqueles simples gestos me lembraram de você. Daquela primeira vez em que fizemos sexo. Em seguida, você se vestiu e estava prestes a ir para casa quando lhe perguntei se a veria novamente, lembra? Você se virou, beijou a palma da mão e me soprou um beijo, dizendo "Veremos" e, então, saiu. Momentos antes de ter-me soprado o beijo, você estava com aquela mesma expressão no rosto. Parecia tão amedrontada, tão surpresa, e eu não sei quem pegou a mania primeiro, mas mordeu seu lábio inferior. Foi algo momentâneo, mas tão sincero que eu fiquei caído por você. E, naquela noite com Adele, eu estava confuso demais em relação a nós dois, sabia que estava quase tudo terminado, e vi essa expressão outra vez. Me fez lembrar do momento em que me apaixonei por você. Eu queria aquilo de volta. Queria fazer amor com a Kamryn pela qual me apaixonei, não aquela com quem estivera apenas existindo ao longo dos seis meses anteriores.

— Sei que foi algo errado, mas eu o fiz. É por isso que lhe disse no outro dia que assumi a responsabilidade pelo que houve. O que fiz foi egoísta, foi algo que envolveu apenas a mim e a tentativa de ter de volta o que não podia. Odeio a mim mesmo, mas o tempo todo fiquei pensando em você. Não estou falando por falar; é a verdade. Ela tinha um corpo diferente do seu e, assim, quase pareceu como se fosse aquela primeira vez com você. Fiz isso com Adele. Eu a usei para me sentir melhor. E, então, fui um completo canalha com ela quando contou a você, mais tarde, o que tínhamos feito. Não se deu conta de que eu a estava culpando por algo que havia sido total responsabilidade minha. Faz idéia de quanto me odeio por não ter resolvido as coisas com Adele antes de ela ter morrido?

— Sim — respondi. — Porque me odeio ainda mais. Nate afrouxou um pouco o abraço para me fitar.

— Você não resolveu as coisas com ela? Mas você ficou com Tegan... Como sabe sobre o que aconteceu naquela noite?

Tirei a carta volumosa e amassada do bolso.

— Acabei de encontrar isto — expliquei. — Achei que você soubesse que eu desconhecia os detalhes. Por que acha que lhe telefonei agora? Acabo de saber de tudo.

— Nunca conversou com ela? Sacudi a cabeça.

— Oh, Deus, Kam... — Nate me estreitou mais em seus braços. — Por que não?

— Eu não conseguia nem mesmo pensar a respeito, quanto mais conversar. E também havia Tegan. Vocês a geraram juntos. Vocês dois tinham algo do qual eu jamais poderia fazer parte. Odiei ambos por isso. Vocês tinham uma filha. Nunca quis filhos, mas, se tivesse desejado um, teria sido seu. Era a única pessoa na face da Terra com quem eu teria desejado ter um bebê, e você o tivera com outra pessoa. Com a amiga que eu adorava. Foi por essa razão que precisei partir. Não podia mais ficar depois que você gerara um bebê, uma nova vida, com outra pessoa. — Eu estava sendo incoerente, todos os pensamentos em minha mente formando um turbilhão. — E achei que tinha mais tempo. Achei que tinha alguns meses para me acostumar com a idéia de ter Adele de volta em minha vida e que, num certo dia qualquer, teríamos essa conversa. Mas ela morreu. Foi tão de repente. Sabia que ia acontecer, mas quando aconteceu... —

Cobri os olhos com as mãos. — Eu não estava preparada... Não tive a chance de lhe dizer adeus. Não lhe disse que lamentava muito. Que não a odiava. Não lhe disse que a amava. Saí daquele quarto de hospital sem saber que aquela era a última vez que a veria. — Nate segurou-me quando o restante da força que estivera me mantendo de pé, contendo a minha dor, desintegrou-se. — Sou uma pessoa horrível. Del estava morrendo e eu não a deixei falar. Estava amedrontada demais para ouvir. Mas queria dizer adeus. Apenas queria dizer adeus.

Nate continuou me abraçando sem dizer nada. Nunca tivera de fazer aquilo comigo antes. Entre mim e Nate, eu era a forte. Ele cuidava de mim, organizava minha vida, fazia amor comigo incrivelmente — e não me refiro a apenas sexo. Deu-me o tipo de confiança que jamais achei que teria. Mas, quando surgia uma crise, era eu quem a resolvia. Eu quem encontrava uma solução prática. Nate e eu completávamos um ao outro, formávamos um par equilibrado e, embora ele tivesse chegado até partes do meu ser que ninguém nunca havia alcançado, nunca tivera de lidar com uma Kamryn aos prantos. Uma Kamryn transtornada pela dor.

— Doçura — sussurrou no meu ouvido enquanto eu chorava, enquanto tudo que estivera sentindo ao longo de semanas veio à tona numa onda avassaladora de emoções. Não pude mais reprimir meus sentimentos, e tudo eclodiu de uma só vez. — Está tudo bem — assegurou ele. — Está tudo bem.

Enfim, as lágrimas cessaram e eu chorava sem elas, apenas meu corpo tremendo. Então, parei de tremer e fiquei vazia, esgotada, nos braços fortes de Nate.

— Desculpe — sussurrei, tão cansada que mal podia formar as palavras. — Não tive a intenção de fazer isso. — Reuni forças o bastante para afastá-lo um pouco e esfregar os olhos vermelhos, envergonhada. Sabia por que havia desabado emocionalmente daquele jeito. Era algo que já estivera fadado a acontecer havia um longo tempo, mas não soube por que tinha sido com ele. Deveria ter sido com Luke.

— Está tudo bem — repetiu Nate, preocupação em sua voz, em seu semblante. — Pode conversar comigo a qualquer momento. — Deu um passo na minha direção, como se fosse me abraçar novamente, mas recuei. Ergui as mãos para detê-lo. Para pôr um fim àquilo.

— Nate, isso está tão errado. Não posso ficar desmoronando na sua frente. Tenho namorado e o amo. É no ombro dele que eu deveria estar chorando, não no seu. Eu queria saber o porquê, apenas isso. Não pretendi que nada disso acontecesse. Não sei por que tive esse acesso de choro agora. Você estava aqui para me ouvir, eu acho.

— Não me afaste — ele suplicou.

— Você já está afastado. Quanto antes nos acostumarmos com o fato, melhor. — Até eu estremeci por dentro diante da frieza na minha voz.

Nate meneou a cabeça devagar, uma expressão de dor no rosto quando se virou.

— Desculpe — falei sem me conter. Não poderia deixá-lo ir daquele jeito. E se fosse a última vez que eu o visse? E se fosse como acontecera com Adele novamente? — Não quis dizer isso. Desculpe, está bem? Desculpe por ter dito isso. Por ter batido em você e o empurrado. Por tudo.

Ele parou de abrir a porta do carro e virou-se na minha direção.

— Também quero me desculpar. Nunca disse isso, mas lamento demais o que fiz. Desculpe por ter acabado com nosso relacionamento. Por ter arruinado sua amizade com Adele. Por ter magoado você tão profundamente.

Balancei a cabeça. Nate envelhecera desde a vez anterior em que o vira. A passagem do tempo se evidenciava em seu rosto. Estava cansado. Tinha os olhos injetados, e os lábios, os belos lábios que haviam me pedido para eu repetir meu pedido de casamento, comprimiam-se com ar soturno.

— Entrarei em contato em breve — prometi.

— Certo.

Voltei ao interior do pequeno prédio, enquanto ele dava a partida no carro. No primeiro andar, abri silenciosamente a porta do apartamento. Nem mesmo notei que a luz da sala estava apagada. Pendurando o casaco no cabide de parede, retirei o par de tênis de Luke. Descalça, esgueirei-me até o quarto.

Sobressaltei-me quando encontrei Luke, completamente vestido com seu jeans e suéter grosso azul, sentado na cama. O quarto estava escuro, mas parecia que ele estivera à espera de que eu voltasse para poder ir embora. Notei que estava de meias, mas sem calçados; não pudera ir porque eu estava com seus tênis.

— Vi Nate lá fora — ele comentou num tom manso. — O que está acontecendo? — Em seu semblante, havia raiva, mas também medo. Se olhara pela janela, na certa vira Nate me abraçando, afagando meu cabelo enquanto me consolara. Luke devia estar pensando que Nate e eu estávamos prestes a voltar. Nada podia estar mais longe da verdade. Adiantei-me devagar até a cama, deitando-me numa posição fetal.

— Abrace-me — pedi.

Luke hesitou e, então, fez o que lhe pedi, deitando-se ao meu lado, estreitando-me em seus braços. Relaxei no calor e no conforto de seu corpo após o frio e a crueza do lado de fora. Cobri-lhe as mãos com as minhas, meus dedos começando a se aquecer.

— O que está acontecendo? — ele murmurou, ansioso. Sucintamente, eu lhe contei.

***“Não sou princesa,
sou Tegan”***

CAPÍTULO 38

Mamãe Ryn. — A voz de Tegan soou baixa. Tão baixa que eu não a teria ouvido se não estivesse esperando que falasse algo. Eu sabia o que ela diria porque, no decorrer das duas semanas anteriores, a menina mudara. Tornara-se inquieta. Levava quase uma hora para sossegar à noite, costumava ir até o meu quarto no meio da noite e só voltava para a cama se eu me sentasse com ela até adormecer novamente. O apetite diminuía, ficara retraída e passara a fazer desenhos de uma mulher que só podia ser a mãe, mas, se eu lhe perguntasse quem estava no desenho, dava de ombros e sussurrava que não sabia. Eu estava bem a par do que Tegan andava pensando porque era o mesmo que eu. Também me tornara tensa e inquieta. Minha insônia passara de crônica a crítica; eu conseguia dormir no máximo quatro horas por noite. Durante o dia, mal conseguia reunir energia para abrir meus e-mails e não respondia a nenhum dos de Nate, nem a seus telefonemas.

— Sim, Tiga?

Ela estava deitada no chão diante da tevê, colorindo um desenho de Luke no trabalho. Deixando de lado a caneta azul de colorir, com a qual estivera pintando a figura da camisa dele, estudou-me com hesitação. Os lábios rosados, apertados enquanto pensava, estreitou os olhos de leve e colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha. Não disse nada; ficou apenas olhando para mim. Dei um tapinha no colo num gesto convidativo.

— Sabe que é Natal? — disse, cautelosa, sentando no meu colo. Abracei-a e confirmei com um gesto de cabeça. O Natal seria dali a apenas três semanas. Tegan encerraria a escola dentro de cinco dias e ficaria na casa dos Kaye durante o dia. Era Natal fora e dentro do apartamento. Havíamos montado uma pequena árvore ao lado da tevê, onde estivera o grande pufe vermelho, luzes piscavam nas janelas, decoração natalina enfeitava o apartamento e, a cada dia, Tegan abria o calendário de chocolate que Luke comprara — mas, dentro de nós, o espírito festivo estava ausente. Onde deveria estar a empolgação do Natal, havia dor. Lembranças. Ainda não havíamos conversado sobre o que faríamos no grande dia e, a cada vez que Luke tentava mencioná-lo, eu mudava de assunto, ou dizia que ainda não tivera tempo para pensar se iríamos a Londres para passar a data com os meus pais ou não. Ir para Londres no Natal estava fora de cogitação — eu estivera apenas distraíndo Luke até que Tegan e eu pudéssemos conversar apropriadamente. Não havíamos tido chance de fazer isso até então, mas agora teríamos. Luke estava em Nova York a trabalho por uma semana. (A Angeles estava pensando em abrir uma loja ou uma franquia lá, e a experiência dele naquele mercado significava que estava fora com os do alto escalão.) Havia decidido deixar que Tegan iniciasse a conversa, esperar para ver se ela se lembraria, ou se estava me preocupando à toa.

— Sim, querida, sei que o Natal está chegando — respondi.

— É o... — A voz morreu-lhe na garganta.

— É o aniversário da sua mamãe — completei.

— Sim.

— Eu sei. — O aniversário de Adele era no dia de Natal. Quando Tegan era bem pequena, tínhamos o costume de fazer uma comemoração dupla — o aniversário de Adele de manhã; em seguida, um almoço de Natal; mais tarde, depois que Tegan ia dormir, era o aniversário de Adele outra vez e eu, Nate e Adele bebíamos até cair.

— Existem aniversários no céu?

— Hã... — Eu não sabia. Nunca sabia a resposta para aquelas perguntas. Não pensava a respeito. Era religiosa, mas nunca pensava no que haveria no além. Se pensava no céu, era para achar que talvez um dia eu fosse parar lá. Mas não ficava imaginando se o tempo passava, nem se havia aniversários lá. E por não refletir a respeito, não conseguia responder àquelas perguntas. O céu era um lugar com grandes nuvens brancas, ou era um lugar como a Terra, só que bem melhor? Era um mundo tecnicolor onde tudo era fantástico e todos eram felizes, ou era o que quer que precisássemos que fosse? — Hã... talvez — respondi cautelosamente. — Não vejo por que não.

— Se eu lhe mandar um cartão, ela receberá?

— Acho que não — respondi gentilmente.

Tegan aninhou-se junto a mim, afundando a cabeça no meu peito. Os ombros começaram a tremer e, então, o corpo todo. Seus soluços tornaram-se audíveis. Ela não havia chorado na minha frente desde que a mãe havia morrido, desde aquele dia no hotel. Eu não sabia que aquilo seria o gatilho que desencadearia tudo, que faria a dor vir à tona.

— Sinto muito, docinho, mas encontraremos uma outra maneira de deixá-la saber que estamos pensando nela, combinado?

Tegan desceu do meu colo e correu da sala, os passos ecoando pelo corredor até seu quarto, mas não bateu a porta. Após alguns minutos, recobrando o próprio controle, eu a segui.

Sobre a colcha azul e branca, Tegan tremia e soluçava convulsivamente. Lágrimas escorriam em profusão por seu rosto, e as afastava a todo instante com as pequenas mãos. A seu lado no travesseiro, colocara a foto dela e de Adele que costumava ficar sobre a tevê.

— Tiga... — comecei e, então, percebi que não sabia o que dizer.

Sentei na cama, afagando-lhe as costas. Olhei para a foto de Adele, para a mulher que sorria, feliz, ao lado da filha. Quase me esquecera de que aquela havia sido a aparência dela. Agora, quando pensava em Adele, ela era a figura descorada no necrotério do hospital.

— Por que a minha mãe não vai voltar? — perguntou Tegan, soluçante. — Eu fui uma menina má?

— Não, querida. Sua mãe apenas ficou doente.

— Você ficou doente — argumentou ela.

— Eu sei, mas foi um tipo diferente de doença. Sua mãe estava muito, muito doente e não tinha como melhorar. Queria estar aqui, mas não pôde.

— Quero que ela volte — insistiu Tegan.

— Eu também. — Algo me ocorreu. — Tiga, você esteve pensando que sua mãe ia voltar?

— Sim — sussurrou ela, balançando a cabeça, entre mais algumas lágrimas e soluços. — Mamãe pode não gostar do céu e decidir voltar. Talvez goste mais de Leeds.

Adele e eu tínhamos feito um bom trabalho em explicar a morte à menina, não?

— Lamento, docinho, sua mãe não vai voltar. Nunca mais.

O pranto de Tegan tornou-se ainda mais sentido, gemidos angustiados acompanhando as lágrimas e os soluços. Fiquei com o coração dilacerado porque sabia como ela se sentia. Sabia como aquela constatação, a aceitação final de que não se veria nunca mais uma pessoa querida, era como uma espada atravessando o coração. Peguei-a no colo e, sentada na cama, abracei-a com força, tentando confortá-la. Uma lembrança começou a surgir em minha mente e, então, tomou forma lentamente, solidificou-se. Tegan tinha um mês de vida. Adele me pedira para olhar sua filha enquanto tomava banho. Sentei na beirada da cama, no quarto de Del, olhando para o berço azul e branco. Tegan ainda tinha a pele enrugada e muito rosada, com uma finíssima camada de cabelo loiro cobrindo-lhe a cabeça. Adele vestira-lhe um macacãozinho azul e ela dormia debaixo de um pequeno cobertor branco. Ela se mexera no instante em que Adele fechara a porta do banheiro, como se soubesse que a mamãe estava a mais que um passo de distância. O chuveiro foi ligado, e Tegan acordou e soltou o choro mais alto que eu já ouvira. Gelei por um momento, convencida de que ela pararia, mas não; o choro só aumentou, o esforço deixando-a cada vez mais vermelha. Afastando as cobertas, peguei-a do berço. Era incrivelmente leve. Eu a segurava desde que nascera, mas vivia esquecendo de como era leve. Ajeitando-a nos meus braços, aqueci-a, desejando que ela entendesse que a mãe voltaria logo e que poderia mamar mais se quisesse. Quando Adele voltou com os cabelos molhados, Tegan parará de chorar e apenas mexia os lábios, os olhos desfocados me observando como se eu estivesse prestes a lhe revelar os segredos do universo.

— Diga-me outra vez como é possível que você não queira ter filhos — sussurrou Adele, deitando na cama e tentando dormir um pouco.

— Segurei você deste jeito quando você nasceu — falei ao tocar nos cabelos de Tegan. — Você era tão engraçada quando nasceu, quando era um bebê. Eu pensava "Céus, será que nos deram o bebê certo no hospital? Ela tem mesmo um ar engraçado". Mas, então, você sorriu e pareceu exatamente a sua mãe, tão linda quanto ela, e eu soube que você só podia ser dela. Nossa. Porque você era minha também, sabe? Era a minha pequenina Tega. Mesmo quando fiquei longe por todo aquele tempo, pensava muito em você. Tinha a sua foto na minha bolsa e, quando as pessoas me perguntavam "Quem é essa?", eu respondia: "É a minha pequena Tega". Lamento que sua mãe não esteja aqui, docinho. Gostaria que estivesse. A cada dia, desejo que estivesse e sei que será difícil me acostumar a não vê-la mais. Que tal chamarmos o dia de Natal de o "Dia de Adele"? Adele era o nome de sua mãe. Sabe disso, não é?

— Sim — sussurrou Tegan.

— Está certo, teremos o Dia de Adele. Faremos cartões especiais do Dia de Adele e os enviaremos a todos que conhecemos. E poderemos fazer desenhos dela, e eu mostrarei a você algumas das fotos dos meus álbuns. Poderemos até fazer um "tudo em um" especial para o chá da tarde. O que me diz?

— Luke virá? — Ela parou de chorar; já era alguma coisa.

— Não. Seremos apenas você e eu. Garotos são proibidos!

— E quanto ao sr. Nate?

— Oh! Não! Ele é um garoto! Garotos são proibidos! E, para não perdermos o Natal, poderemos comemorá-lo no dia seguinte, quando abriremos os presentes.

— Luke vai poder vir nesse dia, não é?

— Se você quiser.

— Eu quero. E que o sr. Nate venha também.

— É mesmo? Por quê? — Aquilo era algo que eu nunca pensara que a ouviria dizendo. Nate havia sido bastante simpático e amável com ela nas três ou quatro vezes que haviam se visto desde o primeiro encontro, mas não era Luke. E, a cada vez que

passara ali, ficara dez minutos no máximo. Por que Tiga desejaria a companhia dele num dia tão importante?

— Você gosta dele — ela respondeu simplesmente.

— Mas o sr. Nate não tem de vir para o nosso dia de Natal se você não gosta dele. — Havia um quê de pânico na minha voz. Eu não o vira desde o nosso confronto na rua, quinze dias antes. Não falara com ele ao telefone, nem respondera seus e-mails. Empenhara-me ao máximo para evitá-lo. Luke certamente não iria querer vê-lo por perto também.

— Eu gosto dele. É engraçado. — O comentário me surpreendeu ainda mais. O que Nate fizera para que Tiga o achasse engraçado?

— Está certo. Verei se ele poderá vir. Talvez tenha algum compromisso e, portanto, não devemos ficar aborrecidas se não puder.

Aninhei-a mais em meu colo, sentindo-lhe a fragrância de canela e cerejas da espuma de banho que Luke lhe comprara. Não gostava de vê-la triste, nem de saber que estava sofrendo tanto. Era evidente que sofria, mas a vida seria mais fácil se eu fizesse de conta que Tegan não entendia o que estava acontecendo.

— Não há problema algum em chorar, sabe? — falei.

Eu a havia feito parar de chorar. Não intencionalmente, mas me senti melhor quando ela parou. Podia não ser algo agradável para quem ouvia, podia ser algo que perturbava a testemunha de um acesso, mas chorar era bom. Chorar era uma válvula de escape aceitável. Mesmo que fizesse uma pessoa se sentir frágil e vazia por dentro, ainda era melhor do que aquele acúmulo de ressentimento que crescia por não extravasar as emoções. Não queria que Tegan crescesse zangada e amarga por ter-lhe sido negada a oportunidade de expressar sua dor.

— Se você se sentir triste por causa da sua mãe ou sentir falta dela, poderá chorar no momento que quiser. Poderá falar nela sempre que desejar também. — Acariciei-lhe os cabelos longos, sedosos. — É natural sentir saudade de sua mãe, sabe? Entendo perfeitamente, e tudo o que quiser dizer, estarei aqui para ouvir.

— Vou dormir um pouco agora — murmurou Tegan.

— Está certo, princesa.

Ela sacudiu a cabeça e soltou um riso tristonho.

— Não sou Princesa. Sou Tegan.

Uma brincadeira que ela e a mãe haviam partilhado.

— Tem certeza? Eu poderia ter jurado que chamavam você de Princesa.

— Não, meu nome é Tegan.

— Está bem, *Tegan*, durma, então. Ficarei sentada aqui um pouco, se não se importar, e, depois, irei preparar algo para o nosso almoço.

— Certo. — Deixando o meu colo, ela meteu-se sob as cobertas, deitando de costas para mim. Adiantei-me até a janela, fechando a cortina azul para bloquear a claridade do final da manhã. Sentei no chão junto à cama, observando-a dormir, como fazia, às vezes, no meio da noite. Tegan fazia aulas de caratê, entrara para o time de futebol feminino, conversava com Luke e comigo como se fosse adulta, mas eu vivia esquecendo que ela era frágil. Resisti à vontade de afastar-lhe o cabelo do rosto pálido, tenso; apenas observei enquanto suas feições relaxavam, a respiração serenava e ela adormecia. Pobre e frágil Tegan. Minha pobre criança.

A reação de Luke não foi das melhores quando lhe contei os planos para o dia de Natal e o dia seguinte. Não o tínhamos visto durante dois dias desde seu regresso dos Estados Unidos, porque estivera em Londres em reuniões sobre a viagem a Nova York.

Temera o momento de lhe contar e decidira que seria melhor se fosse longe de Tegan, o que significou falar sobre o assunto no trabalho.

Ele estava parado diante da minha mesa, imponente num terno cinza com camisa branca e gravata azul. Surpreendia-me invariavelmente o fato de que, apesar das horas que trabalhava e do tempo que passava no meu apartamento, ainda conseguia manter o físico atlético, conquistado com exercícios. Ergui os olhos para lhe observar o rosto e, quando nos entreolhamos, meu medo de um contato visual se concretizou — seus olhos daquele castanho tão incomum faiscavam com um misto de acusação e contrariedade. Não estava apenas aborrecido, mas afrontado — um músculo em seu maxilar rijo começou a pulsar.

— Não posso passar o dia de Natal com vocês duas, mas ganho o direito de passar o dia seguinte com o seu ex? — ele declarou quando o silêncio se prolongou entre nós. Olhou por sobre o ombro para as paredes envidraçadas do meu escritório e, depois, para o teto, antes de pousar o olhar incrédulo em mim. — Estou em algum programa de câmera escondida? Porque é a única explicação que encontro para o que está acontecendo.

— Tenho de fazer isso por Tegan. Seremos apenas nós duas no dia de Natal. E foi ela quem sugeriu que Nate passasse o dia seguinte com a gente, não eu.

— E se eu aparecer à noite? — ele perguntou com uma leve entonação norteamericana. Bastara uma semana em Nova York para trazer de volta aquelas nuances de seu sotaque.

— Por favor, não. Isto é para Tegan. É o aniversário da mãe dela, a primeira data importante desde que Adele... desde que Adele... *morreu*. Não acredito que você não enxergue como isso é importante.

— Sei que sim. Acontece apenas que... não tenho família também, lembra? Geralmente passo o Natal em Nova York com amigos, mas, este ano, recusei o convite deles porque achei que tivesse uma família com a qual passar a data.

— E tem. Apenas não no dia 25.

Luke franziu o cenho, os lábios apertados, sua raiva não podia ser mais evidente.

— O que quer que eu faça? — argumentei. — Que coloque você antes da minha filha?

Por um momento, ele esteve prestes a responder que sim. Pude ver isso em seu semblante, no olhar, no jeito como torceu os lábios.

— É esse o tipo de pessoa que quer que eu seja? O tipo de mulher com quem deseja ter um relacionamento? — acrescentei para impedi-lo de dizer alguma tolice da boca para fora. — Não preciso disso, sabe? Já será um dia duro o bastante sem ter de ficar me preocupando com a possibilidade de você me largar porque não poderá estar lá. Sinto muito, mas Tegan vem em primeiro lugar. Somente agora ela está começando a entender que a mãe não voltará nunca mais. Não vou desapontá-la voltando atrás no que lhe prometi. E não me arrependo de ter-lhe feito essa promessa.

O telefone na minha mesa tocou, e eu olhei para o visor do identificador de chamadas para ver o número. Não o reconhecendo, atendi num tom formal:

— Kamryn Matika, em que posso ajudar?

Luke continuou parado próximo à mesa, observando-me.

— Sou eu — disse Nate.

— Ah, olá. — A temperatura no escritório elevou-se subitamente. Ajustei melhor o fone junto ao ouvido para que Luke não escutasse a voz dele, nem o que dizia.

— Sei que está no trabalho e que não pode falar por muito tempo, mas você não atende minhas chamadas no seu celular, nem responde meus e-mails. — Não havia

acusação na voz de Nate. Na verdade, a única coisa que detectei em seu tom foi compreensão. — Queria conversar com você sobre o Natal.

— Oh — murmurei.

— Sei que é o aniversário de Adele, ou melhor, teria sido, e fiquei me perguntando o que vocês iriam fazer. Vai ser difícil para você e Tegan e pensei se você não gostaria que passássemos o dia juntos, como costumávamos fazer.

— Na verdade, eu ia ligar para você a esse respeito. — Lancei um olhar a Luke, que era a personificação do desinteresse, sentado na beirada da minha mesa, folheando as provas das páginas da nova edição da revista que pegara na caixa de entrada.

— Jura? — A voz de Nate elevou-se.

— Sim, Tegan e eu vamos passar o dia 25 sozinhas, mas ela queria saber se você estará livre no dia 26, quando comemoraremos, de fato, o Natal.

Luke parou numa prova de página particularmente interessante de uma lista dos espaços para aluguel a terceiros que tínhamos em diversas lojas da Angeles e a leu, várias vezes, enquanto esperava a resposta de Nate.

— Luke estará presente? — ele perguntou.

— É claro que sim.

— Então, não acho que seja uma boa idéia, não é mesmo? Eu adoraria ir, mas acho que nós quatro não nos divertiríamos juntos. Que tal, então, se eu for na véspera de Natal e levar os presentes de vocês?

— Está certo — concordei, aliviada. Imensamente aliviada. Não apenas porque aquilo pouparia Luke de passar o dia inteiro... e provavelmente o mês seguinte... de péssimo humor, mas porque eu não queria passar muito tempo na companhia de Nate.

Os elementos de nosso relacionamento — nosso relacionamento fracassado — haviam se modificado com a revelação do motivo de ele ter dormido com outra mulher. Não o fizera movido por malícia, mas por solidão. Eu era capaz de entender tais sentimentos. Já haviam me dominado tantas vezes em minha vida, mas não imaginava que ele os tivesse vivenciado enquanto estivera comigo... Aquilo significava uma porção de coisas sobre mim. Meu medo constante de que eu o levara a fazer aquilo estava correto, mas havia me enganado quanto à *maneira* como o levara a fazê-lo. Eu não o maltratara tanto que o instigara a me trair, eu me afastara emocionalmente dele. Abandonara-o, deixara-o solitário. Obviamente, ele não precisaria ter dormido com alguém por causa disso, mas era apenas humano. Todos havíamos cometido erros estúpidos em momentos de fraqueza: eu tinha flertado com o colega da Escócia do qual me aproximara no trabalho; quase dormira com Ted daquela vez no quarto de hotel. Entendia Nate um pouco melhor agora, o que era algo perigoso.

— Na véspera de Natal, então — ele falou. — Posso ver você antes disso?

— Hã, não sei se é uma boa idéia — respondi, após um olhar de soslaio a Luke, que ainda lia a revista da Angeles.

— E quanto a Tegan? Posso vê-la antes disso?

— Se você quiser. Poderia deixá-la na sua casa por uma hora, ou um pouco mais. — De maneira alguma, eu faria uma coisa daquelas, mas era um teste. Ele queria realmente ver Tegan, ou a mim?

— Ou eu poderia ir até o seu apartamento enquanto você saísse por uma hora — propôs Nate. — Seria menos incômodo para ela, não?

— Você sabe que isso não vai acontecer, não é mesmo?

— Não agora, talvez, mas com o tempo, quem sabe? Eu quero mesmo vê-la. E a você.

— Ouça, estou ocupada.

— Ele está aí, não é? Soltei um suspiro.

— Está certo, ligarei para você. Talvez possa ir até lá em casa no final de semana. Perguntarei a Tegan se concorda.

— Combinado. Verei vocês em breve, então.

— Tchau, Nate.

— Está certo, querida, amo você, tchau. — Ouvi o clique do telefone quando ele desligou do outro lado. Na minha mente, porém, houve um estrondo causado pelo que acabara de me dizer. Com a mão trêmula, recoloquei o fone no gancho.

— Ele irá no Natal? — perguntou Luke.

Sacudi a cabeça, temendo olhar para ele, caso minha expressão traísse o que se passava em meus pensamentos. Nate dissera aquilo com tanta facilidade. Sem estardalhaço. Duas palavras ditas de modo corriqueiro numa conversa. Sempre me dissera aquilo no passado, era como encerrava nossas conversas.

— Ele... hã... vai estar ocupado. Provavelmente irá à casa dos pais. Mas aparecerá na véspera de Natal, apenas para levar os presentes de Tegan.

— Ryn?

Virei-me, enfim, para fitá-lo, esperando que meu rosto não deixasse transparecer como Nate me afetara. Meu namorado abriu um sorriso tímido, a raiva tendo se dissipado.

— Desculpe por ter agido feito um cretino. É claro que eu entendo. Fiquei apenas desapontado, nada mais.

— Eu sei.

— Não, não sabe. Pela primeira vez na vida, tenho uma família. Tenho você e uma garotinha. Nunca tive uma criança para poder mimar no Natal. Faz idéia de como eu estava empolgado? O Natal é uma época para as famílias e, assim, eu queria estar com vocês duas. Mas o dia 26 será bom. Será ótimo, na verdade.

Meneei a cabeça.

Depois de verificar que ninguém voltara mais cedo do almoço e poderia nos ver através do vidro, Luke inclinou-se para a frente e me beijou rapidamente.

— Vejo você logo mais à noite, doçura.

— Sim, claro.

Tão logo Luke deixou o escritório, meu coração ficou ainda mais acelerado com o que Nate dissera. Podia repetir as palavras na mente, segurá-las de encontro à luz como uma jóia, examinar suas facetas perfeitas. "Querida, amo você, tchau". A voz agradável de Nate dizendo-me que ainda se sentia da mesma maneira que antes era algo que eu não esperava que acontecesse. Suspeitava que ainda sentia algo por mim, mas ele dissera que me amava. Eu o amava? Se amava, o que aquilo significaria em nossas vidas? E seriam *nossas* vidas? Escolher quem estaria ao meu lado não era uma questão que envolvia apenas o que eu queria, com quem desejava estar; os sentimentos de Tegan contavam tanto quanto os meus. Se ela não estivesse comigo, sei quem eu teria escolhido. Teria feito a escolha numa fração de segundo.

Meu celular tocou na mesa ao lado do *mouse*. Havia uma mensagem de texto de Luke:

Esqueci de dizer, eu te amo :)

Apagando a mensagem, quase atirei o celular na mesa. Sei mesmo quem eu teria escolhido? Sei?

CAPÍTULO 39

O Dia de Adele chegou, e Tegan saltou da cama antes que os primeiros raios de luz do amanhecer penetrassem pelo céu escuro. O som de seus passos no corredor despertou-me de um sono leve; eu passara a maior parte da noite dormindo e acordando. Enquanto ela punha a cabeça no vão da porta, endireitei-me com esforço na cama e pisquei algumas vezes para afastar a sonolência.

— Posso entrar?

Durante todo o tempo em que moramos juntas, ela nunca havia sentido a necessidade de pedir permissão para entrar em algum ambiente. Não entendi de onde surgiu a súbita hesitação.

— É claro — assegurei. Tegan entrou devagar, subiu na cama e colocou-se debaixo das cobertas.

— O que quer primeiro, o café-da-manhã, ou o seu presente? — Envolvi-a com o braço enquanto falava, aninhando-a na curva em que ela se encaixava tão perfeitamente.

— Posso ganhar um presente?

— Claro que sim, senhorita. Este é o Dia de Adele, o que, evidentemente, significa que há um presente. Em seguida, tomaremos o café-da-manhã e você poderá ligar para a vovó Faith. Depende de você.

Tegan arregalou os olhos, pensando no que fazer. Em todas as possibilidades.

— Presente — sussurrou depois de muito pensar e morder o lábio.

— Está bem. — Virando-me na cama, abri a gaveta da mesinha-de-cabeceira e peguei dali o presente, uma caixa dourada enfeitada com uma fita vermelha. — Aqui está.

Arregalando um pouco mais os olhos, Tegan pegou a caixa com ambas as mãos. Observou-a fixamente, uma ligeira apreensão no rosto.

— O que é? — perguntou.

Qualquer outra criança teria destruído a caixa para ver o que era, mas não Tegan. Tinha de ponderar as coisas, descobrir tudo que podia sobre uma dada situação, em vez de mergulhar de cabeça. Eu era assim, sempre um tanto cautelosa. Adele teria aberto a caixa no segundo em que visse que era para ela. Acho que era o que acontecia com quem tinha uma alma romântica. A pessoa acreditava em coisas como amor à primeira vista e presentes perfeitos.

— Abra e descubra — aconselhei.

Tegan ainda hesitou por alguns segundos antes de começar a mexer na fita. Tentou desatá-la, até que se deu conta de que, como os laços brancos em seu par de tênis favorito, se puxasse uma ponta, a coisa toda se desmancharia. Erguendo a tampa devagar, espiou para dentro da caixa.

— É mesmo para mim? — exclamou, olhando para o meu rosto de imediato em busca de algum indício de que eu poderia pegar o presente de volta. Confirmei com um gesto de cabeça.

Meticulosamente, como fazia a maioria das coisas, colocou a mão na caixa e de cima do forro de seda azul, pegou a corrente de ouro com um pingente em forma de

medalha. Olhou longamente para a medalha, aproximando-a do rosto e examinando o holograma que continha.

— Sou eu e a mamãe — disse, enfim.

— Isso mesmo. — Eu providenciara para que uma foto de Tegan e Adele fosse copiada na medalha por meio da técnica de holografia.

— Posso usar isto o tempo todo? — perguntou, ainda olhando para a corrente em sua mão.

— Claro, se quiser. Depende de você.

Ela a estendeu na minha direção para que eu a colocasse em seu pescoço. Peguei a corrente e coloquei-a em torno de seu pescoço delicado, instruindo-a:

— Levante o cabelo para que eu possa fechá-la atrás. Pronto — falei quando terminei.

Ela deixou os cabelos caírem de volta até as costas e os ombros, e eu os observei, perguntando-me se deveria levá-la para cortá-los. Não o fizera no decorrer dos meses anteriores porque, se fosse franca, aquilo não me ocorrera. Eu cortava e alisava os cabelos a cada dois meses, mas não me dera conta de que talvez Tegan precisasse da mesma coisa. Seus cabelos não tinham pontas duplas, que eu tivesse notado, e sempre recebiam um banho de condicionador quando o lavávamos à noite. Cabelos compridos, caindo-lhe até o meio das costas ficavam-lhe muito bem, no entanto. Quando ela praticava esportes, eu os prendia num rabo-de-cavalo e, então, num coque, preso com grampos. Quando os usava soltos, realçavam o formato em coração de seu rosto e o azul intenso dos olhos, deixando-a ainda mais bonita, se possível. Às vezes, pedia-me que eu lhe fizesse várias trancinhas e as prendesse. Eu reservava o penteado para ocasiões especiais porque era trabalhoso, mas o resultado compensava e, depois, ela adorava quando eu as soltava e seu cabelo ficava todo ondulado.

Afaguei-lhe a cabeça, sorri-lhe enquanto ela olhava para sua medalha. Gostava de vê-la de cabelo comprido, mas o que Adele teria desejado? O que Adele acharia da filha com cabelos com comprimento bem abaixo dos ombros? Sempre mandara cortá-los na altura do queixo. Tegan não reclamara daquilo e nem, agora, do fato de o cabelo estar comprido, mas o que Adele diria?

Faz diferença?, perguntei-me com súbita rebeldia. *No grande esquema das coisas, importa o que Adele teria desejado nesse sentindo? Ela não está aqui.* A culpa se esgueirava por trás de tais pensamentos rebeldes. Luke plantara aquelas sementes de amotinação em minha mente alguns dias antes.

Eu estivera pensando em voz alta, ponderando se deveria manter Tegan numa escola mista, ou se deveria esperar e mandá-la para uma só para meninas. Se teria de me mudar para estar numa área boa quando fosse matriculá-la e se deveria fazer isso agora. Mas Horsforth não era uma boa área de Leeds? Expliquei a Luke que nunca tivera aquela conversa com Adele e não sabia se ela teria desejado que a filha fosse para uma escola só de meninas, onde se dizia que as alunas tinham um rendimento melhor do que quando estudavam numa escola mista; ou para uma escola mista, onde aprenderia que teria de competir com os homens na vida real, de qualquer modo.

Luke ouvira tudo o que eu tinha a dizer antes de responder:

— Você não é Adele.

Fiquei ofendida. Ele realmente achava que eu era imbecil o bastante para acreditar que poderia substituí-la na vida de Tegan? Não lhe explicara em muitas ocasiões que minha maior preocupação era que eu não podia ser uma substituta de Adele?

— Sei disso.

— Bem, então pare de tentar ser ela — ele disse, sentado na minha cama. Trabalhava em seu *laptop*, enquanto eu usava o computador. — Você diz que Tegan é sua filha; portanto, aja como se fosse. Pare de tentar adivinhar o que Adele teria desejado e faça o que você quer. Ela é responsabilidade sua, não de Adele.

Franzi o cenho, e Luke deixou o *laptop* de lado, arqueando uma sobrancelha, enquanto esperava uma resposta.

— Sei que ela é minha responsabilidade — falei, enfim.

— Não estou dizendo que não esteja assumindo a responsabilidade por ela, querida. Acontece apenas que é fácil demais cair na inércia. Você pode ficar tão preocupada com o que Adele teria desejado a ponto de não fazer nada. E detesto ter de dizer isto, mas é o cúmulo do comodismo, não é? Se as coisas derem errado, você não tem de aceitar que fez uma péssima decisão porque pode dizer que é o que Adele teria desejado e que você não errou.

Mordi o lábio inferior, desviando o olhar.

— Não faço isso.

— Eu faria, se estivesse em seu lugar — admitiu Luke. Espreguiçando-se, cocou o peito desprovido de pêlos. — É um cartão permanente de saída da prisão. Que pessoa, afinal, não o usaria se tivesse alguém em quem colocar a culpa a cada vez que algo desse errado?

— Estou fazendo o melhor que posso — respondi, sentindo-me desmascarada e repreendida, embora eu nem sequer tivesse pensado daquele jeito. Tegan era filha de Adele e, portanto, era evidente que eu faria todo o necessário para me certificar de que fosse criada da maneira como Adele teria desejado. Mas Luke tinha razão — ela era a minha garotinha agora. Minha responsabilidade. Minha esperança. Meu amor. Tudo de bom ou de mau sairia de mim. Dali em diante, os traços de personalidade que ela desenvolvesse, os hábitos, valores, a maneira como faria as coisas seriam resultado de sua criação. De como era a vida ao meu lado.

Agora, olhei para Tegan novamente e senti o medo me invadir. Se pensasse demais naquilo, teria vontade de me esconder. De me enfiar debaixo das cobertas e ficar ali até que tudo passasse por mim. Nunca tivera a necessidade de ser definida assim. De ser a mãe de alguém. Nunca tivera vontade de procriar, de ter alguém que dependesse de mim. Sim, eu cuidara de Nate, mas apenas porque ele cuidara de si mesmo também. Se eu esquecesse de lhe preparar o jantar numa noite, ele não passaria fome. Sabia de tudo isso quando concordara em ficar com Tegan, mas era em momentos como aquele, momentos em que ela dependia tanto de mim não apenas para seu bem-estar físico, mas também emocional, que a enormidade da situação voltava a ficar clara para mim. Eu era a responsável. Por tudo. O tempo todo. Para sempre.

— Venha, então, senhorita. Temos uma porção de coisas a fazer. Não podemos ficar na cama o dia inteiro.

Tegan abriu um largo sorriso. Afastei as cobertas, e ambas deixamos a cama.

— Vamos dar alguns telefonemas e tomar o café-da-manhã.

— Está bem.

Na sala de estar, entreguei o telefone sem fio a Tegan, e ela apertou o botão de discagem direta com uma pequena etiqueta com "M&P", mamãe e papai, ao lado. Eram apenas seis da manhã, mas minha mãe estava obviamente à espera do telefonema porque quase instantaneamente Tegan disse:

— Alô, vovó Faith... Bem... — Soltando um riso alegre, respondeu: — Você disse "Feliz Dia de Adele". — Seu sorriso aumentou ainda mais, enquanto eu ouvia a voz suave da minha mãe falando com ela do outro lado da linha.

Quando eu contara à mamãe sobre o Dia de Adele, ela mostrara-se bem mais compreensiva do que Luke. Dissera que nos faria um bolo se quiséssemos, mas eu recusara; era muita bondade sua, mas não era necessário. Quando havia acabado de me despedir, mamãe falara:

— Sabe, Kamryn, seu pai e eu estamos muito orgulhosos de você.

— Como disse? — Fiquei pasma em ouvir aquilo da minha mãe. Nosso relacionamento ficara um tanto estremecido pelo fato de eu não ter casado. De ter embarçado a todos diante de seus amigos e demais familiares ao ter cancelado o casamento sem nem mesmo explicar o motivo.

— Tegan é uma grande responsabilidade — continuou mamãe. — Fiquei bastante surpresa quando nos contou que iria cuidar dela. Mas você está indo muito bem. Muito bem. — Ela ligava com frequência para falar com Tegan, que também sempre telefonava para os meus pais. Durante o verão, meus pais tinham ido de carro a Manchester para ver minha irmã e haviam passado por Leeds para pegar Tegan para que ela pudesse passar o dia com eles e a família de minha irmã. Adoravam Tega. Todos adoravam Tega.

— Obrigada — murmurei.

— Desde aquela época em que cancelou o casamento... — Nunca havíamos conversado sobre aquilo e, a cada vez que mamãe ou papai tentavam, eu mudava de assunto —... ficamos preocupados com você. Com o que faria. E não entendemos por que se mudou para longe tão repentinamente, mas, agora, não estamos mais tão preocupados. Você tem alguém.

— Refere-se a Luke? — perguntei.

— Tegan. Você tem uma família agora. Isso me deixa muito feliz.

— Obrigada — murmurei outra vez, sem saber o que dizer. Meus pais nunca tinham deixado transparecer que se preocupavam com a minha solidão. Mesmo que tivessem desejado tocar no assunto, quando teriam tido a chance? Sabiam que eu não ficava ao telefone por tempo o bastante para que revelassem algo capaz de abalar as estruturas. Na verdade, naquele período desde que Tegan fora morar comigo, havia falado mais com eles do que fizera a vida inteira.

Tegan terminou de falar com a minha mãe e, então, falou com vovô Hector. Depois, perguntou se poderia ligar para a minha irmã, Sheridan, e seus filhos. Quando acabou de conversar com toda a nossa família, eu já havia preparado torradas e ovos mexidos para o nosso desjejum.

Adele estava deitada de costas, um braço sob a cabeça, o outro descansando por cima do abdome à mostra. Óculos escuros ocultavam seus olhos, a pele brilhando com filtro solar. Fazia beicinho para a câmera, os cabelos longos que se cacheavam ligeiramente em torno do rosto, a única coisa, em sua opinião, que a diferenciava de Marilyn Monroe.

— Imagine se ela tivesse sido minha mãe — comentara Adele quando vira aquela foto. Eu a tirara dela naquele verão em que fizera tanto calor que tudo o que conseguíamos fazer era ficar deitadas sobre toalhas no jardim dos meus pais, lendo revistas e bebendo água gelada, fingindo que não nos importávamos por não termos muito dinheiro para iniciar o ano letivo seguinte na faculdade. — Imagine se Marilyn Monroe tivesse sido minha mãe, como minha vida teria sido diferente.

Imaginamos e, então, ocorreu-nos ao mesmo tempo que Marilyn teria precisado fazer sexo com o pai de Adele para tanto, o que foi um pensamento repulsivo demais para levar adiante.

Tegan virou a página de um dos meus álbuns de fotos dos tempos da faculdade. Havia uma foto minha em que eu estava debruçada sobre a escrivaninha, a cabeça literalmente enfiada num livro, grossas trancas até a cintura escondendo meu rosto. Usava camisa branca bastante folgada e bermuda preta. Estivera estudando arduamente para os exames finais, e Adele me apanhara dormindo em serviço. Na mesma página, Adele e eu estávamos diante de um cenário das pirâmides do Egito ao pôr-do-sol, minhas trancas ocultas por um lenço vinho, uma camiseta branca e uma calça azul cobrindo meu corpo. Adele usava uma túnica justa e sem mangas por cima de calças leves brancas, os cabelos presos, e também estava de óculos escuros.

Na página oposta, estávamos na nossa formatura, as becas pretas e os sorrisos combinando. Ao fundo, meus pais pareciam pouco à vontade enquanto conversavam com o pai de Del e a esposa. Quando Tegan viu o avô e Muriel, virou a página rapidamente e, depois, as três páginas seguintes que exibiam fotos da nossa formatura. Passamos para outro álbum, fotografias posteriores de nós duas e de Nate. Eu guardara aquelas fotos, embora não as visse havia séculos. Havia uma de mim e de Nate sentados no apartamento que eu dividira com Del. Estávamos nos beijando, e ela tirara a foto. Havia outra de mim e de Adele dançando no meio da sala, tirada por Nate, ela se requebrando toda e jogando os cabelos longos para trás, rindo a valer; eu, numa pose bem mais comedida. Ali também estava eu, ao lado de Nate, exibindo meu anel de noivado de rubi. Havia uma foto de Adele, grávida de dois meses, apontando para a barriga; Nate ao fundo, assistindo tevê. Adele, com nove meses de gravidez. Tegan nos braços de Del, minutos depois de ter nascido — Del parecendo exausta como se tivesse corrido numa maratona. Eu segurando Tegan. Nate segurando Tegan, tendo sido ameaçado por mim com uma semana sem sexo se não o fizesse.

Tegan era aquela que passara por mudanças mais visíveis nas fotografias. Sinais de expressão surgiram nos rostos dos adultos, mas era ela quem evoluía, aparecendo deitada, sentada, engatinhando, andando, correndo, dançando. O tempo todo risonha. Feliz.

Olhamos todas as fotos, fizemos um "tudo em um" para o chá e, então, uma exausta Tegan pediu para ir para a cama às seis da tarde. Não precisou de um banho, de uma história, nem de um bate-papo. Apenas colocou o pijama, deitou-se sob as cobertas e fechou os olhos.

— Boa noite, Tigo — falei depois de apagar o abajur ao lado da cama.

— Quero a minha mamãe — ela sussurrou.

Eu decidira não ler ainda para Tegan o cartão que Adele lhe deixara para o dia de Natal, nem tampouco nenhuma das outras cartas que escrevera para a filha. Aquilo a teria confundido, fazendo-a pensar que haveria uma chance de Adele retornar. Talvez aquele dia tivesse lhe exercido tal efeito. Talvez tivesse sido demais para ela.

Um soluço baixo escapou de seus lábios.

— Quero a minha mamãe — repetiu, a voz mais baixa.

Não sabendo o que dizer, apenas corri a mão por seus cabelos. Eu fizera a coisa errada naquele dia? Arruinara tudo e acabara traumatizando Tegan?

— Quero a minha mamãe — ela sussurrou e acabou adormecendo.

Apagando todas as luzes exceto a do corredor, fui para a cama com um terrível peso na consciência. Eu magoara Tegan em vez de tê-la ajudado. Devia retomar o que estivera fazendo antes — evitar falar sobre Adele. A menina não ficava daquele jeito quando não falávamos sobre sua mãe. Deitei na cama, embora não fossem ainda nem sete horas.

Acordei quando senti que alguém me empurrava para o lado na cama e entreabri os olhos: Tegan. Ela subiu na cama, afastou as cobertas e deitou-se ao meu lado. Passei o braço em torno dela, o que a fez aninhar-se mais junto a mim. Numa questão de minutos, havia adormecido.

Ao menos, Tegan sabia que tinha a mim. Não era sua mamãe, mas eu estava ao seu lado.

***“Pode me chamar de Tiga,
se quiser”***

CAPÍTULO 40

Uma de minhas partes favoritas do dia era o momento que antecedia o horário em que Tegan se deitava, quando tomava seu banho.

Sempre conversávamos animadamente enquanto eu me sentava no chão ao lado da banheira, entregando-lhe esponja e sabonete e esperando para lhe aplicar xampu nos cabelos. Luke nunca lhe dera banho e nem se oferecera para fazê-lo. Acho que não queria que eu tivesse a impressão errada a seu respeito e do motivo para passar tanto tempo em nossa companhia. Mesmo que ele tivesse se oferecido, eu teria recusado, porque a hora do banho era a hora de Kamryn e Tegan, os mais valiosos vinte minutos do nosso dia.

Dois meses após o Dia de Adele, Tegan e eu entramos numa rotina. Estávamos acostumadas uma com a outra. Haviam se passado sete meses desde que ela morrera, e o Dia de Adele fixara em nossas mentes que Del não voltaria. Cartas lindamente escritas, o perfume dela em suas roupas, fotos engraçadas — todos esses itens adoráveis, lembranças valiosas daquela pessoa chamada Adele Brannon, mas não ela. Apenas fragmentos das impressões que ela deixara na Terra. Tegan e eu podíamos olhar para essas coisas quanto quiséssemos, mas ela não voltaria; tínhamos de seguir com a vida e uma com a outra.

A normalidade se estabelecera em nossas vidas. Luke passava mais tempo conosco a cada semana. Ganhara uma chave bem cedo, mas, agora, ele passava quase todos os dias da semana ali e, mesmo aos sábados e domingos, não ia para seu apartamento em Alwoodley. Nate também aparecia um pouco — apesar do trajeto um tanto longo de carro até o nosso apartamento, ficava apenas por uma meia hora, tomava uma xícara de chá e conversava animadamente com Tegan, ignorando um contrariado Luke a um canto. Luke perguntou-me algumas vezes se Nate assinaria os papéis, o que, na cabeça do meu namorado, significava que meu ex desapareceria. Eu sempre respondia que não fazia idéia. Não perguntara a Nate quais eram seus planos porque não queria pressioná-lo e, desde nosso confronto na rua, não conversamos sobre aquele tipo de coisa.

Tínhamos uma boa rotina em andamento, mesmo que meu coração de fato se acelerasse a cada vez que Nate entrava, mas eu sabia que aquilo cessaria com o passar do tempo, depois que tivesse me acostumado a revê-lo. Havia apenas uma mosca na nossa sopa. Ou, melhor, um enorme elefante sentado à mesa que todos os adultos fingiam não poder ver, especialmente desde que triplicara de tamanho a cada vez que Nate aparecia.

Tegan pegou um pouco da espuma branca da superfície da banheira e colocou-a na minha mão estendida. Baixei a cabeça para soprar as bolhas de sabão em sua direção quando ela decidiu apontar para o elefante, perguntando:

— Luke é o meu papai?

Lutei para manter a voz inalterada, embora o pânico me percorresse. Durante todo aquele tempo, ainda não decidira o que lhe dizer. A verdade? Revelar Nate como o doador de esperma que lhe dera a vida? Ou mentir e dizer que eu não o conhecia? Aquilo não deixara de ser verdade até poucos meses antes. Não conhecera o Nate que

havia dormido com Adele. Ele explicara tudo, então. Agora, eu o conhecia e sabia sobre seus motivos.

— Por que está me perguntando isso?

— Regina Matheson disse que todo mundo tem uma mãe e um pai. E eu falei que tinha apenas mamãe Ryn e uma mamãe que estava no céu. E ela insistiu que eu tinha um pai também, que talvez fosse Luke. E eu respondi que não, porque ele é meu amigo. Mas, então, Regina disse que ele poderia ser. E ele é?

Vou esganar essa tal Regina Matheson, se um dia a conhecer. Ou, como será mais provável, ter uma conversa séria com os pais dela. A peste tem sido uma pedra no meu sapato, tocando em assuntos nos quais não quero pensar, quanto mais conversar com Tegan.

— Luke não é o seu pai.

— Mas eu tenho um, não tenho? Minha professora, a srta. Lewis, disse que todo mundo tem pai.

— Sim, claro, você tem um pai, Tiga. — Senti a boca seca, o coração descompassado.

Tegan parou de brincar com as bolhas de sabão e de sacudir os pés na água. Ficou quase imóvel em seguida, a espuma se desintegrando. O tremor na minha voz a alertara de que havia algo errado, e ela perguntou, cautelosa:

— Qual é o nome dele? — Havia um ar expectante agora em suas faces coradas pelo banho quente.

Respirei fundo e soltei um suspiro que fez meu corpo inteiro tremer. Mordi o lábio inferior.

— Nate — respondi depressa.

Tegan passou as pequenas mãos pelo rosto com ar surpreso.

— O sr. Nate? — perguntou, piscando duas vezes.

— Sim, o senhor... Quero dizer, Nate é o seu pai.

— Não Luke? Luke não é o meu papai? Sacudi a cabeça.

— Não, docinho.

— Jura? — Ela estava desapontada.

— Juro.

— Tenho de ir morar na casa do sr. Nate? — perguntou Tegan após um silêncio carregado de tensão.

— Deus, *não!* — exclamei. — Você vai ficar comigo para sempre, Tiga. Jamais se esqueça disso. Sempre seremos eu e você.

— E Luke.

— Hã, sim. — Não fui tão convincente quanto gostaria.

— Você vai se casar com Luke?

— Não sei. Não pensei sobre isso.

— Se você se casasse com Luke, ele seria o meu pai? Seria o papai Luke? —

Tegan não escondeu a felicidade diante da perspectiva.

— Acho que sim.

— Vai se casar com o sr. Nate?

— Não. — Daquilo eu tinha certeza. Nate e eu não nos casaríamos. Nem reataríamos. Não era nem mesmo uma possibilidade, não importa quanto meu coração batesse mais forte quando o via. Ou que sentisse um arrepio me percorrendo quando nossos olhos se encontravam por acaso. Estava tudo acabado entre mim e Nate, definitivamente.

— Por que não?

— Porque Luke é o meu namorado.

— Mas você colocou aquele vestido bonito.

— Eu sei.

— Por que o sr. Nate é o meu papai?

Eu tinha mesmo de conversar sobre aquele assunto da cegonha? Ela não devia ter o direito a mais alguns anos de inocência? E eu de ser poupada? Era para aquilo que pagava meus impostos, para que outra pessoa passasse pelo constrangimento de explicar os aspectos físicos do sexo. Eu nem sequer sabia como a cegonha acabara indo parar naquela história toda da reprodução.

Tegan piscou os cílios molhados, enquanto olhava para mim à espera de uma resposta.

— Bem... — comecei. Eu teria de apelar para a única outra coisa que fazia naquelas situações. — Você se incomoda com o fato de Nate ser seu pai? — Usar táticas evasivas.

Tegan torceu os lábios com ar pensativo e olhou para a água do banho. Deu de ombros.

— Não sei. O sr. Nate é engraçado. — Após uma pausa, sacudiu a cabeça. — Luke não gosta dele.

— Ele disse isso? — perguntei, ansiosa para repreendê-lo por ele ter atraído Tegan para algo em que não estava envolvida.

— Não. Eu percebi que ele fala de um jeito esquisito com o sr. Nate. — Tegan baixou o queixo até o pescoço e engrossou a voz: — "Nate, você aqui outra vez. Que bom". — A voz dela voltou ao normal. — É o que Luke diz ao sr. Nate, o tempo todo. Não é muito educado, é?

— Os homens são bobos, às vezes.

— O sr. Nate olha para você. Às vezes, sorri para você. Mas você não percebe, nem nada. Ele gosta mais de você do que de mim.

— Nate gosta de nós duas.

— Você gosta mais do sr. Nate ou de Luke?

Ora, se eu soubesse a resposta para aquela pergunta, estaria dormindo bem melhor à noite. Não seria tomada por aquela culpa constante em querer os dois. Luke por estar ali agora, por não ter conhecido Adele e, portanto, não ser uma lembrança constante dela. Nate por me lembrar da pessoa que eu havia sido. A Kamryn que, às vezes, fora simpática e rira com frequência. Sempre soubera que Nate me amara; Luke ainda tinha de provar que me amava de verdade, porque continuávamos pisando em ovos na questão dos "eu te amo", nenhum dos dois disposto a se colocar completamente na berlinda primeiro. Mas, por outro lado, ao contrário de Nate, Luke nunca me traía... Martelando em minha mente ficava ali aquela dúvida interminável sobre qual dos dois eu preferia. Qual deveria escolher para ficar.

— Gosto dos dois — respondi a Tegan. Segurando-lhe o queixo, ergui-lhe o rosto, virando-o para a esquerda e para a direita com gentileza. — Mas gosto mais de Tegan.

Ela abriu um sorriso. Tinha traços tão lindos, aquele pequenino nariz ar-rebitado, os grandes olhos azuis e a boca bem desenhada que a tornava a imagem de Adele quando sorria. Ela recuou a cabeça e reuniu algumas bolhas, soprando-as na minha direção, salpicando meu suéter vermelho com espuma.

— Mamãe Ryn, pensarei sobre isso — declarou, séria como um juiz anunciando uma sentença.

— Está certo — concordei. Se não fosse Tegan falando, eu teria zombado da gravidade de seu tom, de seu jeito precoce. Mas não ri porque ela estava apenas me

lembrando de que era uma criança perspicaz e precisava examinar aquela nova informação adequadamente.

— Não sei se quero que o sr. Nate seja o meu pai — explicou ela. — Vou pensar sobre isso.

Fiz um gesto de assentimento. E teria de pensar sobre como contar a Tegan que, gostando ou não, querendo ou não, Nate *era* o pai dela. Era um fato que nenhum de nós podia mudar.

CAPÍTULO 41

Nate debruçava-se sobre uma caneca branca no Café Horsforth, em Town Street, a cabeça apoiada numa mão, os olhos fixos no vazio. Ao telefonar para marcar aquele encontro, sugerira que nos víssemos na área central de Leeds, mas ele havia dito que não se importaria em dirigir até o "meu pedaço". Quando entrei e o encontrei sentado com sua caneca, como seja estivesse ali durante horas, lembrei do nosso primeiro encontro.

Aproximei-me da mesa, e ele ergueu a cabeça. Meu estômago se contraiu em puro horror. Nate parecia um zumbi, uma versão apagada de si mesmo. As olheiras pronunciadas eram evidência de que não estava dormindo, o rosto mais magro e um tanto ossudo era sinal de que provavelmente não estava se alimentando e, por seu aspecto, não se dera ao trabalho de fazer a barba por vários dias. Tinha as unhas roídas, e os movimentos lentos, letárgicos, demonstravam que o simples ato de sentar era um esforço.

Ele não estava cuidando de si mesmo e tal constatação foi dolorosa. Eu o tinha em grande estima. Era o pai de Tegan, afinal. Eu estava me acostumando ao fato. Começando a aceitar que o que acontecera, acontecera. Eu não podia mudar nada. Não tinha certeza de que mudaria se pudesse. Como Adele dissera em sua carta, Tegan não existiria se Nate não a tivesse gerado. Mas eu também gostava dele pelo simples fato de ser Nate.

— Não estou atrasada, não é mesmo?

— Não, fiquei apenas entusiasmado para ver você, embora tenha soado muito séria ao telefone. Assim, cheguei aqui mais cedo.

Sentei, logo notando que, mais de perto, a devastação era mais pronunciada, estava mais arraigada nele. Não era algo que tivesse acontecido da noite para o dia; estivera evoluindo havia algum tempo; apenas agora tornara-se visível.

— Você está bem? — perguntei.

Nate confirmou com um aceno de cabeça, mas o gesto pareceu mais de indiferença.

— Estou ótimo, doçura. E, então, qual foi a razão para aquele tom tão sério ao telefone?

Hesitei, querendo perguntar-lhe mais sobre seu estado de saúde, em vez de iniciar aquela conversa. Nas condições em que estava, aquela era a última coisa que precisaria ouvir, mas eu tinha de resolver o assunto. Nate era importante, mas Tegan vinha em primeiro lugar. Tudo o que eu fizesse teria de ser em benefício dela.

— Nate... — Umedeci os lábios, temendo quanto aquilo poderia magoá-lo. — Tem sido bom ter você por perto, vê-lo, mas quero que assine a papelada para que eu possa dar andamento ao pedido de adoção de Tegan.

Nate oscilou na cadeira, olhando para a mesa com total desolação.

— Sei que gosta dela, mas não o suficiente para ser seu pai em tempo integral. E Tegan precisa da estabilidade que o fato de eu adotá-la lhe dará. Fará seis anos dentro de poucas semanas e, ao longo do ano passado, perdeu a mãe, mudou de cidade, soube como é ter um pai, descobriu quem é seu pai de verdade e isso tudo além das coisas que tem de lidar no dia-a-dia... Só quero dar a Tegan o tipo de estabilidade que a faça ter a certeza de que eu não a abandonarei. Você entende, não é?

Nate meneou a cabeça cansada e olhou para o fundo da caneca, como se pudesse encontrar algum conforto ali.

— Então, vai assinar os papéis?

Outro aceno de cabeça que denotava cansaço, resignação.

— Ainda poderei ir vê-la? — ele perguntou, hesitante.

— Claro que sim. Você tem de ficar por perto, faz parte da vida dela agora. Tegan ficaria traumatizada se você desaparecesse. Quero dizer, ela ainda está estranhando o fato de você ser o pai dela. É por isso que o olha com um ar um pouco resguardado, mas vive falando a seu respeito. Ela gosta de você, sr. Nate. Muito. E não a culpo.

— Não — resmungou ele, sacudindo a cabeça. — Por favor, não seja boa comigo. Isso só me faz lembrar de como arruinei tudo.

— Nunca pensei que veria o dia em que me pediria para não ser boa com você. Quem diria?

— Ryn, acredita mesmo que eu teria ficado ao seu lado se você tivesse sido tão ruim quanto parece achar que era?

Dei de ombros. Quem poderia saber como a mente dos homens funcionava?

— Você era maravilhosa para mim. Estava sempre cuidando de mim... certificando-se de que eu comesse direito, lavando minhas roupas, indo a cada um dos eventos sociais do meu trabalho, embora odiasse essas coisas. Lembro-me das inúmeras vezes em que ficava acordada até que eu chegasse do trabalho, quando cumpria o turno até mais tarde. Estava sempre me encorajando tanto que eu acreditava que tinha capacidade para fazer qualquer coisa quando estava a seu lado. Às vezes, eu me perguntava por que você não queria filhos se era tão boa cuidando dos outros, não apenas de mim, mas de Adele também... — Nate fechou os olhos, afundando as mãos nos cabelos. — Mesmo quando você quis outro alguém não foi má para mim. Apenas

parou de se relacionar comigo da mesma maneira. Foi como eu soube. Todos os dias eram apenas vazios.

— Por favor, não vamos... O que você acaba de descrever é um relacionamento perfeito, e o nosso não era. Eu acabei empurrando você até a cama de outra pessoa. Eu o fiz...

Bum! Nate bateu com a mão na mesa, sobressaltando-me.

— Pare com isso! — ordenou. — Pare de ser tão dura consigo mesma. Era o que me enlouquecia no seu jeito. Era tão rígida, exigente consigo. Sempre se culpando por coisas que não dependiam do seu controle, achando que tudo que acontecia de ruim era por sua causa. Você não me levou a fazer nada. *Eu* trai você. Não foi culpa sua. — Ele respirou fundo para se acalmar, abrandando o tom de voz: — Não foi culpa sua. Eu fiz aquilo, arruinei tudo. Não apenas com você, com Adele também.

— Bem, vou me encontrar com Tegan e Luke no parque — falei, esforçando-me para adquirir um tom jovial enquanto mudava de assunto. Não ia falar sobre o passado agora. Não podia. Se continuasse pensando naquelas coisas, começaria a desmorar outra vez. Antes do Natal, estivera à beira de um colapso nervoso; chorar nos braços de Nate fora parte daquilo. Felizmente, conseguira fechar a comporta das minhas emoções outra vez, antes que tivessem me dominado por completo, antes que os profundos tentáculos de dor no meu coração tivessem chance de me esmagar. Não correria o risco de me abrir para toda aquela dor novamente ao conversar com Nate a respeito. — Assim, é melhor eu ir.

— Está certo — respondeu Nate. — Quer uma carona?

— Claro.

Deixamos o café, caminhando sob um céu plúmbeo, carregado de nuvens de chuva, em direção ao estacionamento do Morrisons, onde Nate deixara seu carro. Aquele talvez não fosse o melhor momento para uma ida ao parque, mas Luke e Tegan tinham se convencido de que teriam pelo menos uma hora para andar por lá antes que o céu desabasse. Quando nos aproximávamos do Audi prateado, Nate diminuiu o passo e, então, virou-se para mim.

— Eu... — começou, mas, de repente, deteve-se. Puxou-me para seus braços, estreitando-me junto a si. Afagou lentamente as minhas costas. — Alguma vez pensa em nós dois juntos? — murmurou ao meu ouvido.

Eu não apenas pensava a respeito, fantasiava, tinha esperança de que acontecesse, queria que sim... Nate roçou os lábios pelo meu pescoço, passando o braço em torno da minha cintura. A pressão de seus lábios aumentou na minha pele, mais beijos naquele ponto tão sensível. Nate sabia que eu não conseguia resistir a beijos no pescoço. Meus joelhos amoleceram, e ele moldou mais o meu corpo no calor do seu. A razão me deixou e, de repente, eu entrava numa máquina do tempo de emoções. Voltava ao tempo em que havíamos nos abraçado e beijado em estações de trens, na rua, às vezes, até em filas de supermercado, sem nos importarmos com o que os outros pensassem. Beijando-nos e trocando afagos como se tivéssemos acabado de nos conhecer. Rindo quando as pessoas gritavam "Arranjem um quarto!". Nate levou a outra mão aos meus cabelos enquanto intensificava os beijos no meu pescoço. — Não vou deixar nenhuma marca — murmurou, e a realidade e o presente voltaram à minha mente com súbito impacto.

— Pare, pare — falei, afastando-o até vê-lo dar um passo atrás, criando uma distância segura entre nós. Nossos olhares se encontraram, enquanto recobrávamos o fôlego. — Não mais — avisei, ofegante. — Isso não pode acontecer. Nunca mais.

— Sei que isso não pode acontecer. — Nate fechou os olhos, contraindo o rosto e, então, esfregou-o com as mãos. — Eu sei. Está tudo dando errado... Tudo... Fui

obrigado a tirar duas semanas de folga do trabalho porque estava me sentindo perdido, desorientado. Não conseguia mais me concentrar.

Condoí-me por ele. Nate sempre foi profissional. Não importa o que estivesse acontecendo em sua vida, nada o impedia de trabalhar. Assim, para ter chegado ao ponto de pedir duas semanas... Não havia me dado conta de quanto estava frágil.

— Nem sei o que estou fazendo durante a maior parte do tempo — prosseguiu, desolado. — Em vez de dormir, fico acordado na cama à noite, pensando em nós. — Tornou a esfregar o rosto pálido com força. — Querendo que fiquemos juntos outra vez... Sei que você está com ele. E essa é a pior parte. Gosto dele. Ele me odeia, eu sei, mas gosto do quanto é devotado a Tegan... — Nate agachou-se, as mãos ainda cobrindo os olhos. — Lembra da nossa primeira grande briga? Você saiu enfurecida para ir passar a noite na casa de Adele. Lembra? Fui atrás de você, mas ela nem quis me ouvir. Foi logo dizendo: "Se vocês dois romperem, nenhum ficará com a minha guarda... Irei morar com os pais de Kam." Você se lembra? — Murmurei que sim, eu me lembrava. — Não me parece certo que você esteja de volta em minha vida e ela não esteja mais aqui.

Nate estava sofrendo. Eu nem mesmo havia pensado sobre como a morte de Adele o afetara. Se tivesse refletido um pouco a respeito, teria sabido que não haveria meio de que ele já tivesse superado a dor porque também ficara profundamente abalado. Del havia sido como um membro da família dele e morrera. Era evidente que ele estaria sofrendo. Eu ainda me culpava pelo que acontecera antes da morte dela, e nós tínhamos dado os primeiros passos hesitantes rumo às pazes antes de sua partida. Quanto a Nate, as últimas palavras que lhe dissera haviam sido que a odiava. Que jamais a perdoaria. A conversa inteira fora repleta de amargura, raiva e recriminações. A culpa por aquilo devia ter estado consumindo-o, corroendo-o de dentro para fora.

Como eu deixara passar algo tão importante? Em especial, quando ele estivera tentando me dizer que sofria. Dissera-me na noite em que tínhamos nos encontrado para jantar; na ocasião em que se oferecera para pagar as despesas de Tegan; quando eu lhe perguntara por que estava se esforçando para se aproximar de Tegan; na noite do nosso confronto na rua. Nate estivera pedindo minha ajuda, deprimido, implorando-me que visse sua dor, e eu não lhe dera ouvidos. Eu, que devia conhecê-lo tão bem, não enxergara que ele estava se acabando. Meu querido Nate estava se acabando.

— Tegan é tão parecida com Adele. Olho para ela e vejo Adele, olhando de volta para mim. Mas ela tem o seu jeito também. Diz coisas como você. E tem suas manias. Já percebeu, ela fica enrolando uma mecha de cabelo perto da orelha quando está cansada, como você faz... Notou isso?

Para ser sincera, não. Mas aquilo não era importante no momento. Nate era. Agachei-me a seu lado, passando o braço em torno de seus ombros.

— Por que não me contou que estava se sentindo assim tão mal? Ele deu de ombros.

— Não sei. — Usou a mesma entonação monótona de Tegan quando estava triste.

— Venha. Vamos até o parque, para nos divertirmos um pouco e distrairmos a cabeça de tudo isso.

— Certo — sussurrou ele.

— O que ele está fazendo aqui? — indagou Luke num sussurro zangado. Seus olhos haviam dobrado de tamanho quando eu chegara ao parque com Nate e, tão logo ajudara Tegan a descer do balanço, afastara-se e me fuzilara com o olhar, até que eu fui

até ele, deixando Nate e Tegan juntos. Ele sentara no balanço vermelho que a menina desocupara, olhando para o chão.

— Nate não está nada bem — expliquei. — Parece à beira de uma crise nervosa.

— Este deveria ter sido o nosso tempo juntos — disse Luke por entre dentes. — Não acredito que o tenha trazido.

— Ele está sofrendo! Não está conseguindo lidar muito bem com a morte de Adele. — Diante das palavras, a expressão carrancuda de Luke abrandou-se ligeiramente. — Até hoje, não havia me dado conta da dimensão da dor que está enfrentando... não está comendo, nem dormindo. Deram-lhe uma licença no trabalho. Está realmente arrasado. Fiquei preocupada demais.

Luke soltou um suspiro, parecendo tocado pela dor de Nate. Estreitou-me, então, em seus braços.

— Eu tenho a você para me apoiar — resmunguei encostando em seu peito. — Nate não tem ninguém. Assim, tenho de ajudá-lo. Já foi um dos meus melhores amigos no passado. Não posso lhe dar as costas.

— Eu sei — disse Luke. — Não gosto disso, mas entendo bem a situação. — Beijou minha cabeça e, então, meus lábios. Quando retornamos aos balanços, paramos abruptamente ao vermos Tegan olhando para Nate com uma expressão curiosa, como se estivesse observando uma atração no zoológico. Sempre considerara os adultos peculiares objetos de estudo, por serem tão diferentes dela. As crianças, em geral, sentiam-se intrigadas por outras crianças; Tegan estudava gente grande, tentando descobrir seus segredos através da observação de seu comportamento.

Enfim, estendeu o braço e deu um tapinha no joelho de Nate, até atrair-lhe a atenção.

— Qual é o problema, sr. Nate? — perguntou num tom manso. — Está doente?

Nate sorriu-lhe e sacudiu a cabeça.

— Não, estou apenas cansado.

— Ah. Quer dormir na minha cama? É muito bonita.

— Obrigado, mas tenho uma cama em casa.

Tegan estudou-o mais um pouco e mordeu o lábio inferior. Franziu, então, a testa, demonstrando que estava bastante pensativa, compenetrada.

— Pode ficar na minha casa, sr. Nate — declarou finalmente. — Pode usar o pijama de Luke e dormir na minha cama. Eu dormirei na cama da mamãe Ryn. Ela não ficará zangada. Nunca fica.

Nate tornou a lhe sorrir.

— Obrigado, Tegan, mas acho melhor eu dormir na minha casa.

O tempo fechou, algumas gotas de chuva começaram a nos atingir, o que me deu um pretexto para interromper. Aquele momento, por mais doce que fosse, estava provavelmente oprimindo o coração de Luke, porque Tegan estava se comunicando com Nate da mesma maneira que fazia com ele. E fazendo com que Nate se sentisse culpado por ela ser como Adele.

— Bem, acho melhor irmos para casa, pessoal. Está começando a chover — falei.

— Está certo — respondeu Tegan, revirando os olhos teatralmente para Nate. — Irá até a minha casa para o jantar, sr. Nate? — perguntou-lhe. Nate olhou para Luke, que estava parado ao meu lado. Ele deu de ombros e desviou os olhos, aquilo chegando o mais próximo de um convite que conseguiu.

— Está bem, Tegan, eu irei. Ela sorriu amplamente.

— Vamos, então. — Ela lhe estendeu a mão, e Nate a pegou, levantando do banco. — Pode me chamar de Tiga, se quiser — informou-o, acenando com a cabeça

para enfatizar o que dizia. — Não de Ti. Luke me chama de Ti. Mas você pode me chamar de Tiga.

— Está certo, Tiga, obrigado.

Ela abriu-lhe mais um sorriso e, então, seguiu pelo caminho de pedra, levando-o pela mão. Dei a mão a Luke, nossos dedos se entrelaçaram, enquanto os seguíamos na direção de casa.

As coisas poderiam acabar se resolvendo entre nós quatro, pensei no caminho. Sim, poderiam, de fato. Se eu não ficasse tocando meu pescoço, correndo os dedos por onde Nate deixara seus beijos. Se não tivesse a nítida impressão de que estava me deixando envolver por ele outra vez.

CAPÍTULO 42

Luke acostumou-se a ver Nate algumas vezes por semana. "Acostumar-se" talvez fosse forçar um pouco a situação. Ele simplesmente limitou seu comentário sarcástico do tipo que Tegan havia imitado, "Nate, você aqui outra vez, que bom" a uma vez por semana, porque Nate começou a passar bastante tempo no nosso apartamento. Ele aparecia pelo menos quatro vezes por semana, quase sempre a pedido de Tegan. Ela não o elevara ao *status* de Luke, mas ele se tornara como os patos do parque que sempre queria alimentar — concluía que, sem sua intervenção, ele morreria de fome. Quase dia sim, dia não, tínhamos de ligar para o sr. Nate e perguntar se iria até lá para o jantar. Se Nate não pudesse ir, Tegan insistia em saber o que ele comeria. Às vezes, telefonava-lhe para saber o que ele fizera no trabalho naquele dia e se arranjava novos amigos. Quando Nate chegava, ela me perguntava se eu deixaria que ele a levasse à loja para comprar doces. Luke não ficava esquecido naquilo tudo. Sempre que Tegan voltava de um breve passeio com Nate, ia direto até Luke, sentava em seu colo, contava-lhe os detalhes do que haviam feito e, então, perguntava-lhe se poderia levá-la à loja na vez seguinte. Nunca se esquecia de deixar claro a ele que, embora Nate fosse divertido, Luke era o número um.

Como resultado do tempo que passava conosco — da constatação de que não era odiado por mim, nem por Tegan —, Nate voltou lentamente ao normal. Tão normal quanto pôde. Passou para a etapa em que ainda é doloroso, mas a pessoa já consegue

reagir. Começou a dormir, alimentar-se adequadamente, adquirir um aspecto melhor, e nós até passamos a conversar sobre Adele.

— Lembra daquela noite em que Adele foi até a minha casa e me ameaçou? — perguntou Nate certa vez, quando nós quatro estávamos no parque.

Sorri diante das recordações.

— Ela disse que me mataria se eu magoasse você. "Trate-a bem, ou mato você, entendeu?", falou.

— Foi engraçada.

— Não, ela estava falando sério. Lembro-me de que, quando conheci você, logo me dei conta de que Adele era parte de nossa vida. E, então, quando ela teve Tegan, vocês três formaram um pacote. — Quando lhe lancei um olhar, ele acrescentou depressa: — Não estou me queixando. Era bom, na verdade, ter uma família pronta. Eu só estava à espera do dia em que você dissesse: "Por que não compramos uma casa para que elas possam morar com a gente?" — Abri um sorriso porque a idéia passara pela minha cabeça. — Viu, eu sabia! — exclamou Nate.

— Sei que você acabou ficando com raiva no final, mas ela adorava você, Nate — admiti.

— Mas só como amigo. Percebe isso agora, não é? Eu representava apenas o mesmo que seus irmãos eram para ela.

— Ela dormiu com os meus irmãos também? — perguntei. Nate arregalou os olhos, horrorizado.

— O quê? Não! Não falei uma coisa dessas... Ah, você está brincando. Muito engraçado.

— Del teria achado.

— Sim, é verdade.

O fato de que eu conseguia falar sobre Adele sem desabar também significava que estava melhorando. Estava aprendendo a lidar com o que acontecera. Era um lento progresso, mas estava caminhando. Tive de me obrigar a isso. Desde o dia do colapso nervoso de Nate havia ficado extremamente abalada. A constatação de que estava me deixando envolver por ele outra vez me apavorava. Significava que eu não estava dando a devida atenção a Luke. Se não tomasse cuidado, correria o risco de afastar Luke de mim como fizera brevemente com Nate anos antes. Começara a dizer "eu te amo" diariamente a Luke, porque era verdade. Era o homem com quem eu estava, aquele que escolhera para estar e provaria aquilo a nós dois. Encontrei uma maneira perfeita para fazê-lo.

— Isto, sim, é agirmos como namorados de verdade — comentou Luke. Havíamos escapulado do trabalho separadamente para nos encontrar para o almoço perto do rio. Havíamos nos afastado da draga principal, para não sermos vistos por ninguém da Angeles, e sentado num banco sob uma árvore frondosa para comer sanduíches. Embora a maioria das pessoas suspeitasse que estávamos juntos — e Betsy só estava à espera do dia em que teria permissão para fofocar a respeito com as garotas da loja —, gostávamos de manter nosso relacionamento em privacidade. De separar nossa vida profissional da amorosa. Não teríamos conseguido trabalhar eficientemente se estivéssemos com a preocupação constante de que todos estariam atentos para ver como reagiríamos um ao outro na hora de vetar uma idéia, de apontar um erro.

— É como se estivéssemos num encontro romântico — acrescentou Luke.

— Eu sei — disse-lhe com um sorriso. Eu o convidara para aquele almoço íntimo por conversar com ele, fazer algo que provasse sem sombra de dúvida que era a seu lado que desejava estar.

Meu chefe olhou ao redor para checar se não havia ninguém da Angeles mesmo por perto e me beijou.

— Devemos fazer isto com mais frequência — falou, abraçando-me pelos ombros. — Não passamos tempo o suficiente juntos, como sabe. Apenas eu e você. Acha que seus pais viriam e ficariam com Tegan durante um final de semana para nós dois podermos sair à noite?

— Provavelmente. Ou Nate poderia tomar conta dela.

— Sim — resmungou Luke e desviou o olhar. — Ele poderia até assinar aqueles papéis.

Quando se tratava daquele assunto, meu namorado era como uma pessoa agarrando-se à beirada de um precipício — não importa quanto ficasse cansado, ele não soltava, porque achava que aquilo o mataria.

— Você realmente se incomoda com a presença dele? — perguntei num tom sério.

— Sabe, Ryn, não é fácil ter o seu ex praticamente morando com a gente. Ti é a imagem dele. Olho para ela e vejo o rosto de Nate. E como se isso não fosse ruim o bastante, sei que ele passou anos comendo você. — Luke falou "comendo" propositadamente, com ar pejorativo.

Estava tentando diminuir o que Nate e eu havíamos tido, fazendo com que soasse como algo sórdido e desprovido de emoção — era a única maneira de poder suportar o fato de ser obrigado a ver regularmente o homem com quem eu quase me casara.

— Não consigo fugir dele. Mostre-me qualquer outro paspalho que tenha de passar tempo com o ex da namorada. Se estivesse no meu lugar, você agüentaria essa situação?

— Entendo que não é fácil, mas ele está bem melhor agora, e você deve ter notado que começou a aparecer menos como resultado disso, não?

— Espero que ele tenha uma recuperação rápida, para que possa desaparecer por completo.

— Não seja um idiota. Sabe que você é uma boa pessoa. E se não se lembra de como é bondoso, não lhe contarei por que o convidei para almoçar.

Os olhos dele faiscaram, mas, então, a curiosidade fez diminuir o calor da raiva.

— Sim, notei que ele anda aparecendo menos.

— Está certo, sr. Wiseman, eu estava me perguntando se gostaria de se mudar para o nosso apartamento. Sei que já vive com a gente, de qualquer modo, mas que tal se fizermos disso algo oficial? Assim, poderá deixar seu apartamento e, se estiver disposto, poderíamos começar a economizar juntos e comprar um lugar maior. Talvez até uma casa. Com um jardim para Tegan.

A resposta de Luke foi desviar o olhar e recolher-se ao silêncio. Um momento de indecisão, de incerteza, que prometia assombrar nossa relação durante anos a fio. Eu estragara tudo, percebi, enquanto o silêncio se prolongava, e o temor percorria minhas veias, ameaçando me paralisar. Eu estragara tudo com a minha proposta.

— É um grande passo — comentou Luke finalmente. — Terei de pensar a respeito.

Isso é tudo?, pensei. *Depois de ter-lhe feito uma pergunta tão importante, depois de todos os meus esforços recentes, é tudo o que recebo?* Era a clássica situação "Eu te amo"/"É bom saber" se repetindo; outra bofetada na cara quando eu lhe abria meu coração.

— Está certo — murmurei. Quantas vezes deixaria Luke fazer aquilo até aceitar que não deveria lhe desnudar minha alma? Que talvez ele achasse que nosso relacionamento não seria duradouro.

— Não foi um "não" — acrescentou ele. — Acontece apenas que, bem, é um grande passo.

— Você já disse.

— Ryn, há uma porção de coisas a considerar.

— Eu sei.

— Realmente vejo meu futuro com você e Ti.

— Então, qual é o problema?

— Estamos juntos há menos de um ano.

— Mas quando sabemos de algo, *sabemos* e pronto — deixei escapar. Falei mesmo aquilo? Eu? Adele teria dito aquele tipo de coisa, não eu.

Eu mudara tanto assim desde a morte dela? Tornara-me uma romântica inveterada, convencida da existência do romance predestinado? Não, compreendi. Continuava tão pouco romântica quanto sempre fora. O que eu dissera podia significar apenas uma coisa: eu estava implorando. Estremeci. Luke estava me fazendo implorar por sua afeição.

— Eu realmente sei — assegurou ele — Apenas preciso...

— Está tudo bem — interrompi-o. — Não tem de me dar uma resposta logo. Leve quanto tempo quiser.

— Tem certeza?

— Claro.

Pelo que eu podia ver, aquilo significava apenas uma coisa: Luke não estava apaixonado por mim. Adorava Tegan, seria capaz de morrer por ela, não havia dúvida. Portanto, o problema era eu, não era? Ele não me amava. Não haveria meio de ter reagido daquela maneira se me amasse. E embora eu tivesse tido minhas incertezas quando Nate reaparecera — e as tivera mais ainda desde o dia no estacionamento —, aquilo não mudava o fato de que Luke era a pessoa com quem escolhera ficar. Amava-o o bastante para lhe pedir que desse aquele grande passo comigo. Depois da dor que enfrentara com Nate, não pensara que algum dia correria tal risco nas mãos de um homem novamente. Não esperava conhecer alguém que se tornaria uma parte tão importante da minha vida que eu desejaria fazer aquilo outra vez. Simplesmente parecia que Luke não se sentia da mesma maneira. Quando nos beijamos pela primeira vez, suspeitei que ele dormiria comigo, mas não iria querer mais nada. E a impressão era de que, freqüentemente, ele mudava para aquele tipo de atitude: num minuto contava-me sobre sua infância, no minuto seguinte parecia menosprezar como eu me sentia; num minuto roia-se de ciúme por causa do meu ex, no seguinte, não queria dar um passo adiante no nosso relacionamento. Eu nunca sabia como estavam realmente as coisas entre mim e Luke. Era tão transparente em sua afeição por Tegan, mas eu nunca sabia o que sentia de fato por mim. Essa incerteza me apavorava. Investira sentimentos demais nele, e a nossa relação nem sequer era promissora.

— Você está quieta demais.

— Estou apenas pensando.

Luke soltou um suspiro, foi jogar o sanduíche inacabado numa lata de lixo e pousou as mãos nos meus ombros quando me levantei. Fitou-me com um olhar penetrante, uma expressão indecifrável passando por seu rosto por um momento, anuviando-lhe os olhos.

— Você não iria querer que eu concordasse com uma coisa sobre a qual não estivesse certo apenas por ser aquilo que gostaria de ouvir, não é?

— É claro que não. Mas tenho o direito de me sentir desapontada e magoada pelo fato de você não ter saltado de alegria diante da idéia de tornar as coisas entre nós permanentes — aponte.

— Eu... — ele começou e, então, parou. A expressão estranha surgiu em seu rosto outra vez. Não consegui decifrá-la. Não entendi o que se passava na mente dele, mas não era traduzido em palavras. — Ryn, serei franco. Estive pensando em pedir você em casamento. A cada vez que passo diante de uma joalheria, entro para olhar as alianças, mas, então... Estamos juntos há menos de um ano. Não podemos nos casar depois de menos de um ano. Não é o tipo de coisa que faço, não sou assim tão impulsivo. Desse modo, você me propondo isso tão repentinamente... Preciso pensar a respeito. O fato de comprarmos uma casa juntos seria meio caminho andado, mas não sei se quero fazer as coisas pela metade. O que me leva de volta a nos casarmos de fato... O que seria impulsivo. Entende por que preciso pensar a respeito? Não é que eu não ame você, que não veja meu futuro a seu lado. Apenas tenho de decidir o que é melhor. Já fiz isto antes, lembra? E obviamente não deu certo.

— Sim, eu me lembro de que já fez isso antes. E eu também fiz. Quase subi ao altar e, portanto, acho que seria de se esperar que você ao menos considerasse a possibilidade de conversar comigo sobre casamento se andou pensando a respeito.

— Você não conversou comigo sobre comprarmos uma casa.

— O que acha que acabei de fazer há pouco? Não estive procurando casas, nem planejando onde deveríamos morar. Mencionei o assunto a fim de podermos conversar. Você se dá conta do que um casamento significaria em relação à adoção de Tegan? O sobrenome de quem ela passaria a usar? Como a situação pareceria aos assistentes sociais e ao juiz que decidem essas coisas? Faria com que eu parecesse impulsiva e volúvel, quando preciso passar a imagem de que sou ponderada, estável e adequada para criar uma criança órfã. Se você tivesse mencionado casamento antes, eu poderia ter-lhe dito que essas eram as coisas sobre as quais precisaríamos pensar. Comprar uma casa juntos seria algo para o futuro; como falei, nós economizaríamos primeiro. E, sejamos francos, se você se mudasse para o meu apartamento, as coisas não seriam muito diferentes do que são agora. A diferença é que você estaria conosco o tempo todo e isso é o que Tegan e eu queremos. E o fato de você estar lá noventa por cento do tempo sugere que é o que quer também.

— Se eu a tivesse pedido em casamento, você teria dito que não? Confirmei com um aceno de cabeça.

— Pensei que, a esta altura, você já soubesse que sou uma pessoa que precisa conversar sobre essas coisas. É o meu futuro também, e o fato de você estar pronto para o casamento não significa que eu estaria. Em especial, quando tenho uma criança a levar em conta.

— Entendo o que quer dizer... Não estamos tendo muito êxito no planejamento de um futuro em conjunto, não é?

— Acho que não.

— Mas quero que tenhamos um futuro — declarou ele, o semblante sério. — Quero que fiquemos juntos para... para o resto de nossas vidas. E pensarei cuidadosamente sobre me mudar para o seu apartamento, está bem?

— Sim.

Luke abriu um sorriso e me beijou em cheio na boca sem verificar se havia algum funcionário da Angeles nas imediações primeiro. Enquanto ele me abraçava e beijava com volúpia, uma pequena e traiçoeira inquietação começou em minha mente. Cresceu a uma velocidade alarmante até se tornar um pensamento completo que

encobriu tudo mais: aquela conversa toda teria transcorrido de maneira totalmente diferente se eu a tivesse mantido com Nate.

— E descobrimos que a resposta que tivemos aos cupons de desconto cresceu em cinco por cento na última edição da *Viva Angeles* — dizia Betsy aos membros das equipes de propaganda, *merchandising* e marketing que participavam de nossa reunião semanal. — Investigaremos por que esse é o caso, embora Kamryn ache que é porque usamos fotos de pessoas em vez das habituais ilustrações para persuadir as pessoas a utilizarem-nos, o que, em consequência, aumentou nossas vendas.

Ela é admirável, pensei, ouvindo-a. E *esta radiante*. Tudo porque estava perdidamente apaixonada pelo homem que conhecera na época em que eu e Luke nos odiávamos. Betsy estivera certa: era o homem de sua vida.

Lancei um olhar ao meu bloco de papel, que, em vez de anotações, estava coberto de desenhos de casas. Casas sobre as quais "o homem da minha vida" dissera-me, umas duas horas antes, precisar "pensar cuidadosamente" antes de se mudar para morar comigo e Tegan. Eu ainda estava magoada. Betsy parou de falar e, pelo fato de que eu não seria chamada agora a participar, deixei de prestar atenção. A assistente de Luke, Carla, começou a verificação da agenda, onde listava todas as reuniões que os três departamentos teriam no mês seguinte para garantir que não haveria conflito de horários.

— E acabo de receber a confirmação de que a reunião sobre a campanha de marketing direto de Edimburgo será realizada no dia catorze, Luke. Posso confirmar a sua presença? — perguntou Carla.

Parei abruptamente de rabiscar o papel. *Dia catorze? Espere um minuto!* Lancei um olhar a Luke, que empalidecera quando olhara para a assistente. Correu os olhos pela sala de reuniões até encontrar os meus e, então, desviou-os, parecendo absorto em pensamentos. Eu não soube no que ele estava pensando. No que havia a levar em conta. Era óbvio que ele não poderia ir. Óbvio.

— Luke? — perguntou Carla quando o silêncio se prolongou demais e todos os olhares da sala pousaram sobre ele. — Posso confirmar a sua presença e fazer a reserva do hotel?

— Hã... — Luke tornou a desviar os olhos para a assistente, fixando-os em mim por um segundo primeiro. — Desculpe, Carla. Sim. Por favor, confirme a minha presença.

Segurei a caneta de plástico com tanta força que quase a quebrei, tamanha a ira que me consumia.

— Se não há mais nada na pauta, então, vamos encerrar aqui — anunciou Luke. — Obrigado a todos. — Os membros das equipes recolheram blocos, canetas, xícaras de chá e café, copos de água e deixaram a sala de reuniões. Permaneci na minha cadeira, possessa. Luke também se manteve na sua até que a última pessoa saiu e fechou a porta.

— Não posso acreditar que você viajará no dia catorze — declarei, a voz calma e controlada, um tremendo contraste com a maneira como queria berrar com ele.

— Não era para ser — respondeu ele, tentando me apaziguar. — Tive esperança de que a reunião fosse cancelada. Estivemos tentando conciliar datas durante semanas até agora e esperei que essa não acabasse sendo a única de maio em que todos estaríamos disponíveis.

— Mas você não está disponível. É o aniversário de Tegan. Sabe disso há meses. Estamos planejando a festa dela há meses. Você não está disponível.

— Ryn, você se lembra de como era ter uma carreira, dos esforços extras que temos de fazer. Não posso dizer que tenho a festa de aniversário de uma criança e que, por isso, não irei à reunião.

Se me lembrava de como era ter uma carreira? Eu ainda tinha uma carreira, ainda estava no comando das revistas, e elas eram incrivelmente boas, modéstia à parte. Os esforços extras que tinham de ser feitos? Eu estava sempre contribuindo com esforços extras. As únicas outras pessoas que trabalhavam tantas horas extras quanto eu sem a glória, o reconhecimento e a chance de uma promoção eram as outras mães que tinham de fazê-lo para sobreviver naquela selva chamada mercado de trabalho. Ah, como eu adoraria trabalhar todas aquelas horas durante o dia, parar para fazer outro tipo de trabalho e, então, retomar tudo de novo algumas horas mais tarde porque ganharia uma promoção ao final. Ou mesmo reconhecimento. Ninguém comentava muito sobre o fato de as revistas serem um sucesso, mas, com certeza, teria havido problemas se meu trabalho tivesse falhado. A diretoria teria notado a qualidade do meu trabalho nesse caso.

Entre todas as coisas que Luke disse, porém, o que mais me enfureceu foi "a festa de aniversário de uma criança".

— Uma criança? — retruquei, cáustica. — Desde quando Tegan passou a ser apenas "uma criança"?

— Não soube me expressar.

— Jura? Bem, pois eu vou saber me expressar direitinho agora. Estou retirando o convite que lhe fiz para morar conosco.

— O quê?

— Você chamou Tiga de "uma criança". Não podemos morar com uma pessoa que é capaz de colocar o trabalho na frente da menina à qual vem tratando como se fosse sua filha há bastante tempo e, então, relega-a a um segundo plano, chamando-a de "uma criança". Ela considera você como se fosse seu pai. Apesar de saber que Nate é pai dela, é você que ela gostaria que fosse. E você a encara como "uma criança".

— Não falei nesse sentido.

— Não se incomode.

— Verei se posso mudar a data.

— Não precisamos dos seus favores, sr. Wiseman. Lembro-me vagamente do que era ter uma *carreira* e de que o cancelamento de reuniões importantes é visto como falta de profissionalismo. Não iria querer que você fosse obrigado a passar a impressão de que não é dedicado, engajado, aos seus colegas, tendo de zelar pela sua *carreira* e tudo mais.

Luke lançou-me um olhar fulminante, não querendo admitir que estava errado naquilo.

— Certo! — exclamou, zangado, atirando a caneta sobre a comprida mesa de reuniões.

— Certo — repeti, apertando os lábios.

Levantando-me, peguei meu bloco, a caneta e a caneca de chá frio. Tinha o coração disparado e as pernas trêmulas quando me adiantei até a porta.

— Vejo você hoje à noite.

— Não no meu apartamento — retruquei sem me virar. — Por que não volta para o apartamento que se mostrou tão desesperado para manter na hora do almoço e planeja mais algumas reuniões?

A resposta dele foi um profundo suspiro.

Marchei pelo corredor, as têmporas latejando. Estava com tanta raiva de mim mesma quanto de Luke. Porque entendia por que ele optara por ir à reunião. Houvera

um tempo em que nada teria me impedido de trabalhar. Ele sempre fora extremamente ambicioso. E, por mais que amasse Tegan, não era a filha dele, sua responsabilidade, e, portanto, tinha o direito de colocar a carreira na frente dela, de nós duas, porque, no grande esquema das coisas, ele só tinha de cuidar do número um, seu trabalho. Era tudo verdade, mas não queria dizer que eu tinha de gostar daquilo.

CAPÍTULO 43

Para Tegan, completar seis anos significava que se tornaria oficialmente adulta; ao menos, era o que vivia dizendo às pessoas.

— Vou poder fazer uma porção de coisas quando tiver seis anos — lembrava-me ela diariamente durante a etapa de preparativos para a festa.

Eu não conseguia pensar em nada que não pudesse fazer com cinco anos que pudesse fazer aos seis, mas minha resposta era sempre "Eu sei", a fim de não acabar com seu entusiasmo. No início do dia do aniversário dela, Luke não estava conosco. Tinha ido direto do próprio apartamento para o trabalho, de onde partiria para a reunião na Escócia, cuja data eu lhe havia dito, indignada, que não mudasse por nossa causa. A tensão que havíamos enfrentado antes do Natal não foi nada em comparação às três semanas anteriores. Brigamos silenciosamente por causa da viagem à Escócia desde aquela discussão na sala de reuniões. Três semanas sem companheirismo e cumplicidade, com ele voltando a seu apartamento em Alwoodley depois que Tegan ia se deitar. Sem mencionar que tínhamos feito amor apenas três vezes no decorrer daquele período todo, porque eu havia descoberto que não éramos o Plano A na vida de Luke.

— Quando chegar ao fim de sua vida, tenho certeza de que você se sentirá grato pelo fato de que, no dia em que Tegan fez seis anos, você estava fora numa reunião — falei-lhe na véspera da partida dele para a Escócia.

— Por favor... já me sinto péssimo o bastante pela maneira como as coisas estão, Ryn. Não pensei bem e não há nada que eu possa fazer agora. Sinto muito.

— Diga isso à sua garotinha. Oh, quero dizer, minha garotinha. A "criança". Luke recuou um pouco e desviou o olhar. Franzindo o cenho, cerrou os

dentes, o rosto contraído como se talvez fosse chorar, e eu soube que tinha ido longe demais. Eu o havia magoado realmente.

— Desculpe. — Peguei-lhe a mão, beijando-a. — Foi uma coisa horrível de se dizer. Sei que você não pensa assim. Vamos dar uma trégua, está bem?

— Tem o direito de estar zangada. Não agi certo. Considero Tegan como se fosse minha filha. Sabe disso, não é?

— É claro que sei.

Nós nos beijamos e fizemos as pazes. Tegan recebeu a notícia melhor do que eu.

— Mas você vai voltar no dia seguinte ao meu aniversário? — foi tudo o que perguntou.

— Claro, sairei de lá logo cedo.

— Está certo. — Ela deu de ombros com ar de contentamento. — Vou ter balões coloridos, sabe?

Havíamos alugado o salão comunitário no final da rua para a festa e tínhamos um castelo inflável vermelho e amarelo nos fundos para as crianças pularem. Tínhamos convidado trinta crianças, a maioria da classe de Tegan na escola e algumas de seu grupo de recreação das férias.

Eu tivera ajuda considerável da sra. Kaye na organização da festa e, o que Luke teria feito, Nate resolveu. Ele me levou ao supermercado na véspera, onde gastamos quase duzentas libras em comida para a festa: enroladinhos de salsicha, mini-salsichas, mini-pizzas, hambúrgueres, pacotes de salgadinhos, bolos, refrigerantes e o maior saco de pãezinhos que eu já vira na vida. Como concessão ao que era saudável, comprei morangos, pêras e maçãs para fazer uma salada de frutas. Nate, então, ficou durante boa parte da noite ajudando em alguns dos preparativos. A geladeira ficou lotada de comida, e ele disse que chegaria cedo para me ajudar a fazer os sanduíches.

Eu estava acordada desde as cinco da manhã cortando pão para os sanduíches e cuidando de mais alguns detalhes quando Tegan correu até a cozinha, às sete horas, segurando Meg e gritando:

— É o dia da minha festa!

— Eu sei! — exclamei, erguendo-a nos braços. Ela parecia real agora. Um ser humano completo, não a carcaça de uma garotinha apavorada demais até para falar quando eu a tirara de Guildford. Seus olhos azuis me fitaram com imensa ternura, e eu lhe abri um sorriso feliz.

— Tegan, quer seu presente agora ou prefere esperar até a hora da festa?

— Agora!

Carreguei-a até o sofá, onde a sentei ao meu lado. Peguei o pacote que escondera ali perto na noite anterior depois que ela fora dormir. Era um bonito embrulho com papel dourado e um laço vermelho. Cuidadosamente, Tegan deixou Meg de lado e pegou o pacote, observando-o com fascínio.

— E mesmo para mim?

— Leia o pequeno cartão que está aí pendurado e descubra.

— "Para minha querida Tiga. Feliz aniversário de seis anos. Com amor, mamãe Ryn" — ela leu, compenetrada. — É para mim! — Soltou um riso, então, e abraçou o pacote como se fosse uma boneca.

— Abra-o — falei num tom persuasivo.

— Oh, sim — ela riu. Examinou o pacote, olhando para algum trecho onde pudesse abri-lo sem rasgar o papel. Como não o encontrou, mordeu o lábio inferior e olhou para mim.

— Quer que eu a ajude?

— Sim.

Descobri o ponto onde fechara o espesso papel dourado com fita adesiva e a soltei com cuidado, a fim de não estressar minha garotinha super organizada.

— Pronto.

Radiante, Tegan abriu o pacote e ficou boquiaberta, os olhos arregalados.

— Uau! — exclamou, afastando as folhas de papel de seda que revelaram um vestido branco com poás vermelhos. Tinha saia ampla, mangas longas e uma fita vermelha na cintura. — É um vestido! — exclamou. — É lindo.

— Achei que gostaria de usá-lo na sua festa.

— Posso mesmo?

— Sim, claro. Se bem que acho que deve ver o presente de Luke também.

Do canto próximo ao sofá, peguei o pacote que Luke embrulhara e deixara na noite anterior. Para economizar tempo, desprendi a fita adesiva e entreguei-o a ela. Tegan desembulhou-o, encontrando uma caixa de sapatos. Abrindo-a, encontrou sapatos brancos com poás vermelhos.

— São como o meu vestido! — exclamou.

— Então, poderá usá-los hoje.

— Obrigada! — Ela me abraçou com entusiasmo pelo pescoço. — Adorei tudo, mamãe Ryn.

— Há mais um presente para você abrir agora. — Peguei outro pacote, menor do que os outros, do canto do sofá e repeti o procedimento para abri-lo.

— "Para Tiga, com amor, de Nate." — Ela riu em puro contentamento. — O sr. Nate me comprou um presente! — Abriu-o, expectante, e, então, examinou o conteúdo com ar confuso. Ele lhe comprara uma pequena bolsa de seda que combinava com o vestido e os sapatos.

— É uma bolsa, para que você possa carregar suas coisinhas nela hoje.

— É linda — concluiu Tiga.

— Sim, e você ficará linda segurando-a.

— Eu gostaria que a mamãe pudesse me ver. — Ela enrugou o narizinho e meneou a cabeça para mim. Mas, em vez de estar triste, parecia bem. Como se tivesse se resignado ao fato de que a mãe não estaria em sua festa, aceitado a realidade da situação.

— Eu também gostaria. Mas tenho uma coisa para você da sua mamãe. Tegan arregalou ainda mais os olhos.

— Ela mandou lá do céu? — exclamou.

— Não, docinho, ela a entregou a mim antes de ir para o céu.

Sabia que Tiga já estava pronta para aquilo; parecia tão mais ajustada do que quando chegara em Leeds, mas eu ainda hesitara, perguntando-me se não seria melhor abrir o envelope e ler seu conteúdo primeiro. Quisera apenas me certificar de que não seria nada desconcertante e, então, compreendera que Adele jamais deixaria algo que fosse capaz de magoar sua filha. E, de qualquer modo, o envelope branco não era para mim; era para Tegan. Tirando-o do bolso do roupão, entreguei-o a ela. Tegan pegou o envelope e, mordendo o lábio inferior, observou-o longamente antes de pedir minha orientação.

— Devo abri-lo?

— Se você quiser, docinho.

Cuidadosamente, Tegan abriu o envelope e pegou o cartão que continha. Na frente, havia uma princesa loira com uma coroa rosa e um grande número seis no vestido rosa. "Feliz Aniversário de Seis Anos" eram os dizeres na parte da frente do cartão. Ela o abriu.

*Minha adorada Tegan,
Feliz aniversário.*

Sinto muito por não poder estar aí com você hoje, mas sempre a amarei. Nunca se esqueça disso, está bem? A mamãe ama você. Tenho certeza de que terá um aniversário incrível hoje. Dance uma vez por mim. Espero que esteja sendo boa para Kamryn. Com amor, mamãe.

Um sorriso iluminava o rosto de Tegan quando se virou para mim.

— Mamãe me ama — declarou. — Ela disse isso. No meu cartão de aniversário.

— Eu sei.

O sorriso dela ampliou-se.

— Você é Kamryn, não é, mamãe Ryn?

— Sim, sou.

— Estou sendo boa para você?

— Está sendo mais do que boa para mim, está sendo perfeita.

— Então, a mamãe ficará contente. — Novamente, o tipo de lógica que eu nunca esperara de uma criança de seis anos.

Inclinando-me, peguei-a no colo. Tinha uma freqüente necessidade de abraçar mais e mais Tegan nos últimos tempos. Ela estava cuidando de suas coisas, assistindo tevê, desenhando ou lendo e, de repente, via-se envolvida por um dos meus abraços. Inesperados, espontâneos. Eu não podia me conter. Apenas precisava lembrar a mim mesma de que ela existia, que era tangível. Nossos papéis tinham sido invertidos ao longo das semanas anteriores. Depois que Adele morrera, Tegan sempre precisara da minha presença por perto, a fim de que eu pudesse lhe transmitir meu apoio com um gesto ou olhar. Agora, eu precisava saber que ela sempre estaria ali. Precisava da confirmação de que ela era real e de que não faria o que Adele fizera me deixando. Havia um tempo limitado também, antes que ela começasse a se desvencilhar dos meus braços, já se considerando crescida demais para ser abraçada por mim. Por enquanto, aceitava meus abraços sem questionamento ou resistência.

— Certo, docinho — falei, soltando-a —, temos uma porção de coisas a fazer antes da sua festa. Venha para o seu banho e, então, poderá tomar o café-da-manhã antes que o sr. Nate, quero dizer Nate, chegue para fazer sanduíches. Assim está bom para você?

Ela assentiu e, ainda segurando o cartão, apanhou Meg. Tegan acabaria carregando o cartão consigo o dia inteiro. Ela só o esqueceria bem mais tarde naquele dia.

CAPÍTULO 44

Tegan ficou radiante com seu bolo de princesa. Passara a maior parte do dia sorrindo e não dava sinais de que aquele sorriso se apagaria. Ele se alargava a cada presente, cada palavra carinhosa, cada brincadeira. Mas o maior sorriso dela na festa foi reservado para o bolo. A luz das seis velas refletiu-se em seus olhos azuis quando coloquei diante dela o grande bolo quadrado de chocolate com cobertura cor-de-rosa e a figura de uma princesa em cima. Todos se reuniram em volta e cantaram *Parabéns a você*. Ela parou por um momento para fazer um pedido e, então, inclinou-se para apagar as velas. Em seguida, abriu sua montanha de presentes. Meus pais haviam lhe comprado uma câmera digital, os filhos da minha irmã tinham-lhe enviado a coleção completa dos livros de Roald Dahl. Os dois filhos do meu irmão mais novo haviam lhe mandado, cada um, um DVD da Disney, e os filhos do meu irmão mais velho tinham-lhe comprado um quimono de caratê. Teríamos uma festa de família em Londres dali a duas semanas, quando a família do meu irmão mais velho viria do Japão e, portanto, nenhum dos primos de Tegan viera ao aniversário. Os presentes das outras crianças variavam de DVDs a livros, de bonecas a jogos e quebra-cabeças.

Depois do bolo, a maioria das crianças correu de volta para saltar no castelo inflável e brincar nos balanços do lado de fora. Tegan foi com elas, enquanto eu levava o bolo à copa do salão a fim de cortá-lo para as sacolas de lembrancinhas. A festa transcorria bem. Ao longo das duas horas anteriores, apenas umas duas crianças haviam chorado, a comida que fora deixada permanecia nos pratos descartáveis em vez de estar emplastrada no assoalho do salão ou na grama bem aparada do lado de fora. E ninguém se machucara. Era uma festa perfeita, na minha opinião. As duas mães que haviam ficado para a festa seguiram as crianças até a área externa, apenas eu tendo ficado na copa, enquanto Nate, o quarto adulto, estava sentado no salão, conversando com um menino que não se reunira aos demais.

Nate se mostrara indispensável. Ficara a postos perto do castelo inflável quando havíamos chegado, supervisionando enquanto era montado e, então, certificando-se de que nenhuma criança subisse nele com calçados. Quando uma das outras mães ficou em seu lugar, ele percorreu as áreas externa e interna, recolhendo lixo e jogando nas grandes lixeiras pretas. Voltou ao apartamento algumas vezes para buscar coisas que eu havia esquecido, como a câmera e alguns dos presentes de aniversário de Tegan. Correu, então, de volta solidariamente para buscar as velas para o bolo. Ninguém que tenha visto quanto ele foi prestativo teria adivinhado que não gostava de estar cercado de crianças, que não as entendia e não sabia como interagir com elas.

Na copa, fiz uma pausa enquanto cortava o bolo e, por meio do vão na parede acima da bancada de servir, observei Nate. Usava uma camiseta azul com decote em V e calça de brim verde-escura, cortara o cabelo recentemente e estava bonito. Parecia mais saudável, mais forte, irresistível. Não tive momentos românticos nem nostálgicos com ele, não pensava mais "amado" quando o olhava, mas sentia... Reprimi tal pensamento antes que tivesse chance de se formar parcialmente. Não seria bom para ninguém começar a pensar dessa maneira.

O garoto magro com quem Nate conversava ouvia avidamente o que quer que ele estivesse lhe dizendo. Nate gesticulava e sorria muito, e o rosto tímido do menino foi se animando gradualmente, enquanto se deixava absorver pelo que ouvia. Perguntei-me o que Nate estaria lhe dizendo. Se estaria lhe contando alguma história de aventura que o garoto guardaria até se tornar adulto. Se sabia que o que estava dizendo naquele dia poderia, potencial e permanentemente, influenciar a vida do menino. Se...

Nate ergueu os olhos de repente, fazendo-me ficar imóvel no lugar quando nossos olhares se encontraram. Não fui rápida o bastante, não pude desviar os olhos e fingir que não o estivera estudando. Continuei olhando. Nate abriu um sorriso, os olhos brilhando — em resposta, uma traçoieira corrente de excitação percorreu-me. Tentei reprimi-la também e retribuí o sorriso.

— Sra. Brannon — disse uma voz de menina ao meu lado. Quando vi quem falara, contive a vontade de revirar os olhos.

— Já lhe disse antes, Regina, não sou a sra. Brannon. Pode me chamar de Ryn ou mãe de Tegan, não de sra. Brannon.

Aquela criança, Regina Matheson, com seu cabelo castanho de corte redondo e sardas no nariz empinado era tudo que esperei que fosse: mandona, malcriada e arrogante. Não fiquei surpresa que os pais a tivessem largado na festa, saindo rapidamente para a liberdade da tarde, sabendo que estariam sem ela por pelo menos três horas. Regina enrugou o nariz sardento enquanto ponderava o que eu havia lhe dito sobre o meu nome. Enfim, deu de ombros.

— Há uma porção de comida gordurosa nesta festa — declarou. Franzi o cenho teatralmente na direção dela.

— Tem razão, Regina. Eu não havia pensado nisso. Ela suspirou com ar malicioso.

— Minha mãe diz que excesso de comida gordurosa faz mal à nossa saúde.

— Diz, é? Bem, tenho certeza de que apenas esta vez não fará diferença.

— Oh, com certeza, não — declarou a menina com mais um suspiro. Partindo de Tegan, um comentário daqueles teria soado inocente, cândido, mas de Regina... Eu não queria completar aquela linha de pensamento.

— Há algumas frutas, porém, Regina. Morangos ou uma salada de frutas. Por que não come um morango?

— Pode ser.

— Por que não volta para a festa? Deve haver uma porção de gente querendo conversar com você.

— Está bem, sra. Brannon — disse Regina e afastou-se rapidamente para ir importunar outro alguém.

Continuei a cortar o bolo de chocolate para as sacolas de lembrancinhas e estava terminando no momento em que Nate entrou na copa. Parou tão próximo a mim que senti o calor de seu corpo antes de me virar.

— Posso ajudá-la em alguma coisa? — perguntou.

Ergui os olhos e descobri que estávamos quase cara a cara porque ele inclinara a cabeça até a minha altura. Os olhos azuis fitaram diretamente os meus, deixando-me com a respiração em suspenso por alguns momentos.

— Está vendo aquelas sacolinhas? — falei.

Ele meneou a cabeça, sem olhar para as sacolas caras de lembrancinhas de papel celofane vermelho que se enfileiravam na grande mesa diante de nós. Eu já havia colocado dentro delas um brinquedo com um apito barulhento (pelo qual todos os pais me odiariam), um saquinho de doces, uma mensagem de agradecimento que ajudara Tegan a escrever e um canudo enfeitado para bebidas. Agora, só faltava o bolo.

— Hã... ajudaria muito se... se colocasse um desses pedaços de bolo em cada... sacolinha. Mas é preciso embrulhar o... o bolo em guardanapos primeiro. Hã, sim, em... guardanapos. — Eu quase não estava conseguindo raciocinar e falar direito. Ele estava me causando aquele efeito.

Nate observou meus lábios por um longo momento e, então, tornou a fitar meus olhos. O que pensava estava claro na expressão de seu rosto. Inclinou-se um pouco mais. Ia me beijar, percebi. Na festa de aniversário da nossa filha, ia ultrapassar o limite e me beijar. Eu corresponderia ao beijo? Iria abraçá-lo pelo pescoço e beijá-lo de volta? Ou o afastaria e o lembraria do meu namorado? Nate aproximou-se ainda mais, entreabrindo os lábios.

— Está bem — sussurrou. De repente, afastou-se, privando-me de seu desejo. Fizera aquilo de propósito, eu sabia. Quisera me atrair e, então, persuadir-me a dar o passo seguinte recuando. Era um jogo que já fizera algumas vezes após uma briga, quando precisava que eu provasse que o desejava tanto quanto ele a mim.

Nate pegou metade do bolo cortado sobre uma tábua ampla e levou-o até o lado oposto da mesa. Lavou as mãos antes de começar a embrulhar os pedaços de bolo de chocolate nos guardanapos brancos.

— Isto é estranho — declarou num tom normal de voz, como se não tivesse tentado me seduzir. — Eu, você, crianças... e nenhum de nós enlouquecendo.

— Elas começaram a me conquistar — respondi no mesmo tom tranquilo. Não o deixaria perceber quanto seu jogo me afetara.

— A mim também.

— Eu vi. Você e aquele menino pareciam estar se entendendo bem.

— Ele me fez lembrar de mim mesmo quando tinha aquela idade: tímido, com pavor das outras crianças... especialmente das meninas.

— É bom ver você descontraído novamente. Parece bem melhor.

— E estou. Graças a você, Tegan e Luke. As últimas semanas realmente ajudaram... Não estou mais tão... Você sabe, em relação a Adele. Mas me sinto culpado.

— Por quê?

— Eu é que devia estar olhando por você. Perdeu sua melhor amiga e tudo o que fiz foi desmoronar diante de você.

— Ajudamos um ao outro. E sabe bem que eu faria quase qualquer coisa por você, amigo.

— Acha que as coisas teriam sido assim se tivéssemos decidido ter filhos?

— Não. Se tivéssemos tido filhos teriam sido umas verdadeiras pestes e nós dois teríamos sido condenados à prisão só por trazê-los ao mundo.

— Eles teriam sido lindos — protestou Nate. — Olhos grandes, cabelos pretos brilhantes, pele morena, sorriso largo...

— Está sentimental? — perguntei. Nate obviamente pensara no assunto. — Não há do que se envergonhar se estiver.

Ele pensou por um momento.

— Não. — Estremeceu. — Não, nem um pouco. É apenas algo que passa pela minha cabeça hoje em dia. Eu não iria querer ter um filho realmente. Quero dizer, não mais.

— Nem eu. Amo Tegan, não conseguiria viver sem ela, mas não quero fazer isso outra vez.

— E quanto a Luke? — Nate fez uma pausa enquanto embrulhava mais um pedaço de bolo e me observou daquele seu jeito desconcertante. — Ele concorda com isso? Tive a impressão de que é do tipo que quer ter uma porção de filhos.

— Talvez queira — falei. Era evidente que ele queria. Aquele era o nosso impasse. Não havíamos conversado sobre o assunto diretamente, mas eu sabia que Luke queria ser pai. Ele, por sua vez, sabia que eu havia encerrado por ali mesmo aquela história de ser mãe quando ficara com Tegan. Era uma questão fundamental que nunca abordamos porque, uma vez que iniciássemos uma conversa dessas, onde nos levaria? Ambos tínhamos idéias formadas a respeito e nenhum de nós mudaria. Já fora difícil e complicado o bastante tentar concordar em viver numa mesma casa. Uma conversa sobre mais filhos terminaria com... Ela terminaria. Tudo.

— Você o ama, Kam?

Ergui os olhos. Havia tanto tempo que ninguém me chamava de Kam que, na verdade, até esquecera que já fora chamada assim no passado. Balancei a cabeça.

— Sim, amo.

— Mais do que ama a mim?

— Meus sentimentos por você são passado, Nate.

— Está mentindo para mim e para si mesma.

— Luke e eu vamos nos casar. Conversamos a respeito algumas semanas atrás.

Nate deu de ombros, imperturbável, despreocupado.

— Não me importo. Você ainda está mentindo para mim e para si mesma.

— Você não sabe do que está falando.

— Não estou dizendo que você não o ama. Acho que está dividida: você quer a nós dois. Não é muito boa em esconder seus sentimentos e, portanto, Luke também sabe disso. Fico surpreso que ele não tenha dito algo. Ou disse? É por isso que a pediu em casamento, porque desconfia que você não tem certeza quanto aos seus próprios sentimentos?

Voltei a embrulhar os pedaços de bolo cuidadosamente com os guardanapos, ignorando o que ele dizia.

— Eu te amo, Kam.

Minhas mãos começaram a tremer enquanto colocava um pedaço de bolo no guardanapo à minha frente. Odiava aquilo em Nate, sua liberdade com emoções — as minhas e as deles. Sua habilidade de simplesmente dizer o que sentia sem pensar na maneira como poderia me afetar.

— Não vou pressioná-la. Apenas quero que saiba disso. E quero que seja sincera consigo mesma.

Olhei fixamente para a superfície da mesa. O que eu sentia era assunto meu. Se estava mentindo para mim mesma era assunto meu também. Eu não tinha de admitir nada. E o que havia para admitir? Que me sentia atraída por Nate? Bem, obviamente, ele era bonito, sexy. Que quando Luke me irritava era com Nate que eu queria estar? Todas as mulheres faziam isso — antes de Nate ter entrado de volta em minha vida, eu costumava ter fantasias românticas com Jamie Foxx ou Keanu Reeves. Não era justo que Nate me acusasse daquilo. Especialmente porque eu sabia que Luke pensava o mesmo. Os dois presumiam que sabiam o que eu sentia e, quando eu os corrigia, nunca aceitavam realmente o que eu dizia. Busquei uma maneira de dizer a Nate que estava errado. De deixá-lo saber que, sim, eu me sentia atraída por ele, mas era a Luke que amava.

— Sra. Brannon — começou Regina Matheson de repente, puxando minha saia.

Eu a ignorei. E decidi continuar ignorando-a até que ela acertasse o nome.

— Sra. Brannon. — Ela puxou com mais força.

Continuei colocando pedaços de bolo nas sacolinhas sem tomar conhecimento de sua existência.

— Sra. Brannon — repetiu Regina.

— O que é? — retruquei, finalmente virando-me para encará-la. Estava prestes a dizer "E eu não sou 'sra.' nada", quando notei a ansiedade no rosto dela.

— Tegan está ficando azul — contou a menina.

— O que... — Atirei de lado o bolo e corri da pequena copa, atravessando o salão rumo às portas que davam para a saída dos fundos. Eu corria, mas sentia como se não estivesse me movendo. Era como se tudo estivesse em câmera lenta. Quando era mais jovem, costumava ter um sonho recorrente em que corria do perigo e minhas pernas se movimentavam depressa, meus braços me impulsionavam ao longo do corpo e ouvia minha respiração acelerada em meus ouvidos, mas, ainda assim, eu me movia lentamente. Correndo com água até os joelhos. Foi como me senti quando corri na direção do castelo inflável. Eu corria, mas não parecia ser rápido o bastante. Ao lado dele, todas as crianças, silenciosas e sérias, mantinham-se num círculo, olhando fixamente para um ponto no chão. Quando me aproximei, vi que, no centro do círculo, havia uma mãe agachada ao lado de Tegan, chamando-a.

— Tegan, consegue me ouvir?

Tegan estava deitada de costas no chão. Imóvel. Imóvel e perfeita. O bonito vestido branco com poás vermelhos não tinha um vinco sequer, as pernas esticadas debaixo das saias fartas com os pés adornados pelos sapatos brancos com poás combinando. Os cabelos em marias-chiquinhas com fitas vermelhas estavam em perfeita simetria em cada lado da cabeça. Tinha os olhos fechados e os lábios ligeiramente entreabertos, mas estava, de fato, ficando azul. Mais e mais azul a cada segundo. E tão inerte. Adele. A lembrança da última vez em que a vi impregnou-se feito um espectro na minha mente. Adele estava imóvel daquele jeito na última vez em que a vira. Imóvel, fria, morta.

Empurrei para o lado a mulher ao lado de Tegan enquanto me ajoelhava. Encostei o ouvido no peito dela, ouvindo. *Tum*. Suave, fraco, mas a confirmação de que o coração dela ainda batia. Mas ela não estava respirando.

— Nate! Chame uma ambulância! — berrei.

— Já está a caminho — ele respondeu de algum lugar perto de mim.

— Ela se engasgou? — perguntei ao grupo reunido de crianças, enquanto movia gentilmente a cabeça de Tegan para trás e lhe abria a boca.

— Ela colocou um morango na boca — respondeu Regina, apontando. Olhei rápido para o lado e ali estava um morango, perfeito, intocado. Ela

não mordera um pedaço da fruta, não se engasgara. Aquilo significava que era alérgica. Quando uma pessoa tinha uma reação alérgica precisava de anti-histamínicos e adrenalina para fazer o coração continuar batendo. Eu sabia daquilo. Eu tinha de manter o coração dela batendo e fazê-la respirar.

Soprei ar pela boca de Tegan e, então, fiz-lhe pressão no peito cuidadosamente. Não queria quebrar-lhe as costelas. Contar até cinco, pressionar cinco vezes gentilmente. Depois, de volta à sua boca; soprar. Nate ajoelhou-se ao meu lado, indicando que começaria a fazer pressão no peito dela, mas sacudi-lhe a cabeça numa negativa. Eu tinha de fazer aquilo. Eu tinha o ritmo em andamento. Tinha de trazê-la de volta à vida. Voltei ao peito dela. Conte até cinco. De volta à boca. Sem movimento e ela não estava respirando. De volta à boca, soprar. De volta ao peito. Após a pressão final, encostei a cabeça no peito dela. *Jum*. Novamente, suave e fraco. O coração ainda estava batendo. De volta à boca, de volta ao peito.

O som de choro e vozes de crianças, perguntando o que estava acontecendo, penetrou em meus pensamentos. Então, ouvi enquanto eram reunidas e afastadas dali. Soprei ar pela boca de Tegan outra vez, não ousando notar quanto seus lábios estavam frios. Como o tom azulado da pele estava se acentuando mais a cada segundo. Eu tinha

de prosseguir. Continuar tentando trazê-la de volta. Ouvi a voz de Nate; falava com alguém.

Soprei ar na boca de Tegan outra vez e, então, os braços fortes de Nate envolveram meu peito e me afastaram dela. Quase lutei contra ele, quase gritei que não iria parar, quando dois paramédicos de verde ocuparam meu lugar. O primeiro paramédico, um homem nervoso, beirando os cinquenta, colocou uma máscara de oxigênio no rosto de Tegan, cobrindo-lhe a bela imagem com o feio plástico. A outra, uma mulher robusta na casa dos trinta, mediu um líquido claro numa seringa.

— Não a machuque! — gritei. — Ela é tão pequena, não a machuque!

Nate aumentou a pressão de seus braços em torno de mim, segurou-me para me impedir de interferir. Abraçou-me com força, sussurrando algo no meu ouvido. Eu sabia que eram palavras destinadas a me acalmar e confortar, mas não assimilei nada. Eu estava com o olhar fixo na agulha e contrai o rosto quando a mulher injetou o conteúdo da seringa na coxa de Tegan. Não aconteceu nada. Ela não se sentou abruptamente, lutando para respirar. Não se moveu um milímetro sequer para sabermos que estava bem. Nem mesmo estremeceu quando a paramédica lhe injetou o líquido. Permaneceu estendida no chão, inerte. Como se estivesse horrorizado com a falta de reação de Tegan, Nate afrouxou os braços em torno de mim e suas palavras de alento cessaram. Meus joelhos dobraram e desabei no chão.

Acabou, percebi, enquanto os paramédicos trocavam olhares preocupados. Ela se foi.

CAPÍTULO 45

Andei às cegas pelos corredores do hospital, sem me dar conta de nada, não sentindo nada. Eu estava entorpecida. Física e mentalmente entorpecida. Parei e descansei em uma parede, tentando me recompor, até que senti os braços de Nate me envolvendo e puxando em direção a seu corpo. Permiti que ele me abraçasse e segurasse contra seu peito, que me confortasse. Sem perceber, eu estivera gemendo baixinho enquanto andara pelos corredores.

— Doçura — sussurrou Nate ao meu ouvido.

— Oh.... eu.... eu pensei, pensei que ela ia... — Minha voz falhou. Abracei Nate com força. Ele era forte, confiável, a fortaleza que eu precisava num momento daqueles.

— Acalme-se — ele murmurou. — Está tudo certo. Ela está bem. Ficará tudo bem.

— Mas quase não ficou — sussurrei. Ela quase morreu. Tegan, minha garotinha, quase morreu. Mais uns poucos minutos e os paramédicos não teriam conseguido fazer com que os pulmões dela reagissem e o coração batesse normalmente. Meu coração e minha mente se desesperavam a cada vez que pensava em como estivera perto de perdê-la. Que Tegan estivera à beira da morte. Estava adormecida agora e respirando sozinha. Mas seu corpinho frágil naquela cama, ligado a um monitor cardíaco, trouxe a recordação dos últimos dias de Adele em seu quarto de hospital, cercada de aparelhos.

Nate afastou-me um pouco com gentileza, fitando meu rosto.

— Está tudo bem — tornou a assegurar.

— Graças a Deus você estava lá — falei. — Eu não teria conseguido lidar com essa situação sozinha.

— Sim, teria. Acho que não dá valor o bastante ao que você faz. Ela é uma menina encantadora por sua causa. Ora, até eu, a pessoa que não gosta de crianças, sei disso.

— Bajulador — falei com um ligeiro riso.

Ele sorriu e afastou uma mecha de cabelo do meu rosto com gentileza.

— Odeio dizer isto, mas seja vi um exemplo de se comer algo pouco saudável foi esse. Você nunca ouviu falar de alguém com alergia a hambúrguer, certo? — declarou Nate, conseguindo me fazer rir mais um pouquinho. A ternura em seu rosto acentuou-se ainda mais com uma expressão de afeto e preocupação.

— Ei, que tal se eu assinar aqueles papéis amanhã para que você possa iniciar o processo de adoção para valer? Sei que me pediu isso há semanas, mas acabei deixando o assunto de lado. Eu o farei amanhã. Ou até mesmo hoje à noite, quando levá-la do hospital para casa.

— Jura?

— Sim. Não sei por que estive demorando tanto. Culpa, acho, porque eu não deveria realmente abrir mão dela, mas é mais sua filha do que minha. Desde o dia em que ela nasceu você já era mesmo como uma segunda mãe.

— Oh, está dizendo que sou dominadora?

Nate afastou com uma carícia a mecha que caíra na minha fronte outra vez.

— É claro que não, doçura. Estou dizendo que você ficará com Tegan como queria.

— Obrigada. — Beijei-o de leve nos lábios, num gesto de gratidão. Havia meios melhores de agradecer, eu sabia, mas não me importei. Havia um turbilhão de emoções — alívio, medo, amor, desejo, raiva — percorrendo minhas veias. Elas se misturavam, criando um coquetel perigoso e descuidado que me fez beijar Nate. Eu não me importava com nada no momento. Só queria beijá-lo porque ele me apoiara num dos episódios mais assustadores de minha vida. Porque me daria o que eu queria ao assinar aqueles papéis. Porque a pessoa que deveria ter estado presente não estivera.

Enquanto nossos lábios se tocavam, outra emoção sobrepujou todas as demais: vergonha. Não era culpa de Luke não estar ali. Ele tinha de trabalhar e não sabia o que estava acontecendo. Se soubesse, estaria ali. Não havia dúvida. Afastei-me de Nate, desejando não ter começado aquilo.

Ele me encarou por alguns segundos, confuso com a razão para eu tê-lo beijado e, então, para ter me afastado quase de imediato. Lentamente, ergueu a mão e afagou meu rosto com o polegar. Toda a resistência a ele desvaneceu-se com aquele toque e, quando Nate tomou meus lábios com os seus, eu respondi ao beijo. Deixei que a língua entreabrisse meus lábios e invadisse minha boca. Deixei que uma mão me acariciasse as costas e a outra afundasse nos meus cabelos. Beijá-lo era tão familiar. Fácil. Simples. Permitiu que minhas lembranças me levassem a um tempo em que eu havia sido feliz. Uma mulher diferente. Eu havia amado esse homem no passado. Eu o amava agora. Mas não como eu amava Luke. *Luke*. O rosto dele firmou-se entre as brumas na minha mente e afastei Nate. Eu não podia fazer aquilo com ele.

— Não posso fazer isso. Estou com Luke.

Em vez de responder, Nate deslizou o polegar pela minha boca, acariciando o ponto sensível que seus lábios haviam tocado — era o gesto erótico que usara comigo na primeira vez que tínhamos dormido juntos. Esquivei o rosto antes de me deixar cativar e beijá-lo outra vez.

— Estou com Luke — repeti.

— É mesmo? — murmurou Nate, baixando a cabeça até que nossos lábios estivessem a uma distância mínima. — Por que está me beijando, então, *Kamryn*? — Disse meu nome num tom carregado de desejo, o que levou ao efeito pretendido de fazer a paixão explodir em meu íntimo. Eu estava ansiosa para beijá-lo outra vez, para ser tomada por todas aquelas sensações e lembranças novamente.

Desviei o olhar, desesperada para não ser seduzida por Nate. Tornei a concentrar minha atenção no corredor, à procura de algo para olhar que me fizesse esfriar, que me levasse de volta à realidade. Algo trivial, corriqueiro, que acalmasse minha mente. Olhei para a máquina de café. Para as cadeiras de plástico. Para um carrinho vazio de hospital. Para Luke.

Ele estava parado no corredor, olhando fixamente para mim. Para nós. Observando o que fazíamos.

Tinha o rosto inexpressivo, como se todas as emoções tivessem sido apagadas pelo choque de me ver beijando meu ex. De me ver fazendo a coisa que ele mais temia.

— Oh, merda — resmungou Nate antes de eu ter tido o bom senso de me soltar de seus braços.

Dei um passo na direção do meu namorado, com seu nome nos meus lábios, mas ele me interrompeu:

— Ela está bem?

— Luke, não é o que...

— *Ela está bem?* — Luke elevou a voz para encobrir minha explicação. Meneei a cabeça.

— Está dormindo. O anti-histamínico e a adrenalina derrubaram-na. Ela vai ficar bem.

Luke não disse nada enquanto assimilava a informação. Nate deu um passo adiante.

— Ouça, é...

Luke lançou-lhe um olhar fulminante, um olhar que dizia que, caso não se calasse, corria o risco de sair com a cara partida dali.

— Posso vê-la? — perguntou a mim. Assenti.

— Ela está num quarto particular. É por aqui.

Caminhamos em silêncio pelo corredor e o dobramos, nossos passos fora de sincronia porque Luke estavam um pouco atrás de mim. Ele não tentou me alcançar e, se eu diminuía o passo, ele fazia o mesmo. Não poderia ter sido mais claro nem se tivesse dito com todas as letras: "Não quero caminhar com você."

Liga estava deitada de lado numa cama com barras de proteção nas laterais. O cabelo era pálido em cima do travesseiro branco e o rosto estava lívido. Luke sentou na cadeira do lado esquerdo da cama. Observou-a com uma expressão de dor no rosto. Eu sabia que não era pelo que tinha visto no corredor; era pelo fato de ela estar doente. Ela ficara em perigo, e ele não estivera presente para protegê-la. Luke inclinou a cabeça para o lado e apertou os lábios como se estivesse se contendo para não chorar enquanto observava Tiga.

— Como você soube? — perguntei numa voz baixa de meu lugar na porta.

— Eu... hã... cancelei a reunião em Edimburgo — sussurrou ele, sem desviar os olhos de Liga. — Cheguei lá, dei meia volta e dirigi de volta. Não suportei a idéia de perder o aniversário de Ti e, portanto, retornei. Fui até o salão comunitário, e a sra. Kaye me contou o que aconteceu... O que os médicos disseram? Ela ficará bem? Haverá seqüelas?

— Ela ficará bem — sussurrei de volta. — Ficaré em observação esta noite apenas para o caso de haver alguma complicação, mas deverá ficar bem. Ficaré prostrada pelos próximos dois dias, até que o efeito do anti-histamínico passe, mas não haverá seqüelas.

Luke pegou-lhe a pequena mão e, inclinando a cabeça, levou-a aos lábios para um beijo suave, terno.

— Vejo você amanhã, querida — sussurrou. — Durma bem. — Levantou da cadeira, ainda olhando para Tegan e, então, virou-se, parando de repente por um segundo, como se tivesse esquecido minha presença. Recompondo-se, deixou o quarto rapidamente, como se eu não existisse. Confirmei que Tiga ainda dormia e saí, seguindo-o.

Ele marchou pelo corredor a passadas largas.

— Luke — chamei-o, tentando não elevar demais a voz num hospital, a fim de não incomodar as outras pessoas.

Luke não me ignorou no sentido exato; não respondeu, mas apertou o passo quando me ouviu chamá-lo. Caminhei mais depressa, tentando alcançá-lo, nossos passos produziam um ruído abafado no chão emborrachado.

Segui-o até o estacionamento, onde podia elevar a voz, e foi o que fiz:

— Luke! — clamei com uma veemência que me assustou.

Ele parou e virou-se para me encarar, o que fez com que colidíssemos, pois eu estava mais perto do que ele se dera conta. Amparou-me com as mãos e, então, afastou-me abruptamente, como se o ato de me tocar o tivesse queimado. Cambaleei para trás, e

Luke ficou me observando, os olhos que haviam fitado Tiga com ternura minutos antes faiscando agora com algo próximo ao ódio.

— O que quer? — indagou, a voz baixa, mas assustadoramente agressiva.

— Deixe-me explicar — pedi, não me atrevendo a me aproximar mais. Ele sacudiu a cabeça.

— Não.

— Mas...

— Mas o quê? Não preciso de explicação nenhuma. Ficou bastante claro o que anda acontecendo. Você tem me feito de tolo desde o primeiro dia. Eu era o reserva; alguém com quem brincar de família feliz até que ele voltasse.

— Sabe que isso não é verdade — declarei, magoadada com o fato de Luke pensar uma coisa daquelas.

Ele meneou a cabeça, relutante.

— Sim — admitiu. — Sei que isso não é verdade. — Deu um passo à frente e percebi quanto estava esgotado, tendo passado a maior parte do dia ao volante. — Mas sabe o que é verdade? O que é verdade é que *eu*... — Bateu com a mão no peito — ... amo Tegan. *Eu*... — Outra batida no peito — ... seria capaz de fazer qualquer coisa por ela. Morreria por ela se fosse preciso. *Quero ser o pai dela! E ele*... — Luke apontou furiosamente na direção do prédio do hospital—... ele não quer. Ele não liga a mínima para ela. Jamais a amará. — Tornou a apontar para o hospital. — Ele jamais a amará como eu!

Luke tinha razão naquele ponto. Nate jamais amaria Tegan como ele. Podia ter tentado, mas seria sempre daquela maneira — tentando. *Tentando* amar Tegan. *Tentando* entendê-la. E se achasse que havia uma chance de a situação tornar-se mais fácil, de ele amá-la o bastante como cabia a um pai, não estaria disposto a assinar a papelada abrindo mão legalmente de seus direitos paternos.

— Nate só está por perto por sua causa. Porque quer você. E você é tão tremendamente burra que caiu nessa.

— Não me chame de burra — retruquei. — Não caí em coisa alguma. Nate não é assim tão calculista.

— Você é patética — acusou ele. — Defendendo aquele homem. Aquele homem que nem mesmo foi capaz de fingir que se importava quando a filha foi trazida às pressas ao hospital. Na verdade, não, ele devia ter pensado que era Natal, o jeito perfeito de dar em cima de você.

— Nate se importou o bastante para estar presente na festa de aniversário da filha — revidei, zangada. — E onde você estava? Trabalhando. Ao menos, Nate não colocou o trabalho antes da filha.

— Não consegue mesmo enxergar que tudo o que ele faz é com a intenção de levar você para a cama, não é?

— Ao menos, ele se sente atraído por mim. Luke franziu a testa com ar confuso.

— O quê?

— Ao menos sei que Nate se sente atraído por mim. Sempre se sentiu. Desde o primeiro momento em que me viu, aliás, achou que eu era atraente. Sexy. Bonita. Nunca achou que eu fosse feia ou precisasse perder peso.

Uma sombra passou pelos olhos de Luke; baixou a cabeça.

— Não acredito que você tenha mencionado isso. Foi há muito tempo. As coisas eram diferentes naquela época.

— Acha que isso ainda não me magoa? Que eu poderia esquecer como você costumava olhar para mim, as coisas que disse?

— Não, acho que não. Mas imagino que, se eu dormisse com sua melhor amiga e a engravidasse, você esqueceria isso, não é mesmo? Estaria ansiosa para pular na cama comigo na primeira chance que tivesse.

Foi minha vez de baixar a cabeça; cobri o rosto com as mãos. Aquilo estava errado. A intenção fora a de me desculpar, de explicar que havia sido apenas uma vez, que eu nunca mais beijaria ninguém a não ser o próprio Luke.

— Ryn, eu te amo — disse ele, a voz mansa, inalterada. Ergui os olhos para fitá-lo, notando que a expressão em seu rosto se suavizara. — E sempre soube que você e Tegan faziam parte do mesmo pacote... não se pode ter uma sem a outra. E, para ser sincero, estava bem para mim. Amo você, embora tenha me afeiçoado a Tegan primeiro. Mas não... não consigo entender por que você iria querer um homem que não ama sua filha tanto quanto você.

— Não quero Nate.

Soltando um suspiro, Luke revirou os olhos e sacudiu a cabeça.

— Não acho que seja verdade. E não vou ficar por perto para descobrir se é ou não.

— Está me deixando? — Fiquei tão chocada que o chão quase me faltou.

— Ryn, você não pode sair beijando outro homem e ainda ficar comigo.

— Mas não foi dessa maneira. Eu não... Fiquei tão apavorada por causa de Tegan, e ele estava ao meu lado e você, não. E eu queria você. E ele disse que me deixaria adotar Tegan para valer. E eu estava...

— Ryn — interrompeu Luke. — Diga isso tudo a alguém que se importe. Girando nos calcanhares, afastou-se rapidamente. O carro estava umas duas vagas adiante, mas ignorou-o.

Fiquei ali e o observei deixando o estacionamento e caminhando até a rua, desaparecendo no meio da multidão de sábado à tarde que passava diante do hospital.

CAPÍTULO 46

Fico feliz que esteja melhor — disse Luke a Tegan. — Eu me preocupei muito, mas você está bem melhor. Eu estava perto da porta do pequeno quarto do hospital, observando-os. A tribulação do dia anterior evidenciava-se no rosto de Tegan: empalidecera demais por causa dos medicamentos, tinha olheiras profundas e os lábios descorados.

Luke comprara-lhe outro presente de aniversário — um álbum de fotos com capa de couro e um T gravado em dourado no canto inferior direito. Eleja colocara uma foto dos dois na praia quando tínhamos ido passar o dia em Whitby. Tegan segurou o álbum, observando Luke com desconfiança e apreensão — percebia que havia algo errado. Ele não era muito bom em esconder sentimentos, e seu pesar era quase palpável. Eu havia lhe telefonado na noite anterior, deixara uma mensagem longa e repetitiva na secretária eletrônica, pedindo que me ligasse para conversarmos, mas ele não o fizera. Nate, que não sabia mais como se desculpar, que não queria realmente arruinar meu relacionamento (eu não estava me enganando; ele desejava que eu e Luke terminássemos, mas não daquele jeito), oferecera-se para me levar de carro até o apartamento de Luke, mas eu havia recusado. Obviamente, Luke não queria falar comigo, e eu não o culpava — eu havia estragado tudo, eu o magoara; por que iria querer falar comigo?

— Qual é o problema, Luke? — perguntou Tegan.

— Nenhum. — Ele evitou-lhe o olhar.

— É o que mamãe Ryn diz quando há alguma coisa errada — repreendeu-o ela. Àquela altura, Luke já devia saber que a menina era bastante perceptiva em relação aos sentimentos daqueles à sua volta.

— Está certo, há uma coisa errada — admitiu ele. Meu coração parou por um instante. Ele contaria a Tegan o que eu havia feito? — Tenho de partir.

— Partir para onde? — Tegan arregalou os olhos diante da simples idéia. Os meus também estavam arregalados.

— Lembra-se de que fui a Nova York no ano passado? — Ela acenou que sim com a cabeça. — Bem, voltarei para lá, para morar. Tenho de ir a Londres primeiro, para o encerramento deste trabalho. — Tegan tinha uma expressão horrorizada no rosto. — Fui a uma entrevista de emprego quando estive em Nova York — prosseguiu Luke, respondendo a todas as perguntas por fazer que martelavam em minha mente. — Ofereceram-me a vaga algumas semanas atrás. Aceitei-a ontem.

— Mas por quê? — indagou Tegan.

— Porque é o meu trabalho.

— Ou você está indo para o céu para ficar com Jesus, os anjos e minha mãe? — ela perguntou desconfiada.

Luke sacudiu a cabeça.

— Não, não, Ti. Vou para os Estados Unidos. Já mostrei a você onde fica no atlas, lembra?

— É porque eu fiquei doente? Não vou mais ficar doente. Eu prometo do fundo do coração.

Uma expressão de angústia tomou conta do rosto de Luke diante do tom de súplica da garotinha.

— É claro que não. — Pegou-lhe a pequena mão. — É claro que não. Doçura, mesmo que nada tivesse lhe acontecido, eu teria de partir. É algo que tenho de fazer. Preciso ir.

— Não gosta mais de mim?

— Tegan, não apenas gosto de você. Eu te amo. Você é a melhor coisa que já me aconteceu. Eu gostaria de poder ficar, mas não posso. Perdoe-me.

O semblante dela ficou ainda mais infeliz.

— Não somos mais amigos? — indagou.

— É claro que sim. Sempre seremos amigos.

— Você ainda é o namorado de mamãe Ryn? Contive a respiração.

— Não posso ser o namorado dela se estiver nos Estados Unidos.

— Não quero que você vá — disse Tegan, a voz sem esperança.

— Também não quero ir. Mas é preciso.

Tegan engoliu em seco e olhou fixamente para as mãos. Estava lutando para não chorar, supus. Era muito corajosa.

— Bem, querida — disse ele, enfim, inclinando-se na direção dela. — Tenho de ir.

— E nunca mais vai voltar? — perguntou Tegan.

— Não. Mas telefonarei para você. E escreverei.

— Está certo — ela respondeu, desolada, obviamente não acreditando em uma palavra.

Luke fechou os olhos enquanto a abraçava. Ela o circundou o máximo que alcançou com seus braços, tomada por uma tristeza como havia muito não demonstrava. Quando a soltou, viu que ele estava com os olhos marejados. Beijou-a na fronte e, então, forçando um sorriso, disse:

— Adeus, Ti. Tegan. Adeus. Eu te amo.

— Adeus, Luke — sussurrou ela.

— Voltarei num minuto — falei a Tegan, enquanto Luke saía fechando a porta. Abri a porta para segui-lo. Aquela seria a última vez que teria chance de conversar com ele. Tinha de impedi-lo de nos deixar.

Achei que teria de correr para alcançá-lo, mas ele estava um pouco adiante no corredor. Pelo seu jeito, pela maneira como se recostava na parede, as mãos no rosto, o corpo trêmulo, deduzi que estava chorando. Aproximando-me, coloquei a mão em seu ombro. Como não a afastou, passei o braço em torno de seus ombros.

— Vamos conversar? — perguntei.

Sentamos na lanchonete, sem nada para beber, encolhidos nas cadeiras, olhando para o tampo de fórmica da mesa em silêncio. Fiquei surpresa, mas contente quando ele concordou em conversarmos. Foi um fio de esperança. Eu estava de olho no relógio, porém, porque tinha de voltar ao quarto de Tegan. Não poderia ficar muito tempo sozinha, não se ele ainda fosse partir.

— Luke, lamento por ter beijado Nate — falei. Era onde eu deveria ter começado no dia anterior, com um pedido de desculpas. — E lamento que tenha me visto. Posso imaginar quanto isso foi doloroso, mas foi a primeira vez. A única. Eu me sentia amedrontada por causa de Tegan e todas as minhas emoções estavam confusas.

Eu teria lhe contado, sabe? Porque quero ser sincera com você. Sei que nunca entendeu isso, Luke, mas é com você que quero ficar. Eu te amo. Não tem sido fácil porque nós dois tivemos de nos empenhar até para começarmos a gostar um do outro, mas você apareceu em minha vida justamente quando eu precisava. Você me ajudou a crescer. E, sim, isso tem se dado mais pelo fato de eu estar criando Tegan, mas tem a ver com você também. Tem ajudado a mim e a Tegan. Não quero que vá embora.

Luke ficou me observando com os olhos vermelhos enquanto eu falava.

— Foi apenas um beijo, dessa única vez. Nada mais. Não dormi com ele. Eu jamais faria isso a você. Sei como uma pessoa se sente ao ser traída dessa maneira e jamais lhe faria isso. O beijo não deveria ter acontecido, mas aconteceu, e peço que me perdoe. Nem imagina quanto lamento, quanto me arrependo. Por favor, não nos deixe por causa disso.

Ele me estudou em silêncio até que terminei de falar.

— Ryn, se Tegan amasse Nate da maneira como ama a mim, estaríamos tendo esta conversa? Você já não teria voltado para ele?

Esperei um pouco antes de responder. Eu estava farta daquilo. Bastava de ser a imperfeita com intenções suspeitas e pensamentos impuros. Por que era sempre eu que ficava em apuros por não ser clara e objetiva quanto aos meus motivos para fazer as coisas? Não havia ninguém na face da Terra que sabia, sem um pinga de dúvida, o que queria cem por cento do tempo, que não se sentisse tentado a mudar de opinião mesmo que momentaneamente. Eu não era a única pessoa no mundo — naquele relacionamento — a ter dúvidas, mas era a que tinha de se defender constantemente. Defender meus pensamentos — embora não os expressasse. Se íamos fazer o jogo do "e se", então tínhamos de fazê-lo apropriadamente. Não apenas comigo no banco dos réus.

— Não sei — respondi. — Mas ela não o ama como ama você e, portanto, não posso responder a essa pergunta. Nem mesmo hipoteticamente porque, mesmo se partir agora, ainda terá estado conosco e, assim, a maneira como Tegan se sente a seu respeito será sempre esse termômetro. Mas se é para seguirmos por esse caminho, deixe-me perguntar uma coisa: se não tivesse sido por Tegan, você teria pensado em ter uma conversa decente comigo, me beijar ou sair comigo?

Foi a vez de Luke fazer uma pausa, e essa se prolongou até um dos silêncios eloqüentes dele. Não conseguia nem mesmo mentir. Será que entendia agora que o "e se" não era justo quando, sob um conjunto diferente de circunstâncias, pedia-se a uma pessoa que polarizasse as coisas num momento do tempo, sendo que ela tinha de defender o que queria num momento completamente diferente?

— E, enquanto estamos aqui, tenho de saber uma coisa. Por que não me contou que tinha ido a uma entrevista quando estive em Nova York? E que lhe ofereceram um emprego?

— Porque eu não ia aceitá-lo.

— Mas foi por isso que hesitou tanto em morar conosco, não foi? Ainda estava se perguntando se devia aceitar esse emprego. — E voltar para Nicole.

Mais silêncio quando Luke não pôde negar a verdade.

— Está certo, talvez você tenha uma resposta para essa pergunta. Quando eu disse que não queria mais filhos, pensou que não falei para valer, não é mesmo?

— Mas você seria tão boa mãe... — Luke interrompeu-se ao dar conta do que dissera. Mesmo depois de todo aquele tempo, de nossas conversas, das palavras encorajadoras dele, de suas afirmações tranquilizadoras, ainda dizia aquilo.

— Você não pensa em mim como a mãe de Tegan, não é? — declarei com ar cansado. — E se você, entre todas as pessoas, não pensa isso, como alguém mais pensará?

— Eu penso. Não soube me expressar direito. Penso, sim, em você como a mãe dela, vi como tem sido maravilhosa com ela e queria que tivesse mais filhos. Comigo.

— Mas eu lhe falei, não quero mais nenhum. Não acreditou em mim? Achou que eu mudaria de idéia, ou algo assim?

Luke voltou a ficar silencioso.

— Falei a você que nunca quis ter filhos. Não mudei de idéia, nem mudarei. Desconfio que não entendeu isso, mas ignorou o fato, achando que tudo ficaria bem...

— Não faz diferença agora, não é mesmo? — interveio Luke. — Estou partindo. — Não queria mais fazer aquele jogo. Não agora que descobrira que os "e se" não eram divertidos quando só uma pessoa era vista como a errada na história.

— Sim, você está — respondi calmamente. Ele ia embora, não havia mais nada que eu pudesse fazer para detê-lo. Eu me desculpara, dera explicações, dissera como me sentia. E nada daquilo bastara. Nada bastaria; ele se determinara a partir e ponto final. Naquele dia no hotel, quando Nate havia tentado me fazer voltar para casa com ele, nada do que pudesse ter dito me teria convencido a voltar. Nada, exceto "Não é verdade". Luke partiria. Eu tinha de lidar com isso.

— Espero que você e Nate sejam muito felizes juntos — declarou secamente.

— Obrigada — falei, sem morder a isca. Levantei-me e, enquanto o fazia, decidi que já me defendera mais do que o suficiente em relação àquilo. Cometerá um erro ao beijar Nate, mas não tão grave quanto não ter perdoado Adele antes de sua morte. Nada do que eu fizesse poderia ser tão ruim. — Mantenha contato com Tegan, por favor. Ela sentirá sua falta.

— E eu, a dela. Adeus.

— Adeus.

— Você se despediu de Luke? — perguntou Tegan, segurando o álbum de fotos com força junto ao peito.

Confirmei com um gesto de cabeça, tentando sorrir. Sentei na cadeira que ele ocupara perto da cama e pousei a cabeça no colo de Tegan.

— Sentirei falta dele — falei. E era verdade. Em menos de um ano, havia perdido três pessoas que amava. Primeiro Adele, depois Ted e, agora, Luke. Era demais. Perdas demais para uma vida inteira, quanto mais um ano.

— Mamãe Ryn, Luke vai mesmo para os Estados Unidos?

— Sim.

— Tem certeza? Porque acho que talvez ele vá para o céu.

Virei a cabeça para observá-la. Ela apertou os lábios e ergueu o queixo daquela maneira que fazia para enfatizar algo, enquanto meneava a cabeça e me relatava suas suspeitas.

— Ele não irá, eu lhe garanto. Vai mesmo para os Estados Unidos. E não por sua culpa, pode acreditar nisso também. Ele tem de ir.

— Está bem. — Tegan deu uma palmadinha na minha cabeça. Começou a afagar meu cabelo como se eu fosse o gato que ela quisera desesperadamente a certa altura.

— Não será tão ruim apenas eu e você — falei. — Ficaremos bem.

— Nós nos divertiremos — ela concordou.

— Poderemos viajar nas férias. Talvez para a Itália, onde meu amigo Ted vive.

— Jura? — exclamou Tegan, entusiasmada. — Num avião e tudo mais?

— Claro. Nas férias de verão, talvez? Só nós duas.

— Mamãe Ryn, isso seria divertido. E eu poderia tirar uma porção de fotos com a minha câmera nova. E, depois, colocá-las no álbum.

— Sim.

Tegan sorriu consigo mesma por um momento e, então, suspirou.

— Gostaria que Luke pudesse ir junto.

— Eu também.

Houve uma batida animada à porta, e ambas trocamos um olhar intrigado.

— Entre — falei.

A porta se abriu e Meg surgiu no vão. A expressão de Tegan iluminou-se.

— Veja só quem eu encontrei no meu carro. — O rosto de Nate apareceu no vão também. — Achei que talvez a quisesse, Tegan. Acertei?

— Claro — ela riu.

— Ótimo, pois acho que Meg não gostou do meu carro. — Ele entrou no quarto, entregando a boneca de pano a Tegan.

— Sr. Nate, Luke vai para os Estados Unidos e não voltará mais — ela declarou quando Nate sentou na beirada da cama. Os olhos dele buscaram os meus em busca de confirmação. Meneei a cabeça. Nate franziu o cenho, perguntando-me com o olhar se era por causa do beijo. Tornei a acenar que sim com a cabeça, e uma expressão de pesar passou por seu rosto.

— Oh, é uma pena. Sentirei falta dele — falou a Tegan. Podia não ter falado a sério, mas teve o bom senso de soar convincente.

— Você não vai para os Estados Unidos, não é mesmo, sr. Nate?

— Não, não vou a lugar algum.

Nate virou-se para mim, fitando-me com um olhar firme, íntimo, e meus lábios curvaram-se num sorriso porque soube que ele falava a sério agora. Soube que, dentre todos em nossa vida, ele nunca nos deixaria.

CAPÍTULO 47

Querida Kamryn,

Pedi a Nancy que lhe enviasse isto um ano após a minha morte. Não estou tentando assustar você, nem nada. Queria apenas fazer contato. Isso faz sentido? É para lembrá-la de que você está fazendo um trabalho maravilhoso criando Tegan. Como sei? Porque não se poderia esperar outra coisa de você. Pode não ter desejado filhos, mas eu nunca a vi fugir de um desafio. E esse é um no qual você se superará, tenho certeza.

Sei que Tegan está em boas mãos com você e que você está em boas mãos com ela — tenho certeza de que sabe o que quero dizer.

Espero que já tenha encontrado minha outra carta a esta altura. Se não, estou desgostosa, mulher! Você não verificou as minhas coisas? Nem sequer quis ver se eu tinha algo seu?! Bem, eu tinha. Eu tinha aquele blazer de veludo preto que desejei desde o dia em que você comprou — e foi onde coloquei a outra carta que explicava sobre mim e Nate e o motivo para o que fiz.

Se você a encontrou, agora já sabe e espero que tenha parado de me odiar. Eu errei e lamento muito. Aprendi, porém, que a vida é curta, curta demais para se manter uma desavença. Curta demais para afastar as pessoas sem ouvir o que elas têm a dizer primeiro. Querida, resolva as coisas com Nate antes que seja tarde demais. Jamais vi duas pessoas tão perfeitas uma para a outra. Por favor, converse com ele; deixe-o explicar-se. Dê-lhe a chance de reparar as coisas — sei que é tudo o que eu sempre quis.

Lembra do dia em que nos conhecemos? Você foi simpática comigo. Sim, foi fria e distante em princípio e agiu como se não ligasse a mínima para nada, mas traiu a si mesma, srta. Matika. Eu soube que seríamos amigas porque, em vez de levar adiante sua decisão de não querer tomar um drinque comigo, você acabou indo. E foi maravilhosa — embora não da maneira tradicional. Você simplesmente... eu não sei, era como se não pudesse se conter. Ninguém nunca havia me tratado assim até então e nem tratou depois disso. Ninguém nunca se apegou a mim instantaneamente e permaneceu ao meu lado. Obrigada por isso. Nunca lhe disse, mas obrigada por ser minha amiga. Obrigada por ser você.

Oh, estou me estendendo demais... desculpe. É o que mais sinto falta de ter com você. Costumávamos conversar durante horas sobre nada, não é mesmo? Nunca mais tive algo assim com ninguém depois que você se mudou para Leeds. Ninguém tolerava isso além de Tegan e, bem, ela não fazia a menor idéia do que eu estava falando durante boa parte do tempo.

Partirei agora, amiga. Apenas queria dizer adeus apropriadamente, creio.

Tenho certeza de que não tivemos essa chance, e eu queria dizê-lo. Adeus. Não um adeus amargo, nem um adeus infeliz. Um adeus bom.

Com todo meu amor, para sempre.

Adele.

***“Você será o namorado
de mamãe Ryn?”***

CAPÍTULO 48

Luke! — exclama Tegan com pura alegria na voz e, sem dúvida, no rosto. Não levanto os olhos do jornal que estou lendo. Em vez disso, apanho minha caneca de chá e bebo um gole. Estamos num café a cerca de dez minutos de nosso apartamento. É um refúgio para os pais no fim de semana porque você vem até aqui, toma um café, lê jornais, faz uma refeição, e os donos do lugar, por uma pequena taxa, levam seu filho até o andar de baixo e o ensinam a cozinhar. Pizza, bolinhos, panquecas, musse de chocolate... todos os tipos de coisas fáceis que darão a você umas duas horas de total tranquilidade. Vão fazer pizza hoje — dentro de cerca de cinco minutos os monitores subirão para buscar as crianças e, nesse exato momento, você verá os ombros dos pais relaxarem e a tensão desaparecer de seu rosto, e sorriremos com cumplicidade uns para os outros feito prisioneiros libertos no dia da saída. Amamos nossas crianças, mas algum tempo longe delas também é bom.

Não levanto os olhos após a exclamação de Tegan porque ela está sempre fazendo isso. Faz um ano e quatro meses que Luke partiu e, nos primeiros dias, eu também fazia isso. Eu achava que o tinha visto e ia atrás dele e o chamava, mas, então, percebia que não era ele e me sentia uma imbecil. Também foi dessa maneira quando Adele morreu. Embora meu lado racional soubesse que não podia ser ela, eu a via andando pela rua, parada num ponto de ônibus, fazendo compras no supermercado e, então, era obrigada a me conter para não chamá-la.

Tegan ainda faz isso em relação a Luke. Jura por tudo quanto é sagrado que o vê. E acredito que ela pensa que o vê; portanto, concordo, apenas para que saiba que sempre acreditarei nela. Assim, a despeito do entusiasmo em seu tom, não ergui os olhos.

— Como vai, Ti?

A voz dele é possante e macia, e meu coração dispara em resposta. Mantenho a cabeça baixa mesmo ouvindo Tegan levantar-se da cadeira e, então, uns ruídos enquanto, presumo, ela o abraça. É domingo. Estou sem maquiagem, meu cabelo mal está penteado e ainda estou com ar sonolento. Oh, bem, eleja me viu com aparência pior, penso. Recosto-me na cadeira e, enfim, ergo a cabeça. Tenho de sorrir porque Tegan está com os braços em torno do pescoço dele, as pernas compridas cingindo-o pela cintura.

— Está tudo bem, Ryn? — diz Luke.

— Sim — respondo. — Tudo bem.

Ele não mudou muito. Continua alto e musculoso, sem quilos excedentes em seu físico. A cabeça está quase raspada, os olhos ainda são daquele incrível tom de âmbar em contraste com a pele bronzeada. A única diferença desde a última vez que o vi é que agora deixou crescer novamente a ridícula barba rente em torno dos lábios e ao longo do maxilar.

— Não gosto da sua barba — informa-o Tegan.

— Ora, obrigado, senhorita. — Ele está falando com ela, mas olhando fixo para mim, provavelmente pensando que não mudei muito. Ainda uso o cabelo alisado na altura do queixo com uma franja de lado, as olheiras diminuíram um pouco desde que

me acostumei a viver com menos horas de sono. Não emagreci, nem engordei. Continuo praticamente a mesma.

Ainda abraçando-o, Tegan afasta-se um pouco para trás a fim de poder observar melhor sua barba e, então, leva a mão ao próprio rosto, esfregando a bochecha.

— Ela pinica. Isso não é muito legal, certo, fazer o rosto de Tegan cocar? Luke desvia o olhar de mim e volta a pousá-lo na menina.

— Ela já era. — Está com aquele sotaque americano na voz outra vez. — Na primeira chance que tiver, vou raspá-la.

— Que bom — diz ela. — Você será o namorado de mamãe Ryn outra vez?

— Está certo, Tiga, é a hora da pizza, não é? — Eu me levanto, contornando a mesa para pegá-la dos braços de Luke.

— Está bem — ela responde com relutância. — Mas justo agora? — De pé na cadeira, ela me fita nos olhos enquanto declara: — Quero conversar com Luke. Ele é meu amigo também.

Tegan está irreconhecível em comparação à menina que trouxe para Leeds comigo há mais de dois anos. Ela não tem a menor reserva em me dizer o que pensa, nem de protestar diante do que julga alguma injustiça. Costumamos ter nossos desentendimentos corriqueiros sobre o horário em que ela deve ir dormir ou o que pode ou não vestir. (A discussão envolvendo o infame biquíni cor-de-rosa se arrastou por dois dias e ainda não foi resolvida — ela ainda o quer e eu ainda me recuso a deixá-la ter um.)

— Você pode conversar com Luke — asseguro, continuando a fitá-lo nos olhos. — Apenas tem de ir fazer a pizza primeiro. Depois, poderá voltar e conversar com ele, está bem?

— Sim — ela responde, dando-se conta de que não tem escolha. — Nem sequer gosto de pizza — acrescenta, resmungando.

— O que disse? — pergunto, ajudando-a a descer da cadeira.

Tegan olha para mim, sabendo que se repetir essa inverdade nunca mais terá chance de comer pizza na minha presença. Que não a fará mais aqui no andar de baixo do café, nem poderá pedi-la em casa por telefone. Tegan descobriu que raramente grito, que eu jamais bateria nela, mas que a levo ao pé da letra — e que não há como argumentar comigo depois caso minta sobre algo apenas para vencer uma discussão.

— Nada — ela responde.

— Quer descer sozinha, ou que eu vá com você?

— Venha comigo. — Tegan pega minha mão. — A gente se vê depois, Luke. — De mãos dadas, descemos a escada de madeira até a imensa cozinha no porão. Ela vai até a fileira de ganchos onde os pequenos aventais são pendurados e escolhe um vermelho.

— Gosto de vermelho — lembra-me ela, enquanto amarro as tiras em torno de sua cintura.

— Eu sei. — Dou-lhe um beijo na fronte.

Enquanto estou prestes a endireitar as costas, Tegan atira os braços em torno de mim, sem se importar com o fato disso não ser "legal" para alguém de sua idade.

— Obrigada, mamãe Ryn — diz e beija meu rosto. Não sei pelo quê. Faz isso com frequência, beijando-me do nada e agradecendo-me e, como gosto de seu carinho, não a questiono. — Você é a minha melhor amiga — sussurra em meu ouvido. — Além de Matilda, Crystal e Ingrid. E Luke.

— Você é a minha melhor amiga também. — Tegan torna a me beijar no rosto.

Subo a escadaria, o coração aos saltos. Pensei que nunca mais veria Luke. Resignei-me a uma vida em que sabia o que ele estava fazendo por meio de suas cartas

e e-mails a Tegan. Jamais ousei ter a esperança de que me sentaria à sua frente outra vez.

Quando volto à área principal do café, ele está sentado na cadeira de Tegan, as pernas compridas esticadas debaixo da mesa. É como Nate se senta também. Foi somente quando Luke partiu que notei como os dois são parecidos. Maneirismos, jeito de falar, senso de humor.

— Bem, ela cresceu — comenta Luke, enquanto sento na cadeira oposta.

— Mas também voltou a ser uma garotinha, não tendo tantas coisas com que se preocupar que não sejam assuntos de uma criança de sete anos, o que é bom de ver.

O garçom se aproxima, colocando uma grande caneca de café diante de Luke.

— Um *cappuccino* especial, pouco café e bastante chocolate, certo? — confirma ele.

— Isso mesmo, amigo — exclama Luke com um riso. — Fico contente que ainda se lembre.

Depois que o garçom se afasta, pergunto: — Já esteve aqui antes?

— Bem, umas poucas vezes... Eu... hã... venho aqui na maioria dos fins de semana. Costumava vir com a esperança de dar uma espiada em você e Ti, enquanto reunia coragem para falar com você. Às vezes, ela me via.

Então, eu não andei imaginando coisas porque, pelo jeito, Luke esteve nos espreitando.

— Quando você voltou dos Estados Unidos? — perguntei, ignorando quanto essa descoberta é desconcertante.

Ele lança um rápido olhar à minha mão esquerda, franzindo o cenho com ar intrigado diante do que vê.

— Há cerca de uns três meses. O emprego não deu certo... — Luke deixa a frase por terminar porque estou a par de algo que ele sabe que eu sei. Ele certificou-se de que eu soubesse, numa tentativa de vingança, acho.

— Sua esposa veio com você? — pergunto.

Luke casou-se com Nicole seis meses depois que partiu de Leeds. Recebemos a notícia e as fotos no escritório alguns dias após o casamento. Entrei no escritório que divido com Betsy e vi a foto aberta na tela de seu computador. Ela colocou as mãos rapidamente sobre a foto para tentar escondê-la, mas foi tarde demais. A imagem do rosto bonito de Luke, sorrindo de felicidade enquanto segurava a noiva, sua Nicole, nos braços ficou gravada na minha memória. Emiti os murmúrios certos a Betsy quanto a estar feliz por ele e tentei agir normalmente o dia todo. Vomitei no toalete antes de sair e chorei num travesseiro no meio da noite quando estava sozinha.

— Não, ela ainda está em Nova York — revela ele. — Continuará lá, aliás. Meu casamento também não deu certo.

— Fiquei surpresa com a rapidez com que você se casou, mas, afinal, foi com Nicole. Acho que foi fácil retomar as coisas de onde você parou.

— Não é verdade, não foi tão fácil. Ela não estava... Como vai Nate? Nossos olhares se encontram, Luke estudando o meu à procura de uma pista do que estou prestes a dizer.

— Ele está bem. Melhor do que isso, aliás, está ótimo. Mudou-se para Leeds, para estar mais perto de... Bem, para estar mais perto. Ele e Tegan são bons amigos. Ela até o deixa ir buscá-la na escola umas duas vezes por semana para que eu possa trabalhar até um pouco mais tarde. — Ainda não sou a diretora de marketing da Angeles e jamais serei; já aceitei o fato. Enquanto Tegan precisar de mim a seu lado, terei de colocar minha carreira em segundo lugar. — É engraçado o jeito como ela lhe dá ordens

e como os dois cozinham da maneira como vocês dois costumavam fazer... criando uma bagunça enorme.

Luke respira fundo, a voz tensa quando pergunta:

— Ela o chama de "papai" agora, então? Cubro-lhe a mão com a minha sobre a mesa.

— No que diz respeito a Tegan, seu único "papai" é você.

— É mesmo? Ainda?

— Apenas porque partiu não significa que ela parou de falar ou pensar em você.

Perguntou-me várias vezes porque não quis ser o pai dela.

— O que lhe disse?

— Que, se você estivesse por perto, provavelmente seria. Nate também sabe disso. Ele não tentaria tomar o seu lugar.

— É o pai dela.

— Sim, mas isso não significa que ele queira ser o pai dela. Nate gosta de Tegan, importa-se com ela, apenas não a ama como você amava. Mas sempre assumirá a responsabilidade por ela. Luke, ele é um bom sujeito. Vocês poderiam... Poderiam ter sido amigos, se você tivesse lhe dado a chance. Sempre gostou de você pela maneira como você gostava de Tegan, sabe? Sempre quis o melhor para ela e se isso significa deixar outra pessoa ser o pai dela, é o que fará. Nate assinou a papelada abrindo mão de todos os seus direitos legais sobre ela.

— É verdade?

— Naquele dia em que eu o beijei, ele disse que era o que faria e o fez. Você não acreditaria no tamanho do sofrimento que enfrentou quando os pais dele descobriram, mas não voltou atrás. Apenas quer o que é melhor para Tegan. E ficará por perto para sempre... como o pai dela, não seu "papai". Ele fará qualquer coisa por ela. Luke, ouça o que digo, Nate é um bom homem.

— Você e ele estão...?

— Não.

— Por que não? Achei que vocês...

— Que nós ficaríamos noivos e nos casaríamos antes que seu avião decolasse? Não, Nate e eu não podíamos voltar. Coisas demais aconteceram. Nós mudamos demais.

— Então, vocês nem sequer...?

— Não sou santa, Luke — respondo. — Por mais que finja ser. Somente dois meses após a partida de Luke, Nate e eu fizemos amor. E, de

tempos em tempos, durante um ano, continuamos fazendo amor e nos envolvendo, sempre parando e nos separando antes de iniciarmos um relacionamento sério. Então, nós nos sentíamos tentados novamente e voltávamos a fazer amor. Recentemente, paramos em definitivo e decidimos ficar apenas na amizade, porque admitimos que, na verdade, já *estávamos* num relacionamento. E não éramos livres para sermos namorados. O namorado tinha uma traição no currículo e a namorada tinha uma criança. Nate gostava de Tegan, possivelmente até a amava, mas não a queria o tempo inteiro. Eu o perdoei e compreendi em relação a Adele, mas não esqueci. Essas coisas sempre nos separariam. Além do mais:

— Nate tem uma namorada agora. Estão juntos há três meses e parece que será algo duradouro.

— Você se importa?

— Não tanto quanto costumava antes, acredite. — Eu me desmanchei em lágrimas diante de Nate quando ele me contou, mas consegui parar de lhe pedir que terminasse com ela. Eu tinha de deixá-lo ir, aceitei. Ambos tínhamos de seguir em

frente, e ele havia sido corajoso o bastante para dar o primeiro passo nesse sentido. Ainda magoa o fato de ele estar com outra pessoa, mas a cada dia é mais fácil. Aceito que isso seja o melhor. — É bom vê-lo feliz.

— Eu me importo com o fato de você se importar — declara Luke.

Oh, e eu devo ignorar o pequeno detalhe de que você se casou, certo?

— Nate e eu jamais poderíamos voltar a ficar juntos. Isto é, confesso, eu ainda sentia algo por ele e tudo mais, mas eu tinha um namorado incrível.

A velha Kamryn amava Nate mais do que qualquer coisa; ele era tudo para ela. A nova Kamryn, a que vinha criando Tegan, amava Luke, e a vida — a família — que criamos, muito mais. Tal constatação me chocou quando me dei conta dela. Eu amava Nate, mas eu amava os fins de semana com Luke, Tegan e eu limpando o apartamento, passeando no parque, da luta de cócegas com Luke enquanto Tegan marcava a pontuação, de sentar diante da tevê e ouvir Luke e Tegan conversando sobre as vantagens de se desenhar com determinada caneta. Mais do que qualquer outra coisa na vida, eu amava minha pequena família eclética.

— Tinha um namorado incrível que eu adorava. E, embora eu me sentisse tentada pelo outro, o único homem para mim era o meu namorado. E, apesar do fato de ele ter partido e se casado com outra, não parei de amá-lo.

— Está falando sério?

— Eu não diria nada disso se não fosse a sério.

Luke inclina-se para a frente, segura minhas mãos e acaricia meus polegares com os seus.

— Sabe, foi apenas depois de meses da minha partida que compreendi o que você me perguntou quando estávamos sentados na lanchonete do hospital. Achei que estava me acusando mais uma vez de não amá-la como Nate. Enfim, entendi que o que me perguntou foi se eu a amava ou não. Independentemente de Tegan. Porque nunca achou que eu a amasse, não é mesmo? Não percebeu que, sim, Tegan nos uniu, mas eu jamais a teria namorado se não sentisse algo verdadeiro por você. Eu me apaixonei no dia em que teve sua enxaqueca. Quando descobri quem Ti era para você, foi como se um véu tivesse sido erguido e eu visse como você era incrível. Então, achei que não tinha mais chance alguma por causa de como havia sido mau com você, mas mantive a esperança... Naquele dia em que a beijei pela primeira vez, estava tão nervoso. No caminho inteiro de volta de Londres, fiquei pensando nos seus olhos, no seu sorriso, na fragrância natural da sua pele misturada com a do Empório Armani Day. Quando estava em Nova York, costumava ficar parado na seção de perfumes da Bloomingdale's e senti-lo porque me lembrava de você. E foi por isso que as coisas não deram certo com Nicole — ela não era você. Ryn, eu me senti atraído por você. Achei-a bonita. Você é a mulher mais bonita na face da Terra. Isso foi depois de tudo mais que senti por você. Adoro a maneira como responde perguntas com uma pergunta a fim de poder ganhar tempo; a maneira como se desdobra para cuidar das pessoas, mas finge que não se importa; a maneira como...

— Já o avisei antes. Se ficar dizendo coisas desse tipo, vou achar que está flertando comigo — interrompo.

A expressão no rosto de Luke endurece.

— É por isso que nunca as disse. Você não teria acreditado em mim. Falou-me que, bem ou mal, não acreditava no que os outros diziam. Assim, parei de dizer essas coisas. Tentei lhe mostrar como me sentia com gestos, não apenas com palavras. Deu certo, não foi?

— Desculpe, Luke. Apenas uma pessoa havia me dito essas coisas com sinceridade. Não acreditava que pudesse haver duas pessoas que pensassem isso a meu

respeito... Mas, sejamos francos, você parecia recuar sempre que eu tentava dar um passo à frente e, então, descobri que tinha o seu plano de fuga armado o tempo todo. Nunca vi ninguém se desvencilhar de uma vida tão depressa. É alguma surpresa eu não ter acreditado que me amava?

— Sim, mas eu sou um idiota. As coisas dão errado e eu caio fora, é o que faço, o que sempre fiz. E, para mim, a reaparição de Nate foi a pior situação possível e imaginável. Ele tinha mais direito de estar ao seu lado e do de Tegan do que eu. Estava me preparando para o que vi como o inevitável. Se bem que tenho de dizer, você é uma idiota se não acreditou que eu gostava de você independentemente de Tegan.

— Estou feliz que esteja de volta, Luke. — Abro-lhe um sorriso e, então, lembro que ele não chegou a dizer aquilo. — Está de volta, não está? De volta às nossas vidas?

— Sim, mas as coisas têm de mudar.

— Oh, eu sei. E a primeira mudança é que você tem de ser sincero comigo. Conte-me tudo, entrevistas de emprego, planos para se casar comigo ou com outra pessoa. Tudo. E eu farei o mesmo.

— Está certo, posso viver com isso.

— A segunda mudança é que você tem de aceitar que Nate faz parte das nossas vidas; é um fato.

Ele aperta os lábios, meneia brevemente a cabeça.

— Falo sério, Luke. Não há mais nada entre mim e ele, mas Nate continuará aqui para sempre.

— Está certo. Mas não tenho de gostar dele, tenho? Solto um suspiro.

— Acho que não. Mas seria mais fácil para você se gostasse. Não quero que Tegan se sinta dividida entre vocês dois. Ela é muito inteligente e, conforme cresce, vai entendendo tudo. Assim, nada de grosserias, está bem?

— Sim. A minha condição é que conversemos sobre ter mais filhos. Sinto o coração apertado.

— Eu não sei...

— Apenas conversaremos a respeito. Não é justo com Tegan que não tenha irmãos. Você os tem, não é? Por que ela não pode ter também?

— Hã...

— Apenas conversaremos, Ryn. E se decidirmos que não, então estará decidido. Não é justo que nunca conversemos sobre o assunto adequadamente; que você tenha tomado sua decisão e minha opinião não seja levada em conta. Não é assim que funciona um relacionamento. Quero dizer, poderia ser uma adoção, mas temos de conversar.

— Está bem, conversaremos a respeito, mas, vou lhe avisando, Tegan é mais do que o bastante para mim.

— Acho que talvez seja para mim, mas quero que conversemos.

— Ótimo, conversaremos. Ele sorri amplamente.

— É claro que você deve ter se dado conta de que, se voltarmos, haverá uma porção de falatórios. Você é um homem casado e eu sou uma mãe solteira... Minha reputação ficará em farrapos: "Mãe solteira em sórdido caso de sexo com leviano homem casado...".

Luke ergue-se um pouco da cadeira e me beija na boca languidamente. Dou um inevitável suspiro; eu havia me esquecido de como ele é bom nisso. Enquanto ele torna a se sentar, Tegan surge no raio de visão. Está parada perto da mesa, um sorriso tão largo que mal se pode ver seu rosto. É o que ela queria — que eu e Luke voltássemos a ficar juntos, ela e Luke amigos novamente. Atrás dela, está uma monitora de culinária de ar contrariado.

— Srta. Matika, preciso lhe falar sobre o comportamento de Tegan! — declara com mal contida raiva.

Tegan sobe no meu colo, ajeita-se em meu peito, olhando com ar de reprovação para a monitora de culinária. É tudo encenação, não está realmente preocupada, nem sentindo-se vulnerável. Simplesmente sabe que é menos provável que eu fique aborrecida se ela bancar a minha garotinha.

— O que ela fez? — pergunto.

— No meio da aula de culinária, decidi subir de volta até aqui. Quando lhe falei que tinha de terminar de fazer sua pizza, ela me disse para "enfiá-la"!

Essa *menina é um pesadelo às vezes*. Luke vira-se na cadeira para esconder o rosto, os ombros largos balançando com seu riso silencioso. Obviamente, ele acha isso engraçado — não é ele quem está levando um carão.

— Será que não quis dizer para enfiá-la no forno? — sugeri, esperançosa. — Talvez tenha ouvido essa instrução em algum programa de culinária na tevê.

A monitora fuzila-me com um olhar de desdém e acrescenta, altiva:

— Tenho certeza de que ela deve estar aprendendo uma porção de coisas na tevê, mas não desse tipo, srta. Matika.

Não, essa desculpa não teria convencido a mim também.

— Tegan, peça desculpas a... — Olhei para o nome da mulher no crachá. *Adele*. Meu coração dá um salto, um nó se forma na minha garganta como sempre acontece quando penso nela ou ouço seu nome. — Tegan, peça desculpas a Adele.

— Desculpe, srta. Adele — diz Tegan, parecendo e soando devidamente arrependida. — Não quis ser má e não farei isso outra vez. — Não precisava ter acrescentado aquela parte, mas fico contente que o tivesse feito.

Apaziguada, Adele agacha-se diante de Tegan.

— Está tudo bem, querida. Vejo você na semana que vem.

Tegan confirma com um gesto de cabeça e consegue manter a expressão constrita até o momento em que Adele retorna ao andar debaixo. Depois que ela se afasta, Tegan se vira para me fitar, os grandes olhos implorando para que eu não a repreenda.

— Desculpe por ter sido malcriada, mamãe Ryn. Eu queria ver Luke. Tive medo de que ele fosse embora. Não quero que ele vá.

— Luke ficará por perto por uns tempos — respondo. — Não é mesmo?

— É claro que sim, querida. Ficarei tanto tempo por perto que vocês duas vão acabar enjoando de me ver.

Tegan abre um largo sorriso, exibindo todos os dentes alvos, perfeitos.

— Mamãe Ryn, posso contar a Luke? — pede.

— E claro, docinho.

— Eu tenho um novo nome — declara ela ao seu melhor amigo que estava de volta. — Meu nome é Tegan Brannon Matika. Tenho o mesmo sobrenome que a mamãe Ryn. Somos uma família agora. Uma família de verdade.

— Isso é fantástico! — exclama Luke. — Ti, estou tão feliz por você! E por você, Ryn. Quando descobriu que finalmente tinha a permissão para adotá-la?

— Recebemos a certidão definitiva duas semanas atrás. Foi um caminho longo; dois anos inteiros com assistentes sociais, aconselhamento psicológico e tribunais, mas conseguimos, não é mesmo, querida?

Tegan balança a cabeça breve e decisivamente.

— O sr. Nate comprou champanhe para nós, mas apenas mamãe Ryn pôde beber. Tomei soda. Estava boa. E o sr. Nate nos levou ao cinema e para comer pizza.

Foi somente quando olhei para a certidão de adoção que substituiria a certidão de nascimento de Tegan que me dei conta do que realmente significava. Significava que eu não precisava me preocupar com o modo como eu dissera adeus a Adele, podia parar de me lamentar por não ter lhe dito que a perdoava, porque ela sabia. Minha melhor amiga sabia que eu a amaria não importando o que acontecesse, porque ela me deixara seu bem mais valioso. Ela me confiara seu único e verdadeiro amor. E ter adotado Tegan, tornando a filha da minha melhor amiga a minha própria filha, era todo o perdão de que Adele teria precisado. Ela não acabou comigo como achei que tivesse feito todo aquele tempo atrás; simplesmente mudou minha vida como eu soube que faria na ocasião em que nos conhecemos.

— Adivinhe só, Luke! — exclama Tegan.

— O quê, doçura? — ele pergunta, sorrindo diante da maneira como aninho minha filha nos braços.

— Acho que mamãe Ryn vai me deixar ter um gato.

FIM

O QUE VOCÊ FARIA PELA AMIGA QUE PARTIU SEU CORAÇÃO?

“Foi somente quando olhei para a certidão de adoção que substituiria a certidão de nascimento de Tegan que me dei conta do que realmente significava. Significava que eu não precisava me preocupar com o modo como eu dissera adeus a Adele, podia parar de me lamentar por não ter lhe dito que a perdoava, porque ela sabia.

Minha melhor amiga sabia que eu a amaria não importando o que acontecesse, porque ela me deixara seu bem mais valioso. Ela me confiara seu único e verdadeiro amor. E ter adotado Tegan, tornando a filha da minha melhor amiga a minha própria filha, era todo o perdão de que Adele teria precisado. Ela não acabou comigo como achei que tivesse feito todo aquele tempo atrás; simplesmente mudou minha vida como eu soube que faria na ocasião em que nos conhecemos.”

ISBN 978-857561300-3



9 788575 813003